



MAGIA
E
CHAMAS

LIVRO TRÊS

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON

MAGIA E CHAMAS

Arquivos Sombrios, Livro Três

KIM RICHARDSON



Esta é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, locais e acontecimentos são um produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com eventos factuais, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Magia e Chamas, Arquivos Sombrios, Livro Três
Copyright © 2022 por Kim Richardson

Traduzido por Ana Paula Moreira Maia
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução,
em todo ou em parte, sob qualquer forma.

CONTENTS

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Maldições e Sangue](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)

— **C**omo assim Faris é meu familiar?! — gritei, incrédula, sentindo minha raiva crescer ao passo que o calor percorria meu rosto. — Poe é meu familiar Eu *não posso ter dois* familiares. É loucura. Não é assim que funciona.

Meu avô se recostou na bancada da cozinha, cruzou os braços e ergueu as sobrelhas brancas e espessas. Ele havia trocado seu costumeiro roupão azul por uma calça cáqui e um suéter azul-marinho. O mais velho poderia se passar por um professor universitário, isto é, se não fosse pelos cabelos brancos desgrenhados que lhe davam um ar de cientista maluco.

— Você disse para fazer o que fosse preciso — vovô retorquiu em um tom um pouco mais alto do que o habitual. — E foi exatamente isso o que eu fiz.

— Opa, espera um segundo aí! — exclamei com minha pressão nas alturas. — Eu nunca pedi para tornar Faris meu familiar. Já tenho problemas suficientes tentando controlar Poe, que continua fugindo de mim. Não quero ser responsável por *dois* familiares.

Ah, Deus, o que foi que ele fez?

Meu avô se endireitou, agora com as mãos nos quadris. A raiva crescia em seu rosto, assim como no meu.

— Como esperava que ele pudesse ficarem nosso mundo sem o vínculo de um familiar? Colando a bunda dele em uma cadeira? Não é assim que a magia funciona, Samantha. Você sabe disso. Torná-lo seu familiar era a única maneira. A única maneira *segura*.

Meus olhos encontraram o demônio intermediário, sentado na ilha da cozinha. Não gostei do olhar casual que ele me deu.

— Você já sabia disso, não sabia?

Faris me fitou com um olhar calculista e inclinou a cabeça para o lado.

— Claro que sim.

O demônio usava as mesmas calças e camisa pretas do dia anterior, contudo, agora, elas estavam limpas e passadas, o que provavelmente era o resultado de alguma magia demoníaca. Ele tinha uma aura fraca e brilhante ao seu redor; uma que deslizava sobre minha pele como uma brisa suave e fresca. Parecia diferente da energia que o cercava antes. Eu sabia o que ela era: a magia que emanava de um vínculo familiar. Um vínculo entre ele e eu.

Fiquei tensa.

— E tudo bem por você?

Faris tomou um gole de sua bebida, seu cabelo preto curto brilhando à luz da cozinha como se fosse petróleo.

— Melhor do que ter minhas entranhas arrancadas pela boca.

Eca. Tá, eu tinha que concordar. Porém, mesmo assim... Minha mente estava uma bagunça. Eu mal podia tomar conta de mim mesma, quanto mais de dois familiares. Corrigindo: dois familiares com egos gigantescos.

O estresse enrijeceu meus ombros e eu balancei a cabeça.

— Tem que haver outra maneira. Nós só temos que analisar com mais atenção.

— Não há. — Meu avô bufou, apontando um dedo para mim. — E nem pense em ir ver aquela sua tia.

Agarrei a borda do balcão da ilha da cozinha, inclinando-me para frente.

— É um desafio?

— Não — respondeu meu avô, estreitando seus olhos azuis. — Você só vai perder tempo. Ela vai lhe dizer exatamente a mesma coisa. Torná-lo seu familiar é a única maneira de manter Faris deste lado do mundo.

Pressionei os lábios.

— É o que vamos ver.

Eu ia perguntar para Evanora. Vovô sabia disso tanto quanto eu.

As sobrancelhas brancas e espessas de Gordon se abaixaram quando ele franziu a testa.

— Nunca pensei que veria o dia em que hospedaria um demônio em minha casa, um maldito demônio! E eu nem sei nada sobre ele.

— Estou bem aqui — murmurou Faris.

Meu avô suspirou, hesitante, antes de continuar:

— Você quis salvá-lo. Aja como uma adulta e lide com as consequências!

— Eu não tenho tempo para tomar conta de dois familiares — gritei, gesticulando descontroladamente sem me importar com o que eles pensavam. — Não foi com isso que concordei. Tenho que começar a procurar trabalho. Um trabalho *remunerado*.

Agora que eu tinha mais uma boca para alimentar, a pressão sobre mim estava ainda mais alta. O tamanho de Faris já era o suficiente para me dizer que o demônio intermediário devia ter um apetite muito saudável. O caldeirão que me ajudasse ou eu ia acabar machucando alguém.

O rosto do meu avô ficou vermelho. Ele me deu um olhar de “é tudo culpa sua”.

— Da próxima vez, não faça amizade com demônios.

Faris riu amargamente.

— Continue assim, Gordon, e descobrirá exatamente como esse demônio é *amigável*.

— Viu só?! — O mais velho apontou para o outro. — Ele está me ameaçando na minha própria casa! Eu não vou aceitar isso, Samantha. Não vou. Controle seu familiar!

— Sim, Sammy. — Faris me deu um sorriso malicioso, erguendo as sobrancelhas sugestivamente. — Por favor, *controle-me*. Se quiser, você pode me controlar a noite toda.

Lancei um olhar duro à entidade.

— Não me faça chamar meus guarda-costas.

O demônio intermediário fez uma careta, mas não disse nada enquanto tomava outro gole de sua bebida.

Revirei os olhos.

— Que merda.

Minha mandíbula se contraiu e eu enrijei, não gostando nada da situação. Meu pulso disparou. Sentia como se estivesse prestes a

ter um ataque cardíaco ali, no meio da cozinha. Respirei fundo uma vez para tentar me acalmar. Então, mais uma. Seria tão ruim assim ter Faris como meu novo familiar? Sim, realmente seria muito ruim.

— Bem, então — disse meu avô, puxando minha atenção de volta para ele com seu tom decidido. Gordon desviou o olhar para o relógio digital no forno. — Se isso é tudo, realmente preciso ir — acrescentou com um sorriso. — Eu disse à viúva Tessa que iria buscá-la às sete.

Meu queixo caiu.

— O que aconteceu com Charlotte?

— Não espere acordada, Samantha — o mais velho respondeu, sorrindo ao passar por mim.

Ele cantarolou enquanto percorria o corredor. Um momento depois, ouvi a porta da frente abrir e fechar com um baque suave.

— O bruxo tem um gosto incrivelmente ruim para gin — disse Faris enquanto colocava seu copo vazio no balcão. — Mas pelo menos ele está se divertindo um pouco.

— Cala a boca — rosnei, não querendo revisitar as imagens ainda marcadas em minha mente dos corpos nus do meu avô e de Charlotte. Fechando os olhos, belisquei meu nariz na tentativa de reprimir a enxaqueca gigante que começava a latejar na minha testa. Não funcionou. Respirei fundo.

Eu realmente não tinha tempo para lidar com isso. Ainda não tinha descoberto como ia fazer para ganhar dinheiro agora que eu tinha pedido demissão do meu trabalho junto à Corte das Bruxas Sombrias. Com Faris como meu novo familiar eu passaria a ser responsável por ele, o que significava que, se o demônio saísse da linha, as consequências recairiam sobre mim. Faris era uma entidade intermediária, alguém com uma magia demoníaca poderosa. Se ele decidisse matar alguns humanos, eu seria responsabilizada por suas ações. Ainda assim, Faris tinha salvado a minha vida e a de Logan. Eu devia isso a ele. Portanto, se o único jeito de mantê-lo seguro era o tendo como meu familiar eu teria que aprender a viver com isso. Não tinha escolha.

Soltei outro suspiro, sentindo um pouco da tensão deixar meus ombros. Eu ia conseguir. Tinha que conseguir.

— Você está muito tensa — o demônio disse, sorrindo agradavelmente. — Eu tenho mãos experientes. — Ele balançou os dedos na minha frente. — Quer que eu libere um pouco dessa tensão?

— Não.

Faris franziu a testa e abaixou as mãos.

— Lá vem essa palavra de novo. *Não*. Estranho que você seja a única mulher que já a usou comigo.

Lancei um olhar para a entidade demoníaca.

— Duvido seriamente disso. — O som brincalhão de desejo em sua voz revirou meu estômago. — Você pode ser meu familiar Faris — falei enquanto contornava o balcão para ficarmos frente a frente, apontando meu indicador na sua direção —, mas, de agora em diante, pode parar de ter ideias.

O outro sorriu, mostrando os dentes.

— O que quer dizer com isso, Sammy, querida?

Fiz uma careta.

— Não se faça de bobo. Eu não vou dormir com você.

O demônio intermediário arqueou uma sobrancelha.

— As bruxas e seus familiares precisam estar muito próximos para fortalecer seu vínculo. Todo mundo sabe disso.

— Não vai acontecer.

— Nós compartilhamos magia — continuou a entidade — e podemos compartilhar outras coisas também...

— Pode esquecer — retruquei com uma voz decidida. Eu não teria essa conversa novamente.

Faris me fitou com mais do que uma pitada de sedução em seus grandes olhos.

— Que tal eu lhe servir um bom copo de vinho. — Ele empurrou a cadeira e se levantou. — Tinto, certo? — O demônio foi até o armário de vinhos. — Vamos ver se há alguma coisa aqui que não seja usada para cozinhar ou limpar. A-há! Aqui está um vinho relativamente decente. — Ele puxou uma garrafa. — *Mouton Cadet 2015*. Você terá uma enxaqueca gigante amanhã, mas quem se importa? Aposto que se esquecerá desta conversa depois de dois copos.

— Eu não quero vinho.

Faris colocou a garrafa no balcão.

— Ao contrário dos demônios, a vida das bruxas é consideravelmente curta. Você precisa viver um pouco e aproveitar ao máximo.

— Falando por experiência própria? — perguntei.

Ver o alarme repentino em seus olhos fez com que eu me arrependesse da minha escolha de palavras. Eu não tinha contado a Faris o que Andromalius me dissera no Submundo sobre sua esposa bruxa. Perguntava-me se era verdade. O demônio minotauro poderia estar mentindo. Contudo, pelo que acabara de ver no rosto de Faris, parecia ser verdade; o brilho selvagem em seus olhos continha dor e culpa.

O demônio intermediário olhou para mim e, depois, para longe. Por um momento, seu olhar pareceu assombrado. Ele segurou a garrafa com mais força antes de recuperar o controle. Farissael piscou e a dor foi substituída por seu habitual tom de diversão manhosa.

— Um pouco de vinho nunca matou ninguém — disse. — Confie em mim. Parece que você está precisando.

Esfreguei minhas têmporas.

— Não tenho tempo para isso.

Peguei meu telefoneno balcão. Meu peito se apertou. Nenhuma ligação nova. Nenhuma mensagem.

Faris arrancou a rolha da garrafa de vinho com um estalo.

— Seu encontro com o escoteiro?

Soltei um suspiro.

— Sim. Tenho um encontro com Logan. E pare de chamá-lo assim.

A memória dos lábios do nascido-anjo nos meus enviou pequenos arrepios de prazer pelo meu corpo.

— Você merece coisa muito melhor do que o escoteiro — continuou o demônio enquanto começava a abrir os armários da cozinha.

— Você não sabe nada sobre ele — rebati.

— Nem você. — Faris pegou duas taças e as colocou no balcão ao lado da garrafa de vinho. — Que horas era para ele vir buscá-la?

Uma hora atrás. Droga. Por que Logan não estava aqui ainda?

Pensei em ligar para ele, mas rapidamente afastei o pensamento. Eu não queria que o nascido-anjo pensasse que eu era carente ou uma *stalker*. Afinal, não era nada disso. Na verdade, era uma bruxa confiante e muito orgulhosa. Além do mais, não precisava de um homem para me fazer sentir bem comigo mesma, mas isso também não significava que um pouco de intimidade fosse algo ruim. Infelizmente, era bom. Muito bom.

Acreditei que Logan e eu tínhamos compartilhado algo especial na nossa gaiola no Submundo. Talvez eu estivesse errada.

E se o nascido-anjo tivesse contado meu segredo a alguém? E se ele tivesse me traído? Meu coração se apertou. Será que eu realmente tinha interpretado mal todos os sinais? Claro, eu estava fora da pista há algum tempo, talvez tempo demais. Porém, Logan tinha me convidado para jantar. Por que ele se daria ao trabalho de me convidar se planejava não dar as caras? Será que tudo não passava de um jogo para o nascido-anjo?

Faris ergueu a cabeça diante do meu silêncio.

— Esqueça-o. — Ele me entregou um grande copo de vinho tinto. — Aqui. Beba um pouco.

Balancei a cabeça, sentindo a raiva penetrar em minha mente. Suspirei, frustrada.

— Não, obrigada.

Faris deu de ombros e tomou um gole. Ele franziu a testa enquanto bochechava o vinho em sua boca como eu vira algumas bruxas pretensiosas fazerem em eventos de degustação de bebidas.

O demônio engoliu e disse:

— Tem gosto de tapete velho. Tem certeza de que não quer um pouco?

Rangendo os dentes, coloquei meu telefonino no bolso. Eu estava tentando manter minhas emoções escondidas, mas fazendo um péssimo trabalho.

— O que você esperava? — disse Farissael, vendo minha decepção. — Ele é um nascido-anjo. Você é uma bruxa.

— E daí? — rebati. — O que isso tem a ver?

— Não seja ingênua, Sam. Não combina com você.

— Não seja condescendente, Faris. Eu posso matá-lo.

O demônio segurou o riso.

— Essa foi boa.

Minha raiva borbulhou novamente, deixando meu rosto quente. O desgraçado tinha me dado um bolo. Logan brincara com minha cara, mas eu não ia ficar ali, sentindo pena de mim mesma. Se o nascido-anjo achava que eu ia ficar em casa a noite toda na esperança de que ele aparecesse, era um completo idiota. Eu não era esse tipo de bruxa.

Encontrei o olhar de Faris.

— Vamos sair.

Ele sorriu.

— Agora você está falando a minha língua. Conheço o lugar perfeito para tomarmos algo decente.

Peguei minha bolsa de ombro e segui pelo corredor. O demônio alto se apressou diante de mim, abrindo a porta da frente.

— Primeiro as bruxas — ele entou e gesticulou com a mão, parecendo excessivamente entusiasmado. Eu podia ver os planos diabólicos se formando atrás de seus olhos. Eu ia pagar por isso, já podia sentir.

— Espertinho — murmurei, enquanto passava pela entidade e seguia para o patamar da escada.

O cheiro de água de rosas flutuou em minha direção. Instintivamente, enrijei. No jardim da frente, Vera Wardwell ergueu os olhos. Suas íris verdes, duras e frias possuíam um toque de sagacidade. A esfera branca brilhante que pairava ao lado dela lançava sombras escuras ao longo de seu rosto e de seu nariz comprido, fazendo aparecer velha e esfarrapada. Seu longo cabelo ruivo estava puxado para trás em um coque bagunçado.

— Vera — falei em forma de saudação, ignorando o olhar desconfortável que ela estava me lançando enquanto eu descia os degraus.

— Quem é seu amigo? — perguntou a bruxa. Seu tom era exigente, como se eu fosse obrigada a responder.

Antes que eu pudesse mandá-la ir se ferrar, Faris desceu as escadas, indo em direção à mulher. Enrijei de preocupação ao ver o demônio pegar sua mão suja. Droga. A última coisa que eu queria era o nariz grande de Vera se intrometendo na minha vida.

— Farissael, a seu serviço — ronronou a entidade intermediária, beijando as costas da mão manchada da bruxa.

As bochechas de Vera ficaram vermelhas, combinando com seu cabelo. Fiquei surpresa por ela não ter entrado em combustão.

— Ah — foi a única coisa que saiu de sua boca. A bruxa estava sem palavras. Isso com certeza era inédito.

Vera sorriu, claramente rendida aos encantos e à aparência diabolicamente incrível do demônio intermediário. Uau.

— Farissael — disse a bruxa, aparentemente recuperando o controle de sua voz. Não pude deixar de notar que ela não afastou a mão da dele. — Você me parece familiar. Será que já nos vimos? Você é um bruxo de fora da cidade? — Sua voz era suave, quase doce, outra coisa que eu nunca tinha visto antes. Bizarro.

O rosto de Faris se contorceu em um sorriso deslumbrante.

— Sou o novo familiar de Samantha.

O sangue sumiu do meu rosto. Ah. Infelizmente *Parabéns, Faris.*

A mulher enrijeceu e seus olhos se arregalaram enquanto afastava a mão.

— Você é um demônio? — Ela enxugou a palma no vestido. — Você não tem cheiro de demônio. — Vera deu um passo cuidadoso para trás. Seu rosto se enrugou em desdém, embora o medo em seus olhos fosse real.

A entidade lançou um sorriso conhecedor à bruxa.

— É uma das vantagens de ser um demônio intermediário. Posso ter o cheiro que eu quiser. — Ele se inclinou para frente. — Ou que você quiser — adicionou, arqueando sedutoramente suas sobrancelhas.

— Faris — falei em tom de aviso. — Vamos.

— Você o registrou na Corte? — A voz de Vera estava afiada, seus olhos brilhavam e suas sobrancelhas desenhadas estavam erguidas. — Todos os novos familiares devem ser registrados. É tanto para a proteção deles quanto para a nossa.

Soltei um suspiro exasperado.

— Ainda não tive tempo de fazer isso.

Merda. Ela estava absolutamente certa. Se eu não o registrasse logo, seria um problema para nós dois.

— O que aconteceu com o corvo? — perguntou a bruxa ruiva.

O medo enlaçou meu coração.

— Ele está por aí. Não que seja da sua conta.

Se a Corte das Bruxas Sombrias descobrisse que eu tinha dois familiares, seria uma bagunça. Eles me pediriam para fazer uma escolha: Poe ou Faris. Eu não queria ter que escolher, principalmente agora, pois não conseguiria.

A boca de Vera formou um pequeno “o”.

— Bem — ela zombou, colocando as mãos nos quadris e abrindo um sorriso de escárnio vitorioso — a Corte das Bruxas Sombrias vai ficar sabendo disso.

— Faça isso.

Como se eu me importasse com o que eles pensavam sobre mim.

Estendi a mão, puxando o demônio.

— Chega de brincar com a bruxa, Faris — sussurrei em seu ouvido.

— Você não é divertida — ele murmurou. Seus dentes brilhavam na luz suave. — Agora que as coisas estavam ficando animadas.

— Sam!

Olhei em direção ao som súbito de um bater de asas conforme o grande corvo mergulhava em minha direção. Levantei meu braço e o pássaro pousou habilmente nele.

— Sam — disse Poe novamente. A urgência era óbvia em seu tom. — Eu tenho uma mensagem da Corte das Bruxas Sombrias.

Fiz uma careta ao notar as pequenas penas cinza-claro presas em seu bico.

— Não trabalho mais para eles, lembra? Entreguei minha carta de demissão ontem. Inclusive, eu deveria ter aproveitado para pedir um bônus gigante depois do que Darius tentou fazer.

— Eu sei, mas é urgente — pressionou Poe. — Você vai querer ouvir.

— E como você sabe? — perguntei, consciente de que Vera de repente tinha se aproximado de nós.

— Eu... Eu mesmo interceptei a mensagem — respondeu o corvo, arrepiando suas penas enquanto esticava seu peito orgulhosamente.

Soltei um suspiro.

— Poe, o que você fez com o pombo mensageiro?

O familiar tossiu e uma pequena pena prateada voou de seu bico.

— Nada que você não teria feito.

Faris segurou o riso e eu lancei um olhar para ele.

— Você não está ajudando.

— Que mensagem é essa da Corte? — perguntou Vera.

Fiz uma careta ao perceber sua ousadia.

— Nada que diga respeito a pessoas como você — retrucou Poe.

— O que acontece em nossa comunidade me diz respeito, sim.

— A mulher ergueu a cabeça, fitando o corvo. — E você, o que tem para oferecer à nossa comunidade?

O pássaro arregalou os olhos.

— Gripe aviária.

A bruxa fez cara feia, mas quando percebeu que Poe não revelaria a mensagem da Corte, saiu, furiosa. Esperei a porta da frente fechar, encarei meu familiar

— O que é, Poe?

— Aconteceu uma coisa — ele disse.

Minha respiração ficou presa.

— Outra bruxa morta?

O medo borbulhou dentro de mim. Será que Darius tinha seguidores? Eu sabia que era improvável, mas havia uma pequena possibilidade de que ele pudesse ter convencido outros a drenar a força vital das bruxas.

O pássaro eriçou suas penas novamente.

— Essa é a parte interessante. Não. Há algo acontecendo no *Luke's BBQ & Grille* a Corte quer que você vá dar uma olhada.

— Que tipo de coisa?

— O tipo que envolve magia — respondeu o corvo. — É tudo o que a mensagem dizia. Seja o que for, tem algo a ver com magia.

Com os olhos arregalados, Faris esfregou as mãos.

— Parece emocionante. Quando partimos?

Lancei um olhar para ele.

— Eu não tr...

— Trabalha mais para eles — completou o demônio intermediário. — Sim. Sim. Sim. Nós já sabemos. — Ele sorriu, mostrando os dentes. — Vou chamar um táxi para a gente — completou enquanto atravessava a rua.

Antes da minha demissão, os problemas relacionados à magia na cidade eram minha responsabilidade. Quer dizer, eu sempre acabava os testemunhando em primeira mão. Eu não era a única bruxa contratada pela Corte, mas sempre fui uma participante ativa. O dinheiro desempenhava um papel importante na minha disposição.

Infelizmente, eu era uma criatura curiosa. Podia não trabalhar mais para a Corte das Bruxas Sombrias, mas essa ainda era minha cidade. E se algo mágico estava acontecendo, eu queria saber o que era.

— Certo. Não custa nada ir dar uma olhada — falei, fazendo Poe rir.

O corvo dançou no meu braço, suas asas batendo em antecipação.

— Vamos lá, time.

A animação flutuou através de mim com a perspectiva de fazer algo produtivo. Um sorriso curvou os cantos dos meus lábios quando atravessei a rua em direção a Faris, que estava parado ao lado de um táxi amarelo.

O bolo que Logan me deu foi convenientemente esquecido.

A viagem de táxi saindo de *Mystic Quarter* até o *Upper West Side* de *Manhattan* levou apenas vinte minutos, mas pareceu uma hora. Minha mente parecia um furacão de pensamentos com Faris assumindo o primeiro lugar. Tê-lo sentado tão perto de mim só parecia piorar a situação.

Meus pensamentos estavam acelerados, repletos de todas as coisas horríveis que ele poderia fazer: matar humanos que discordassem de sua escolha de rum, seduzir belas esposas e depois assassinar seus maridos quando eles as descobrissem na cama com ele. A lista de possibilidades não parava de crescer.

Senti como se uma mão tivesse agarrado meu peito e o apertado até transformá-lo em uma pedra. O pavor me sufocou, de repente, foi como se não houvesse ar suficiente no carro. Abaixei a janela, deixando a brisa fria esfriar minhas bochechas.

Eu também tinha Poe a considerar. O corvo estava nos seguindo pelos ares, já que o taxista não gostava de pássaros. Olhei para o céu negro, mas não havia sinal da ave. Tive a sensação de que o pássaro chegaria lá antes de nós.

A culpa surgiu dentro de mim. Eu ainda não tinha tido tempo de contar a Poe sobre Faris ser meu familiar. Conhecendo o corvo, ele não aceitaria a notícia bem. A ave nunca concordaria com algo assim. Contudo, Faris salvara a minha vida. Poe tinha que ver que tornar o demônio intermediário meu familiar era a única maneira de mantê-lo seguro. Além disso, não seria para sempre. Era

temporário. Eu encontraria uma maneira de mantê-lo aqui sem o vínculo familiar. Ou talvez pudesse mandá-lo de volta para uma parte do Submundo onde as garras de Vorkol não pudessem alcançá-lo. De qualquer forma, eu daria um jeito.

Afastei-me da janela, lançando um olhar de soslaio para o demônio intermediário. Faris, bem, ele tinha um sorriso estranho no rosto; um que não deixara seus lábios desde que tínhamos entrado no veículo, o que era muito perturbador, mais ainda do que dividir uma corrida de táxi com uma entidade demoníaca. Faris estava gostando demais desse nosso novo arranjo e isto fazia meu medidor de tensão subir até o topo. O que o demônio estava aprontando?

Com todos esses novos pensamentos correndo pela minha mente como um trem de carga, eu mal tinha pensado em Logan. O nascido-anjo me dera um bolo. Ele nem tivera coragem de ligar para cancelar ou pedir desculpas, portanto, não merecia sequer um segundo dos meus pensamentos.

Meu peito parecia um turbilhão de emoções e, para piorar, ainda estava com raiva para cacete. Eu adoraria poder derramar meu caldeirão ferventena sua cabeça, mas ia passar. Sempre passava. Forcei-me a tentar afastar a névoa da raiva, buscando a razão. Eu não podia me deixar afetado tanto por causa de um homem. Não havia espaço em minha mente para isso agora, não quando essa nova ameaça mágica estava pairando sobre meus ombros. Será que era mesmo uma ameaça? Poe tinha sido vago, mas não era culpa dele. A mensagem era vaga.

A animação tomou conta de mim, embora eu também estivesse cansada. A Corte das Bruxas Sombrias sabia qual era minha posição em relação a esse emprego. Depois do que Darius fizera, como poderiam me culpar? Eles tinham tido sorte por eu não ter dado uma de bruxa maluca por terem permitido que aquele idiota me manipulasse, sem mencionar o fato de que eu fora contratada só por pena por todos aqueles anos. Não foi fácil. Ainda doía. Eu não os havia perdoado por isso. Achava que nunca perdoaria.

Eu estava me sentindo mais do que um pouco irritada com a Corte das Bruxas Sombrias, boas intenções à parte. Ainda assim, por que me chamar agora? Eles já não deveriam estar procurando um substituto? Talvez estivessem tentando, porém, como essa nova

ameaça havia surgido de repente, não tiveram tempo suficiente para encontrar outra pessoa. E é claro que os bruxos da Corte me conheciam bem o suficiente para saber que eu não conseguiria dizer não. Ao enfrentar um enigma mágico, eu entrava de cabeça, com chapéu pontudo, vassoura e tudo mais.

Todavia, havia um membro da Corte que me odiava. Tran. Talvez ele tivesse perdido na votação. O pensamento trouxe um sorriso ao meu rosto. Sim. Eu queria ter estado lá para ver. Apenas por essa possibilidade, já valia a pena pegar o trabalho. É isso aí.

— Está sorrindo porque está pensando em algo deliciosamente proibido? — perguntou Faris, perto demais para o meu gosto. Ele cheirava a flores, a agulhas de pinheiro e a folhas molhadas. Era um aroma muito bom, o que era *extremamente* perturbador. — Os devaneios obscenos são os melhores. Passar horas animando a si mesma em sua própria mente é, com certeza, prazeroso. A liberação que acontece depois tende a ser... *explosiva*. Se importa em compartilhar?

Meu corpo foi lançado para frente quando o táxi desviou até o meio-fio e parou.

— Se você não parar com suas insinuações sexuais — avisei, lançando um olhar irritado para ele —, vou começar a cobrar aluguel de você.

Faris perdeu o sorriso.

— Você não ousaria.

— Continue me irritando, Casanova, e eu vou. — Sorri. — Estou desesperada por um novo guarda-roupa. Ah, e obrigado por pagar o táxi — falei alegremente, saindo do carro com um sorriso um pouco mais largo.

Não sabia como Faris tinha colocado as mãos em dinheiro humano, mas quando ele aparecera ontem com uma carteira cheia de notas de cem, eu soube que havia mais no demônio do que apenas sua vadiagem e a venda de almas no Submundo. Para falar a verdade, eu mal o conhecia. Ainda assim, tinha certeza de que ele estava escondendo alguma coisa.

Ouvi o som fraco de um bater de asas sobre o barulho alto dos carros que passavam.

— Sam! Aqui! — chamou uma voz familiar

Olhei para cima e vi Poe mergulhando em minha direção. O pássaro pousou no meu braço assim que Faris deu a volta no táxi para se juntar a nós, enfiando a carteira de volta no bolso e ajustando a camisa preta que ele usava por dentro da calça. Sua aparência era profissional, contudo, o olhar predador que dançava em seus olhos escuros me deixava desconfortável.

A culpa me atingiu com força.

— Poe — eu comecei, sem saber como dizer a verdade, mas querendo falar tudo antes que o demônio intermediário nos alcançasse. — Ouça. Tenho que contar uma coisa sobre Faris...

— Ele é seu novo familiar — respondeu o corvo. — Sim. Eu já sei. Seu avô abriu o bico hoje de manhã enquanto colocava um pouco de gin no café.

Procurei em seu rosto por sinais de raiva ou desaprovação, talvez alguma emoção em seus olhos, mas não encontrei nada.

— Isso não muda o fato de que você continua sendo meu familiar; meu primeiro familiar. Ele é o número dois, você é o número um.

Deus, como isso soou ridículo. Infelizmente eu não conseguia encontrar as palavras certas.

O pássaro deu de ombros.

— Tudo bem. Quanto mais melhor, certo?

Fiz uma careta. Uma inquietação me atravessou ao notar a indiferença em seu tom.

— E você está bem com isso?

Eu não tinha certeza se acreditava nele, mesmo assim, não conseguia detectar nenhuma censura em sua voz.

— Por que não estaria? — questionou Poe. — Se não tivéssemos feito algo, teriam o matado. A meu ver, Faris pode nos ajudar de verdade. Dois é bom, mas três é ainda melhor, certo?

— Acho que sim. — Fiz uma careta. Nem parecia Poe falando.

Apastando meus olhos daquela nova e estranha versão do corvo, lancei meu olhar pela *West 81st Street*, na esquina com a *Broadway*. Sim. Estávamos claramente no lugar certo.

Uma multidão de humanos se aglomerava do lado de fora do *Luke's BBQ & Grill*, o que teria sido normal em uma noite de sexta-

f eira em Nova York, se não fosse pelos gritos alarmantes e pela correria.

Três ambulâncias com suas luzes vermelhas piscando estavam estacionadas ao acaso em frente ao prédio. Um par de paramédicos com *kits* de emergência na mão corria para o restaurante. Uma mulher, com o rosto manchado de pústulas avermelhadas e a frente de sua blusa rosa-claro encharcada de sangue, estava sentada no meio-fio ao lado de uma das ambulâncias. Dois corpos jaziam no chão ao seu lado, o de um menino e o de um homem. Suas roupas também estavam manchadas de sangue. Feridas avermelhadas marcavam cada centímetro de suas peles úmidas e expostas. Seus rostos estavam repletos de lesões e seus olhos injetados olhavam para o céu.

O ar da noite estava pesado com o cheiro de sangue, medo e desespero.

Uma paramédica puxou uma maca em direção a uma das ambulâncias. O rosto do homem na maca estava cheio de pústulas como se ele estivesse sofrendo de um caso grave de varíola. Sangue vermelho-vivo escorria de sua boca junto com uma espuma rosada.

— Não quero morrer — ele gritou e meu peito se apertou. — Não me deixem morrer.

A paramédica não disse nada enquanto levava a maca, mas seu rosto estava pálido de medo. Seus olhos se moviam rapidamente, parecendo temer por sua própria vida.

O homem gemia e lamentava incoerentemente enquanto a espuma misturada com sangue escorria pelo lado de sua boca. Ele estremeceu de repente, como se tivesse sido atingido por uma convulsão grave, seu corpo se sacudindo enquanto seus músculos se contraíam.

A paramédica deu um salto para trás, afastando-se da maca. Ela observou, com os olhos arregalados, o homem ter um último espasmo e, então, ficar imóvel. A mulher permaneceu parada por um momento, em seguida, deixou-o para trás, subindo na ambulância que a esperava.

— Hum... Ela não é uma médica humana? — perguntou Poe perto do meu ouvido.

— Sim — respondi.

— Então, por que não está tentando ajudar o cara? Ela não deveria estar dando os primeiros socorros para poder levá-lo para o hospital?

— Porque está com medo. Suponho que tenha visto algo aqui que a deixou aterrorizada.

Passei meu olhar pelo lugar. Os humanos estavam afastados ao redor da cena, atrás de carros estacionados e do lado de fora da fita amarela da polícia. Seus rostos refletiam o mesmo medo e incerteza, quase como se temessem ser infectados pelo que quer que isso fosse.

— Ou é um caso grave de infecção por *E. coli* — disse o pássaro — ou a carne daqui é uma porcaria.

Lancei meu olhar de volta para o homem na maca.

— *E. coli* não faz você vomitar sangue nem o deixa com aquelas bolhas vermelhas na pele.

— Certo. — Poe se remexeu no meu braço, virando-se para olhar para mim. — Então, o que diabos é isso?

— Não sei bem — respondi cautelosamente. Eu continuava a observar as pessoas doentes e os corpos dos mortos na minha frente, mas ainda não tinha evidências suficientes para descartar nada. — Parece ter se iniciado no restaurante. Pode ter alguma coisa a ver com gangues. Talvez alguém tenha colocado algum tipo de veneno na comida ou, quem sabe, seja uma doença infecciosa. Vou ter que investigar para ter certeza.

Ao meu lado, Faris assentiu. Eu não gostei do sorriso satisfeito em seu rosto que parecia ter surgido às custas dos humanos. Sim, a cena era bem explícita, contudo, não explicava por que a Corte das Bruxas Sombrias me queria aqui.

— Por que a Corte a mandou para cá? — perguntou o pássaro, tirando as palavras da minha boca. — Eu não entendo. Este é um problema humano, não paranormal.

— Talvez eles tivessem esperança de que eu pegasse isso aí, seja lá o que fosse — arrisquei, pensando em Tran e sabendo que isso era algo que ele faria. — Talvez esta seja a maneira da Corte de finalmente se livrar de mim. Eu sei demais.

Poe agitou suas penas.

— Realmente duvido que seja isso. Bruxas não são suscetíveis a doenças humanas. O sangue demoníaco que corre em suas veias as protege.

Soltei um suspiro.

— Eu sei.

E eles sabem. Então, por que estou aqui?

Um calafrio correu pela minha espinha. Observei o local, lentamente absorvendo as sutis nuances da cena. O trânsito estava parado nos dois sentidos, barricado por viaturas, enquanto os policiais impediam humanos curiosos de passar. Ao redor do perímetro, espectadores seguravam seus celulares erguidos e tiravam fotos. Parece que tínhamos chegado bem na hora.

Olhei em volta novamente, havia policiais por toda parte. Sirenes se aproximavam de todas as direções enquanto mais viaturas chegavam ao local. Os oficiais estavam latindo ordens para os humanos e limpando a área, porém, sob seus quepes, os olhos de todos refletiam a mesma emoção: medo.

Um movimento chamou minha atenção. Um homem negro saiu cambaleando do restaurante com sangue jorrando em jatos de sua boca como se fosse vômito. Contudo, não foi a cena desagradável que fez um calafrio subir pela minha espinha, embora ela tenha contribuído um pouco. Quando olhei mais de perto, vi que lágrimas de sangue riscavam seu rosto, escorrendo por seus canais lacrimais.

O que diabos estava acontecendo?

— Olha todo esse sangue jorrando daquele pobre coitado — comentou Faris com uma expressão selvagem e animada. — Dá um significado totalmente novo às palavras *lágrimas de sangue*. — Ele bateu palmas uma vez. — Eu sabia que esta seria uma noite divertida.

Junte o caos a um pouco de magia, e pode ter certeza de que eu estou dentro. O problema era que eu não estava captando nenhum traço mágico. Não de onde eu estava.

— Preciso chegar mais perto — falei sob o som dos humanos gritando e o gemido das sirenes da polícia ao fundo.

— Sim — concordou Faris. — Vamos ver o que está fazendo esses infelizes sangrarem.

Nós nos movemos em direção ao homem negro, agora de joelhos com úlceras abertas marcando seu rosto. Meu olhar foi para o policial que estava mais próximo, parado ao lado de sua viatura. Nossos olhos se encontraram por um segundo e meus dedos formigaram com um feitiço já preparado. Eu estava pronta para enfiteiçá-lo se ele tentasse me parar. Em vez disso, o oficial desviou o olhar e suas feições se contorceram em pânico absoluto, como se ele quisesse estar em qualquer lugar menos aqui.

Tudo bem, então.

Ao me aproximar do homem negro, aguicei os meus sentidos. Uma súbita onda de magia enviou agulhadas pela minha pele. Minhas sobrancelhas se ergueram. Então, havia magia aqui. Todavia, algo estava errado; diferente. Meus olhos se estreitaram com a sensação mágica desconhecida e senti um gosto amargo na boca; um que lembrava cinzas.

Acessei minha energia interior e me concentrei no homem, na magia desconhecida que vinha dele. Ele parecia estar coberto por ela, embora fosse invisível aos olhos. Era como se a magia estivesse dentro dele, semelhante ao modo como as bruxas a carregavam em seu sangue. Contudo, no caso do sujeito, era outra coisa. Era algo sombrio, errado e maligno de verdade. Eu nunca tinha sentido nada parecido antes.

— Estou recebendo algumas vibrações mágicas — disse Poe, movendo-se para o meu ombro. — E você?

Assenti.

— Eu também, mas... é estranho. Tem algo errado. Há um aroma estranho de decomposição ou algo similar no ar.

Eu costumava sentir o cheiro familiar de enxofre de magia negra, porém, o aroma ali era diferente. Era um fedor de carne podre e de decomposição que parecia ficar cada vez mais forte.

Como o homem ficara doente assim? O que havia acontecido com essas pessoas?

Rapidamente, procurei por marcas de mordidas ou feridas, algo que indicasse como a magia havia entrado em sua corrente sanguínea. Contudo, não vi nada.

O sujeito tremeu e caiu para o lado, suas pernas se dobrando sob seu corpo. Eu me encolhi com a dor que passou por seus olhos.

Eu tinha que ajudar. Tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixar aqueles humanos morrerem assim. Todavia, para fazer isso, primeiro precisava saber o que estava causando as mortes.

Ajoelhei-me ao lado do homem, assistindo sua vida ser lentamente arrancada dele. Merda. Eu tinha que pensar rápido e usar meu cérebro para criar um feitiço de cura. O problema é que eu não poderia conjurar um sem saber contra o que estava lutando, do contrário, poderia só piorar as coisas. Tá, mas se também não fizesse nada em breve, ele morreria.

Pegando uma caneta da minha bolsa, falei:

— Vou tentar um sigilo de cura nele.

Estendi minha outra mão para pegar seu braço, mas Faris o agarrou e me puxou de volta.

— Não faça isso — ele sussurrou enquanto me levantava com uma força surpreendente. — Se o tocar, correrá o risco de ser infectada.

Soltei meu braço de seu aperto.

— Qual é o problema com você? Não posso ser infectada. Não sou humana, lembra? O vírus não vai me afetar. Além disso, tenho que ajudar essas pessoas.

— Não há nada que você possa fazer por eles. Este não é um vírus humano normal — Faris afirmou e meu peito se apertou com o que eu sabia que ele estava prestes a dizer. — Você não consegue sentir? É magia.

Olhei para o sujeito se debatendo aos meus pés.

— Sou uma bruxa. Talvez eu não seja infectada.

— Quer arriscar? — o demônio argumentou. — Olhe ao seu redor, Samantha. Estão todos mortos.

O homem negro convulsionou, cuspidando sangue, enquanto soltava um grito úmido e áspero antes de continuar a se debater no chão em agonia. Eu assisti, desesperada, enquanto as convulsões dele desvaneciam até se tornarem uma paralisia entorpecida. Por fim, seus olhos ficaram vidrados, olhando para o nada, e o sangue parou de escorrer de seus olhos e de sua boca.

— Ele está morto — disse Poe. — Puta merda, o cara morreu, Sam. Olha só para ele. O que poderia fazer isso com um humano?

O pavor formou uma bola de gelo na boca do meu estômago. Droga. Inssodetivamente não era intoxicação alimentar. Culpa e raiva corroeram minhas entranhas. Rangendo os dentes, levantei meu rosto para o céu ao ouvir o som de trovões vindos do alto. Relâmpagos saltavam de nuvem em nuvem, piscando através do céu nublado e revoltoso.

Uma tempestade havia chegado; uma mágica e maligna.

Um vírus de magia negra estava se espalhando pela cidade de Nova York e eu não tinha ideia do que fazer para impedir. Em menos de vinte e quatro horas, minha mente passara de preocupações mundanas sobre como alimentar minha família a um problema sobrenatural de proporções gigantescas. *Eba*. O problema não era que fosse uma questão relacionada à magia... Tá, talvez fosse um pouco. Porém, a maior complicação era que estava afetando a população humana.

Era irônico perceber que eu acreditara que teria férias de todo aquele drama do mundo mágico apenas para, logo em seguida, verme de volta e mergulhada até o pescoço em seu caldeirão.

Os responsáveis tinham passado por muitos desafios para poder infectar os humanos daquela forma. Era improvável que tivessem feito isso apenas por prazer, o que significava que estavam planejando algo e também que não parariam até que dessem continuidade ao plano. Ou seja, não era nada bom.

Passei o resto da noite e a manhã seguinte vasculhando todos os meus livros de feitiços, meus registros de magia negra e os tomos que eu possuía, uma coleção de cerca de duzentas obras. Só parei quando terminei de revirar minha coletânea de livros e a do meu avô. Não havia nada lá sobre vírus mágicos.

Acordei da minha soneca com um pedaço de papel grudado na minha testa. A tela do meu telefone dizia que era uma da tarde.

Temendo ter deixado passar alguma coisa, decidi revisar todos os tomos novamente, só por precaução.

Depois de todas aquelas horas de trabalho, as mesmas perguntas ainda ardiavam em minha mente: quem estava fazendo isso e por quê? Se eu conseguisse descobrir quem estava envenenando os humanos, poderia dar um fim no problema antes que ele piorasse. O episódio sangrento estava em todos os noticiários humanos e em todas as redes sociais. Eles estavam tratando o acontecido como um ato de terrorismo e, agora, procuravam os indivíduos que haviam envenenado a comida do restaurante com antraz. Eu sabia, contudo, que não era esse o vírus que causara as mortes.

A parte óbvia era que o culpado possuía inclinação para magia. As bruxas vieram à minha mente primeiro; em segundo lugar, os demônios; e em terceiro, bem, alguns humanos também eram capazes de fazer um pouco de magia, embora fosse raro.

— Você não vai encontrar nada nessa biblioteca mágica miserável — a voz de Faris falou atrás de mim. — Se é que pode ser chamada assim. Ela parece mais um brechó mágico do que um arquivo real de um bruxo. Não tem nada organizado aqui. Tudo está jogado pelos cantos.

Cerrei os dentes, virando-me.

— Se você não tem nada de útil a acrescentar, não diga nada.

O demônio intermediário levantou as mãos, fingindo rendição. Vestido com seu habitual traje preto elegante e com óculos escuros em seu rosto, ele parecia um *popstar* dos anos oitenta que nunca superara as tendências de moda da época.

— Estou apenas oferecendo minha opinião demoníaca honesta, Sammy, querida. Nada aqui vai ajudar.

Fechei minha cópia de *100 Maldições Úteis para Bruxas das Trevas* com um estrondo.

— Tudo bem. Então, onde posso encontrar algo que me ajude, gênio?

Faris ergueu uma sobrancelha.

— Na maioria das bibliotecas demoníacas do Submundo, é claro. O conhecimento deles é extenso. Estamos aqui há *milhares*

de anos a mais do que vocês, meros mortais. Se prestar atenção, talvez possa aprender uma coisa ou duas conosco.

— Ah, é mesmo? — exigi com minha mandíbula apertada enquanto colocava minhas mãos em meus quadris. — A menos que esteja a fim de fazer uma viagem de volta à sua terra natal, como isso vai me ajudar? Nós dois sabemos que você não pode retornar. A não ser, é claro, que queira ter as suas... como foi que você disse mesmo? Ah sim. Ter suas entranhas saindo pela boca.

Faris gesticulou em desprezo com a mão que segurava uma bebida.

— Só estou dizendo que duvido que encontre o que precisa aqui. As bruxas não têm um arquivo coletivo ou algo assim? Um compêndio em escala muito maior de tomos mágicos e afins?

Soltei um suspiro, apoiando minha bunda contra a borda da mesa.

— Sim — respondi, odiando ter que admitir. — Chama-se Santuário das Sombras. Acho que preciso ir dar uma olhada no lugar. Se houver algo sobre vírus mágicos, certamente estará lá. — Uma sensação gelada percorreu meu corpo ao me lembrar dos detalhes e dos aspectos ambíguos do vírus. — Ajudaria se eu pudesse saber um pouco mais sobre o assunto.

Como, por exemplo, quem foi o desgraçado doentio que fizera aquilo e por quê. Se eu pudesse ter tocado no humano, talvez tivesse uma ideia melhor... Ou, quem sabe, já estivesse morta.

— Então, vamos lá. — Em um movimento suave, Faris agarrou a cadeira vazia, girou-a e sentou-se de frente para mim. — Diga-me, o que descobriu até agora?

Minhas sobrancelhas se franziram.

— O quê? O que está fazendo?

O demônio tomou um gole de sua bebida e estalou os lábios.

— O que parece? Estamos fazendo um *brainstorming*, minha querida. Adoro uma boa troca de ideias, embora ache que precisemos de mais álcool. É quando estamos bêbados que realmente surgem as melhores ideias.

Eu o encarei. Uma sessão de *brainstorming* sobre possíveis vírus mágicos com um demônio intermediário do Submundo. Minha vida estava ficando cada vez melhor

— Eu sou seu familiar— disse Faris em um tom mais profundo e comedido. — Acredito que trocar ideias com minha bruxa está na descrição do trabalho. Devo compartilhar minha sabedoria e assistência em todos os trabalhos mágicos. Devo ajudá-la com feitiços e qualquer outra coisa que possa *desejar* — concluiu, erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

Não gostei da forma como Farissael pronunciara “minha bruxa”, como se eu pertencesse a ele. Com familiares, era o contrário. Nós, bruxas, éramos as chefes, não nossos demônios. Minha irritação aumentou diante dos enormes problemas que eu já estava prevendo.

— Nesse momento, o que eu preciso é que você leve isso a sério.

Faris me lançou um olhar de compreensão.

— Os familiares são parceiros na prática de tudo que é mágico. Eu sou seu parceiro e parceiros compartilham. Eles ajudam uns aos outros. Vamos lá — pressionou o demônio intermediário. — Quem você acha que envenenou os pobres humanos? — Ele sorriu como se a lembrança das mortes fosse um assunto sobre o qual estivesse ansioso para falar.

Sim, Farissael era um desgraçado doentio, mas por que não fazer o que ele estava pedindo?

— Para começar, não acho que tenham sido bruxos.

As sobrancelhas da entidade se ergueram.

— Não foram bruxos, hein? Tem certeza?

— Noventa por cento — respondi, recordando a sensação e o cheiro da magia. — O pouco de magia que consegui captar era diferente. Nunca senti nada parecido. Não era magia negra ou branca. Ela deixava um gosto amargo na boca, como cinzas. — Observei Faris em busca de algum sinal de que ele tivesse sentido o mesmo que eu, mas seu rosto estava em branco. — E — continuei — é bem óbvio. Nenhuma bruxa em sã consciência usaria sua própria magia porque saberia que poderia facilmente ser rastreada através dela. Do jeito que foi feito, com o uso de veneno na comida, de acordo com as notícias humanas, parece...

— Que *queriam* ser pegos — o outro concluiu.

Assenti.

— Exatamente. Quem infectou os mortais com esse vírus mágico...

— Vírus mágico mortal.

— Vírus mágico mortal, tanto faz. Quem fez isso sabia que culparíamos as bruxas primeiro. Foi de propósito. Uma armação; uma como uma conclusão bem fácil. Porém, qual seria o motivo?

— Os humanos são deprimentes? — ofereceu Faris.

— Se bruxas quisessem matá-los por qualquer motivo, não usariam magia. Não foram elas que fizeram isso.

— Concordo — disse o demônio intermediário, surpreendendo-me enquanto tomava um gole de sua bebida. — O que mais?

— Sobram os demônios e os humanos. Demônios, bem, porque eles são psicóticos e adoram matar e torturar pessoas. Sem ofensa. Faris deu de ombros.

— Não me ofendi. Está na nossa natureza — ele replicou orgulhosamente. — E os humanos?

— Existe a possibilidade de ter sido um deles — respondi. — Alguém louco. Um assassino em série que consegue usar magia, talvez? Isso se encaixaria.

O demônio soltou um murmúrio de discordância e eu fiz uma careta para ele.

— O que foi? Você acha que não?

Farissael me observou.

— Vírus mágicos são raros e apenas os muito poderosos conseguem conjurá-los. De acordo com as notícias humanas, ele foi contido, mas todas as vinte pessoas que foram expostas estão mortas. Está em todas as redes sociais...

— Você usou meu computador? Está protegido com magia. Como conseguiu passar?

A proteção mágica era a versão bruxa de uma senha.

A risadinha que o demônio soltou me irritou.

— Chama aquilo de proteção mágica? Precisa melhorar isso, Sammy *baby*. Até um diabrete conseguiria descobrir sua senha mágica.

— Vou fazer isso.

Pode ter certeza de que eu faria, afinal tinha um monte de coisas pessoais no meu computador. Sim, eu tinha as coisas de sempre,

como fotos de família e controle de finanças, mas também colecionava alguns dos meus próprios feitiços e encantamentos sombrios, sem mencionar minha lista de demônios da *Goetia* e seus relatórios de progresso. Eu tinha que manter um registro deles em algum lugar. Não era ultrassecreto, mas eu não gostava da ideia de ter Faris mexendo nas minhas coisas.

— Eu não durmo — disse o demônio como se eu não tivesse dito nada. — O que mais vou fazer com meu tempo enquanto você conta carneirinhos? Você não me deixa sair.

— Nem pense nisso — retruquei rapidamente.

Só em pensar em ter Faris perambulando pela cidade sem supervisão fazia meu estômago se revirar

— Se me deixasse compartilhar a cama com você, eu poderia me deitar ao seu lado...

— Não — rosnei, sentindo meu humor azedar.

A diversão dançava em suas feições.

— Você pode amarrar minhas mãos se quiser. Eu amo ser amarrado. Ah, por favor me amarra...

— Não.

— Tudo bem — Um sorriso presunçoso curvou sua boca. — Eu riscaria os humanos da sua lista de suspeitos. Um vírus mágico é complicado demais para seus cérebros minúsculos. Ele ou ela provavelmente teria se infectado ao fazer feitiço. Sem o sangue de demônio para protegê-lo, não há como um humano conjurar algo assim e ainda sobreviver para usá-lo em outras pessoas.

Ele tinha razão.

— Então, sobram apenas os demônios. — Soltei um suspiro. — Você consegue pensar em algum específico que nutra um rancor gigante pela população humana?

— Tipo, agora? — Farissael perguntou. — Deixe-me ver... cerca de três mil? Algumas centenas a mais ou a menos.

— Que ótimo, Faris.

— O que foi? Você fez uma pergunta. Eu lhe dei uma resposta. — Seus lábios se curvaram. — Eu posso lhe dar o que quiser.

Revirei os olhos.

— Mas se é um demônio, por que deixaria as almas para trás? Ficamos bastante tempo lá. Eu não vi ou senti nenhum demônio

vindo buscá-las. E essas almas eram bem fáceis de pegar

A entidade inclinou a cabeça para o lado e girou o conteúdo de sua bebida no copo.

— Esse é um bom ponto, minha pequena bruxa. — Sua cabeça se ergueu. — Se não foi um demônio... tem que ser um bruxo.

A raiva voltou.

— Acabei de dizer que não foram os bruxos — retorqui, incrédula. — Você não estava ouvindo?

— Você falou que tinha noventa por cento de certeza — informou o demônio, batendo no copo com o dedo indicador. — Aposto meu dinheiro em uma bruxa; uma que, de alguma forma, colocou as mãos em algum livro de bruxaria bem sórdido.

Dei uma pequena risada.

— Uma bruxa? Você nem sabe se é uma *mulher*.

O outro deu de ombros.

— Fica mais emocionante quando imagino uma vilã na minha mente. Uma mulher alta, em forma, com seios grandes e empinados, uma cintura fina, coxas musculosas e uma bunda tão firme quanto...

— E ainda por cima ela está *nua*?

Deus me ajude. Eu queria mergulhar minha cabeça em um caldeirão fervente agora mesmo.

— Sammy — falou o demônio lentamente, olhando para mim como se eu fosse louca. — As mulheres *sempre* estão nuas em minha mente.

Soltei um suspiro de frustração.

— O que vou fazer com você?

O demônio intermediário mostrou os dentes.

— Tenho algumas ideias. — Faris perdeu o sorriso ao notar a carranca no meu rosto. — Por que está tão nervosa? Poucos humanos morreram. Foi quase inofensivo.

— Até agora — rebati. — Pode acontecer de novo.

— Sim. — A entidade intermediária tomou um gole de sua bebida, olhando para mim por cima do aro de seus óculos escuros. Ele me observou por mais um momento antes de soltar um ruído descontente.

— O que foi? — perguntei, sentindo minha irritação aumentar novamente, o que tornava minha voz afiada.

— Você parece estar mais irritada do que de costume — Faris replicou, encarando-me da cadeira.

Eu enrijei.

— Certo. Como se você soubesse quão irritada normalmente fico.

— É porque o escoteiro lhe deu um bolo, não é? — indagou o demônio, fazendo calor ir direto para o meu rosto. — Foi isso que a deixou toda irritada. Por isso você fica olhando para o seu telefone toda hora — ele adicionou e eu estremeci. — Não pense que eu não percebi. — Faris se recostou em seu assento. — Sabe o que você precisa, Sammy, querida?

— Faris — rosnei. — Eu juro que se eu ouvir mais uma insinuação sobre sexo ou qualquer coisa que tenha a ver com isso...

— Você vai o quê? Me amarrar e me bater? — sorriu o demônio. — Ah. Por favor, Sammy. Por favor, amarre-me — acrescentou, cruzando os pulsos um por cima do outro.

Balancei a cabeça. Era inútil discutir com ele.

— Você quer falar sobre isso? — ofereceu Faris depois de um momento. Ele me deu um sorriso malicioso antes de acrescentar — Eu sou um bom ouvinte.

Centenas de pensamentos passaram pela minha cabeça, mas o que saiu foi:

— Não teve importância.

Mentiras. Mentiras. Mentiras. Logan me deu um bolo. Eu tinha que aceitar e seguir em frente. A verdade é que eu mal o conhecia e, por isso, talvez tivesse compreendido os sinais da forma errada. Talvez ele simplesmente não estivesse tão afim de mim. Não era o fim do mundo paranormal. O nascido-anjo era apenas um homem e eu não precisava de um para me sentir completa.

— O que eu realmente gostaria de saber é — falei, querendo mudar de assunto e clarear a cabeça — se esse vírus mágico pode ser transmitido para nós. Para os mestiços.

— Boa pergunta.

Um barulho de asas batendo chamou minha atenção. Poe mergulhou pela janela aberta do terceiro andar, aterrissando

suavemente na minha mesa de trabalho. Um pedaço de papel dobrado estava preso em seu bico.

O corvo o cuspiu.

— Tenho algo para você da Corte das Bruxas Sombrias.

Fiz uma careta. Meu mau-humor latejava nas laterais da minha testa.

— Eles não podem continuar esperando que eu faça trabalho sujo deles. Sequer estou mais trabalhando oficialmente para a Corte — falei, sentindo meu humor azedar com a ideia de que eles achavam que podiam abusar da minha boa vontade novamente. — Além do mais, não trabalho de graça. Eu preciso comer.

— Então, pode começar a comprar seus biscoitos, mocinha — disse Poe. — Porque você vai engordar. — O corvo empurrou o pedaço de papel dobrado com o bico. — É uma adiantamento de salário. Vai. Abre. Eu quero ver.

Olhei para o pássaro.

— Como você conseguiu isso? — Peguei o papel.

A ave desviou o olhar.

— Eu interceptei o pombo-correio a caminho daqui. Trocamos algumas palavras e, por fim, ele concordou que eu era o melhor pássaro para cumprir a tarefa — Poe expressou com o peito estufado de orgulho.

— Tenho certeza de que foi assim que aconteceu — retruquei. — Parece que você está desenvolvendo um romance com o nosso amigo pombo. — Minha boca se abriu ao ver todos os lindos zeros ao lado do grande e gordo número cinco. — Cinco mil. Devem estar mesmo desesperados. Eles nunca me pagaram tanto por um trabalho antes.

— Talvez se sintam mal pelo que aconteceu com o velho Darius — comentou o pássaro.

— Ele está certo — concordou Faris, apontando o dedo para o cheque. — Estão com vergonha.

Apertei os lábios.

— Não me importo. Eles podem me mandar dinheiro quantas vezes quiserem. Isso é suficiente para nos alimentar por seis meses.

Embalsei o cheque, já sentindo meu humor ficar mais leve. De bom grado aceitei o dinheiro, considerando que a oferta era um bom sinal. Sorri. Pelo menos minha vida profissional parecia estar melhorando. Se ao menos minha vida amorosa pudesse seguir o mesmo caminho.

— Eles querem que você continue investigando esse vírus mágico — disse Poe. — Querem ver se consegue descobrir quem está por trás e desejam que prenda os responsáveis antes que eles infectem a cidade inteira.

— Mamão com açúcar — afirmei, sabendo que ia ser muito mais difícil do que eu fazia parecer. — Imagino que, já que *interceptou* este cheque — pontuei mesmo não notando nenhuma evidência visível de penas de pombo nele desta vez —, é você quem vai levar minha resposta para a Corte das Bruxas Sombrias?

O corvo assentiu.

— Bem, então pode dizer a eles que aceito o trabalho.

Eu ia fazer isso de qualquer maneira, portanto, que mal fazia ganhar um cheque grande em troca? A Corte não precisava saber.

Poe se alongou, estalou sua asa direita e, depois, a esquerda.

— Até mais tarde — disse enquanto abaixava seu corpo e ajustava as asas para preparar sua decolagem, assim como eu o vira fazer inúmeras vezes.

— Espere — chamei. — Vou ao Santuário das Sombras para descobrir tudo o que puder sobre vírus mágicos.

— Ótimo — respondeu Poe, abaixando-se novamente, pronto para decolar.

— Espere aí. Você não vai comigo? — perguntei, surpresa em ver como aquele pássaro desdenhava de mim. Era muito não-familiar da parte dele. A ave parecia ansiosa para estar em outro lugar. O que estava acontecendo com meu corvo?

Poe congelou. Ele olhou para Faris e, depois, de volta para mim.

— Por quê? Você já tem seu familiar. Não precisa de mim. Além disso, há lugares onde preciso estar.

Cruzei os braços.

— Ah é? Onde? Você está roubando de novo? Poe? Poe!

Com um grande bater de asas, o corvo levantou voo, partiu para o topo da sala e desapareceu pela janela aberta.

— Maldito pássaro — xinguei, descruzando os braços. — Eu deveria ter escolhido um gato.

Faris riu.

— Gatos são piores. Eles têm garrinhas afiadas que rasgam sua pele em pedaços. — Quando viu minha careta, ele fechou a boca. — Deixe-o ir — disse depois de um momento. — Você não precisa dele. Você tem a mim, querida — acrescentou, abrindo os braços amplamente.

Que ótimo. Bufei. Eu não tinha tempo para me preocupar com Poe agora. Tinha trabalho de verdade para fazer. Dei uma olhada no demônio intermediário, em seguida, rezei silenciosamente para a Deusa, pedindo que eu não estivesse prestes a cometer um erro gigante. Infelizmente, eu não tinha outra escolha.

— Não me faça me arrepender disso — avisei.

— Você vai presenciar meu melhor comportamento demoníaco — ele ronronou.

— É isso que me preocupa. Termine sua bebida — retruquei, querendo socar aquele sorriso de seu rosto. — Você e eu vamos ao Santuário das Sombras.

Santuário das Sombras era exatamente como o nome soava: uma masmorra sombria, escura, gelada, infestada de teias de aranha, contaminada por mofo e repleta de ratos. Sim. Era incrível. Exatamente como uma biblioteca tinha que ser. Melhor ainda, estava localizado abaixo do cemitério da Igreja *Saint Paul's*, entre a *Church Street* e a *Broadway* em *Lower Manhattan*. Só era possível acessar a biblioteca das bruxas com magia ou se tivesse acesso à entrada secreta. Eu tinha os dois.

O clima do fim da tarde estava quente e pesado, com cheiro de fumaça de escapamento, asfalto quente e nozes torradas. Desci a *Church Street*, ouvindo os saltos das minhas botas tamborilando enquanto me movia entre pedestres humanos com grandes sacolas de compras penduradas em suas mãos. Meu coração disparou de animação com a perspectiva de ver a grande biblioteca novamente. A ideia de fazer meus dedos vasculharem antigos e sombrios tomos mágicos fez minha pele formigar em antecipação. Esta não era a minha primeira vez. Eu tentava ir ao Santuário das Sombras pelo menos duas vezes por ano. Sempre havia algo sombrio e perigosamente maligno para se descobrir em um dos muitos livros antigos dali. Feitiços e encantos que fariam até tia Evanora fugirem sua vassoura.

Senti um cotovelo me cutucar do lado esquerdo.

— Toma cuidado aí, Faris — rosnei, afastando o demônio intermediário do meu quadril. — Você é meu familiar Não uma parte

do meu corpo. Sabe que pode andar a alguns centímetros de distância, né?

— Esse maldito sol é o problema — o outro sibilou com a mão sobre os óculos escuros. — Ele quer me matar. Fica me observando como se fosse um grande olho.

Fitei o demônio. Ele tinha pegado um dos meus lenços pretos emprestado e o enrolado na cabeça como se fosse um *hijab*, além de ter usado o meu frasco inteiro de protetor solar no rosto e nas mãos. Era como se a entidade estivesse tentando fazer um tratamento de pele com um pote de maionese. Com as mãos protegidas embaixo das axilas, Farissael chamava muita atenção para si mesmo, o que era algo que eu não queria.

— Se o sol fosse letal para você — comentei —, já teria se transformado em cinzas. Estamos andando sob a luz do dia há dez minutos. Meu avô executou o feitiço direitinho. Não precisa se preocupar.

Faris bufou.

— Como você pode confiar naquele velho doido? Eu nunca confio em um homem que tem mais pelos em suas orelhas do que eu tenho na barba.

Eu desviei de uma idosa que estava encarando Faris como se ele tivesse acabado de chegar de Marte. Seu rosto estava contraído em desconfiança.

— O feitiço funcionou. Já chega.

Ele era como um bebê.

— Você não sabe como é — o demônio intermediário resmungou, tentando ajustar os óculos de sol com os antebraços sem tirar as mãos das axilas. — Afinal, é mortal. Vocês, malucos, adoram o sol, mas, nós, demônios, o detestamos. Ele é um velho inimigo. Eu não fico sob o sol desde que estava com Demelza Archer...

Meu olhar se voltou para ele.

— Quem?

Então esse era o nome dela. Demelza Archer. Sua esposa bruxa.

— Ninguém — Farissael retrucou.

Sua mandíbula se contraiu, e meu peito se apertou com a dor que pude ver em seu rosto. Quer dizer, na parte que não estava coberta pelo lenço.

— Estamos quase lá — afirmei, tentando acalmá-lo. Eu queria que sua mente estivesse afiada e alerta para me ajudar com esse vírus. — Aguenta firme, ó grande demônio poderoso. Vamos. A entrada fica pelos fundos.

— Pelos fundos de quê?

— Da capela. Por aqui.

A impressionante igreja de pedra ficava no meio do quarteirão como um grande navio ao mar, seu campanário erguendo-se muito acima das árvores. Quatro colunas sustentavam um grande pórtico que servia como entrada principal. Contudo, esta não era a nossa entrada. A capela foi construída em 1766 e era a igreja mais antiga da cidade de Nova York. Naturalmente, a Corte das Bruxas Sombrias montara sua biblioteca menos de um ano depois.

Juntos, passamos pelo portão de ferro da *Church Street* e seguimos o caminho de pedra até os fundos da capela. Uma fileira de cedros de dois metros e meio de altura nos escondia dos olhos humanos enquanto nos aproximávamos dos fundos. Parei em frente a uma parede de pedra cinza. Vitrais altos em arco davam para o cemitério. Vultos humanos se moviam do lado de dentro. A igreja era muito popular entre os turistas.

— E agora? — Faris apareceu ao meu lado. — Onde está a porta?

— Shhh. — Levantei a mão e disse — *Ingressus*.

Minha pele formigou conforme a magia percorria meu corpo, da cabeça até os dedos dos pés. Soltei a respiração pelo nariz e enrijei quando o ar ao meu redor se encheu de eletricidade ao passo que a energia continuava a crescer.

O deslocamento do ar fez meus ouvidos estalarem e, então, no lugar da parede de pedra, surgiu uma porta. Estrelas, runas e sigilos estavam gravados na madeira junto com as palavras em negrito: AVISO. PROPRIEDADE BRUXA. INVASORES SERÃO USADOS COMO INGREDIENTES EM NOSSOS CALDEIÕES!

Faris fez um ruído de aprovação.

— Esse é um glamour bem decente que os bruxos fizeram, se não se importa que eu comente.

Eu sorri.

— Não me importo.

Abri a porta e entramos. Ela se fechou atrás de nós com um baque. Paramos em uma entrada curta e mal iluminada. A luz verde vinda de arandelas que revestiam as paredes iluminava tudo em tons horripilantes. O ambiente estava quieto. O ar frio cheirava a magia negra e a enxofre. Respirei fundo. Deus, eu adorava aquele cheiro. Do outro lado, havia uma escada que descia em direção à escuridão.

— Por aqui — disse, seguindo para os degraus sujos de cimento.

— E eu tenho alguma outra opção? — zombou Faris, tirando o cachecol e os óculos.

Ele dobrou o lenço e o colocou cuidadosamente ao lado da porta. Esquisito. Quando o demônio se virou para mim, a espessa camada de protetor solar havia desaparecido de seu rosto.

Minhas botas tamborilaram alto enquanto eu descia. A cada três metros, as luzes piscavam, enviando débeis raios verdes e deixando à mostra faixas de sujeira em ambos os lados das paredes. Elas estavam cobertas de teias cheias de aranhas gordas que mantinham a biblioteca livre de traças, os pequenos insetos desagradáveis que prosperavam em livros velhos e mofados. Sim, as aranhas gigantes faziam eu me contorcer, mas elas eram uma ótima maneira de nós, bruxas, mantermos nossas casas limpas de outros insetos nocivos. O ar estava mais frio na escada estreita, obrigando-me a reprimir um calafrio.

Chegamos ao fundo em silêncio e entramos em um corredor escuro que ecoava cada pequeno som que fazíamos. No final do corredor, atrás de uma mesa feita de mármore preto brilhante, estava sentada uma bruxa.

Se o Papai Noel tinha uma sócia feminina, era ela. A mulher grande e de bochechas redondas e rosadas mantinha seu cabelo branco preso em um coque bagunçado. Óculos minúsculos e redondos estavam acima de seu nariz. Ela vestia um terninho com saia vermelha e verde que estaria mais na moda nos anos setenta e

era de um tamanho muito menor do que deveria ser. Inspeccionando-a mais de perto, notei que a bruxa tinha até mesmo uma penugem sob o nariz e ao redor do queixo que podia ser tecnicamente considerada uma barba. Encantadora.

Atrás da mulher, havia um grande arco que levava à biblioteca milenar das bruxas. Eu podia ver fileiras de estantes logo além da entrada.

Parei em frente à recepção.

— Oi. Estou aqui a trabalho, em nome da Corte das Bruxas Sombrias. Preciso de acesso ao Santuário das Sombras. Se você puder me indicar a área de vírus mágicos, agradeço muito.

A Sra. Noel não olhou para cima enquanto seus dedos se moviam sobre o teclado, perto de uma pilha de lápis, alguns cartões e ao lado de uma xícara de chá fumegante.

— Deixe-me tentar — sussurrou Faris.

Antes que eu pudesse impedi-lo, ele se inclinou sobre a mesa com os três primeiros botões de sua camisa estrategicamente desabotoados, revelando seu peito bronzeado e sem pelos.

— Olá, mamãe urso — o demônio ronronou. — Minha amiga gostaria de ter acesso à sua fabulosa coleção de livros. Por que não lhe dá o que ela quer e, talvez, depois, você possa fazer um intervalo para que eu possa lhe dar o que você quer? — adicionou.

Eu me encolhi de vergonha, sentindo vontade de vomitar.

Faris pegou um dos lápis.

— Tenho uma quedinha por mulheres maduras — ele entoou, girando o lápis entre os dedos como um bastão. — Não dá para simplesmente desperdiçar toda essa *experiência*.

A atenção da bruxa se voltou para o demônio. Seus olhos azuis se enrugaram de desgosto quando ela cruzou as mãos sobre a mesa.

— Nome — a mulher exigiu com os olhos fixos em mim.

— Samantha Beaumont.

As teclas do computador começaram a digitar por vontade própria enquanto o cheiro de água de rosas e enxofre fluía em direção ao meu nariz... Era sua magia. Minhas sobrancelhas se ergueram. Impressionante. Queria ter aprendido aquele feitiço. O

computador emitiu um bipe repentino. A bruxa olhou para a tela e soltou um ruído.

Um lampejo de aborrecimento passou pelo seu rosto quando seu olhar se voltou para Faris em todo o seu esplendor demoníaco.

— Ele não é um bruxo. Está usando muito glamour para esconder seu verdadeiro eu, mas posso sentir o cheiro — a velha acrescentou com um leve sorriso nos lábios, satisfeita por descobrir o segredo sombrio de Faris. — Quem é você? — Seu rosto mudou, contorcendo-se em uma carranca, como se o demônio tivesse acabado de sujar todos os seus preciosos livros de propósito.

Farissael abriu a boca, mas eu o cortei:

— Ele é meu familiar

Com isso, a bruxa o estudou com atenção. Ela o encarou, seus olhos azuis espreitando, serenos e curiosos.

— Você é um familiar? — perguntou.

Faris sorriu como um homem que não queria fazer nada além de dar prazer à sua amante a noite toda.

— Posso ser o que você quiser, querida.

Revirei os olhos.

Os fios dourados dos óculos dela brilharam na luz da lâmpada pendurada na parede próxima.

— Nome — a bruxa exigiu. Sua voz parecia a de uma professora rígida que esperava que seu aluno cometesse um erro para que pudesse bater com a régua em sua mão.

Ah. Merda.

— Poebisael — acrescentei rapidamente antes que Faris nos colocasse em apuros.

Ainda não tinha tido tempo de registrá-lo na Corte como meu familiar. Com tudo o que tinha acontecido, eu realmente acabara esquecendo. Se eu fosse pega usando um familiar não registrado, as coisas ficariam muito feias e minha vida já era complicada o suficiente.

O demônio intermediário se endireitou.

— Poebisael ao seu serviço — disse, entrando na onda e se curvando. Ele lançou uma piscadela à velha bruxa. — Qualquer tipo de serviço...

Observei as teclas começarem a digitar por conta própria novamente. Com um bipe repentino, a bruxa se virou para mim. Ela deu um gemido de desprezo.

— Encontrará tudo o que há para saber sobre vírus mágicos na ala esquerda entre as seções V e Z. Todos os livros ou manuscritos que desejar emprestar devem ser catalogados por mim. Se tentar levar alguma coisa com você... eu saberei.

Que agradável.

— Que bom que avisou — eu disse. — Obrigada.

— Obrigado, querida — Faris falou, inclinando-se novamente sobre a mesa. — Minha of era ainda está de pé. Se quiser fazer um intervalo agora, sou todo seu...

Agarrei o braço do demônio intermediário e o guiei em direção ao arco atrás da mesa.

— Vamos, *Poe*. Temos muitas pesquisas para fazer

— Uau. Eu simplesmente fico louco quando você assume o comando assim — ele afirmou com o sorriso mais largo do que antes. — Fico formigando por dentro.

Soltei seu braço com um empurrão.

— Não começa. Seja um bom familiar e me ajude a encontrar livros sobre vírus mágicos. Ou então, o caldeirão que me ajude, vou mandá-lo de volta para casa para esperar com meu avô.

Faris mostrou os dentes.

— Sim, senhora. Como desejar — ele brincou.

Soltei um suspiro pelo nariz. Eu estava começando a me arrepender de tê-lo trazido comigo.

Luzes iluminavam o corredor enquanto passávamos pelo arco e entrávamos em uma sala tão grande quanto três ginásios. O Santuário das Sombras era uma biblioteca colossal e o sonho de qualquer bruxo estudioso. Estantes do chão ao teto percorriam toda a extensão da sala, separadas por fileiras com mesas de leitura de madeira rabiscadas. Bruxos e bruxas estavam sentados ao longo delas, absortos em qualquer tomo que estivessem lendo, enquanto outros procuravam nos corredores por algum feitiço ou encantamento sombrio.

Meu nariz foi invadido pelo cheiro de mofo, papel, couro velho e aquele odor familiar de enxofre, o cheiro da magia. Uma espessa

neblina de energia também zumbia no ar como se os encantos escritos nos milhares de tomos quisessem sair.

Nos movemos para a esquerda. Faris me seguia de perto enquanto eu procurava a seção V. Encontrei-a quase imediatamente. Ela parecia tão antiga quanto todas as outras seções.

Soltei um suspiro à medida que observava as fileiras de livros antigos e manuscritos enrolados.

— Deve haver pelo menos quinhentas obras nesta seção.

— Eu chuto umas oitocentas — disse o demônio intermediário com um tomo já na mão, virando as páginas.

Larguei minha bolsa na mesa de leitura mais próxima e fui em direção à estante. Corri meus dedos sobre as capas, absorvendo sua magia e esperando que talvez elas me dissessem qual continha o que eu estava procurando. Claro, isso era uma ilusão. Eu teria que procurar da maneira mais difícil, lendo cada livro, um por um. Ter Faris procurando comigo seria uma grande ajuda, mas ele não precisava saber disso.

Resoluta, peguei a primeira obra, um livro fino, mas grande, encadernado em couro marrom de trinta por trinta que cheirava a casca de árvore. Minha pele se arrepiou quando fez contato com o couro. Comecei a ler. E foi assim que passei as duas horas seguintes: folheando as páginas de centenas de livros ao passo que Faris fazia comentários idiotas a cada cinco minutos. Após três horas de leitura, não encontrei nada remotamente parecido com vírus mágicos. Nada mesmo. Zero. Zerinho.

Empurrei o livro sobre minha mesa de leitura, sentindo meu humor se tornar tão sombrio quanto a biblioteca.

— Nada. Absolutamente nada. — Mudei meu peso. Minha bunda estava ficando dormente de ficar sentada por tanto tempo.

Eu tinha certeza de que encontraria algo aqui. Infelizmente estava errada. A única dica que eu possuía era a ligação entre o vírus e a magia, o que não era muito. Eu estava ficando sem opções e sem tempo. Uma sensação desagradável me atingiu; um pressentimento que me dizia que quem tinha lançado aquele vírus atacaria novamente e em breve. Enquanto isso, eu não tinha encontrado nada que me ajudasse.

— Achei! — disse Faris alegremente, saindo do corredor com um grande livro encadernado em couro listrado preto e vermelho em suas mãos. — Eu lhe disse que eu seria útil. Parece que não sou incrível apenas na cama. Quem poderia imaginar?

Vozes abafadas e raivosas soltaram reclamações. Eu olhei na direção delas, vendo dois bruxos franzidos suas testas para mim. A voz alta do demônio interrompera o costumeiro silêncio da sala.

Farissael jogou o livro em minha direção. A obra pousou na mesa com um baque alto que ecoou ao nosso redor. Droga.

— Não tão alto, Faris — sussurrei enquanto olhava para o volume. — Tem certeza de que há algo aqui sobre vírus mágicos?

O demônio intermediário puxou uma cadeira, sentando-se ao meu lado com seu joelho encostando no meu.

— Página trezentos e vinte e seis, querida.

Desviei meu olhar de seu sorriso de um milhão de dólares, encarando o livro. O volume encadernado em couro não parecia ter nada de especial. Era como as centenas de outras obras antigas na biblioteca das bruxas: velha, desgastada e com um leve cheiro de almíscar.

Contudo, eu soube que havia algo diferente nele no momento em que o toquei. Uma faísca quente disparou pelos meus dedos e viajou pelos meus braços, fazendo minha pele se arrepiar antes de se espalhar pelos meus ombros. Os músculos das minhas costas e pescoço ficaram tensos como se eu tivesse um nervo comprimido. Os outros tomos que eu manipulara ali também tinham me atingido com sua magia, mas este era diferente. Não sentira calor enquanto os folheava, porém, com aquela obra, sim.

Virei as páginas até chegar na trezentos e vinte e seis. A sensação de calor diminuiu rapidamente, deixando apenas o desejo de descobrir o que Faris havia encontrado.

— *Virus magicis* — sussurrei, lendo o título superior da página. — Vírus mágico — traduzi.

— Continue lendo — pediu o demônio intermediário. — Fica *bem* interessante por volta do terceiro parágrafo.

Não gostando de seu tom preocupado, rapidamente comecei a ler o primeiro parágrafo, traduzindo na minha cabeça tão rápido

quanto eu podia, o que era irritantemente lento, a julgar pelos bufos inquietos vindos de Faris.

Depois de mais ou menos um minuto de leitura, entendi que a vida útil do vírus dependia em grande parte do nível de habilidade do bruxo em questão. Alguns duravam poucos minutos. Outros duravam horas. Enquanto o vírus estava vivo, ele se espalhava por qualquer pessoa que entrasse em contato com ele, matando os infectados e...

Minha respiração ficou presa e uma sensação de mal-estar se formou em meu estômago, ameaçando escapar pela minha boca.

— *Strionibus immunis* — sussurrei, encontrando minha voz. — Bruxos são imunes.

Senti o sangue sumir do meu rosto e formar uma poça ao redor dos meus pés. Ah. Merda.

— Bingo, querida — disse Faris, recostando-se e entrelaçando os dedos atrás da cabeça. — Você tem uma situação e tanto em suas mãos. Um bruxo ou bruxa está infectando humanos com um vírus mortal e mágico. Isso é o que eu chamo de *entretenimento*. — Ele suspirou. — Estou tão feliz por estar aqui. Parece que você vai precisar da minha ajuda.

Minha pressão subiu, pulsou atrás dos meus olhos e zumbiu contra minhas têmporas. O fato de bruxos serem imunes só podia significar uma coisa: um de nós havia conjurado o vírus.

Tá, talvez o bruxo em questão fosse maluco, mas ele ainda fazia parte da comunidade. E isso tornava as coisas muito mais complicadas. O pior era que eu tinha a sensação desagradável de que o culpado não iria parar apenas nos humanos.

O *Luke's BBQ & Grill* e dois becos vizinhos haviam sido isolados com a fitada polícia. No momento em que o táxi nos trouxera de volta ao centro da cidade, o céu passara a brilhar em um tom de cinza furioso. As nuvens se agitavam, mantendo a lua e as estrelas fora de vista. O ar tinha cheiro de chuva e a rua estava deserta. Os humanos estavam evitando o local completamente e com razão.

— Você está pronta, Sherlock? — perguntou o demônio intermediário, observando a rua. Seu rosto estava parcialmente iluminado pelos postes de luz. — Pronta para colocar suas habilidades investigativas em prática? — Ele parecia ansioso enquanto as sombras dançavam sobre suas feições e sobre seus olhos enormes e escuros.

Farissael não usava mais os óculos escuros e o cachecol, ambos tendo sido substituídos pelo seu sorriso travesso e pela malícia em seus olhos. A entidade parecia mais confortável agora que era noite. Eu me perguntava se algum dia ele se acostumaria com a luz do dia.

Respirei fundo.

— Tem que ter alguma coisa aqui.

Agucei meus sentidos, procurando a familiar atração da magia, mas tudo o que senti foi a brisa fresca da noite. Infelizmente não conseguia mais discernir o zumbido mágico. O vírus tinha se tornado inativo.

Os olhos escuros de Faris se fixaram em mim.

— O que espera encontrar aqui, Sammy, querida?

— Pistas. Um motivo. Qualquer coisa que nos ajude a identificar os responsáveis.

Movendo-me rapidamente, vasculhei a rua, procurando indícios do vírus ou mesmo o sangue das vítimas. Agora que eu sabia que não podia ser infectada, esperava obter uma amostra. Aproximei-me do local onde tinha visto o homem negro morrer. Poças remanescentes da chuva manchavam a rua, motivo pelo qual nenhuma evidência havia permanecido ali.

— Imagino que queira dizer os *bruxos* responsáveis — corrigiu Faris. Ele olhou para a rua novamente. — Sinto muito, querida. — O demônio intermediário endireitou as costas. — Acho que não vai encontrar nada aqui. Parece que a chuva limpou tudo.

— Droga.

A chuva tinha definitivamente lavado todo o sangue das vítimas. Infelizmente, ao fazer isso, também acabara com todos os resquícios do vírus e quaisquer pistas que eu pudesse encontrar.

Se ao menos eu soubesse por que os bruxos estavam infectando humanos, estaria muito mais perto de prendê-los. Claro, os culpados poderiam ser apenas indivíduos perturbados da minha raça que curtiam infectar humanos em seu tempo livre. Porém, para mim, essa teoria era muito improvável. Levava tempo para preparar um vírus mágico desse calibre. Também era necessário precisão, muita energia e dedicação. Tudo isso apontava para um método planejado, algum propósito definido. Por que infectar humanos? Por que correr o risco de ser pego? Será que era algum tipo de mensagem?

Agora, eu tinha certeza de que pessoas da minha raça estavam por trás do vírus, o que fazia meu sangue ferver. Bruxos, especialmente os das Trevas, já tinham uma reputação ruim o suficiente dentro da comunidade paranormal. Não precisávamos de indivíduos psicopatas infectando a população humana.

Contudo, o fato de que esta não era uma infecção aleatória permanecia. Havia uma razão por trás dos ataques. E eu ia descobrir exatamente qual era.

Levantei a cabeça, apavorada. Droga. Eu precisava de mais informações.

— Vamos. Tem que ter alguma coisa aqui.

Corri em direção ao restaurante. Passando por baixo da fita amarela da polícia, fui em direção à porta da frente. Uma grande placa amarela com os dizeres “CUIDADO: ÁREA DE QUARENTENA. NÃO ENTRE” estava colada na porta, marcada com o símbolo de risco biológico. Eu a abri, rasgando o excesso de fita ao entrar. O restaurante estava completamente na penumbra. Esperei alguns segundos até que meus olhos se ajustassem à escuridão. Quando finalmente consegui distinguir as formas, segui para dentro do ambiente.

O lugar parecia ter sido atingido por uma bomba. Cadeiras e mesas derrubadas, copos quebrados e pratos de cerâmica ainda com comida estavam espalhados pelo chão. O ar frio penetrava pelas janelas quebradas. Era difícil identificar qualquer coisa, muito menos qualquer tipo de detalhe que me ajudasse com o vírus. Minhas botas esmagavam louça e cacos de vidro enquanto eu adentrava o restaurante. Mesmo com as luzes apagadas, ainda conseguia ver uma substância branca sobre tudo, similar a uma espessa camada de poeira. Estava em todos os lugares: nas paredes, nas mesas, nas cadeiras, no chão e até em partes das janelas que não estavam quebradas. Definitivamente era um *spray* desinfetante de risco biológico.

— Parece que os humanos foram meticulosos — comentou Faris enquanto passava por mim. Ele pegou um garfo coberto de espuma branca, cheirando-o. — Tem cheiro de alvejante. — Ele largou o garfo. — E agora?

Meus olhos percorreram o restaurante destruído, enquanto eu imaginava os humanos em pânico, correndo para salvar suas vidas ao primeiro sinal de contaminação.

— A cozinha. — Encarei a entidade. — Se o bruxo ou bruxa usou um restaurante para infectar suas vítimas, deve ter sido através da comida.

Faris arqueou uma sobrancelha.

— Morte por indigestão? Faz sentido.

Passei por ele, seguindo para os fundos, onde ficava a cozinha. Mesmo tendo lido que não poderia ser contaminada pelo vírus mágico, o medo ainda permanecia em minha mente. Eu tomava muito cuidado para não tocar em nada, usando minhas botas para empurrar cadeiras e mesas para fora do caminho.

Através de uma abertura nos fundos, vi a cozinha. Tinha tudo o que você esperaria encontrar no local: utensílios de aço inoxidável, dois fogões a gás de seis bocas, longas mesas de trabalho cheias de panelas e frigideiras, três grandes fornos de restaurante e quatro pias fundas. Fileiras de prateleiras cobriam as paredes e nelas estavam potes, latas e sacos de farinha. Ao lado delas havia armários de armazenamento altos. Algumas caixas de cerveja ainda estavam lá, esperando para serem abertas. E sim, tudo estava coberto como o país das maravilhas no inverno. Excelente.

— Merda — exalei, sentindo a preocupação contrair meu estômago.

— Até parece neve — bufou Faris, acendendo as luzes.

Pisquei com a claridade repentina. Depois de um momento, absorvi a cena. A equipe de limpeza de risco biológico humano tinha feito um ótimo trabalho aqui. Não havia nenhuma parte do lugar que não estivesse coberta por cinco centímetros de espuma branca e espessa. Todavia, eu não ia desistir. Tinha que haver algo na cozinha, embora nada se parecesse com uma pista.

Eu estava atrás de um vírus mágico, o que significava que apesar do excelente trabalho dos humanos em contê-lo com sua espuma especial, ainda podia haver algum resquício no ambiente. Se o vírus tivesse deixado um rastro, eu o encontraria.

Minha respiração se acelerou enquanto me movia em direção à pia. Fechando os olhos, ampliei meus sentidos, deixando minha consciência tocar no fio de poder do meu anel de sigilo. O objeto pulsou em resposta. Permiti que a energia fluísse através de mim, procurando por algum traço de magia. Então, senti um pequeno puxão na minha consciência. Não passou de um toque mínimo, porém, eu o notei. Eu tinha certeza de que era magia.

A-há. Havia algo aqui. Eu podia sentir.

Abri os olhos.

— Ainda há um resquício de magia em algum lugar por aqui. — Meu coração saltou e minha respiração se acelerou ainda mais. — Eu o senti.

— Sério? — questionou Faris. Pude ouvir a surpresa em seu tom quando ele apareceu ao meu lado. Seu olhar estava fixo na pia da cozinha. — Onde?

Atravessei a sala e deslizei para trás de uma das mesas, minhas pernas se movendo em direção ao local de onde o puxão vinha. Olhei para uma grande lata de lixo.

Em um piscar de olhos, o demônio apareceu ao meu lado.

— Dejetos humanos? Uau, isso é nojento demais.

Ele estava certo. Cheirava a uma combinação de carne podre e leite estragado. A mesma espuma branca a cobria, mas não escondia a magia que pulsava por dentro. Encarei a lata de lixo, sentindo o mesmo puxão emanando dela. Não havia erro. Parte do vírus ainda estava ali, vivo, e eu precisava pegá-lo.

Respirei fundo antes de fitar a entidade.

— E se o livro estiver errado? E se eu puder ser infectada?

E se esse vírus me matar? Um lampejo de medo me atravessou, indesejado e inquietante.

Farissael olhou para mim. Ele piscou, claramente perdido em pensamentos.

— Não seja ridícula. Você não será infectada. Meu latim é incomparável. Confie em mim. Não ficará doente.

Faris era um dos demônios intermediários mais inteligentes que eu já tinha conhecido, ainda assim, ele não sabia de tudo.

— E quanto aos demônios?

Seus olhos se arregalaram, vendo algo no meu rosto.

— Espera aí — disse ele, dando um passo para trás. — Posso ser seu familiar, contudo, recuso-me a sujar essas mãos fabulosas e bem cuidadas com lixo humano. Pode esquecer. Há coisas piores do que vírus mágicos. Sem chance.

Meus ombros caíram.

— Eu nem pedi.

Mas eu ia...

— Não peça — rebateu o demônio, mantendo sua postura rígida. Faris deu outro passo para trás em direção à saída. — Esqueça. Eu

f aço qualquer outra coisa. — Seu rosto empalideceu. Ele parecia prestes a vomitar. Que maluco. Algo cruzou sua expressão, então, disse — Vai contra nosso contrato.

— Nós não temos um contrato — f alei, balançando a cabeça.

— Exatamente! — A entidade apontou um dedo para mim com um brilho triunf ante em seus olhos. — Tecnicamente, eu nem sou seu f amiliar. E isso signif ica que você *não pode* me obrigar. Na verdade, não pode me obrigar a f azernada. Não a menos que eu queira. E querida, eu odeio ter que dizer essa palavra para você... mas não. Não essa noite, Sammy.

Revirei os olhos. Os demônios intermediários eram rainhas do drama. Não é à toa que eles nunca se tornavam f amiliares de bruxas. Porém, Faris tinha razão. Eu não podia f orçá-lo a f azernada que ele não quisesse. O que me deixava com apenas uma escolha: eu teria que f azer isso sozinha. Eba.

Se Poe estivesse aqui, ele me ajudaria. Meu coração pareceu se apertar ao pensar que poderia estar perdendo-o.

Remexi meus pés.

— Tudo bem. Pode deixar comigo — af irmei, af astando os pensamentos mórbidos e tentando me concentrar no problema da vez.

— Sim. Boa ideia — disse Faris, f icando o mais longe possível de mim, como se pensasse que eu iria lançar algum f eitiço para f orçá-lo. Bebezão.

Arregaçando as mangas, respirei f undoe ignorei todos os sinais de alerta que soavam na minha cabeça enquanto mergulhava minha mão direita na lata de lixo.

Sim, era tão nojento quanto parecia.

É claro que, se eu f osse uma bruxa de sorte, acharia o que precisava f acilmente. Inf elizmente eu não era. Obviamente, não era uma tarefa tão simples assim enfiar a mão no lixo e retirar exatamente o que eu estava procurando. Primeiro, tive que remover a camada superior de dejetos. Sim. Sortuda, essa sou eu.

Prendendo a respiração e me movendo com cuidado para não derramar ou danif icar o que quer que f osse que contivesse o vírus, puxei a primeira coisa que meus dedos tocaram: um punhado de cascas de batata. Em seguida, retirei um pouco de alface podre.

Depois, cascas de cebola, alguns ossos de galinha, tiras de cenoura e, finalmente, perto do fundada lata de lixo, meus dedos roçaram a superfície lisa de algo sólido, similar ao vidro.

Assim que o toquei, um pulso de magia quente atingiu as pontas dos meus dedos, estendendo-se para minha mão e para meu braço. Cautelosamente, eu puxei o objeto para fora. Preso entre meu polegar e meu indicador havia um caco de vidro preto. Era curvo, como um pedaço quebrado de uma esfera negra.

Remexendo novamente no lixo, puxei mais três pedaços, até ter todos eles. Era definitivamente um orbe do tamanho de uma maçã, ou pelo menos tinha sido antes de ser esmagado. A princípio, não parecia muito. A pulsação da magia era fraca, mas ainda estava lá.

Engoli em seco. Eu estava olhando para o objeto que continha o vírus mágico. Bingo.

— Parece que você o encontrou — comentou Faris perto do meu ouvido.

— Encontrei.

Segurando as peças em minha palma, fui para a mesa mais próxima. Com a mão livre, tirei algumas panelas e frigideiras do caminho e coloquei as peças sobre a mesa. Em seguida, puxei um saco Ziploc transparente da minha bolsa-mensageiro, coloquei os pedaços dentro e fechei.

— Peguei-o, seu desgraçado — falei para o orbe negro quebrado. — Achei que você fosse maior

— Então — disse Faris, esfregando as mãos enquanto se movia pela cozinha. — Agora que você o encontrou, o que planeja fazer com ele?

Boa pergunta. Não é como se eu fosse uma especialista na área. E pelo que descobrira após reunir as informações limitadas que encontrara sobre vírus mágicos, meu trabalho estava longe de terminar.

Soltei um suspiro, colocando minhas mãos em cada lado do saco Ziploc que estava sobre a mesa.

— Bom, se eu conseguir separar o vírus do vidro, talvez consiga descobrir como foi feito e quais ingredientes mágicos foram usados. Se eu puder aplicar a engenharia reversa à magia, posso descobrir quem o fez.

E matar o desgraçado. Ainda me deixava doente pensar que um bruxo ou bruxa poderia ter feito algo tão horrível. Contudo, não havia como negar, a evidência estava ali, na minha frente. Porém, antes de fazer qualquer coisa, tinha algo com que eu precisava lidar

— Tenho que avisar a Corte das Bruxas Sombrias sobre isso — informei. A tensão me atravessou, contraindo meus músculos um por um.

— Receio que tenha que esperar — respondeu o demônio atrás de mim.

— Por quê? — perguntei. — Você tem planos para hoje à noite que eu não esteja sabendo?

Deus, às vezes ele realmente era irritante.

— Porque temos companhia, querida.

Virei minha cabeça ao perceber a tensão repentina em sua voz. Meus olhos seguiram o olhar de Faris até a entrada da cozinha.

Ali, na soleira, estavam três figuras encapuzadas. Fios verdes de magia escorriam de suas mãos.

Bruxos das Trevas.

Ah. Merda.

Tá. Isso era esquisito.

Os bruxos usavam pesadas capas pretas. Seus rostos estavam escondidos na sombra de seus capuzes, tornando impossível distingui-los. Se eu tivesse que adivinhar, diria que estava olhando para três homens, apenas pelo mero tamanho deles. Arriscaria dizer que todos tinham mais de um e noventa.

Eu sabia que estava frente a frente com os responsáveis pelo vírus. Por que mais eles estariam aqui com sua magia pingando de seus dedos em uma ameaça não-verbal tão óbvia? Bruxos não exibiam seus feitiços assim, a menos que pretendessem usá-los. Ao que tudo indicava, tínhamos virado seus alvos. Droga.

— Passeios de vassoura estavam na promoção esta noite? — zombou Faris, esquivando-se para dar espaço a si mesmo para se defender ou para se preparar para correr. Se ele fugisse, eu o mataria.

Os bruxos não se moveram.

— Posso ajudar? — perguntei com um tom firme e forte enquanto acessava o poder do meu anel. — Estou a serviço da Corte. Eu não sabia que eles enviariam reforços. Porque é isso o que vocês são, certo?

Juntos, os três bruxos se moveram para dentro da cozinha com as mãos abertas, preparando qualquer feitiço sombrio que pretendiam usar em nós.

Levantei uma sobancelha.

— Vou entender isso como um não. — Cerrei os dentes, sentindo minha raiva aumentar com a memória dos humanos mortos. — Quem são vocês? — Esperei por uma resposta. — Por que se esconder sob esses capuzes, a menos que estejam com medo de serem descobertos? — perguntei.

Nenhum deles respondeu.

— Por que vieram aqui? Para se vangloriar? Saborear as mortes que causaram com seu vírus?

Desgraçados doentios.

— Se querem lutar, acatarei o pedido — comentei sorrindo enquanto me movia. Minha pele zumbiu com o poder do meu anel, iluminando-se com a minha vontade. — Faz algum tempo desde que tive uma boa luta com um bruxo.

O último contra o qual lutara estava nu. Pelo menos esses caras estavam vestidos, o que era um alívio. Era sempre melhor manter suas partes privadas escondidas.

— Você não deveria ficar metendo o nariz em nossos negócios, Samantha Beaumont — disse um deles. Sua voz era masculina e jovem, talvez tivesse vinte e poucos anos. Ele falava com um sotaque americano, embora eu não o reconhecesse. Sua cabeça se moveu em direção a Faris. — Especialmente alguém com um amante demônio. Qual é o problema? Não consegui encontrar um bruxo para lhe satisfazer?

Ri.

— Ele é meu familiar idiota.

A entidade abriu os braços.

— Farissael a seu serviço, *vadias* — ele entoou.

Meu sorriso se alargou. Talvez tê-lo comigo não fosse uma má ideia, afinal.

— Mas devo insistir que não toquem em sequer um fio de cabelo da minha bruxa — disse o demônio intermediário, fazendo-me estremecer ao ouvir a palavra “minha”. — Se a machucarem, serei obrigado a retribuir o favor — concluiu. Sua voz trazia a promessa de dor e de morte.

Se eu não o conhecesse, estaria tremendo. Infelizmente, não senti medo vindo dos bruxos. Na verdade, eles estavam nos olhando como se não fôssemos nada além de alvos fáceis, não

ameaças. Eu não gostava do fato de que sabiam meu nome quando eu sequer tinha ideia de quem os homens eram.

— Que tal se identificarem, assim, talvez meu amigo e eu possamos pensar em pegar leve com vocês. — Sim, como se isso fosse acontecer. Depois do que eles fizeram, mereciam um mergulho no meu caldeirão fervente. — Se não me disserem seus nomes, vou ter que inventar alguns.

— Foi um erro você vir aqui — disse o mesmo bruxo, erguendo as mãos numa demonstração de magia e poder. — Um erro muito grande.

— Uau. Estou tremendo como gelatina — zombei, balançando a parte superior do meu corpo. — É um pouco apertado aqui na cozinha para um duelo. Que tal irmos para a área de jantar?

— Você não pode nos parar, Samantha — continuou o bruxo, falando como se me conhecesse. — O vírus não pode ser contido por sua magia. É tarde demais. Não pode parar o que já começou.

Certo.

— Claro, otário. Posso chamá-lo de otário? Obrigada. — Eu respirei, girando minha magia entre meus dedos. — Veja só, você matou algumas crianças com seu vírus e eu não consigo deixar isso passar. Ninguém as machuca na minha cidade. Ninguém. Nem mesmo bruxos.

Diante da declaração, os três bufaram, irritando-me ainda mais. Então, eles se aproximaram de nós.

— Pelo roçar dos meus polegares, algo perverso está por vir — Faris entoou a frase de Shakespeare com um sorriso cruel no rosto, parecendo animado com a possibilidade de lutar contra alguns bruxos.

No momento seguinte, o trio atacou. Três bolas de fogo de magia verde voaram em minha direção.

— *Murus!* — gritei, erguendo minhas mãos.

Uma parede de energia azul surgiu diante de mim. As três bolas verdes atingiram meu escudo protetor com uma explosão estrondosa, fazendo-me pular para trás. O chão aos meus pés tremeu, então, minha parede caiu.

Ah. Merda. O feitiço deveria ter resistido um pouco mais.

Os bruxos riram e suas risadas me gelaram até a alma. Quem eram esses caras?

Um latim cuidadosamente pronunciado foi proferido por eles enquanto seus dedos pingavam com magia esverdeada. O ar estava espesso com enxofre, o cheiro da magia negra. Mal tive tempo de piscar quando outra bola verde mortal foi lançada em mim.

Faris saltou para o lado, murmurando em uma linguagem sombria e demoníaca. Ele estendeu as mãos e um fio de escuridão atingiu a bola de fogo verde, que explodiu em faíscas negras. Em um movimento incrivelmente rápido, o demônio intermediário disparou para a frente, arremessando uma bola negra no bruxo mais próximo. O homem gritou ao ser atingido, caindo de costas no chão e desaparecendo sob os escombros de cadeiras e mesas.

Sorri.

— É isso que acontece quando você acha que pode superar um demônio intermediário.

A adrenalina me atingiu com força. Era minha vez.

Movi uma mesa para o lado certo. Ela caiu de lado com um estrondo alto.

— *Fulgur cordis!* — gritei, sentindo eletricidade azul espiralando dos meus dedos antes de lançá-la em um dos bruxos.

Latim voltou a jorrar de seus lábios. Ele levantou as mãos, pegando meu fio de eletricidade entre elas.

Minha boca se abriu.

— Tá. Truque legal.

O mesmo bruxo manipulou a energia com as mãos, torcendo-a e juntando-a até que os fios se tornassem uma bola. Ele me fitou, em seguida, atirou minha própria magia de volta contra mim.

Merda.

Joguei-me no chão, sentindo o ar escapar de mim ao atingir o azulejo duro. A bola de energia azul explodiu acima de mim, atingindo uma parede dos fundos. Olhei para cima e vi Faris rindo como um louco. Ele encarava um dos bruxos das Trevas.

— É tudo ou nada, saco de pancada.

O demônio atacou. Seus movimentos eram rápidos como um borrão. Ele era muito arrogante. Eu só conseguia ver um bruxo. Onde estava o outro? Será que Faris o havia matado?

Uma forma se materializou atrás da entidade, como um fantasma se solidificando.

— Faris, atrás de você! — gritei quando o bruxo apareceu como se tivesse acabado de ser transportado por uma cápsula do *Star Trek*.

Farissael girou. Infelizmente, não foi rápido o suficiente. Fios verdes o atingiram. Com dentes à mostra, o rosto do demônio se contorceu de dor quando ele cambaleou para trás. O cheiro de enxofre foi substituído pelo aroma de carne queimada. Um grito de dor ecoou da garganta da entidade intermediária.

— Seus desgraçados!

Rosnando como uma fera, coloquei-me de pé e senti minha raiva alimentar minha magia até que tudo que eu via era morte e destruição. Eu ia gritar esses desgraçados e suas capas pretas.

Com um feitiço pronto em meus lábios, pulei em direção ao mesmo bruxo que atacara Faris. Ele levantou a cabeça ao notar a minha aproximação.

Impus toda a minha energia no encantamento e gritei:

— *Tollunt!*

Uma mesa foi arremessada em direção ao homem desavisado com a força violenta de uma bala de canhão, colidindo com a parede. O maldito bruxo havia desaparecido como o mágico Houdini novamente.

Droga. Feitiços de desaparecimento ou teletransporte eram magia *hardcore*. Eles levavam anos para serem aperfeiçoados, especialmente se você não queria reaparecer com apenas metade do seu corpo e nunca saber o que aconteceu com a outra metade. Encantamentos assim exigiam muito poder bruto e muito conhecimento. Quem quer que fosse esses bruxos, tinham uma magia muito avançada.

Senti o ar se mover atrás de mim, levantando os pelos da minha nuca. Ah, até parece.

Girei, puxando minha magia, e estendi minhas mãos enquanto gritava:

— *Feurantis!*

Uma bola de fogo atingiu o bruxo no peito. Ele soltou um grito de surpresa quando cambaleou para trás, chamuscas amarelas e

alaranjadas subindo alto sobre sua cabeça. O homem bradou uma palavra latina que eu não conhecia antes de cair no chão. O cheiro de cabelo queimado logo encheu meu nariz.

— Sua vadia — disse uma voz jovem e cruel conhecida.

Ergui meu olhar, vendo o último bruxo à minha frente. Seus ombros estavam rígidos de tensão. Ele parecia furioso. Bom. Éramos dois. Agora era nossa vez.

Dei-lhe um sorriso.

— Sim, sou eu. A vadia que vai chutar sua bunda horrorosa.

Vislumbrei Faris tentando ficar de pé com a ajuda de uma parede.

— Como eu lhe disse antes — entoou o bruxo, a raiva enlaçando suas palavras —, isso é só o começo. Nós só usamos um pouco do nosso poder. Quando o utilizarmos com força total, você vai sentir

Eu não podia ver seu rosto, mas jurava que ele estava sorrindo.

— Fantástico. — Fixei meu olhar nele enquanto meu ódio escorria pelos meus poros. — Vamos lá, otário — ofeguei, plantando meus pés à medida que concentrava toda a minha energia no meu anel.

O bruxo soltou uma risada.

— Seu anel mágico é inútil.

— Diga isso ao seu amigo que eu acabei de f ritar

— Anéis mágicos são uma trapaça. Não é magia de verdade. — Ele balançou a cabeça em um movimento lento e condescendente. — Você é patética.

Dei um sorriso maior, sabendo que estava começando a irritá-lo.

— Eu sou incrível.

Um rosnado escapou do bruxo.

— Adeus, Samantha Beaumont — ele disse em um tom conclusivo.

Eu não ia esperar que ele atacasse primeiro. Não era burra.

Estendi minha mão direita para frente.

— *Hasta Feuro!* — Lancei o feitiço, concentrando-me em moldar a força que liberei. Um fogo amarelo-alaranjado em forma de lança disparou da minha mão estendida em direção à cabeça do bruxo.

O homem pronunciou algo em latim novamente. Com um movimento de seu pulso, ele atirou minha linda lança na parede ao

seu lado. Meu feitiço explodiu em uma onda de choque que levantou poeira e pedaços de *drywall* como uma tempestade de neve.

Felizmente, eu já estava esperando por isso.

Assim que ele sacudiu o pulso, lancei outro feitiço.

— *Involuta!*

A energia explodiu de minhas mãos. Fitas de fogo azuis e brancas envolveram o bruxo, amarrando firmemente seus braços contra seu corpo e o aprisionando como um laço mágico.

Agora que ele estava preso, era hora de conseguir algumas respostas.

— Por que está fazendo isso? — ofeguei, avançando. — Vocês três estão seguindo ordens ou só queriam ter mais emoção na vida e inventaram essa merda sozinhos? Se bem que isso me surpreenderia... Para quem vocês trabalham? — Limpei um pouco de poeira dos meus olhos. — Desembucha aí.

O bruxo abaixou a cabeça. Energia azul e branca dançava ao longo dos fios que o envolviam. Por um momento, pensei que ele ia desmaiar, mas, então, o sujeito começou a rir. Era um tipo de risada doentia e perturbada que soava notavelmente como uma hiena. Com um estrondo gigantesco, o homem rompeu meu laço mágico como se ele não passasse de fita de papel. A energia caiu aos seus pés, transformando-se em cinzas.

— Isso é tudo que você sabe fazer? — Ele riu. Sua linguagem corporal era equilibrada, confiante e mortal.

Pela primeira vez, senti medo. Como eles tinham ficado tão fortes? O poder que emanava deles não parecia ser magia demoníaca emprestada, mas eu poderia estar errada. Não seria a primeira vez.

Está bem então.

Em uma explosão de velocidade, o bruxo veio até mim, sua capa preta ondulando atrás dele como asas de morcego gigantes.

Estendi as mãos.

— *Paralyticus!*

O poder saiu do meu corpo com um estrondo, atingindo-o. O bruxo congelou no meio do passo, com as palmas estendidas, a apenas um metro e meio de distância de mim. Ele estava congelado, rígido como uma estátua.

Peguei você, seu desgraçado.

O ar mudou com um estalo, em seguida, uma explosão verde me atingiu no estômago. A dor explodiu no meu peito enquanto eu caía para trás. Minhas entranhas queimavam como se estivessem se liquefazendo. Porra. Isso doía.

Gritando, o bruxo se lançou contra mim. Apoiando-me no chão, tentei levantar minhas pernas para lhe atingir com um golpe, mas não consegui senti-las. A dor tomava conta de meus pensamentos. Estava caída e, pior, não conseguia me concentrar.

Deus, como doía.

O bruxo me prendeu no chão com os joelhos pressionados nas minhas costelas.

— Bruxa — ele sussurrou, agarrando meus ombros enquanto seu hálito quente e rançoso me agredia. — Desista, Samantha. Não conseguirá vencer. Por mais que tente, não fará diferença no final. Eu vou gostar de ver a luz desaparecer de seus olhos.

O resto do meu ar deixou meus pulmões. Olhei para cima e pisquei, vendo dois olhos verdes brilhantes.

— Vai se foder — rosnei, tentando sentir meus braços e pernas, mas eles não responderam. Eu não conseguia respirar. O desgraçado ia me matar.

— Como quiser.

Trabalhando rápido, o homem moveu os lábios e um latim ininteligível saiu de sua boca. Talvez fosse apenas ininteligível para mim porque minha mente estava nublada demais para entender. Um vento aumentou, jogando meu cabelo contra meu rosto e em meus olhos. Eu ia morrer.

Assisti à cena como se estivesse em câmera lenta, vendo-o chamar sua magia. Pisquei. De repente, fios negros explodiram, acertando o bruxo. Ele foi arrancado de cima de mim e jogado do outro lado da sala.

Respirei fundo e rolei bem a tempo de vê-lo voar pela abertura da cozinha, batendo em uma das mesas da sala de jantar. Ele gemeu e se debateu fracamente ao passo que espirais de magia demoníaca saíam de suas vestes como fumaça. Embora eu não pudesse ver, tinha a sensação de que sua pele estava queimando. Pouco depois, o sujeito ficou imóvel.

— Samantha.

Olhei para cima, vendo o demônio intermediário preocupado e parado bem acima de mim.

— O que foi? — Eu tossi, sentindo meus braços e minhas pernas formigarem à medida que o fluxo de sangue voltava para eles. Meu peito doía demais. — Nunca viu uma bruxa levar uma surra antes? Seja um bom familiar e me ajude a levantar — exigi, com minha mão estendida no ar.

Sorrindo, Faris me pôs de pé.

— Como está se sentindo? Você levou uma baita surra.

— Assim como você. — Cambaleei, equilibrando-me. Eu não queria cair de bunda. — Não se preocupe comigo. Estou bem.

Na verdade, não estava. Minhas entranhas pareciam ter passado por um moedor de carne. Ainda assim, senti-me um pouco melhor e aliviada ao ver Farissael inteiro.

— Conhecia esses bruxos? — perguntou o demônio intermediário, saindo da cozinha e seguindo em direção ao sujeito morto na sala de jantar. — Eles sabiam seu nome.

— Não. Mas estou morrendo de vontade de dar uma olhada nos rostos desses desgraçados. Pelo menos agora podemos identificá-los.

Limpei um pouco da sujeira sobre o meu *jeans*. Eu tinha vindo aqui para obter algumas respostas. Com os corpos, poderíamos finalmente descobrir quem eram e, possivelmente, para quem estavam trabalhando.

— Hum... Sammy, querida — disse Faris. — Acho que podemos ter um problema.

Virei-me, vendo a entidade segurando uma capa preta ainda fumegante. Carrancuda, cambaleei para frente o mais rápido que minhas pernas me permitiram. Olhei para o chão.

— Onde está o corpo? Eu o vi cair.

Faris deu de ombros.

— Minha magia não teria destruído o corpo do bruxo completamente. Haveria algumas cinzas e ossos deixados para trás. Parece que eles nos enganaram e foram embora.

Uma sensação fria percorreu minha espinha.

— Merda.

Manquei até o outro bruxo que Faris havia “matado”. Tinha o visto cair sob os escombros das cadeiras e mesas da sala de jantar. Uma capa estava amassada no chão ao lado de uma cadeira. Não havia ninguém ali. Nada do homem abatido.

Pelo caldeirão, o que estava acontecendo?

— Nada aqui também — disse Farissael, erguendo a última capa. — Parece que esses desgraçados são mágicos, não bruxos.

Soltei um suspiro frustrado.

— Vamos encontrá-los novamente. Não há muitos bruxos com esse tipo de magia. Não deve ser muito difícil rastreá-los. Pelo menos ainda temos a amostra do vírus.

Com dificuldade, fui até o fundo da cozinha, até a mesa onde deixara minha bolsa e a amostra do vírus.

Senti o sangue sumir do meu rosto.

— Ah, inferno, não.

— O que foi? — Faris correu até mim.

Eu não olhei para ele. Não conseguia tirar os olhos da mesa.

— Já era — falei. — Eles levaram o orbe de vidro.

— **E**u estou ótima — resmunguei, remexendo-me na cadeira.
— Nem foi tão ruim assim. Não foi nada. Sinto-me ótima.
Diga a eles, Faris.

À minha frente, o demônio intermediário ergueu as mãos em rendição.

— Pode me deixar ficar assim. — Ele apertou as palmas em torno de sua bebida. — Porém, se é para ser sincero... na minha humilde opinião, deveria deixar seu avô cuidar de você.

— Traidor.

Fiz uma careta, deixando minhas mãos caírem no balcão da ilha. Isso era desesperador

— Você deveria ouvir seu familiar, Samantha — concordou o mais velho enquanto mexia o conteúdo da panela no fogão com uma colher de pau.

— Eu estou me sentindo bem. Por que não me deixa fazer um sigilo de cura? Leva dois minutos. No máximo.

E não vai ter um gosto tão ruim.

— Isso é melhor. Vai durar mais tempo e encher seu corpo com a nutrição adequada de que ele precisa para se curar.

Suspirei. Vendo como ele estava dedicado, não tive coragem de pedir que parasse.

— O feitiço que o bruxo usou em mim não durou tempo suficiente para causar algum dano real. Além disso, preciso continuar meu trabalho.

Eu tinha ido buscar pistas e informações para a Corte, mas voltara de mãos vazias. *Que ótima detetive você é, Sam.*

— Samantha Beaumont. Você não está em condições de continuar com nada no momento. — Gordon se virou, ameaçando-me com sua colher. — Está me ouvindo?

— Tenho escolha?

— Não dê uma de espertinha.

Meu avô polvilhou um pouco de sálvia branca, tanaceto e astrágalo na panela fervente do fogão. Então, adicionou um punhado de raspas de gengibre na mistura. Ele estava com o mesmo par de calças cáqui e camisa azul-marinho que eu o vira usar antes de partir para o Santuário das Sombras. Seu cabelo rebelde de sempre estava domado, com menos volume. Parecendo levemente irritado, vovô arrastou os pés contra o chão de ladrilhos. Se não fosse pelo par de chinelos bordados em seus pés, ele pareceria estar pronto para um encontro.

O mais velho se virou, gesticulando com a colher de pau para mim novamente.

— Além do mais, estes não são bruxos normais. Um bruxo comum não sabe elaborar um feitiço de teletransporte. Esse tipo de encantamento é um dos mais difíceis de executar. Apenas os melhores aprendizes e os incrivelmente tolos têm coragem de pô-lo em prática. Eu, por exemplo, nunca fiz e nunca pretendo. Prefiro manter todas as partes do meu corpo exatamente onde estão, muito obrigado. — Ele se virou e começou a mexer a panela. — Stan Turner tentou um feitiço de teletransporte em 1983. Se não me engano, o homem ainda está procurando por suas pernas.

Apertei os lábios, tentando não sorrir.

— Infelizmente, agora temos três bruxos que podem se teletransportar na hora que quiserem. — Eu invejava esse tipo de foco e magia, mas não era boba. Não arriscaria minha vida apenas para me exhibir. — Nunca vi esse tipo de controle antes. Foi impressionante.

Meu avô sacudiu a cabeça.

— Acha que arriscar sua vida com um feitiço é impressionante? Não seja tola, Samantha. Esse tipo de poder não vale a pena. *Nunca vale a pena.*

Enruguei o nariz com o cheiro azedo vindo da panela.

— Não precisa se preocupar. Eu não vou tentar um feitiço de teletransporte. Não sou idiota. Contudo, esses caras eram muito poderosos, algo pelo qual eu não esperava — comentei, lembrando-me do lampejo de dor que vira no rosto de Faris.

Eles tinham poder suficiente para ferir um demônio intermediário. Um bruxo comum não poderia derrotar uma entidade demoníaca como Faris sem alguma ajuda mágica adicional. Então, onde foi que eles tinham conseguido uma magia como aquela?

Um pensamento me ocorreu.

— Faris — falei, virando-me em sua direção. — Os demônios têm sua própria versão de feitiços de desaparecimento e de teletransporte, certo? Eu vi você desaparecer antes e outros também. E não estou falando sobre círculos e triângulos de invocação. Falo das versões *Star Trek* de desaparecimento.

O demônio puxou as mangas para baixo sobre os pulsos.

— Os novos filmes dessa franquia estão ótimos, por sinal — falei. — Nossa magia é diferente. Embora o poder de vocês derive do nosso, já que, tecnicamente, são nossa descendência, não somos mortais. Nossa fisiologia é muito diferente. Nossos corpos não são feitos do mesmo material frágil. Não corremos o risco de perder nossas vidas ou partes do corpo com um simples feitiço de transporte. Seria ridículo. Mas as bruxas são muito deficientes em manipulação mágica.

— Muito deficientes, até parece — protestou meu avô. Seu rosto se contorceu de raiva. Ele moveu a colher na direção da entidade como uma adaga, jogando gotas de poção por todo o chão da cozinha. — Melhor se cuidar, demônio. Lembre-se de que sei fazer o feitiço que transporta sua bunda de volta para a sua pátria — ameaçou com seus olhos arregalados e maníacos. — E não há nada de muito deficiente nele.

Faris ergueu o copo.

— Bom ponto, velho.

Inclinei-me para frente no balcão.

— Acha que um demônio poderia ter emprestado algum poder ou um feitiço para que eles pudessem fazer isso? Faria mais sentido para mim do que considerar a possibilidade de que existem bruxos

jovens com poder suficiente em seu sangue para conjurar feitiços tão sombrios e perigosos.

Além disso, se fossem prodígios, eu já teria ouvido falar sobre eles.

— É possível. — Faris tomou outro gole de sua bebida, bochechando-a antes de engolir. — Embora os pedidos mais comuns sejam o clichê da vida eterna, riqueza incalculável e, às vezes, conhecimento ilimitado. — Com uma das mãos, o demônio fez um gesto de interrogação. — Se esse fosse caso, eles teriam dado algo extremamente valioso em troca. E todos nós sabemos o que os demônios mais amam — adicionou com um sorriso conecedor, fazendo-me estremecer

— Almas — respondi, recordando de como Vorkol pegara um pedaço da minha.

— Exatamente. — Faris passou os dedos pelos cabelos em um gesto muito mundano. — Com suas almas como pagamento, os bruxos poderiam facilmente usar uns truques de *Star Trek* sempre que quisessem.

Minha pressão subiu e a dor em meus membros pulsou.

— Será que poderiam ter conjurado o vírus com a ajuda de um demônio?

Meu avô se virou, encarando Farissael como se, de alguma forma, ele fosse o responsável.

As feições bem barbeadas da entidade azedaram.

— Tudo é possível, Sammy, querida.

Droga. Isso era péssimo. Se o trio tinha um monte de poder demoníaco ao seu alcance, então era muito pior do que eu pensava. Seria preciso um exército bruxo para derrotá-los. Contudo, primeiro, eu tinha que encontrá-los antes que eles decidissem lançar outra doença mágica ou algo pior.

Encolhi-me ao sentir uma pulsação de dor no meu braço, que enviava pequenas pontadas até meus dedos.

— Eles foram muito cuidadosos em esconder suas identidades. Três bruxos das Trevas com tal tipo de magia não podem ser tão difíceis assim de encontrar. Apesar de não ter conseguido ver seus rostos, estou certa de que um deles não era mais velho do que eu.

Talvez seja mais jovem. Além disso, eram todos homens. Quem sabe, eles não se deem bem com as mulheres.

Faris fez um ruído de desaprovação. Seu rosto mudou. Com um olhar astuto e satisfeito, disse:

— São eles que saem perdendo. Pode confiar as mulheres são *ótimas*.

Meu avô lançou um olhar de aprovação ao demônio. Eu quase me engasguei com a própria saliva. Se esses dois estivessem se unindo, eu poderia acabar precisando de uma bebida bem forte também.

Meu olhar encontrou o de Faris e ele me deu uma piscadela. Ai, ai.

— Seja qual for a desse clubinho de bruxos, até agora, só conhecemos três deles. — Esfreguei meu braço. — Tem que ter mais. Não podem ser só os que vimos.

Gordon parou de mexer a poção.

— Está dizendo que há mais bruxos como eles?

Assenti.

— Tenho certeza. Acho que aqueles eram os mensageiros. Outra pessoa está dando as ordens. — Inclinei-me para frente. — Sei um pouco sobre feitiços de teletransporte. Se não me engano, o bruxo que o realiza precisa carregar seu corpo de um lugar para outro e esse outro lugar precisa ser ancorado com alguma marca dele. Caso contrário, acabará como seu amigo Stan. Além disso, a distância entre os dois locais não pode ser tão grande. No máximo alguns quilômetros, se minha memória não me falha. O bruxo não pode simplesmente reaparecer na África ou na China.

— Então, acha que eles ainda estão na cidade? — Faris serviu uma quantidade generosa de gin em seu copo, levou-o aos lábios e tomou um grande gole.

— Sim — respondi, desejando poder tomar um copo de vinho em vez de esperar para beber o veneno que meu avô estava fazendo para mim. Só pelo cheiro de ovos podres que agora impregnava a minha pele, podia prever que o gosto seria ainda pior. — Eles estão em algum lugar por perto. Um ponto de encontro secreto. Um local onde todos podem se reunir.

Os bruxos pareciam ser muito reservados, portanto, duvidava que deixariam qualquer um entrar em seu clube de aberrações. Todavia, eu os encontraria e, então, fritaria aqueles assassinos.

— Um punhado de maníacos em nossa cidade. — Meu avô deixou seus ombros caírem. — São tempos muito difíceis. E o vírus? Você acha que poderia encontrar mais?

— Eles pegaram a única amostra que sobrou — falei, esfregando meus dedos dormentes e reprimindo um arrepio. Os bruxos das Trevas se certificaram de que não houvesse mais nada para encontrarmos. Aqueles desgraçados eram minuciosos, eu tinha que admitir.

A ideia de que poderosos bruxos estavam vagando e infectando humanos com um vírus mágico mortal era perturbadora. E eu ainda não sabia que motivo eles tinham para fazer isso. Nada do que acontecera esta noite me dera mais informações a respeito disso. Eles tinham sido cuidadosos, garantindo que não houvesse vestígios do vírus para parecer que tudo não passara de um surto aleatório. Fora um movimento calculado e certo. Eu só tinha que descobrir o que os motivara a cometer o crime.

Olhei ao redor, sentindo que algo estava faltando.

— Onde está Poe? Não o vejo desde que voltei.

Meu avô provou sua poção, sua mandíbula se contraindo enquanto fazia uma careta.

— Não o vi o dia todo. Provavelmente está roubando mais colares e anéis mais uma vez. Aquele corvo vai acabar desfamiliariizado até o final da semana se você não impuser limites. Eu já disse isso antes e vou dizer de novo. Precisa controlar seu maldito pássaro.

Balancei a cabeça.

— Poe faz o que quer. — Era verdade. Ele sempre fizera o que queria desde o primeiro dia em que nos unimos como bruxa e familiar — E eu também não vou *controlá-lo*. Ele não é um animal de estimação.

Ou um escravo...

— Aquele corvo também não é um familiar — disse meu avô. Eu o encarei com raiva. — Nunca foi.

Faris voltou sua atenção para mim, mas eu não olhei em sua direção. Meu peito se apertou. Odiava admitir, contudo, vovô estava certo. Eu queria que Poe fosse meu familiar até meu último suspiro, como qualquer bruxa, mas eu estava mentindo para mim mesma. Ele ia me abandonar.

Surpreendi-me ao conseguir conter o choro. Talvez, no fundo, sempre soubesse que um dia a ave me deixaria. O corvo sempre foi muito selvagem, muito desafiante e rebelde. A verdade era que Poe estava se afastando de mim e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

— Gordon, eu achei! — Uma bruxa entrou agitada na cozinha. Seu longo cabelo branco estava uma bagunça, despenteado até os quadris. Ela usava um vestido cinza simples de mangas compridas que enfeitava as bordas de seus pés descalços. Seu corpo era um equilíbrio perfeito de curvas e seu rosto, embora enrugado e manchado, ainda mantinha beleza e força.

Ela olhou para mim, sorrindo. Era um sorriso largo e contagiante. Sorri de volta.

Era estranho observá-la daquela forma, totalmente vestida. Era quase como se eu a estivesse vendo pela primeira vez, agora, com os olhos abertos. A imagem de seu corpo flácido, enrugado e bem nu ainda estava, contudo, impressa na parte de trás das minhas pálpebras.

Esta era a segunda vez que via Charlotte. Normalmente, meu avô não ia a mais de um encontro com uma bruxa. O fato de a mulher estar de volta significava que ele gostava dela; que *realmente* sentia algo pela bruxa. Eu estava feliz por ele. A vida era muito curta para passá-la sozinho. Todos deviam ficar ao lado de alguém com quem se importam.

Tamborilei meus dedos no balcão. O rosto de Logan apareceu na minha mente. Eu não sabia por que estava pensando nele em um momento como este. Não fazia sentido. Talvez a explosão mágica do bruxo realmente tivesse afetado meu cérebro. Assim que havíamos retornado, eu checara meu celular, sendo recompensada com uma bufada impaciente de Faris.

O nascido-anjo não tinha ligado.

Tudo bem. Afinal, não podia deixar meus sentimentos me atrapalharem agora. Muitas coisas estavam em jogo. A reputação das bruxas das Trevas era uma delas. Logo, os outros mestiços da comunidade ficariam sabendo e eu estaria lá quando isso acontecesse.

— Obrigado, Charlotte. — Meu avô sorriu quando pegou uma pequena caixa de suas mãos. Ele abriu a tampa e tirou o que parecia ser paus de canela antes de colocá-los na poção fervente. Então, mexeu a mistura com a colher algumas vezes. — Agora sim — anunciou. — Tudo pronto.

O mais velho pegou uma caneca do armário superior e a encheu com o líquido quente. Charlotte estava ao lado dele com um pano, pronta para limpar qualquer gota que escorresse.

— Beba tudo, por favor — ele ordenou com as sobrancelhas baixas, parecendo pronto para discutir comigo.

Eu estava cansada demais para discutir. Peguei a caneca quente, cheirei e senti ânsia de vômito.

— Isso é nojento. Tem cheiro de galinheiro. — Encolhi-me, fazendo Faris rir alto. Que bom que ele estava se divertindo. — Ria de novo, bafode demônio, e eu vou fazer você beber uma caneca dessas logo depois de mim.

— Já tenho uma bebida, obrigado — disse a entidade.

Olhei para o líquido lamacento na minha caneca.

— Você bem que poderia ter colocado algo para disfarçar o cheiro.

— E estragar a poção? — Meu avô colocou as mãos nos quadris, parecendo-se muito comigo quando fazia tal gesto. — Não seja boba. Agora, beba. Você precisa ficar forte se quiser continuar investigando esses bruxos das Trevas.

Exalei antes de apertar o nariz com a mão esquerda.

— Saúde. — Engoli tudo em um gole só. Ainda bem. Se não o tivesse feito, não teria conseguido beber o resto. Soltei meu nariz, sentindo vontade de vomitar novamente. — O gosto é muito pior.

Ofeguei, corri para a pia e abri a torneira. Depois de enxaguar a boca ali mesmo, endireitei-me e limpei os lábios com as costas da mão. Minha pele formigou e eu senti uma onda de energia correr através de mim. Podia sentir o poder da poção se espalhando pelo

meu corpo, em meus braços e em minhas mãos, aguçando meus sentidos. Depois de um momento, o formigamento parou. Senti-me rejuvenescida e forte. A dor tinha ido embora.

Nada mal, Gordon.

— Obrigada, vovô — disse, dando-lhe um beijo na bochecha. — Tem gosto de merda, mas funciona como magia.

— Amém. — Faris ergueu a taça e o sorriso de meu avô desapareceu, seu cenho se franzindo imediatamente.

Agora que eu estava me sentindo como o meu antigo eu novamente, tinha coisas para fazer. Peguei minha bolsa e passei a alça sobre o ombro.

— Onde você pensa que vai? — perguntou meu avô em um tom incrédulo.

— Tenho que ir à Corte das Bruxas Sombrias para informá-los sobre a situação. Preciso contar o que descobri. É minha obrigação.

Isto é, se eu queria ficar com o dinheiro que recebera.

— Por que não envia um pombo mensageiro? — sugeriu Charlotte. — Dessa forma, pode ficar aqui e recuperar suas forças.

Que velhinha boazinha. Eu estava começando a gostar dela.

— Não posso. — Balancei a cabeça. — Eu tenho que falar com eles pessoalmente. Não posso arriscar que esse tipo de mensagem caia em mãos erradas. — Vi o rosto preocupado do meu avô. — Esses bruxos não estão agindo sozinhos. Não posso arriscar. Eu mesma tenho que ir.

— Sammy, querida — disse Faris, empurrando a cadeira para trás e se levantando. — Pode esperar mais cinco minutos? — Ele girou o conteúdo de sua bebida com o dedo. — Acabei de me servir outra dose. Eu odiaria desperdiçá-la.

— Não posso. E antes que você diga qualquer coisa — retruquei, apontando meu dedo —, quero que saiba que vai ficar aqui. Não comece. Familiares não são permitidos na Corte. Além disso, você nem está registrado. Já tenho bagagem suficiente com eles para fazer cinco viagens ao redor do mundo. Não preciso que também passem a fazer perguntas sobre você.

O demônio estreitou os olhos. Eu poderia jurar que estava com raiva por eu não querer que ele fosse comigo.

— Você vai sozinha?

— Sim. Volto antes que sintam minha falta.

Virei-me e corri para a orada cozinha antes que ele tentasse me convencer a levá-lo comigo. Os protestos do meu avô ecoaram em meus ouvidos quando bati a porta da frente.

Pingos de chuva caíam ao meu redor enquanto eu corria pela *Twilight Avenue*, o tipo de chuva com pingos grandes e espalhados que você só vê no outono. Cheguei à esquina da *Odin Boulevard* e segui para o sul. Minha bolsa balançava nas minhas costas enquanto eu me apressava. A chuva batia forte no meu rosto. Calor subia pelas minhas bochechas enquanto eu mexia as pernas mais rápido, motivo pelo qual passei a gostar da chuva fria contra minha pele. Não encontrei ninguém. O tempo parecia ter feito com que todos os mestiços ficassem dentro de casa. Fiquei feliz por isso.

Quando cheguei ao antigo teatro, parecia que tinha acabado de sair de um passeio a nado no rio Hudson. Excelente. Causaria uma impressão fantástica diante dos membros mais elitistas e respeitados da comunidade bruxa. Foi então que me lembrei de como eles tinham me tratado e sorri. Eles que se fodam. Uma entrada marcante era exatamente o que mereciam e mais um pouco. Eu ia deixar ótimas pegadas com minhas botas molhadas em seu lindo tapete vermelho.

Cortei a ponta do meu dedo, alimentei a gárgula com um pouco do meu sangue, deixando-o escorrer em sua língua, e passei correndo pela porta principal. A magia me atingiu. Senti o súbito formigamento das barreiras de proteção se fechando ao redor do prédio, mas não diminuí a velocidade.

Minhas botas batiam ruidosamente nas tiras de tapete vermelho enquanto corria pelo grande foyer, passando pela grande escadaria e indo em direção a outro conjunto de portas duplas com uma placa acima que dizia: MEZANI NO. Ali, eu parei. Esperei um momento para recuperar o fôlego, apertando a lateral do meu corpo para dar um jeito na câibra. Correr realmente não era meu forte. A Corte das Bruxas Sombrias não ia ficar feliz ao descobrir que eu tinha invadido sua sede sem um convite adequado; algo que era proibido em nossa comunidade. Era complicado.

Preparando-me, abri as portas duplas e entrei. Caminhei pelo corredor o mais rápido que minhas pernas podiam sem correr. O cheiro familiar de mofo de carpete velho me atingiu. O ar vibrava com magia negra. Centenas de castiçais ao longo das paredes iluminavam o teatro com um suave brilho amarelo, junto com um grande candelabro pendurado no teto que tinha três anéis de velas. Era um teatro grandioso, mas eu não estava aqui para apreciar sua arquitetura.

As portas atrás de mim se fecharam com um estrondo. As poucas bruxas à espreita nos corredores se viraram ao som da minha aproximação, mas eu continuei. Caminhei pela ligeira inclinação entre as fileiras de assentos. O palco ficou à vista, era lá que os membros da Corte das Bruxas Sombrias se sentavam e, dali, governavam nossa comunidade. Fui em direção a ele.

Uma figura vestida de cinza saiu das sombras, colocando-se no meu caminho. Parei antes de me chocar contra o homem. Ele era bom. Eu nem tinha percebido chegando. Observei-o. O sujeito parecia ser um bruxo comum de meia-idade. Seus olhos cinzas me diziam que ele não me aprovava nem um pouco. Isso seria divertido.

— James, não é? — eu disse, reconhecendo-o como o cachorrinho de Darius. *Aja com inteligência, Samantha. Fique calma.* — Preciso falar com a Corte. É urgente.

— Você não foi convidada — o sujeito respondeu com um tom cheio de desdém e de reprovação.

Agora, ele estava apenas sendo rude.

— Ouça, Jamesinho. Eu não quero machucá-lo, mas você não está falando as coisas para mim. Seja um bom cachorrinho e me deixe passar.

— Isso é uma ameaça? — James endireitou os ombros com as mãos estendidas ao lado do corpo, o que era a versão bruxa de um duelo de fardoeste.

Lancei-lhe um olhar frio.

— Você quer que seja?

Ah, por favor diga que sim.

— Já chega! — disse uma voz feminina do palco. — Deixe-a passar, James.

Sorri para o homem, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Bom menino.

Passei por ele e caminhei até o palco, lançando meu olhar rapidamente ao redor da mesa em meia-lua. Seis bruxos e bruxas das Trevas vestidos de preto estavam sentados ali. Reconheci a maioria deles. A velha careca era a secretária da Corte das Bruxas Sombrias, Magda Ratson. Seu corpo frágil curvado era enganoso, pois a mulher era tão afiada quanto os outros. Eu nunca descobrira os nomes das outras duas bruxas. Uma era tão velha quanto Magda. A única diferença era que ela tinha a cabeça cheia de cabelos pretos. A outra era mais jovem, roliça com a pele cor de café e cabelo preto curto e encaracolado.

Os bruxos, bem, era uma história diferente. Lá estava meu fã, Tran, com seu cabelo preto brilhante. Seus olhos escuros e amendoados se estreitaram ao me ver. O homem parecia absolutamente afetado com minha presença, então, pisquei para ele.

Meu olhar passou por Oscar Lessard — o bruxo de meia-idade com excesso de peso que me enganara ao me convidar para trabalhar para a Corte anos atrás —, pousando em um novo membro. Com ombros tão largos, ele tinha que ser do sexo masculino. Forcei meus olhos, tentando ver seu rosto, mas seu capuz estava puxado sobre sua cabeça, deixando seus traços escondidos nas sombras.

Então, eles tinham contratado um substituto para Darius. Que rápido. Por que a pressa? Será que era por causa do vírus?

Magda me pegou encarando o novo membro.

— Samantha, gostaria de apresentá-la ao nosso novo Superintendente da Corte das Bruxas Sombrias. Este é Arthur Barlow.

O homem tirou o capuz e a sala começou a girar.

Não reconheci o nome, mas mesmo que eu não tivesse visto seu rosto em mais de dezessete anos, nunca o esqueceria. Era o rosto do homem que tentara me queimar viva.

O novo Superintendente da Corte das Bruxas Sombrias era meu pai.

Sabe aquele efeito cinematográfico em Vertigo de Alfred Hitchcock? Aquele em que a câmera recua e aumenta o zoom ao mesmo tempo, deixando você com uma sensação de vertigem? Eu estava tendo um momento desses.

Fiquei parada por um momento, esperando que a sensação passasse. Infelizmente não foi isso que aconteceu. O chão tremeu aos meus pés, fazendo-me sentir mal. Lá estava ele, o homem que tentara me matar: meu próprio maldito pai, sentado na minha frente com um sorriso presunçoso no rosto e um novo nome.

Ele parecia o mesmo, exceto por alguns quilos extras e um pouco de pele solta ao redor de seus olhos e de suas bochechas. Seu couro cabeludo aparecia através de seu cabelo loiro curto. O sujeito tinha uma barba curta e eriçada que cobria sua boca e suas bochechas. Ele possuía olhos azuis pequenos e estreitos que ficaram ainda mais apertados enquanto eu o observava.

Pensamentos e emoções giraram através de mim, fora de controle, como uma tempestade de inverno me atingindo com neve e chuva congelada de uma só vez. Minha cabeça latejava, como se alguém estivesse batendo nela com um taco de beisebol. Minha mente pintou uma imagem horripilante da terrível noite que acontecera muitos anos antes. As memórias me atingiram como uma onda, chocando-se contra mim. Eu não conseguia respirar. Estava me afogando.

A lembrança da minha experiência de quase morte voltou violentamente: o fogo, minha voz gritando “Papai! Papai! Pare!”, o medo absoluto, as lágrimas e, depois, a dor excruciante quando as chamas lamberam e devoraram minha pele. Tudo tinha voltado. Eu nunca poderia realmente esquecer uma dor assim. Quase podia sentir o cheiro rançoso da minha própria carne queimada. A dor ainda estava em meu peito, fresca e perpétua. Ela nunca me deixaria. Não até que ele estivesse morto.

Um poço de raiva surgiu, selvagem e ondulante. A emoção exigia libertação. E, ah, era isso que ela teria.

Por que diabos ele estava aqui? Por que possuía um assento na Corte? Eles não sabiam quem o maldito era? Todos os membros haviam enlouquecido ou o homem os enfeitara?

Olhei nos olhos do meu pai, vendo o desgraçado sorrir do meu desconforto. Sim, tudo bem, talvez ele tenha me pegado de surpresa, mas eu não era mais uma garotinha. Era adulta e forte. Havia também a questão da minha promessa; a que eu tinha feito todos aqueles anos atrás. Eu havia prometido a mim mesma que, se o visse novamente, iria matá-lo.

Eu nem tinha percebido que tinha acessado meu anel de sigilo, seu poço de poder, até que senti meu cabelo se levantar lentamente dos meus ombros enquanto a energia bruta serpenteava por mim. Mal estava consciente do passo que dei à frente.

Eu vou matá-lo, seu desgraçado.

Meu pai, ou melhor dizendo, Arthur Barlow, falou:

— É bom finalmente saber como é o rosto da bruxa de quem tanto ouvi falar — Seu sorriso diminuiu com o que viu no meu rosto.

Encolhi-me ao ouvir sua voz, sem saber por quê. Foi uma reação involuntária; uma que só me deixou ainda mais irritada. Exalei lentamente e um rosnado feroz me escapou. *Você está morto*, disse a ele com meus olhos. *Morto. Morto. Morto.*

Dei mais um passo à frente. Dentro de mim, minha fúria crescia e uivava. Meus dedos tremeram em antecipação e minha magia permaneceu como uma linha fina se estendendo sobre eles. Eu queria gritar, chutar e socar sua cabeça. Queria arrancar seu coração com minhas próprias mãos e, depois, pisar nele.

— Arthur pediu especificamente que você trabalhasse no caso do vírus — continuou a velha bruxa Magda.

Ah, pediu?

— Samantha — continuou a velha, alheia ao meu tumulto interno. — Ouvi você dizer a James que tinha alguns assuntos urgentes para discutir conosco?

Dei outro passo à frente com meus olhos fixos no impostor. A raiva havia se expandido dentro de mim, fazendo pressão e se deformando em algo feio e primitivo. As emoções eram muito úteis na magia, como um impulso de adrenalina. Medo, raiva, indignação e amor... eu já tinha utilizado cada uma delas como fonte de força em uma luta.

O sangue latejava em meus ouvidos. Dei outro passo.

Vou fazê-lo sentir a dor que eu senti. Depois, vou ver você morrer.

— Samantha? — exclamou Magda. Sua voz afiada me deixou sóbria.

Congelei, conseguindo dizer:

— Sim?

— Qual é o assunto urgente? — exigiu. — Tem alguma coisa a ver com esse vírus?

Desviei os olhos do meu pai, fitando a mulher

— Tenho novas informações.

— Informações que justifiquem que entre sem aviso prévio? — atacou Tran. — É melhor que sejam boas.

Em qualquer outro dia, eu adoraria discutir com o bruxo. Contudo, agora, só havia espaço em meus pensamentos para planejar a morte de meu pai. Ele tinha no rosto o sorriso confiante de um homem que sabia que encurralara seu oponente.

Se eu o atacasse agora, os bruxos da Corte retaliariam. Eu era boa, mas não tão boa assim. Não poderia derrotar a magia deles com apenas um anel, bem como não poderia derrotá-los sem revelar meu segredo ao mundo. Se eu o denunciasse, o sujeito contaria sobre minha habilidade especial. Sim, eu poderia argumentar que ele tentara me matar por causa dela. Porém, estava certa de que alguns dos membros da Corte tentariam me matar também. Não havia nada que eu pudesse fazer. Ele estava

protegido. Meu pai sabia que eu não podia arriscar. Desgraçado. O homem estava bem ali na minha frente, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Portanto, não tinha escolha a não ser entrar no jogo. Por enquanto...

A raiva ardeu em mim, mas eu a sufoquei.

— Tenho feito algumas pesquisas sobre o ocorrido. — Respirei fundo, preparando-me para o que estava prestes a revelar. — O que descobri foi que esse vírus mágico... não pode nos infectar. Nós, bruxas, somos imunes a ele. — Esperei que as informações fossem absorvidas.

Tran se inclinou para frente com o rosto franzido.

— O que quer dizer com isso? O que isso tem a ver? Que bom, não é? Não podemos ser infectados.

Claramente, o bruxo tinha o cérebro equivalente ao de um pardal. Não, espera. O pardal era mais esperto.

Olhei para Magda e para os outros bruxos, exceto para meu pai, vendo a percepção surgir na expressão de cada um deles.

— Tem tudo a ver com o vírus. — *Seu imbecil.* — Significa que um bruxo ou bruxa está por trás disso. Foi um de nós que criou o vírus e infectou os humanos com ele.

Seguiram-se os gritos esperados. A Corte explodiu em uma cacofonia de suspeitas, com as partes ofendidas alegando que eu era uma tola inexperiente, que havia ofendido a segurança da comunidade bruxa, que eu era negligente em meus deveres e com minhas investigações, etc.

Esperei até que se acalmassem.

— Somente um bruxo poderia manipular um vírus tão mágico e mortal.

— Que absurdo — gritou Magda com seus olhos pequenos em mim. A luz amarela das arandelas brilhava em sua cabeça lisa. — Isso é um absurdo. Você nos insulta com suas afirmações, Samantha.

As coisas estavam indo muito bem para mim esta noite. Não sei como eu ainda não tinha começado a dançar de alegria.

O sorriso que Tran me deu foi como se ele tivesse acabado de ganhar de mim no pôquer e roubado todas as minhas fichas.

— Viram só? Eu disse. Ela é um completo desperdício de nosso tempo e dinheiro. Ouçam só isso — o bruxo adicionou com sua voz fervendo de indignação enquanto apontava um dedo para mim. — Samantha é louca. Delirante. Devemos votar agora para tirá-la do caso. Temos outros recursos. Vamos usá-los e nos livrar dessa idiota de uma vez por todas.

Se eu estivesse de bom humor, teria saltado para o palco e cortado aquele sorriso do rosto de Tran.

Meu pai cruzou as mãos sobre a mesa.

— Você tem provas?

Merda. Eu ia ter que responder sua pergunta. Calma, Samantha. Você pode jogar este jogo melhor do que ele.

Mantendo meu rosto e minha voz isentos de emoção, falei:

— Voltei ao *Luke's BBQ & Grill* no centro da cidade para procurar evidências. Eu queria ver se estava certa sobre o vírus. Lá, fui atacada por três bruxos das Trevas.

Esperei um segundo e, mais uma vez, a Corte explodiu em gritos de indignação e descrença, embora não tenham durado tanto quanto o primeiro *show*. Como eu disse, bruxas... elas adoravam uma performance.

Só uma vez, só por uma única vez, eu gostaria de ter o benefício da dúvida. Porém, sabia que estava apenas me enganando. Eles tinham me dado um cheque gordo, portanto, tinha que continuar boazinha. Eu não queria fazer nada que pudesse comprometer meses de comida. Nem mesmo desfiguraro rosto de Tran ou o do meu bom e velho pai.

— Quem eram esses bruxos? — exigiu Magda. — Quero nomes.

Merda. Eu sabia que íamos chegar nesse ponto.

— Eles usavam túnicas escuras com capuz — informei. *Deus, que patético*. — Era impossível ver seus rostos. Pedi educadamente seus nomes, mas o trio se recusou a me dizer.

Um silêncio opressivo caiu sobre o teatro, permitindo-me ouvir cada batida do meu coração.

— Ela não tem nada — disse Tran. — Está brincando conosco. Vocês não conseguem ver? Esta é a sua forma de vingança. — Seus olhos escuros encontraram os meus. — Você está com raiva porque descobriu que não é tão boa quanto pensava que era e,

agora, quer deixar esta Corte e nossa comunidade em f renesicom suas mentiras.

— Não estou mentindo. — *Seu merdinha*. — Um bruxo criou esse vírus. Os f atos estão aí. Você não pode negá-los.

— Não podemos entregar esse caso ao Raynor? — a bruxa gorda, cujo nome eu não sabia, perguntou para Magda. — Raynor se provou ser um bruxo mais competente. Ele tem mais experiência e um histórico bem-sucedido. Talvez ela tenha sido a escolha errada. Fomos muito apressados em nossa seleção. Tran está certo. Não há progresso com Samantha.

O calor correu para o meu rosto.

— Obrigada pelo voto de conf iança.

Raynor era um bruxo contratado pela Corte das Bruxas Sombrias assim como eu. Ele era um brutamontes com músculos como o de um homem que passava todos os seus dias na academia. Se parecia mais com um lobisomem do que com um bruxo. Onde ele me vencia com sua experiência e seu suposto histórico de sucesso (do qual eu nunca tinha ouvido f dar), eu o superava com meu treinamento em *Goetia* e meus exorcismos bem-sucedidos. Ninguém me vencia nisso.

Agora vendo meu pai na Corte, tinha que admitir que Raynor poderia ter sido a melhor escolha, mas caramba, eu precisava daquele dinheiro.

A bruxa me ignorou ou, então, não me ouviu.

— Podemos retirá-la deste caso e entregá-lo a ele.

— Mal f az vinte e quatro horas desde que me contrataram — protestei.

Magda ergueu as sobrancelhas, seu rosto assumindo um tom escuro.

— Receio que isso não vá f uncionar — ela disse à bruxa. — Ele está na Espanha, trabalhando em um caso de desaparecimento de um membro do *Coven*. Samantha é tudo o que temos. — A velha não pareceu muito entusiasmada.

— Estou f azendo exatamente o que vocês me pagaram para fazer — retorqui e minha voz alta ecoou pelo teatro. Eles não estavam ouvindo? — Eu os rastreei até a f onte original. Descobri quem eram os responsáveis.

— Bruxos? — riu Tran. — Não vê o que está causando aqui? Caos. Nós — ele apontou para os membros da Corte — mantemos a ordem. Garantimos a paz dentro da comunidade paranormal. Pagamos bruxas como você para ficar de olho nas coisas. E o que você fez? Entrou aqui sem convite, interrompendo uma reunião, tentando nos fazer acreditar que bruxos são responsáveis por esse vírus.

— Eles são.

Eu queria pular no palco e dar um chute na boca dele.

— Bruxos não saem por aí infectando humanos com vírus mágicos.

— Aparentemente saem, sim.

O rosto de Tran escureceu.

— Vinte e quatro horas atrás, um vírus demoníaco matou vinte humanos. Demônios estão por trás desses ataques. É tão óbvio. É a razão pela qual lhe entregamos o caso.

— Não foram os demônios.

— Sabe o que acontece quando bruxos mentem para a Corte? — sibilou o homem com sua mandíbula apertada e seu rosto vermelho emoldurado pelo cabelo preto e curto.

Eu sabia.

— Nossos narizes crescem?

— Você é uma piada com uma boca grande e um ego ainda maior — afirmou Tran. — Este vírus está fora do seu alcance. Você é um desperdício de tempo e dinheiro para a Corte. Nunca vai encontrar nada.

Meu sorriso desapareceu.

— O quê? Virou adivinho agora? Que legal. Vou arrumar um turbante e alugar um pequeno estande no mercado noturno de *Mystic Quarter* para você.

A vontade de enfiteçá-lo era tão forte que tive que morder minha língua até sentir o gosto de sangue para não tocar na minha magia. Eu poderia ter dito a todos para irem se foder. Afinal de contas, esse vírus mágico não era meu problema. Podia muito bem apenas assisti-los correr por aí com o peso de uma possível pandemia em suas costas, carregando a culpa e a responsabilidade pela morte

dos humanos. Enquanto isso, eu só ficaria sentada, vendo-os cair, um por um.

Parte de mim queria fazer isso, mas, bem, a outra não era muito fã dessa ideia. As imagens das pessoas inocentes que vira morrer no restaurante me atingiram. Amassei meu orgulho como uma bola de papel, deixando-o afundar em meu estômago. Eu precisava do dinheiro.

— Olha, por que mais esses bruxos estariam lá? Por que mais tentariam me matar? — Enfureci-me. — Para cobrir seus rastros. Para ter certeza de que eu não descobriria nada. E eles também eram poderosos. *Muito* poderosos.

Oscar se inclinou para frente.

— O que quer dizer? — perguntou, falando pela primeira vez.

Eu ofitei.

— Eles bateram os calcanhares e simplesmente deram um perdido.

As sobrancelhas pálidas do homem se uniram.

— Deram o quê?

Soltei um suspiro longo e exasperado. Eu teria que soletrar.

— Eles conjuraram feitiços de teletransporte. Os três. — Respirei fundo, vendo a surpresa em seus rostos. — Não estou inventando isso. São três bruxos muito poderosos que podem desaparecer quando bem entendem e que estão infectando humanos. Por quê? Ainda não sei. Contudo, se me derem mais tempo, eu vou descobrir. Eu prometo.

Magda olhou para mim, em seguida, seus olhos se moveram pelos outros membros.

— Um momento, Samantha. O protocolo exige que conversemos sobre a questão entre nós. Em circunstâncias normais, isso exigiria uma discussão mais longa, é claro, mas temos pouco tempo para as sutilezas de nossos procedimentos usuais da Corte. Tempo é essencial.

— Ótimo. — Suspirei.

Murmúrios baixos correram pelo teatro enquanto os membros deliberavam se eu continuaria com o caso. Eu podia ver a frustração não totalmente escondida em seus rostos enquanto suas cabeças se inclinavam juntas ao compartilharem suas opiniões. Senti os

olhos de meu pai em mim, mas não lhe daria a satisfação de um olhar. Em vez disso, meus olhos pousaram sobre Tran. Ele estava me observando. A cor de seu rosto escurecia a cada segundo que passava. Eu quase podia provar seu desejo de lançar um feitiço em mim.

Faça isso, seu merdinha. Me dê um motivo para enfeitiçar sua bunda.

Depois de um momento, o som coletivo das cadeiras arranhando a madeira retumbou pelo teatro. Juntos, os membros da Corte se separaram e voltaram para seus lugares.

— Samantha — disse meu pai com uma voz baixa, quase preguiçosa, no silêncio repentino e pungente. — Você alegou que foi atacada por bruxos das Trevas. Acredito que seja verdade.

Claro que acredita, seu psicopata mentiroso.

— Contudo, como pode ver — ele se virou, lançando um olhar ao redor da Corte —, meus companheiros não estão convencidos.

— Eu reparei.

O sujeito entrelaçou os dedos, tentando parecer um velho sábio, mas falhando.

— De acordo com o procedimento da Corte, vamos lhe oferecer mais uma chance. — Respirei aliviada. — Uma chance de provar que os bruxos das Trevas são os responsáveis pelo ataque. Você tem quarenta e oito horas para nos dar alguma prova. Se não puder apresentar nenhuma evidência, vamos passar o caso para outro bruxo.

— Eu tinha uma prova — resmunguei antes que pudesse me conter, imaginando minhas mãos apertando seu pescoço até que sua cabeça saltasse como uma rolha de uma garrafa de champanhe.

— É mesmo? Uma prova que confirmaria suas afirmações? Onde ela está?

Engoli em seco.

— Eu a perdi.

Merda. Agora eu me sentia uma idiota. Eu a tivera em minhas mãos. Por que não a colocara na minha bolsa?

— Você a *perdeu* — repetiu meu pai, sorrindo para mim. Eu odiava aquele sorriso. Queria atear fogo no rosto dele até ver aquela

expressão sumir.

Contraí minha mandíbula.

— Eu tinha uma amostra do vírus — afirmei, vendo todos os olhos em mim —, mas os bruxos a pegaram antes que eu pudesse detê-los. Não tenho mais.

— Muito bem — disse ele, torcendo o lábio superior e dando às palavras um tom ácido. — Então, é melhor você se mexer e encontrar mais.

Girei nos calcanhares antes de fazer algo estúpido. A raiva se acumulou dentro de mim, fazendo meus dedos tremerem. Eu tinha que trabalhar para o homem que tentara me matar e não possuía escolha.

Meu pai armara para cima de mim e eu caíra direto em sua armadilha.

O sono não viria rápido o suficiente para mim naquela noite. Ter visto e compartilhado o mesmo ar com o homem que tentara me assassinar quando criança me deixara assim. Era meu maior pesadelo se tornando realidade. Um pesadelo vivo. Meu inferno pessoal. Eu estava no inferno, mas não planejava ficar ali por muito tempo.

As crianças só querem ser amadas, deixar seus pais orgulhosos e se sentir seguras e protegidas. Quanto a mim? Bem, meu querido pai me jogara na fogueira como se eu fosse uma tora inútil de madeira. Se não fosse pelo raciocínio rápido do meu avô, eu teria sido queimada viva.

Durante o incidente, eu estivera ocupada demais chorando com a dor excruciante, vendo minha pele chiar e derreter para perceber o que acontecera com meu pai depois disso. Será que vovô e ele tinham brigado? Essa parte era um borrão. Sempre imaginei que o homem tivesse fugido como o covarde que era. Embora eu nunca mais o tivesse visto depois daquela noite, minhas cicatrizes eram um lembrete constante do desgraçado; do mal que ele fizera contra uma garotinha de oito anos.

Infernalmente, agora meu pai estava de volta.

Eu estava aflita. Minha mente era um turbilhão de emoções conflitantes: raiva, ódio, frustração e vingança. Para piorar a situação, não conseguia parar de repetir mentalmente todos os métodos que eu poderia usar para matá-lo sem ser pega.

Depois de me virar, me debater e transpirar por duas horas, levantei no meio da noite e bebi uma quantidade generosa do gin do meu avô para me ajudar a adormecer. Tinha gosto de álcool barato, mas funcionou. Quando, finalmente, voltei para a cama e fechei os olhos, o sono foi instantâneo.

Ao acordar na manhã seguinte, não me sentia nada melhor. Não sei quanto tempo fiquei ali de olhos fechados, recusando-me a me levantar e desejando que tudo tivesse sido um pesadelo. Desejei não ter visto meu pai e que ele não estivesse na Corte das Bruxas Sombrias.

Que jogo era esse que ele estava jogando? Por que aparecer agora depois de todos esses anos? Havia uma conexão entre o homem, o vírus mortal e aqueles bruxos das Trevas? Não parecia algo que ele faria. Meu pai não trabalhava bem em equipe. Pelo que meu avô me dissera ao longo dos anos, o sujeito tinha sido mais um seguidor do que um líder. Eu não achava que ele tivesse coragem ou cérebro para criar um vírus mágico mortal, além disso, tinha certeza de que não tinha habilidades para conjurar feitiços de teletransporte. Contudo, talvez eu estivesse errada. Afinal, o cara havia conseguido uma cadeira na Corte das Bruxas Sombrias. Tudo era possível.

Eu não sabia quais eram seus planos. Dentro da Corte, ele poderia me manipular. Após ver aquele sorriso satisfeito em seu rosto ontem à noite, tive a sensação de que era exatamente o que meu pai queria.

Subitamente, ouvi o sussurro suave da respiração de outra pessoa.

Acordei com um sobressalto.

Em um pulso de adrenalina que era mais eficaz do que beber quatro xícaras de café, meus olhos se abriram e minha respiração se acelerou.

— Faris! — exclamei, levantando-me e afastando-me até que bati minha cabeça na cabeceira da cama com minhas cobertas puxadas até o pescoço. — Como você chegou aqui? O que diabos está fazendo na minha cama?!

O demônio intermediário estava deitado ao meu lado, apoiado em seu cotovelo.

— Pensei que poderia querer companhia.

Meu olhar deslizou sobre seu peito sem pelos, seguindo pela a pele perf eitamente bronzeada de seu abdômen até seu pênis muito grande e exposto.

— Ah. Meu. Deus! Por que você está nu?!

Com os olhos escuros envergonhados, Faris disse:

— Qual é o problema? Eu sempre durmo nu. Gosto de deixar minha pele respirar. Acho as roupas extremamente restritivas, você não acha? Especialmente se alguém decide transar. O tempo que levaria para tirar todas as camadas de tecido... acaba com o clima.

Eu quis me matar naquele exato momento.

Amassei os lençóis com os punhos.

— Já disse que não haverá nada entre nós dois, especialmente tendo você como meu familiar. O que f oi que lhe possuiu e o levou a pensar que estava tudo bem vir aqui e se deitar na minha cama? E sem roupa!

Farissael riu, dando-me vontade de dar um soco nele. Infelizmente, isso exigiria que eu soltasse meus lençóis, o que acabaria expondo meus seios.

— Por que está tão tensa por estar nua? — indagou o demônio intermediário. — É só pele. Não há nada mais natural do que a nudez.

— Não há nada de natural nisso.

Ainda com a pulsação martelando, meu pânico diminuiu, transformando-se em irritação quando vi o sorriso malicioso estampado em seu rosto.

Vendo meu desconforto, Faris agarrou meu edredom e cobriu sua cintura.

— Pronto. Melhor assim?

— Não. — Minha testa franziu em raiva. O que dera nele para fazer uma coisa assim? O demônio sabia que eu nunca dormiria com ele. — Estou sem roupa. Saia.

— Bobagem — ronronou, mostrando seus dentes perf eitamente brancos e brilhantes. — Além disso, você está de calcinha preta.

Minha boca se abriu, horrorizada.

— Você viu?

Sorrindo lindamente, Faris afirmou:

— Claro que vi. Você estava dormindo. Eu não achei que se importaria.

— Eu me importo!

Deus me ajude. Eu vou matar meu próprio familiar. É isso. E ia ser agora...

— Não fiquei histérica — retrucou a entidade. — Eu só olhei para ter certeza de que você estava confortável. Afinal, demorou séculos para adormecer. Eu pensei que estava doente ou algo assim.

Fiz uma careta.

— Espionar as pessoas enquanto elas dormem é considerado perseguição e é extremamente bizarro. Até para você.

Faris franziu a testa.

— Você estava fazendo barulhos estranhos, como se estivesse sendo estrangulada, o que significava que ou estava se engasgando com vômito ou estava tendo um pesadelo sério.

— Eu não estava me engasgando.

— Não, mas estava tendo um pesadelo. — A voz do demônio estava tensa. Seus olhos ficaram muito escuros quando uma emoção passou por trás deles. — Portanto, decidi ficar com você, só para ter certeza de que estava bem.

Então, ele veio para verificar meu bem-estar. Talvez eu não o matasse hoje. Quem sabe, fizesse isso só amanhã.

Faris mudou de posição.

— Quem é Edmond? Você ficou repetindo esse nome. No começo achei que era um amante do passado. Porém, havia um ódio tão poderoso na sua voz que percebi que não poderia ser. Estou certo?

Cerrei os dentes. Eu não estava com vontade de falar sobre meu pai agora, principalmente com um demônio sem roupas na minha cama.

— Sammy? — instigou o demônio. — Quem é o cara?

— Ninguém importante.

Farissael franziu a testa. O desgraçado sabia que eu estava mentindo.

— Quem quer que ele seja... estava na Corte das Bruxas Sombrias, não estava? — Eu enrijeci. — Ou talvez você o tenha encontrado no caminho? Por que não me diz? Posso ajudar. É por

isso que estou aqui. Estou aqui para lhe servir — pontuou com as sobrancelhas erguidas.

Olhei para os meus lençóis.

— Como eu disse, não importa.

— Tão sem importância que a manteve acordada a noite toda? Duvido muito disso. Ele a fez beber o gin do seu avô. Você deve ter ficado muito louca para conseguir engolir aquela coisa repugnante. O que aconteceu ontem à noite?

Eu vi meu pai e quis matá-lo. A Corte das Bruxas Sombrias não acredita em nada do que digo. Esqueci de alguma coisa?

— Você me disse que não dorme — rosnei, irritada, embora já estivesse um pouco menos chateada e com menos vontade de estrangulá-lo.

O demônio deu de ombros e se virou, entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Não preciso, mas consigo me fazer dormir se eu quiser

Bem, ele não ia tirar um cochilo na minha cama. De jeito nenhum.

— E você consegue se fazer desaparecer?

Faris deu uma pequena risada.

— Não até que me diga quem é Edmond e o que aconteceu na Corte. Eu vou acabar descobrindo, portanto, pode muito bem me dizer agora. Sei que está escondendo alguma coisa.

— Não estou escondendo nada. — Voltei a querer castrá-lo. O demônio riu, fazendo-me desejar tê-lo deixado no Submundo. — Algumas partes da minha vida são privadas e vão continuar assim.

— Não mais, Sammy, querida. Como seu familiar, não há mais segredos entre nós. Além disso, eu a vi praticamente nua e, agora que você também me viu nu, não temos mais nada a esconder.

— Eu o odeio.

— Você me ama. Agora, desembucha.

— Ou o quê? — desafiei, sentindo-me ousada e um pouco louca.

— Sou um excelente fazedor de cócegas.

Com aquilo, fui convencida.

Contei tudo à entidade. Assim que minha boca se abriu, fiquei surpresa com a facilidade com que as palavras fluíram dos meus lábios e como foi reconfortante e aliviador poder confessar tudo ao

demônio. Além disso, Faris *era* um bom ouvinte. Ele não me interrompeu. Esperou pacientemente enquanto eu lhe dizia o que sentira ao ver meu pai, sobre o descontentamento que notara nos rostos da Corte e, finalmente, acerca do meu prazo de 48 horas. Quando terminei, minha respiração saiu em uma longa exalação. Então, esperei.

— Hum — disse Faris depois de um momento, concentrado. Seus dedos dos pés se balançavam.

Ajeitei minha postura.

— Hum? É isso? É tudo que você tem a dizer?

Uma explosão de angústia se acendeu em mim.

— Estou pensando.

— Pense mais rápido — retorqui. — O relógio está correndo.

O demônio virou a cabeça, encontrando meus olhos.

— O retorno de seu pai é problemático.

— Ah, você acha?

O desgraçado tentou me matar e ainda quer isso. Eu vi em seus olhos. Foi o único sentimento que compartilhamos.

— Ele gosta de jogar — acrescentou o demônio intermediário, virando a cabeça e olhando para o teto. — O homem desapareceu há dezessete anos. Agora, está de volta.

— Eu reparei.

Faris virou a cabeça na minha direção.

— Tem algo que você não me contou. Sobre o seu passado. Sobre essas cicatrizes nas suas mãos.

Meu coração parou, então, voltou a bater com um salto. Que merda. Ele sabia ler mentes também?

— Pelo que entendi — continuou o demônio — você foi criada por seu avô. Ele é muito ligado a você, mais do que um avô típico seria em circunstâncias normais. E por quê? Você nunca falou sobre seus pais. Só vi fotos de sua mãe nos álbuns.

Fiquei tensa e tive certeza de que Faris podia ouvir as batidas fortes do meu coração.

— Seu pai foi excluído da sua vida — a entidade disse com uma voz pensativa —, como se ele nunca tivesse existido. Por quê? É porque ele fez algo com você, não foi? É por isso que tem esse ódio

em seus olhos quando f alasobre o homem. É por isso que parece querer arrancar o coração dele com suas próprias mãos.

Engoli em seco enquanto o encarava. Eu poderia conf iar meu segredo a um demônio? Será que a entidade mudaria de lado e o usaria contra mim? Ele o trocaria por uma passagem de volta para casa? Eu era louca só de pensar em compartilhar meu segredo mais prof undo com Farissael.

Fora com o coração muito pesado que eu contara a verdade a Logan. E de que isso me servira? O nascido-anjo me deixara esperando e nunca retornara minha ligação. Na época, parecera certo. Agora, eu já não tinha tanta certeza. Parecia ter sido um grande erro. Ainda assim, Faris arriscara tudo para me salvar. Ele não podia nem mesmo retornar ao seu mundo por minha causa. Palavras não signif icavam nada, mas nas suas ações eu podia acreditar.

Devo ter ficado louca porque, naquele momento, decidi que podia conf iar naquele demônio sem roupas.

— Meu pai tentou me matar quando eu tinha oito anos por causa do que eu sou — comecei. — Tenho a habilidade de pegar emprestado os poderes de outros bruxos e vinculá-los à minha vontade.

Os olhos de Faris brilharam com súbito interesse. Pude ver planos e esquemas se f ormandoatrás de suas íris. Decidi manter a inf ormaçãode que também podia acessar a magia de Poe para mim mesma. Um segredo de cada vez. Passinhos de f ormiga.

A boca da entidade se torceu em um sorriso.

— Você é *cheia* de segredos, sua bruxinha travessa.

Meus dedos se apertaram em torno dos lençóis.

— Quando viu o que eu podia f azer, ele me jogou na fogueira.

— Foi assim que f icoucom cicatrizes em suas mãos e em seus braços — comentou o demônio. Quando ele me pegou o encarando com raiva, acrescentou — Você não usa mais suas luvas. Eu não sou cego.

Af asteimeus olhos dele, f itando a janela do quarto. As cortinas balançavam com a brisa. Eu podia sentir o cheiro do início do outono, o aroma de f olhas molhadas e de terra.

— Meu avô me salvou. Ele estava lá. Não me lembro de muito depois disso — afirmei.

— Felizmente seu pai está de volta para terminar o trabalho. — Uma carranca enrugou o rosto de Faris. — Por que agora, depois de todos esses anos?

— Não sei.

— Bem — expressou a entidade. — Você com certeza está com um problema dos grandes.

— Nem me fale — Suspirei. Minha cabeça latejava com o início de uma enxaqueca gigantesca. Maldito seja o gin.

— Você acha que ele está envolvido com essa história do vírus? — perguntou o demônio.

— Acho que não — falei —, mas *otiming* dele é péssimo.

— Bem, podemos lidar mais tarde com o seu pai. Primeiro, precisamos encontrar provas e levá-las a Corte para que você possa ficar com o dinheiro e o seu emprego.

— Que bom que você se importa com a minha nutrição.

Faris se apoiou no cotovelo de novo com seus olhos brilhando.

— Conte mais sobre esse seu poder delicioso.

Aqui vamos nós.

— Não posso esperar — retruquei. — Primeiro, você precisa sair daqui e vestir umas roupas. — Meu olhar deslizou para o meu relógio. Eram dez da manhã. Droga. Eu tinha dormido muito. — Tenho que me levantar e tomar um banho...

Algo preto veio voando pela janela do meu quarto.

Poe pousou na minha cama. Ele ficou de bico aberto, olhando de mim para Faris, mas nenhuma palavra saiu.

O sangue subiu ao meu rosto.

— Não é o que parece.

— Sério? — disse o corvo irritado. — Porque parece que vocês dois tiveram uma noite divertida.

Faris riu. Eu lhe lancei um olhar que tirou aquele sorriso de seu rosto.

— Você não está ajudando. — Olhei de volta para Poe. — Nada aconteceu. Acredite em mim.

O pássaro deu de ombros.

— Tanto faz. Você pode dormir com quem quiser. Achei que gostasse do Logan, por isso estou surpreso. Contudo, se vocês dois querem transar como coelhos a noite toda, isso é problema seu.

Senti como se fosse ficar doente.

— Nós não fazemos isso, mesmo que pareça. Acordei e ele estava aí — afirmei, apontando para o demônio sorridente —, nu, na minha cama.

— Claro. — Poe não parecia convencido. — Vocês já terminaram? Porque eu tenho algo importante para contar.

Meu constrangimento desapareceu, sendo substituído pela boa e velha raiva.

— O que é, Poe? Onde você estava? Por favor diga-me que não tem feito o que eu acho que você tem feito a noite toda.

A ave soltou um pequeno grasnido.

— Parece que você é a única que esteve *ocupada a noite toda*.

Eu o encarei.

— Fala logo ou vou começar a arrancar suas penas.

O corvo subiu, parando na minha coxa.

— Tenho outra mensagem da Corte.

Merda. Era isso. Eles tinham mudado de ideia. Iam dar o caso para Raynor ou outra bruxa qualquer. Eu teria que devolver o dinheiro.

— Que mensagem? — Sequer me importava mais em descobrir como ele fazia para receber as informações. Só não queria perder o emprego.

— Outro surto. Outro ataque do vírus — disse o pássaro rapidamente, fazendo Faris se sentar com um sobressalto.

Um tremor me atravessou.

— No *Central Park North Hotel* — informou o corvo. — Está acontecendo agora enquanto vocês estavam ocupados fazendo...o que quer que fosse.

Arranquei os lençóis de cima de mim, sem me importar que estivesse nua da cintura para cima, e corri para fora do quarto, passando pelo corredor e entrando embaixo da ducha fria.

Eu trabalhava bem sob pressão. Droga, adorava a adrenalina que sentia com o perigo. Vivia andando com ele lado a lado. Na verdade, eu prosperava em um ambiente estressante. Porém, não gostava de prazos que envolviam vidas e dinheiro combinados. Eu tinha menos de quarenta e oito horas para prender os bruxos das Trevas ou trazer provas para a Corte das Bruxas Sombrias que apontassem para o envolvimento do trio. Se não o fizesse, teria que abrir mão daqueles cinco mil e descobrir uma maneira de colocar comida na mesa.

Corri pela *West 111 th Street* até o *Central Park North Hotel* na esquina da *Lenox Avenue*, com Faris seguindo ao meu lado como um maratonista experiente. Ele nem sequer transpirava. Malditos sejam esses demônios. A entidade estava vestindo um terno cinza sob medida com uma risca de giz pouco visível. Em conjunto com os óculos de sol, ele se passaria perfeitamente por um agente do governo. Seu glamour era incrível. Eu o invejava.

O sol era um disco amarelo brilhante no céu com nuvens brancas deslizando por ele. Era meio-dia e carros da polícia e veículos de emergência estavam estacionados perto da entrada do hotel.

— Parece que os preservativos humanos estão aqui — disse Faris quando pisamos na calçada ao mesmo tempo.

Quatro humanos em trajes de proteção brancos saíram do hotel carregando estojos prateados. Se o Centro de Controle de Doenças

já estava aqui, significava que os bruxos já tinham ido embora há muito tempo.

Merda. Estávamos muito atrasados. De novo. Como eu poderia pegar esses desgraçados se nem sabia quem eles eram e por que estavam infectando humanos? O que isso significava? Por que o hotel? Uma coisa era certa, o trio estava rindo da nossa cara.

Olhei de volta para os humanos em seus trajes de proteção.

— Eles estão sem os capuzes. E andando devagar.

— E o que é que tem? — Faris acompanhou meu ritmo.

— Significa que não é um contágio ou que o vírus não está se espalhando. — Afastei meus olhos da unidade do CCD quando uma sensação inquietante se alastrou profundamente em minhas entranhas. — Saberemos mais assim que checarmos o hotel.

— Ótimo.

O demônio intermediário assistiu à cena. Seu sorriso largo e a animação em sua voz me incomodaram, sem mencionar o leve salto em seus passos. Perguntei-me se deveria tê-lo deixado em casa. Contudo, o último incidente com os bruxos das Trevas me fez mudar de ideia. Faris era uma boa escolha para cuidar de mim.

— Fica calmo aí — resmunguei com minha voz baixa e meu corpo rígido de tensão. — Lembre-se do plano. Eu falo com eles.

— Sim, senhora. — Seu tom dramático transformou minha irritação em uma dor de cabeça latejante. — Estou aqui apenas como reforço.

— Não me faça me arrepender disso — avisei com os dentes cerrados. — Meu prazo está apertado. Se você estragar tudo, passarei a deixá-lo em casa a partir de agora, entendeu?

— Não se preocupe, Sammy, querida — disse o demônio intermediário. Seus dentes brilhavam em um sorriso. — Sou um profissional. Eu dou conta. Confie em mim.

Soltei um suspiro exasperado.

— É isso que me preocupa.

Eu coleí com fita adesiva meu cartão de sigilo de glamour (sim, de novo) na frente da minha jaqueta. Consistia em um pedaço de papel com as letras FBI escritas em negrito. Coisa chique. Os sigilos de glamour trabalhavam em um nível consciente, projetando o que os humanos estavam acostumados a ver em seu ambiente.

Ao contrário da magia demoníaca, glamours de corpo inteiro eram difíceis para nós, bruxas, sem mencionar que levavam tempo para conjurar. Eu não tivera tempo de preparar um quando saíra correndo do meu prédio. O crachá colado teria que servir.

Uma multidão de humanos curiosos estava amontoadada atrás da fita amarela da polícia, tirando fotos e filmando com seus *smartphones*. Fiz uma careta para eles. Idiotas. Não percebi que Faris tinha desaparecido da minha vista até que eu o peguei tirando uma *selfie* com uma morena bonita atrás da fita policial.

Agora eu vou castrar esse demônio de verdade.

Mantendo meu rosto impassível, corri e o agarrei pelo cotovelo.

— Vamos, Agente F. — Sorri para a morena, cujos olhos estavam fixos em Faris. Eu nem existia. Revirando os olhos, eu o puxei com força e o levei para longe dela.

— Você podia ter me dado mais trinta segundos — reclamou Faris. — Eu estava prestes a pegar o número dela. É que os agentes do FBI a excitam, sabe? — Ele sorriu. — Quem diria que esse disfarce me ajudaria a transar

Eu o encarei.

— Pode fechar essas suas calças, demônio. Temos trabalho a fazer

Eu levantei a fita amarela da polícia e passei por baixo dela, Faris fez o mesmo. Caminhamos em direção à entrada principal do hotel, onde dois policiais montavam guarda. Eles se viraram quando nos aproximamos.

— FBI — falei, batendo no meu distintivo de sigilo. Mantive minha voz calma, não que isso importasse. Meus sigilos de glamour nunca haviam falhado. Os humanos eram facilmente enganados com um toque de magia.

A entidade saltou na minha frente.

— F.B.I. — exclamou, pausando a cada letra, e empurrou seu distintivo improvisado para eles.

Eu me encolhi por dentro. *Faris, se você estragar tudo...*

Graças ao caldeirão, seu distintivo parecia legítimo. Eu não tinha ideia se isso era glamour ou não, mas não perguntei. Para o olho mágico destreinado, seu distintivo era perfeito. Desde que funcionasse, estava ótimo por mim.

Para meu alívio, os dois policiais mal perceberam. Não disseram uma palavra, apenas acenaram com a cabeça, gesticulando para que avançássemos pelas portas. Entendi isso como um passe livre.

A porta do hotel bateu atrás de nós quando entramos no saguão. O salão interno abrigava um restaurante, um café, algumas lojas de roupas e um bar no outro extremo.

Três humanos, dois homens e uma mulher, estavam vestidos de terno. Eles estavam parados no saguão. Suas vozes eram baixas. Distintivos da polícia pendiam de suas cinturas, ao lado de suas armas. Seus ternos baratos deixavam claro que eram detetives. Eles nos olharam quando passamos e depois voltaram para qualquer discussão que estavam tendo.

— Que diabos foi aquilo? — perguntei, assim que estávamos distantes o suficiente deles para não sermos ouvidos. — Você quer que sejamos pegos?

— Relaxa, Sammy, querida — disse o demônio intermediário, dando um aceno casual para os detetives. — Funcionou, não funcionou? Não se irrite à toa. Eu lhe disse, isso é natural para mim. Assumo diferentes personas há milhares de anos.

Era isso que me preocupava. Ele podia confundir-las.

— Este é o meu caso. Mantenha sua boca fechada e vai dar tudo certo, entendido?

Os dentes brancos de Faris brilharam.

— Entendido, Agente Beaumont.

Fui direto para o elevador.

— E tire esses malditos óculos de sol. Você está ridículo.

Apertei o botão com a seta para cima na parede. Depois de um momento, o elevador rangeu até parar e apitou. As portas se abriram e entramos.

— Qual andar? — perguntou Faris, puxando as mangas de sua jaqueta.

Olhei para o painel do elevador, apertando o botão com o número quatro.

— Quarto andar. Quarto 403, de acordo com as informações de Poe.

O elevador deu um solavanco e começamos a subir.

— Qual é o plano, Agente Beaumont? — perguntou Faris depois de um momento abençoado de silêncio.

Virei-me para o demônio, fiz por ele ter me ouvido e tirado os óculos.

— Provas. Preciso de provas para tirar a Corte do meu pé. Depois de entregá-las a eles, poderei respirar um pouco e me concentrar em fazer meu trabalho. — *Além de pôr um fimnesses bruxos das Trevas assassinos.* — E pare de me chamar assim.

Com as sobancelhas levantadas, Faris moveu a mão em um gesto de confusão.

— De quê? Agente Beaumont?

— Sim.

— Certo, Agente Beaumont.

— Faris — rosnei.

O demônio intermediário deu uma risadinha.

— E se não conseguirmos encontrar outra amostra do vírus? O que vamos fazer?

— Então, eu dou você para eles. — Fitei-o com raiva no olhar. — Não vou embora sem algum tipo de evidência. Não me importa o que seja, desde que tenha algo a ver com o vírus ou com os bruxos que o invocaram.

— Entendi. — Faris balançou nos saltos de seus sapatos ridiculamente brilhantes e começou a assobiar.

— Pare com isso.

O demônio se virou e me encarou.

— Parar o quê?

— Você está assobiando. Pare com isso.

— Não gosta quando as pessoas assobiam?

— Não, nesse momento, não gosto.

— Prefere que eu cante? — A entidade pigarreou. — As mulheres sempre me dizem que tenho uma voz adorável. Quer ouvir?

Lancei um olhar de ódio na sua direção.

— Poupe-me da teatralidade. Já tenho drama suficiente para durar por uma vida inteira.

O elevador balançou e as portas se abriram. Saí e caminhei pelo corredor, espiando os números nas portas. O salão estava quieto,

vazio e escuro. Nossas sombras surgiam nas portas fechadas, desaparecendo em seguida. De repente, um zumbido de vozes chamou minha atenção. Estava vindo da única porta que estava entreaberta. Os números 403 estavam gravados acima do batente.

Entrei no quarto de hotel que poderia comportar cada andar da minha casa e ainda sobrar espaço para um quarto de hóspedes. Havia janelas do chão ao teto. A luz natural inundava e iluminava o espaço. Olhei para o arranjo de sofás e mesas posicionados entre o bar e a lareira de pedra. A mobília era moderna e cheia de ângulos, em tons frios de cinza e preto. O ar cheirava, muito levemente, a sangue e a enxofre.

Murmúrios se espalharam pelo quarto. Olhei para alguns detetives humanos que tiravam fotos dos corpos e documentavam tudo. Uma multidão de pessoas uniformizadas e outras de terno estava no fundo da sala ao lado de uma janela aberta, provavelmente tentando respirar um pouco de ar fresco. Eu não os culpava. Havia algo pútrido no ar.

Três policiais uniformizados passaram por nós na saída, seus rostos sombrios enquanto se dirigiam para a porta. Adentrei o quarto, seguindo a fonte do cheiro.

Quase aos nossos pés e claramente esperando para serem descobertos estavam os corpos.

— Puta merda — sussurrei.

Seis corpos cobertos por lençóis brancos estavam espalhados. Pelo que pude ver sob os lençóis e pela maneira como seus membros estavam tortos e dobrados em ângulos nada naturais, parecia que eles tinham tropeçado e caído enquanto tentavam fugir antes que o vírus finalmente os matasse. Bile subiu na minha garganta.

Ali, deitado no chão, no meio dos mortos, estava um orbe negro. O vírus.

Para qualquer outra pessoa, parecia apenas um ornamento decorativo, não o portador de uma doença mágica mortal.

Ao que tudo indicava, ninguém o tinha notado ainda. Ótimo.

— Aí está sua prova. — Faris estava ao meu lado. A cautela em seu rosto refletia a minha.

Soltei um suspiro.

— Preciso embalá-lo.

Mexi na minha bolsa, peguei um saquinho Ziploc, e fui em direção ao orbe. Depois de me certificar de que ninguém estava olhando, ajoelhei-me no chão, apanhei o objeto preto e o joguei na minha bolsa. *Peguei você*, pensei, sentindo seu peso.

— Parece que o vírus não se espalhou além desta sala — sussurrou Faris enquanto eu me levantava.

— Foi de propósito — afirmei. As peças do quebra-cabeça se encaixaram. — Acho que esse vírus mágico afeta apenas os mais próximos — acrescentei, vendo como os corpos estavam espalhados. — Já vi bruxos usando orbes antes. Eles detonam como uma bomba. São perfeitamente construídos para conter um vírus mágico... até que explodem e liberam sua magia. Este provavelmente durou apenas alguns segundos.

— Poderia ser um vírus diferente?

Boa pergunta.

— Eu vou checar.

Dei um passo em direção à vítima mais próxima, ajoelhei-me ao lado do corpo onde imaginei que estivesse a cabeça e puxei o lençol. Imediatamente, senti ânsia de vômito.

O aroma de carne podre flutuou em minha direção como o cheiro de corpos assando no sol quente por dias. No entanto, essas pessoas tinham acabado de morrer, há cerca de uma hora. Esquisito. Eles não deveriam estar cheirando assim ainda. Não por mais algumas horas.

Respirando pela boca, olhei para o humano. Respingos de sangue manchavam o tapete cinza-claro e mais ensopava o espaço onde estava a cabeça. Pelo cheiro de bile que ainda emanava do líquido, tratava-se de vômito de sangue. A vítima era do sexo feminino. Caucasiana. O cinza que salpicava seu cabelo castanho nas têmporas indicava que ela estava na casa dos quarenta. A mulher usava uma blusa branca elegante com uma saia lápis preta. Pelas linhas de sangue de seus canais lacrimais, boca e ouvidos, parecia que ela tinha morrido da mesma maneira que as outras vítimas do restaurante.

Uma marca chamou minha atenção em seu pulso, espreitando por baixo da manga.

Estendendo a mão, peguei seu braço e puxei a manga.

Na parte interna, havia uma marca de nascença na forma de um U fechado. Reconheci aquele sinal. Eu o conhecia. Esta não era uma marca de nascença comum. Era um sigilo. O sigilo da Casa de Uriel, para ser exata. Eles eram a justiça, os contadores, ministros e governantes entre os nascidos-anjos.

E, agora, um deles estava morto.

Soltei seu pulso.

— Merda — murmurei, sentindo o medo apertando meu peito.

— O que foi? — Faris se ajoelhou ao meu lado.

Ergui meu olhar.

— A vítima é uma nascida-anjo.

— Ah — respondeu o demônio. O simples tom de sua voz fez meu sangue gelar. — Então, isso explica por que *e/e* está aqui.

Olhei para atrás da entidade. Um homem se destacou na multidão de humanos. Ele tinha cerca de um metro e oitenta e dois e era perigosamente bonito. O cara tinha a graça primal de um assassino treinado. O sujeito olhou para cima, inclinando a cabeça coberta de cabelos castanhos curtos que emolduravam seu nariz reto, sua mandíbula quadrada e suas maçãs do rosto proeminentes. Olhos castanhos me observavam sob cílios grossos enquanto seu olhar penetrava no meu.

Mas que merda.

Logan estava aqui.

Nem preciso dizer... climãããã. E olha que isso era o eufemismo do século.

Logan, o chefe da Casa de Miguel, era a última pessoa que eu esperava ver aqui, no meio de um apocalipse causado por um vírus mágico. O nascido-anjo estava vestido com um terno escuro feito de algum material flexível como seda ou talvez *rayon*. A vestimenta envolvia seus ombros largos e sua cintura estreita como se a própria Deusa o tivesse feito sob medida para ele. Seu rosto estava sombreado por uma barba por fazer de uns três dias, o que só fazia o meu medidor de sensualidade atingir novas alturas.

Droga. Aquele desgraçado era lindo. Para piorar as coisas, ele estava vindo na minha direção. Eba.

Faris bufou.

— A doce inocência que se dane. O escoteiro está chegando. E uau, parece que ele andou engolindo alguns pregos.

Espero que tenha engolido mesmo.

— Pare de chamá-lo assim.

— Tá bom. Então, vou chamá-lo de boleiro, por conta do bolo que ele lhe deu. — Os olhos da entidade brilharam. — Adoro um bom drama, especialmente quando é ao vivo, íntimo e pessoal. Infelizmente, o fedor desses corpos não está ajudando.

Algo selvagem e violento fervilhou dentro de mim. Fui forçada a suprimir cada nervo do meu corpo para manter aquele sentimento sob controle.

— O que vocês estão fazendo aqui? — indagou o nascido-anjo, fazendo meu coração enlouquecer

Ah. Então, agora ele fala comigo.

— Não é da sua conta.

Minha raiva era como um peso em volta do meu pescoço, ainda assim, consegui manter meu rosto inexpressivo. Eu não ia lhe dar a satisfação de ver o quanto o fato de ele terminar as coisas comigo tinha me afetado. Tecnicamente, não tinha sido um término de verdade, já que nunca chegamos a namorar. Eu ia manter a calma. Não ia dar um soco na cara dele. Feri-lo não seria bom.

Faris endireitou-se, ficando uns dois centímetros mais alto que Logan.

— Escoteiro, que horror o ver de novo. Infelizmente, já compramos nossos biscoitos — informou.

— O que você está fazendo aqui, Samantha? — repetiu o nascido-anjo em um tom monótono e ameaçador. — Não vou perguntar de novo. E por que o trouxe consigo? Você é louca?

Ele estava realmente pedindo um soco na cara.

— Eu não trabalho para você, Logan.

O cara estava sempre dando ordens, como se pensasse que eu estava abaixo dele. Macho típico.

Sorri alegremente, afirmando:

— Não preciso lhe dizer nada.

O nascido-anjo se aproximou.

— Sim, você precisa.

Soltei uma risada seca.

— Estou aqui a negócios da Corte. Não que seja da *sua* conta. Será que realmente deveria ficar aqui conosco? Não precisa ir e dar algumas ordens por aí, como Chef e da Casa de Miguel? Ou será que devo chamá-lo de Vossa Alteza? Hum, será que senhorio seria melhor? Fico meio perdida com essas nomenclaturas.

Faris segurou o riso.

— Essa foi boa.

— Não me olhe assim — exigi com minha mão livre no quadril. — Todos esses termos que vocês nascidos-anjos querem que a gente use... são excessivos. É difícil lembrar de todos eles.

Logan contraiu a mandíbula e a cor marcou suas bochechas.

— Você não deveria estar aqui. Não depois do que fez.

Levantei minhas sobrancelhas e encontrei seu olhar, recusando-me a deixar aquilo passar.

— O que *eu* fiz? — *Filho da puta*. I magnei sua cabeça explodindo. — *Eu...* não fiz nada.

O rosto dele se enrugou em uma careta feia.

— Realmente vai mentir na minha cara?

Desgraçado.

— Não sou eu que estou mentindo, embora o erro tenha sido meu. Achei que você fosse uma pessoa diferente.

Um cara decente e respeitável. Um cara que honrava sua palavra.

Os olhos escuros de Logan pareceram ainda mais negros ao se estreitarem.

— Do que está falando?

— Do que *eu* estou falando?

— Foi o que eu disse.

— Você sabe exatamente do que estou falando.

— I ssoestá ficando pouco *Lewis Carroll* demais para mim — disse Faris, cruzando os braços.

Excelente. Eu ia ter que soletrar para o nascido-anjo.

— Estou falando sobre o nosso encontro — sibilei, esforçando-me para controlar meu temperamento antes que explodisse. — Fiquei horas esperando por você. — Como uma idiota. — Por que me convidou se nem iria aparecer? E sequer se deu ao trabalho de ligar para cancelar. Foi muito *gentil* da sua parte.

Logan passou a mão sobre sua mandíbula.

— Você é inacreditável. Realmente acha que eu iria em um encontro com uma bruxa das Trevas depois de ela infectar e matar meu povo?

— Do que está falando?

Eu não gostei nenhuma do rumo que esta conversa estava tomando.

— Não finja que não sabe que este não é o primeiro ataque — retrucou ele. — Já é o terceiro atentado aos nascidos-anjos em três dias.

Senti um calaf riopercorrer minha espinha. Troquei um olhar com Faris, que também pareceu intrigado. A Corte não me contara sobre esses outros ataques. Ou eles não queriam compartilhar essa informação comigo ou não sabiam a respeito. Meu palpite era que os nascidos-anjos não haviam revelado aos bruxos sobre tais ataques, porque eles nos culpavam.

Minha garganta se apertou. Senti como se não conseguisse colocar ar suficiente em meus pulmões. Agora, fazia sentido. Fora por isso que Logan tinha me dado um pé na bunda. Ele achava que as bruxas eram responsáveis.

O vírus era mágico. Não era preciso ser um cientista para juntar as peças do quebra-cabeça. Contudo, sem provas, isto não era suficiente para condenar toda a comunidade bruxa de assassinato.

— Como pode ter certeza de que foi um bruxo?

Logan fez um barulho ofegante.

— Porque houve testemunhas. Elas viram alguém em uma túnica escura fugindo, fedendo a magia de bruxa das Trevas. Quando entraram para investigar, já era tarde demais.

Droga. Meu olhar percorreu os corpos.

— Estas pessoas são todos nascidos-anjos? Sem exceção?

— E o que mais seriam? — O homem rousou, fazendo-me perceber que ele não sabia sobre as vítimas humanas. — Era uma reunião privada do conselho. Apenas os nascidos-anjos estavam aqui e, agora, estão todos mortos.

Quando olhei de volta para o grupo de “humanos”, notei que todos eles estavam me encarando com uma expressão coletiva de ódio. A violência brilhava em seus olhos. Era tênue, quase imperceptível sob o fedor de sangue e carne podre, mas estava lá: o perfume cítrico fofacados nascidos-anjos. Eles não eram humanos, mas, sim, nascidos-anjos e todos olhavam para mim como se fosse *minha* culpa. Como se minha diversão fosse infectar humanos inocentes e nascidos-anjos. Eles deviam me achar muito estúpida por voltar à cena do crime.

— Por que ainda estão aqui? — perguntei a Logan, virando-me de volta para ele. Ao ver seu humor explodir, acrescentei — Quero dizer, se esse vírus está matando os nascidos-anjos, por que vocês não foforam para longe?

Tipo para a África. Ou para a Antártida.

— Já passou o período de contágio — o outro respondeu com os olhos percorrendo a multidão de nascidos-anjos. Sua mandíbula estava apertada, como se estivesse pensando se deveria ou não compartilhar a próxima infirmação comigo. — Pelo que sei, o vírus dura apenas alguns segundos. Não está mais ativo.

Interessante. Então, ele tinha feito sua própria investigação.

— Por que não trocam anotações? — perguntou Faris, lendo minha mente. — Você parece ter todas as respostas. Essa situação desagradável seria resolvida muito mais rápido se compartilhássemos nossas infirmações, não concorda?

A mandíbula forte de Logan se contraiu. A raiva pesava sobre ele.

— Está de dia. Como você não está em chamas ou algo assim?

Ah, droga. Meu olhar passou entre eles. Eu abri minha boca.

— Faris...

O demônio ficou cara a cara com o nascido-anjo.

— Porque, escoteiro, eu sou o novo familiar de Sammy

Merda.

A atenção de Logan se voltou para mim. Sua testa se franziu, mostrando choque. Eu detectei uma dor profunda, por baixo dela, mais raiva.

— Entendi — ele afirmou com tanto desgosto e decepção que deixou um gosto amargo na minha boca.

O calor incendiou minhas bochechas.

— Hipócrita — sibilei. A magia do meu anel de sigilo pulsou, despertando e respondendo à minha raiva. Eu permiti. — Você não estaria aqui se não fosse por Faris. Ele salvou sua vida. — Ingrato pomposo. — Deveria estar agradecendo a ele.

O demônio assobiou, cruzando os braços sobre o peito.

— Dez pontos para Samantha.

A fúria escorregou pela testa de Logan, vinda da frustração.

— E eu não estaria no meio dessa bagunça se não fosse por você.

Ai. Ele colocou tanta ênfase na palavra “você” que minhas entranhas se apertaram dolorosamente, como se o nascido-anjo tivesse me dado um soco no estômago. Emoções caíram sobre mim

em uma torrente rápida e f luda. Então, minha chama mágica interior morreu. Relaxei os braços ao passo que meus dedos remexiam a alça da minha bolsa.

— Eu nunca quis que nada daquilo acontecesse — falei, lembrando-me da conversa que tivera com ele em nossa gaiola no Submundo, onde tínhamos compartilhado um beijo espetacular. Agora, contudo, tudo isso parecia não f azer mais sentido.

Logan me observou com seus olhos castanhos escuros e intensos.

— Por que os bruxos f ariam algo assim?

Abri a boca e depois a fechei. Como eu poderia dizer qualquer coisa sem condenar a mim mesma e a minha comunidade? Sim, bruxos das Trevas tinham me atacado e roubado as provas. Porém, agora, vendo que eles tinham passado a atacar nascidos-anjos, não tinha tanta certeza de que f orampessoas da minha raça que haviam f eitotudo aquilo. Não mais. Talvez isso f osseobra de demônios. Eu precisava ir mais f undo.

— Então, você não nega — comentou Logan, balançando a cabeça enquanto um músculo se movia ao longo de sua mandíbula.

— Não é tão simples assim — retruquei, desejando que ele parasse de me olhar daquele jeito.

— É sim — afirmou o homem, indignado. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Eu quero ouvir isso de você. Quero que me olhe nos olhos e diga a verdade. Foram os bruxos que f izeramisso? Eles criaram esse vírus?

Senti todos os olhos dos nascidos-anjos presentes em mim. Merda. Todos estavam colocando a culpa na única que estava se esf orçando para tentar parar esse maldito vírus, hein?

— Não tenho certeza.

Essa era a verdade. Eu precisava de mais tempo.

Sua atenção se f ixou em mim enquanto respirava devagar

— Saia — Logan ordenou.

I nstintivamente, recuei como se ele tivesse me dado um tapa no rosto. Eu nunca o tinha visto tão bravo. Não assim.

Pisquei uma vez. Depois, outra.

— Logan, espere...

— Saia ou vou ter que prendê-la.

Minha boca se abriu, completando minha expressão horrorizada.

— Não pode estar falando sério. Você não entende...

— Não, é você que não entende. — Seu rosto se contorceu. — Você é uma bruxa. Foi um dos seus que infectou e matou meu povo. Você tem trinta segundos antes que meu pessoal apareça aqui. E vou logo avisando que eles não pretendem apenas prendê-la, mas, sim, fazer algo muito pior. Eu não poderei detê-los.

Reparei na prata que brilhava nas mãos dos nascidos-anjos que estavam no cômodo. Adagas afiadas estavam preparadas. Lâminas da alma. Eles iam me matar. Como as coisas tinham chegado a esse ponto tão rapidamente?

Minha boca ficou seca e minhas palavras saíram em gaguejos:

— Isso não está certo, Logan. Está tudo errado.

Ele não me olhou nos olhos, o que fez meu coração afundar

— Você tem que ir. Agora.

Faris apareceu ao meu lado.

— É hora de partir, Samantha, querida. Seja uma boa bruxinha e venha comigo. Vamos lá. — O demônio segurou meu cotovelo com força para me tirar dali.

Entorpecida, deixei-o me levar. Dei três passos e, então, virei minha cabeça para encontrar os olhos de Logan.

— Humanos também foram atacados. Só achei que você devia saber.

Faris me puxou para fora da sala.

Minhas pernas pareciam flutuar. O chão abaixo delas tinha desaparecido como se eu estivesse tendo uma experiência extracorpórea. Meus olhos ardiavam, mas estavam sem lágrimas. Eles estavam queimando, embora não fosse de tristeza ou de dor. Era uma fúria profunda e intensa. Talvez meu orgulho também tivesse sido atingido. Uma coisa que eu odiava acima de tudo era ser maltratada e acusada de algo que não fizera.

Bruxos realmente tinham causado todas aquelas mortes? Não achava que fosse verdade. Não mais. Nós não éramos burros o suficiente para começar uma guerra com os nascidos-anjos. Não, isso era outra coisa. Algo que eu ainda não tinha descoberto, mas que ia descobrir.

S *aia ou vou ter que prendê-la.* Bati meu pilão na mesa de trabalho, fazendo-a tremer e acrescentando um arranhão à madeira.

— Quero ver você tentar.

Contraí a mandíbula e polvilhei um pouco de artemísia no meu almofariz de madeira antes de amassar com o pistilo. Então estendi a mão e polvilhei os seis pedaços de unha de vampiro, despejei o rasco de lágrimas de nascido-anjo (obrigada, tia Evanora, embora eu soubesse que era melhor não perguntar onde ela tinha conseguido), joguei três molares feérico macho (que tinham magicamente caído de sua boca depois que ele me xingara) e acrescentei uma pitada de Garra do Diabo.

Limpei o suor da testa com as costas da mão. O ar estava quente e úmido e cheirava a mofo e enxofre. Perfitei para feitiçose encantos.

Com minha mistura, fui até meu caldeirão fervente.

— *Sorbere* — murmurei, despejando o líquido na minha poção fervente. Vi um lampejo de luz roxa. O conteúdo do caldeirão ficou parado por um segundo, então, bolhas se formaram e estouraram na superfície.

Voltei para minha mesa de trabalho e virei a página do meu livro *Aprimore sua Bruxaria! Volume 3* para ver as novas instruções. Eu estava tendo muita dificuldade para me concentrar. Era como tentar acalmar um hamster correndo em sua rodinha. A acusação de

Logan doía. Infelizmente o fato de que ele não aparecera para nosso encontro também doía, eu já estava cansada de negar. Emoções tumultuosas continuavam a brotar dentro de mim, impossibilitando que eu continuasse a fingir que era feita de aço. Eu era forte, mas não era um robô.

Pelo menos agora sabia por que ele não tinha aparecido, embora isto não ajudasse a me sentir melhor. A raiva se misturava com o medo, fazendo meu coração bater forte enquanto eu lia a primeira linha do próximo parágrafo pela sexta vez.

Os criminosos tinham progredido. Não haviam se contentado em infectar e matar humanos. Agora, estavam atrás dos nascidos-anjos. Por quê? Quem era louco o suficiente para infectar um nascido-anjo? Eles eram soldados ferozes e mortais, eram a linhagem dos anjos. Uma bruxa teria que estar louca para lutar contra um deles. Eu não conseguia fazer ligação. Precisava saber mais sobre esse maldito vírus.

— Está parecendo uma sauna aqui.

Olhei para cima e vi Faris entrando na sala de trabalho do terceiro andar, sorrindo e segurando dois copos na mão direita e uma garrafa de um líquido âmbar na outra.

— Eu gosto assim. — Enchi meia xícara com vinagre branco. — *Accipere* — murmurei, despejando o vinagre na mistura.

Desta vez, o líquido brilhou em um tom de azul, informando-me que eu havia realizado o feitiço corretamente. Isto é, até agora.

A entidade colocou os copos em um local limpo na minha mesa, servindo a bebida âmbar em cada um deles.

— Aqui. — O demônio intermediário me entregou um dos copos. — Você está trabalhando sem parar há horas desde que voltamos. Também não comeu nada. Está na hora de fazer um intervalo.

Esfreguei meus olhos, tentando aliviar a secura deles.

— Não tenho tempo para intervalos. Faltam menos de trinta e três horas para o meu prazo acabar.

— Imagino que possa usar só uns poucos minutos desse tempo para tomar uma bebida decente com seu familiar

Fitei-o, sem deixar de notar a maneira como ele pronunciara a palavra “familiar”, fazendo-a soar como “amigo”.

— Tudo bem. — Peguei o copo. — O que é isso?

— Conhaque. — Farissael acenou com a mão em desdém. — Não é gin do estoque de Gordon, então não se preocupe. Isso é coisa de qualidade. Achei que você poderia gostar. Pelo menos vai acalmar seus nervos.

Olhei para o líquido. Bebidas fortes não eram minha praia. Contudo, se ela fariacom que o demônio parasse de pairar ao meu redor, estava disposta a tomá-la. Levei o copo aos lábios e engoli tudo. Fiz uma careta assim que o álcool fez contato com minhas papilas gustativas. Surpreendentemente, não foi tão ruim quanto eu pensava. Quase poderia dizer que era bom. Fiquei feliz por meu avô não estar aqui, assim não me veria bebendo algo além de seu famoso gin.

O mais velho deixara um bilhete na porta da geladeira que vi assim que entrei em casa:

Sai com Charlotte. Seja ousada. Seja má. Seja uma bruxa das Trevas.

*Com amor,
Vovô.*

Ele era o melhor avô de todos os tempos.

Eu não tinha ideia de onde Poe estava e fiquei surpresa ao descobrir que estava lentamente me acostumando a não esperar que ele estivesse em casa. Minha vida estava mudando rápido demais para o meu gosto.

— Então — disse Faris, pegando uma cadeira e sentando-se nela como se fosse o dono do mundo —, é esse o seu famoso feitiço de engenharia reversa?

— *Entovarata* — corrigi. — Sim, é.

Coloquei o copo vazio na minha mesa e peguei o saco Ziploc com o orbe preto.

— Você já fez isso antes? — As pernas da cadeira raspavam no chão quando Faris se inclinou para frente com uma expressão curiosa no rosto.

— Duas vezes. Muito tempo atrás.

Eu estava debruçada sobre meu caldeirão fervente, o vapor tocando meu rosto. Minha cabeça doía. Soltei um suspiro para

aliviar a tensão no meu corpo. Meus pensamentos pularam do rosto de Logan para os nascidos-anjos mortos.

Faris se recostou, relaxado e seguro de si. Suas pernas estavam cruzadas. Ele parecia estar acima de tudo e de todos.

— E o que exatamente espera encontrar com este feitiço? — perguntou o demônio intermediário.

— Tudo.

Joguei o orbe preto na mistura e o observei desaparecer sob o líquido borbulhante. O objeto fez barulho ao atingir o fundo. Em seguida, estendi a mão sobre minha mesa e peguei um pequeno canivete.

Cortando minha palma da minha mão, murmurei:

— *Accipit.*

Rapidamente espremi três gotas do meu sangue na poção antes que o álcool que eu tinha bebido tornasse o encantamento inútil. Eu levaria horas preparando uma nova mistura. Um *flash* vermelho faiscou do caldeirão enquanto a energia crepitava e fluía ao meu redor. Senti um leve formigamento na pele e uma sensação pesada dentro de mim. Estava funcionando.

Quando o caldeirão ficou vermelho, sorri.

— Está pronto.

Faris se inclinou para frente e um sorriso presunçoso apareceu em seus lábios.

— Planeja se despir e pintar seu corpo todo com essa mistura?

— Vai sonhando.

— Pode deixar. — O demônio intermediário suspirou. — Sammy, querida, eu acho você tão incrivelmente divertida.

Fui até minha mesa de trabalho. Um pequeno baú de madeira marcado com runas e símbolos de bruxaria estava ao lado de um grupo de velas acesas. Abri a tampa. Dentro, havia sete fragmentos de cristal idênticos, do tamanho do meu polegar. Eu os peguei.

— O que são? — Farissael parou ao meu lado.

— Meus cristais da sorte.

— Parecem mais cristais da verdade. — Ele colocou as mãos nos quadris. — Bruxa, está escondendo algo de mim?

Sorri.

— De certa forma. Eles são cristais de canalização. Moldavita. Com um feitiço simples, poderão nos dizer quem fez o vírus e, quem sabe, o que há nele.

Os olhos do demônio se arregalaram.

— Agora estou curioso.

Era a minha vez de ensinar alguns truques bruxos à entidade.

— Observe e aprenda, meu amigo.

Faris ergueu as sobrancelhas.

— Adoro quando você fala essas coisas sujas.

Eu ri. Ele riu. Era uma noite estranha.

Peguei um fragmento de cristal e me movi para perto do caldeirão. Levantando minha mão direita, com o cristal agarrado em meu punho, entoei:

— *Lupinotuum*

Lobisomens.

Joguei o cristal na mistura.

— E agora? — perguntou Faris.

— Shhh.

Ao lado do caldeirão, peguei um par de grandes pinças de metal e mergulhei na poção fervente. Quando as puxei de volta, o cristal brilhava entre elas, sua aparência exatamente como era antes de eu deixá-lo cair no caldeirão.

— Não vejo nada — retrucou a entidade muito perto de mim e invadindo totalmente meu espaço pessoal.

Coloquei o cristal na minha mesa para deixá-lo esfriar.

— Isso significa que os lobisomens não estão envolvidos nos massacres.

Faris riu.

— Isso eu já sabia. — Ele inclinou a cabeça para trás e deu um gole em sua bebida.

Lancei-lhe um olhar irritado.

— Preciso ter certeza. Não posso descartar nenhuma das raças mestiças.

— Então, vai usar um cristal para cada um? Certo, agora estou conseguindo acompanhar.

Deixei cair outro cristal no meu caldeirão e disse:

— *Vampire*.

A palavra era parecida em latim, apenas com a entonação diferenciada do “e” no final. Quando retirei o cristal, ele ainda estava transparente.

— Os sugadores de sangue também estão fora. Nenhuma surpresa aí. — Faris serviu-se de outro copo de bebida. — Eu gosto deste jogo. É divertido.

Exalei, deixando cair outro cristal.

— *Ninf arum*

Fadas.

Mais uma vez, o cristal saiu transparente.

— *Angelus Natus.*

Nascidos-anjos.

Puxei a pedra e uma miríade de luzes passou por ela, transparente como um diamante.

Outro cristal foi mergulhado na mistura.

— *Luchorpán*

Duendes.

Ao tirá-lo do líquido, vi que este também estava claro como um bloco de gelo.

— *Trullan.*

Trolls.

Voltei a puxar um cristal lindo e brilhantemente translúcido.

— Só falta um, Sammy. — Faris bateu em seu copo vazio com os dedos. — Odeio ter que dizer isso, mas todos sabemos o que vai acontecer a seguir.

Eu sabia o que aquilo significava. Se as bruxas fossem as responsáveis, o cristal sairia vermelho como um rubi, combinando com o sangue que eu colocara na mistura. Ainda assim, tinha que tentar para ter certeza. Essa também era uma prova para a Corte, além do orbe preto no fundo do meu caldeirão.

Com a pulsação acelerada, eu me preparei, peguei o último cristal e pronunciei uma única palavra:

— *Maga.*

Bruxa.

Deixei a pedra cair e esperei, com olhos fixos na mistura vermelha fervente, sabendo como estaria quando o tirasse. Com o

estômago apertado, mergulhei a pinça na poção, preendi o cristal no fundo e puxei-o para fora antes de virá-lo.

— Mas que diabos? — sussurrei.

Faris quase esmagou meu nariz com a cabeça ao se inclinar sobre mim.

— Hum. Esse olhar angustiado em seu rosto deve significar que não deveria ter essas veias vermelhas nele.

Fui até minha mesa e deixei o cristal quente cair.

— Não. Era para estar completamente vermelho, como um rubi. Isso nunca aconteceu antes.

O calor úmido do caldeirão me atingiu, fazendo-me sentir tonta. Eu pressionei ambas as mãos na mesa ao redor do cristal. Que diabos era isso? Será que eu tinha feito o feitiço errado?

— Você sabe o que isso significa? — perguntou o demônio.

— Sim. Significa que estou errada.— Droga. Baixei a cabeça, sabendo que a Corte das Bruxas Sombrias não aceitaria o cristal como prova legítima. Eu ainda tinha o vírus, mas de que ele adiantaria se não conseguisse identificar seu criador? — Fiz o feitiço certo, tenho certeza disso. Se eu tivesse feito errado, todos os outros cristais teriam saído marcados como este. Contudo, eles estavam translúcidos. Foi só quando testei com meu sangue, com as bruxas, que ficou assim. Então, por que este acabou desta forma? É quase como se...

— O quê? Esse suspense está me matando — falou Faris enquanto pegava o cristal e o girava na mão para ver melhor.

— Meia-bruxa, talvez? Talvez essa seja a maneira do cristal nos dizer que um humano com habilidades mágicas fez isso. Um descendente de bruxa.

O demônio colocou o cristal de volta no chão.

— Talvez, embora seja altamente improvável. Você viu o que o vírus fez com aqueles humanos.

— Talvez esse humano seja diferente, mais bruxo do que humano.

— Então, por que o cristal não nos mostrou isso? Um mortal com mais DNA de bruxa nele o torna bruxa. Se isso fosse verdade, seu cristal teria saído todo vermelho.

— Certo. — Fitei a pedra. — É quase como se estivesse me dizendo que o culpado é um bruxo, mas, ao mesmo tempo, não é. — Olhei para o demônio. — O que é um bruxo, sem ser um bruxo?

— Agora você está falando como uma maluca. — Faris pegou a garrafa de conhaque e encheu meu copo com ela. — Aqui. Beba um pouco. Quando em dúvida, sempre beba.

Balancei minha cabeça, sentindo-me mais confusa e irritada do que antes.

— Não, obrigada. Eu Preciso manter minha mente limpa.

Para que eu possa sair correndo e me esconder. Droga. Que bagunça.

— Como queira. — Faris levou o copo aos lábios, tomando um gole.

Cristais à parte, eu ainda não tinha entendido por que esses bruxos das Trevas haviam conjurado o vírus e, agora, estava mais confusa do que nunca.

Soltei o longo suspiro que estava segurando, agarrei as pinças e recuperei o orbe preto do caldeirão. Depois de esperar que esfriasse, o que levou apenas alguns segundos, coloquei-o em um saco Ziploc e o enfiava na minha bolsa-mensageiro junto com o cristal com as veias vermelhas.

— Onde você pensa que está indo? — Faris me observou, seus olhos se estreitando.

Suspirei pesadamente.

— Tenho que contar à Corte das Bruxas Sombrias sobre os ataques aos nascidos-anjos. Precisamos estar preparados se eles retaliarem. Posso não ser capaz de fornecer provas substanciais do envolvimento das bruxas, mas tenho o vírus. Não sei o que eles vão fazer com o cristal.

Além de me despedaçar, é claro. Eu quase podia ver o sorriso conivente no rosto do meu pai junto com a expressão de vitória de Tran, porém, tinha que pensar nos outros; na comunidade. Tinha que fazer isso parar antes que piorasse.

Faris respirou fundo, preparando-se para dizer alguma coisa, mas um estalo causado pelo deslocamento de ar o interrompeu, sacudindo nossas cabeças.

— Bruxa! Você tem algo nosso! — uma voz ressonante ecoou.

Xinguei, observando as três figuras vestidas em preto paradas na soleira.

Ah, droga, eram os bruxos das Trevas.

Um brilho esverdeado iluminou meus olhos assim que eu gritei:
— *Sphaeras!*

A dor comprimiu meu estômago, em seguida, fui arremessada para trás por uma força invisível como se tivesse sido atingida por uma bala de canhão.

Ai!

Voei sobre minha mesa de trabalho, batendo na parede da estante de livros no fundo da sala antes de deslizar para o chão. A magia rasgava minha pele como pequenas agulhas afiadas. Apertei os olhos. Faris estava ao meu lado, seu rosto enrugado de preocupação e de raiva, me protegendo com seu corpo.

— Você está bem?

— Eu vou sobreviver.

Pisquei para o escudo gigante em forma de esfera de energia dourada que ocupava metade da sala e nos separava dos bruxos das Trevas. Sabia que tínhamos apenas alguns segundos antes que eles o derrubassem.

Levantei-me, sentindo o gosto de sangue na boca, e olhei através do meu escudo semitransparente para os bruxos das Trevas. Pesadas túnicas pretas e ondulantes davam um belo toque dramático e impressionante ao trio. Em circunstâncias diferentes, eu poderia querer uma daquelas lindas vestes pretas. Na penumbra do quarto, era impossível ver seus rostos sob os capuzes grossos. O ar pulsava com magia negra, preenchido com o cheiro de enxofre. Eles

pareciam os Sith do universo de *Star Wars*, mas sem os sabres vermelhos. Afinal, não precisavam de sabres. Tinham a força bruxa.

Aqueles desgraçados tinham acabado de me atacar na minha própria casa. Eles sabiam onde eu morava. Não era nada bom. Invadir minha residência sem serem convidados, onde meu avô e eu dormíamos... passara totalmente dos limites. Agora, eu estava furiosa.

Infelizmente, não tinha tempo para conjurar ajuda demoníaca. Esses bruxos não eram do tipo paciente, que esperaria por mim enquanto eu desenhava meu círculo e triângulo de giz. Eu teria que confiar apenas no meu anel de sigilo e em Faris.

— Parece que o saco de pancada e seus meninos estão de volta. Que *timing* fabuloso, meus amigos. — A entidade intermediária estalou os dedos. — Eu estava mesmo com vontade de chutar o traseiro de algum bruxo esta noite. Agradeço a oportunidade.

O demônio se afastou de mim. Seu corpo estava cheio de agressividade, uma expressão selvagem contorcia seu rosto e uma promessa de violência emanava dele.

É isso aí. Já ser divertido.

Dei um sorriso desagradável.

— Não me lembro de ter enviado nenhum convite — falei, lançando um olhar de ódio para os bruxos e puxando a energia do meu anel de sigilo, alimentando meu corpo com sua magia. — Atacar-me em minha própria casa não foi inteligente. — Aproximei-me da mesa, enfiei a mão na bolsa e puxei o Ziploc com o orbe preto. — Estão procurando por isso? — Eu o exibi.

Os corpos dos três bruxos enrijeceram. Só então notei que um deles era significativamente menor em tamanho. Talvez uma bruxa? Talvez essa fosse uma gangue diferente?

Embora eu não pudesse ver seus olhos sob seus capuzes, podia senti-los seguindo o orbe negro.

— Não vai rolar. — Enfiei o Ziploc no bolso da frente do meu jeans, feliz que realmente coubesse. Teria destruído o ar de poder que eu estava tentando transmitir se eu tivesse que trocar de bolso ou enfiá-lo de volta na bolsa.

Era óbvio que tinham vindo buscar a amostra de vírus que eu possuía. Contudo, para colocarem as mãos no orbe, teriam que me matar antes. E eu não estava planejando morrer esta noite.

— A menos que me digam seus nomes — arrisquei, dando um tapinha em meu bolso. — Talvez possamos fazer um acordo. O que me dizem? O orbe negro em troca de suas identidades? — Claro que eu estava mentindo, mas eles não precisavam saber disso.

Energia verde pingou das mãos estendidas dos bruxos, como se fosse eletricidade líquida. Tá, eles já sabiam que eu estava blefando.

— Acho que não querem negociar, Sammy — disse Faris, com um olhar primitivo como se quisesse se vingar do que haviam feito com ele da última vez.

— Quem perde são vocês.

Um dos bruxos das Trevas deu um passo casual para frente com suas mãos estendidas em uma demonstração de poder e força.

— Entregue-me o orbe e, talvez, eu deixe você manter suas entranhas onde estão.

Reconheci a sua voz. Era o mesmo homem que me atacara no *Luke's BBQ & Grill*

— Não vai acontecer, otário. Você é o otário, não é? Sim, é você mesmo. — A pequena contração de seus ombros me informou que ele odiava o apelido que eu lhe dera. Que bom. Eu ia usá-lo novamente. — Você já roubou o outro. Não vai funcionar desta vez.

A cabeça do bruxo se virou em direção ao meu caldeirão ainda fervendo. Ele riu antes de dizer:

— Vocês, bruxas, e suas sopas. — O sujeito gargalhou. — Não é à toa que nunca evoluíram, nunca atingiram a grandeza. Não se pode *cozinhar* poder. Ele tem que vir de dentro. Vocês nunca vão mudar, nunca vão crescer. É tão lamentável, tão triste.

Dei a ele meu melhor sorriso.

— Você está tagarela hoje. Não faço ideia do que quer dizer, mas já que começou — comentei, girando minha magia no meu núcleo —, por que não continua e me conta por que atacaram os nascidos-anjos? O que pretendem conseguir infectando inocentes com esse vírus?

Eu não conseguia ver seu rosto, mas percebi que ele sorria.

— Se você fosse uma bruxa esperta — disse o mesmo Bruxo das Trevas —, o que claramente não é, já teria percebido. A resposta está na sua frente.

O homem estava se referindo ao grupo; aos três.

— Tenho dificuldades de aprendizagem. Que tal soletrar para mim?

Eles eram a resposta? O que isso significava exatamente? Já sabíamos que o trio era responsável pelos ataques. Será que tinha alguma coisa a ver com o cristal e as teias vermelhas nele?

O sujeito levantou a mão.

— Vou ficar com esse orbe, Bruxa. Entregue-o a mim.

Certo. Como se isso fosse acontecer

— Você esqueceu de dizer a palavra mágica. — *Seu desgraçado arrogante*. Eu sorri. — Vem pegar, se puder.

A raiva de tê-los em minha casa me deixou mais ousada e burra. Os bruxos estavam claramente armados com uma magia mais forte, mas eu não conseguia me conter. Era uma dessas noites. Eles não iriam pegar o orbe. Não dessa vez.

O homem rosou, então, a magia em seus dedos cresceu e se intensificou ao longo das mãos, como enguias verdes brilhantes. Seu controle sobre seu poder era impressionante, ainda assim, ele não deixava de ser um idiota assassino.

Algumas palavras saíram dos lábios do bruxo das Trevas, em seguida, meu escudo protetor caiu.

Faris sorriu.

— Hora do *show*.

Os bruxos das Trevas mergulharam na sala. Vozes entoavam em tons escuros e lânguidos. Otário deu dois passos largos em minha direção e estendeu as duas mãos para frente ao passo que maldições sombrias se formavam em seus lábios. Um raio de energia esverdeada veio em direção ao meu rosto.

Merda. Eu me joguei para trás e atingi o chão, rolando. O ar se moveu acima da minha cabeça. Por um momento, senti cheiro de cabelo queimado subindo pelo meu nariz. Pelo canto do olho, vi Faris enfrentar outros dois bruxos, atingindo-os como se tivesse uma arma semiautomática. Ele arremessava rajada após rajada de

energia negra e demoníaca, não permitindo que eles sequer tentassem dar um golpe. O quarto cheirava a alcatrão.

Girei, ajoelhando-me, e puxei todo o poder que pude reunir naquele instante enquanto esticava minha mão direita e gritava:

— *Hasta Feurd!*

Um fogo amarelo-alaranjado, em formato de lança, saiu da minha mão e foi em direção ao bruxo. Olhos verdes arderam sob o capuz grosso quando ele sacudiu o pulso. Minha lança de fogo bateu na janela de vidro ao seu lado. O vidro explodiu e minhas cortinas pegaram fogo.

Desgraçado.

— Levei uma eternidade para fazer a barra dessas cortinas.

— Você já era, bruxa. — O cara avançou. — Dê-me o orbe.

Sua confiança me incomodava.

— Que tal eu lhe dar um pouco disso... — Puxei meu anel e gritei — *Feurantis!*

Bolas de fogo duplas saíram de minhas mãos e acertaram o bruxo bem no peito. O poder me atravessou, deixando-me um pouco sem fôlego. Ele cambaleou para trás assim que o fogo explodiu em cima dele.

Eu sabia que não iria queimá-lo, mas o golpe me deu os poucos segundos que eu precisava. Com o pulso martelando, cambaleei e fiquei em pé.

O bruxo das Trevas bateu palmas e o fogo desapareceu.

— Belo truque. Importa-se em compartilhá-lo?

Uma risada escapou do sujeito.

— Você é uma bruxa comum e deplorável.

Mais uma vez, aqueles xingamentos esquisitos.

— Eu me esforcei para agradar

Ele se aproximou. Seu pulso de poder fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Sua magia não pode vencer a minha. Sou mais forte que você.

Esperei até que ele estivesse a dois metros de distância de mim.

— Eu sei.

Então, eu o chutei com minha bota bem entre as pernas, o mais forte que pude.

O cara gritou e caiu de joelhos, cobrindo sua preciosa masculinidade com as mãos. Em seguida, dei uma joelhada na cara dele. O bruxo caiu para trás, as vestes pretas se enroscando quando ele se chocou com o chão.

Sorri.

— Esse é o resultado de seis meses de aula de defesa pessoal.

Meu coração batia loucamente no meu peito. Eu tinha meros segundos antes que o bruxo voltasse a murmurar seus feitiços sombrios.

— Faris! Precisamos ir! — Eu odiava ter que fugir de casa assim, mas se não saíssemos, estávamos fritos.

O demônio intermediário não parou de enviar rajadas de fios negros contra os outros dois bruxos das Trevas, gritando:

— Estou um pouco ocupado no momento.

Droga. Se ele parasse de atingi-los com sua magia, a dupla estaria em cima dele em um instante.

Antes que eu percebesse o que estava fazendo, corri na direção dele. Um feitiço já estava pronto em meus lábios enquanto eu acessava a energia do meu anel. Antes de que pudesse chegar perto da entidade, algo agarrou meu pé e eu fui de cara no chão.

Meus instintos logo entraram em ação. Eu girei, ficando em pé. Verde brilhou diante dos meus olhos e uma dor lancinante me atingiu. A agonia perfurou minha cabeça, era como se agulhas enormes e geladas mergulhassem em minhas têmporas. Encolhi-me e dobrei-me. Ah, Deus, como doía.

— Não toque na *minha* Sam! — gritou Faris com cordões negros de magia demoníaca saindo de seus dedos e de suas mãos.

Aqui vamos nós novamente.

O demônio estendeu as mãos. Uma bola de morte negra voou pelo ar e atingiu o bruxo como uma bomba. Ele foi lançado para trás, colidindo com a parede oposta.

A adrenalina estava fluindo, protegendo-me um pouco da dor enquanto eu me esforçava para ficar de pé.

— Faris, vamos.

Era o momento perfeito para sairmos. Não tínhamos essa chance novamente. Era agora ou nunca.

— Faris!

Sem parar, o demônio intermediário estendeu as mãos. Duas lanças negras da morte dispararam através delas. Elas atravessaram o ar, atingindo um dos bruxos. Ele cambaleou por um momento, depois, caiu no chão.

Agora, apenas um bruxo estava de pé, mas eu não me importava. Precisávamos sair dali.

Farissael correu em minha direção. Seu rosto estava sombrio e cheio de ódio.

Um lampejo de movimento chamou minha atenção.

O bruxo das Trevas menor puxou algo das dobras de seu manto preto, estendeu-o com uma mão delicada e disse algumas palavras em uma voz que soava feminina.

Percebi a armadilha chegando e gritei:

— Faris, cuidado!

A entidade fez um som estranho, como se estivesse sendo estrangulado, seus olhos se reviraram na nuca e ele caiu, inconsciente.

Tá. Isso não era bom.

— Faris!

Meu estômago gelou. Que diabos? O medo me fez perder o controle. Meu fôlego se despedaçou.

Eu me virei para a bruxa.

— O que fez com ele? O que você fez?!

Ela colocou a pedra preta dentro de seu roupão novamente e se moveu em minha direção com a cabeça erguida.

— Dê-me o orbe, Samantha.

Eu odiava o fato de que esses bruxos diziam meu nome como se me conhecessem.

— Nunca.

Ela suspirou alto.

Nenhum feiticeira minha cabeça mataria a mulher. Ela era muito forte. Todos eles eram.

O medo lutava contra a fúria em mim. No final, a fúria venceu.

— Se você tiver matado meu amigo — sibilei, meu temperamento quente me deixando burra —, juro que lhe socarei até você virar um monte de entranhas. — Mostrei a ela meus punhos.

A bruxa riu e, então, balançou a cabeça.

— Samantha, depois de tudo que você viu, depois de tudo que lhe mostramos, ainda não percebeu que sua magia não tem efeito sobre nós?

— Vou correr o risco, sua vadia desgraçada.

Seu corpo inteiro estremeceu quando seu poder a inundou.

— Já viu o cérebro de uma pessoa derreter por dentro e escorrer pelos ouvidos?

— Se eu puder escolher, prefiro ser chicoteada.

Quando me encarou, ela parou e tirou o capuz.

A mulher não era o monstro que eu esperava. Seu rosto era pálido. Comum. Era mais velha do que eu, possivelmente tinha trinta e poucos anos. Seu cabelo ruivo escuro estava preso em um rabo de cavalo baixo. A bruxa estava me mostrando seu rosto porque acreditava que estava prestes a me matar. Bem, é o que veríamos.

A única coisa diferente nela eram os olhos. Eles eram verde esmeralda e brilhavam como sua magia: de uma forma demoníaca e não natural. Suas íris cintilavam com uma malícia insana.

— O que você é?

Um lampejo de medo real apertou meu coração, indesejado e inquietante. Ela não cheirava como um demônio. Será que estava olhando para uma bruxa ou será que a mulher era algo diferente?

Ela ficou me encarando por alguns segundos.

— Entregue-me o orbe, Samantha. — A magia verde se reuniu em torno de suas mãos. A mulher dobrou os dedos em forma de arma e apontou para mim. — Acabou.

— Até parece.

Um lampejo de raiva contorceu suas feições. Ela estendeu sua mão.

— O orbe. Não vou pedir de novo.

— Não. — Eu me mantive firme.

Era burrice? Sim. Coragem? Talvez. Eu era uma bruxa corajosa e burra, tinha que admitir.

Seu rosto liso se contorceu em um rosnado.

— Agora!

— Minha neta disse *não*! — retrucou uma voz atrás de mim.

Tendões de eletricidade azul passaram pelo meu corpo, iluminando, por um segundo, a sala como se fosse a luz do dia, então, bolas de fogo roxas os seguiram.

Elas atingiram a bruxa.

Cambaleando, a mulher soltou um grito, não de dor, mas de frustração.

— Não! — ela uivou, seu corpo se fundindo com cordas de energia azul e suas vestes brilhando em chamas roxas.

A pele do seu rosto e das suas mãos ficou cheia de bolhas. A bruxa grunhiu para mim. Seus olhos estavam furiosos enquanto as chamas roxas subiam por sua cabeça, queimando seu cabelo e enchendo a sala com o fedor fétido de carne queimada. Ela soltou um gemido e caiu de joelhos.

Com o coração batendo forte, virei minha cabeça. Lá, atrás de mim, estava meu avô com uma expressão muito zangada, acompanhado por uma Charlotte de rosto vermelho e irritado.

Eles tinham acabado de salvar minha pele daquela bruxa psicótica das Trevas.

Infelizmente, quando me virei, só havia um manto preto amassado no chão. A mulher já não estava mais lá.

— Sorte sua que voltamos a tempo — disse vovô pela décima vez ao estender a mão sobre o balcão da cozinha e pegar uma garrafa de seu gin caseiro Vassoura do Gordon.

Em qualquer outro dia, eu já teria dado uma resposta atravessada para ele, mas considerando que o homem tinha acabado de me salvar, deixei-o desabafar.

Meu avô serviu-se de outra porção considerável de gin. A garrafa tremia em suas mãos enquanto ele despejava um pouco mais no copo de Charlotte. Surpreendentemente, ela bebia aquela coisa como um peixe dentro d'água. Os dois eram perfeitos um para o outro.

— As proteções vão mantê-los afastados de agora em diante. — O mais velho torceu a tampa da garrafa. — Quero ver esses desgraçados tentarem passar pelos meus feitiços. Vão virar churrasco.

Após o ataque dos bruxos das Trevas, meu avô começou imediatamente a trabalhar. Com giz e marcadores na mão, ele entoou feitiços, encantos e maldições, marcando nossas portas, janelas e paredes com barreiras de proteção para impedir que os bruxos das Trevas entrassem ou se teletransportassem para nossa casa novamente. Cada espaço tinha uma proteção marcada. Com a minha ajuda e a de Charlotte, terminamos os encantamentos em cerca de duas horas.

Agora, a residência pulsava com energia mágica, como a batida de um coração; como se a casa de arenito fosse uma fera feroz e pronta para devorar qualquer intruso. Com os feitiços ativos, finalmente consegui relaxar ligeiramente ou, pelo menos, me livrar de um pouco daquela tensão reprimida.

Eu não queria estourar a bolha do meu avô, mas o trio era poderoso. Uma pequena parte de mim temia que as proteções não pudessem detê-los. Quem eram esses bruxos das Trevas, afinal?

Meus olhos passaram da cozinha para o sofá da sala, onde nós três tínhamos conseguido colocar um Faris muito inconsciente. Ele pesava muito mais do que parecia. Infelizmente o demônio ainda não tinha acordado e isso me preocupava. E não ajudava nada que seu rosto estivesse terrivelmente pálido. Seu cabelo caía em seus olhos. Ele odiaria ver a si mesmo nessa situação.

O que era aquela pedra mágica que a mulher usara em Farissael? Eu nunca tinha visto nada parecido antes. Nunca vira alguém, quer fosse bruxo ou não, enfeitiçar um demônio intermediário a ponto de deixá-lo em coma. Ele caíra no chão em menos de um segundo. Fora uma cena horrível; uma que me deixara completamente assustada.

Mais tarde, eu tinha procurado a pedra onde a bruxa caíra. Porém, tudo o que encontrara fora seu manto preto vazio. Nada da mulher. Nenhum sinal da pedra.

A única parte boa dessa bagunça toda foi que consegui manter o orbe negro, a amostra de vírus e meus cristais. Também guardei as três vestes pretas em um saco de lixo para levar comigo à Corte das Bruxas Sombrias. Eu vira os bruxos serem derrotados, contudo, eles tinham conseguido fazer outro truque de magia. Agora, tudo o que me restara eram suas vestes.

— Ele vai ficar bem — disse Charlotte. Virei meu olhar, vendo seu sorriso cheio de compaixão. — Não há febre. Se houvesse, eu ficaria preocupada. Além disso, o pulso dele está forte, o que é um sinal muito bom. Imagino que vai estar de pé a qualquer momento. Não se preocupe, querida.

Soltei um suspiro enquanto meu olhar voltava para Faris.

— Ele é um demônio. Não é como nós. E se não acordar? Tipo, nunca? — Levei minha atenção de volta para a mais velha. — E se

essa bruxa o colocou em um coma para sempre?

O silêncio da mulher fez com que eu me sentisse pior

— Pare com isso — falou meu avô com um rosto sombrio. — Ele vai acordar. Dê um tempo para o demônio.

O silêncio se estendeu, enchendo a sala por um momento.

A preocupação me corroía. Era como se eu estivesse perdendo o controle. Bruxos das Trevas estavam matando humanos e nascidos-anjos, contudo, eu ainda não tinha ideia de quem eram ou por que estavam fazendo isso.

Pensei em Logan e, de repente, senti-me mal. Ele estava tão bravo, tão cheio de ódio. E quem poderia culpá-lo? Seu povo havia sido assassinado por um vírus mágico mortal sem nenhuma razão aparente além do prazer de matar. O que mais doeu foi que o nascido-anjo me incluía entre os culpados, como se eu fizesse parte desse bando de bruxos perturbados. Ele sabia que eu não era a responsável, mas achava que eu estava bem com o que tinha acontecido. Talvez pensasse que eu sabia sobre tudo e não tinha lhe contado. Para ele, ser uma bruxa das Trevas era o suficiente para me colocar no mesmo caldeirão que os outros. O nascido-anjo não me conhecia nem um pouco. Todavia, deixar-me desmoronar agora por um homem não era uma opção. Eu precisava me concentrar. Se Logan não conseguia ver além de seus preconceitos, era problema dele.

Inclinei-me para frente e peguei o cristal. Eu o levantei na luz da cozinha, observando as veias vermelhas como cicatrizes em uma pedra preciosa. Estragado. Arruinado. O que significavam aquelas linhas?

— Ainda não tem ideia do que os riscos querem dizer, não é? — Meu avô foi até o meu lado.

— Não. — Baixei o cristal. — Não posso deixar de pensar que cometi algum erro. É a única explicação para ter ficado assim.

Ele colocou o copo sobre o balcão.

— Não cometeu, não. Dá aqui. — Gordon estendeu a mão e eu deixei a pedra cair em sua palma. Ele estreitou os olhos, analisando o cristal de perto. As bordas tocavam seu nariz, e eu juro que o vi cheirá-lo. Depois de um momento, ele fez um barulho, algo entre o

reconhecimento e o mistério. — Tomei a liberdade de revisar sua lista de ingredientes. A menos que tenha dito as palavras erradas...

— Não disse.

— Então, você fez tudo certo. — O mais velho colocou a pedra no balcão, sorrindo para mim. A expressão surgiu facilmente em suas feições. — Pare de duvidar de si mesma. Você é tão teimosa em sua magia quanto é perfeccionista. Herdou isso da sua mãe, que era tão cabeça dura quanto você.

— Ela deve ter sido incrível — falei, fazendo Charlotte rir. Eu adorava a namorada do meu avô.

Vovô sorriu.

— Ela era. Sua mãe era uma bruxa das Trevas muito esperta, assim como você. Você fez tudo certo, Samantha. Este maldito cristal é que está todo errado. Significa algo, só não descobrimos ainda o quê.

Charlotte apoiou os cotovelos no balcão, segurando seu copo entre as mãos.

— Ainda vai levá-lo para a Corte das Bruxas Sombrias, Samantha?

— Eu tenho que levar. Talvez eles saibam o que fazer com ele. — Olhei para o saco Ziploc com o orbe preto. — Agora, tenho uma amostra do vírus. É uma prova. Eles vão ter que acreditar em mim desta vez.

Ainda assim, eu sentia como se algo estivesse faltando. Um grupo de bruxos das Trevas desonestos perambulando pela cidade, infectando nascidos-anjos e humanos simplesmente não fazia sentido. Qual seria o motivo? Eles eram organizados demais para serem apenas um bando de malucos. Por que mais estariam tão empenhados em remover todas as evidências? Porque não queriam ser pegos. O grupo tomava muito cuidado para manter suas identidades escondidas, como se ainda não estivessem prontos para mostrá-las ao mundo. Contudo, todos nós sabíamos que eram bruxos das Trevas, então, por que todo aquele segredo e as capas negras?

E sim, eu tinha visto o rosto da bruxa, embora fosse um bem esquecível. Porém, isso só aconteceu porque ela pensou que

estava prestes a me matar. Um grande erro, diga-se de passagem. Rezei para que o cabelo dela nunca voltasse a crescer.

— E as capas — disse meu avô com uma expressão satisfeita. — Elas também são uma prova. Deve haver toneladas de magia residual nelas. A Corte tem engenhocas mágicas sofisticadas que podem detectar esse tipo de magia.

Assenti, sentindo um pequeno sorriso se formando em meus lábios.

— Verdade. Além do mais, posso fazer um desenho da bruxa que tentou me matar. Isso é, se eles curtirem o estilo artístico de bonequinhos de palito.

Charlotte quase se engasgou com a bebida.

Inclinando-me para frente, cruzei os tornozelos sob a cadeira.

— Preciso que eles acreditem em mim o suficiente para me deixarem ter uma equipe de trabalho. Com mais alguns bruxos investigando, podemos encontrar os culpados e detê-los. Eu vi do que eles são capazes. Vivi isso na pele. Preciso ter alguns bruxos poderosos como apoio. Preciso de uma equipe.

Não era burra o suficiente para pensar que poderia derrotá-los sozinha. Não depois de testemunhar o que o trio foracapaz de fazer comigo, uma poderosa bruxa das Trevas, e com Faris, um demônio intermediário do Submundo. Eu precisava de ajuda. Muita ajuda.

— Tem certeza de que a Corte lhe dará uma equipe? — indagou meu avô com um brilho em seus olhos.

Dei de ombros.

— Talvez. Eu preciso tentar. Você sabe como as Cortes funcionam. São muito lentas. Elas andam em ritmo de tartaruga.

— Vamos com você — disse Gordon com os olhos arregalados de animação. — Somos testemunhas. Vimos a coisa toda. Charlotte e eu vimos o rosto dela. Nós derrotamos aquela vadia! — acrescentou, batendo o copo no balcão para aumentar o efeito dramático. — Eles vão acreditar em você.

— Não pode vir comigo.

Os olhos de meu avô desapareceram sob sua profunda carranca.

— Por que não? Posso não ser funcionário da Corte, mas sei que, de acordo com a Lei do *Coven*, em questões urgentes, posso

me dirigir aos membros.

— Não é isso. — Merda. — Eu não acho que você vir seja uma boa ideia.

— Por quê? — ele perguntou de modo cuidadoso e afiado. — Acha que eu não consigo lidar com um grupo de bruxos velhos e cheios de verrugas? Eu sou um deles!

Eu me mexi em meu assento em uma rigidez desconfortável. Droga. Ainda não tinha contado ao mais velho sobre meu pai. Preparei-me para a tempestade que estava prestes a atingir minha cozinha.

— Tem algo que eu não lhe contei — comecei, encontrando os olhos do meu avô e sentindo meu estômago revirar.

Gordon cruzou os braços. Seus lábios estavam franzidos.

— Estou esperando.

Respirei fundo e disse:

— Meu pai voltou. — Olhei para meu avô, notando que ainda estava respirando, então, continuei — Ele tem um assento na Corte agora. Na verdade, é o novo Superintendente da Corte das Bruxas Sombrias.

Houve um silêncio, embora só tenha durado o tempo de uma batida do meu coração. Vovô se afastou do balcão como se tivesse levado um chute no estômago. Seu rosto empalideceu, em seguida, assumiu diferentes tons de vermelho, ficando levemente roxo. Sua boca tremeu.

Lá vem.

— Aquele bruxo miserável! Desgraçado! — ele se enfureceu. — Eu vou matá-lo! Ele vai morrer!

Aí está.

— Quem ele pensa que é? — o mais velho gritou, gesticulando com os braços enquanto andava pela cozinha. Suas emoções mudavam mais rápido que a velocidade de um vampiro. — Como teve coragem de voltar aqui depois do que fez? Ele não sabe que vou encontrá-lo e matá-lo?! — Gordon moveu os dedos como se estivesse prestes a lançar um feitiço sombrio. — Vou me certificar de terminar o serviço desta vez. O maldito não perde por esperar.

— Acalme-se, Gordon — disse Charlotte calmamente, como se estivesse acostumada com as birras dele. — Ficar nervoso assim

não é bom para a sua pressão.

— Ele tentou matar Samantha! — vovô gritou. Seus olhos estavam selvagens e sua mão puxava o cabelo no topo de sua cabeça.

Droga. O homem estava ficando louco. Era disso que eu tinha medo. Eu sabia que a notícia iria aborrecê-lo, mas não podia mentir para ele. Não sobre isso.

Charlotte se levantou e colocou um braço em seu ombro.

— Eu sei. Você me contou o que aconteceu. Porém, você não será de nenhuma ajuda se tiver um ataque cardíaco.

Isso pareceu ajudar. Meu avô soltou um longo suspiro, endireitou-se e se recompôs. Seu rosto ainda estava vermelho, mas seus olhos já não tinham o mesmo brilho louco de alguns segundos atrás.

Com um pequeno sorriso, a bruxa voltou para sua cadeira e tomou um gole de seu gin.

— Então, Edmond Turnbull está de volta. Depois de todos esses anos. O que mais você pode me dizer? — Meu avô tentou alisar o cabelo com as mãos, mas só conseguiu deixá-lo arrepiado para o lado contrário.

Soltei uma risada amarga.

— Ele também tem um novo nome. Arthur Barlow.

Gordon fez uma careta.

— Arthur Barlow. Arthur Barlow — repetiu como se estivesse testando o nome em seus lábios. — Não, nunca ouvi falar dele.

Contraí minha mandíbula até doer.

— Não sei como ele conseguiu, mas está lá na maldita Corte. — A raiva se acendeu em mim. Como se não fosse o bastante, o bastardo ainda estava me dizendo como fazer meu trabalho. Minha vida estava tão bagunçada.

Eu não percebi quanto tempo fiquei encarando o balcão até que senti uma mão quente sobre a minha e olhei para cima, vendo o rosto preocupado do meu avô.

— Sinto muito, Samantha. — As rugas nos cantos de seus olhos se aprofundaram. — Deve ter sido muito difícil para você. Eu queria... ter estado lá para protegê-la dele.

Coloquei minha outra mão sobre a do mais velho.

— Eu sei, mas não sou mais uma garotinha. Não preciso ser protegida. É ele que vai precisar ser protegido de mim.

Porque eu vou atrás de você, papai.

Meu avô puxou a mão, dando-me um olhar f rio.

— Samantha, sabe que tem que ter cuidado agora. Ele está esperando você escorregar e cometer um erro. Aposto que é uma das razões pelas quais está na Corte; para provocá-la; para ver até onde consegue quebrá-la.

— A única coisa que vai quebrar é o pescoço dele.

E suas pernas. E seus braços... Eu não tinha certeza se Charlotte sabia sobre minhas habilidades, mas tinha a sensação de que ela descobriria em breve.

Vovô coçou a barba enquanto seu rosto se enrugava em concentração.

— Eu só gostaria de saber o que ele esteve fazendo por todos esses anos.

— Nada de bom, tenho certeza — retruquei, levantando-me da cadeira. — Contudo, primeiro, precisamos lidar com esses bruxos das Trevas. Preciso descobrir quem eles são.

— Eles não são bruxos das Trevas.

Eu me virei. Faris caminhava em direção à cozinha. Seu rosto ainda estava pálido. Seus olhos pareciam quase pretos sob as luzes f racas. Alívio tomou conta de mim, embora eu não tivesse certeza se deveria ir até ele e abraçá-lo. Eu não era muito de abraçar, portanto, f iquei onde estava.

— Como você está se sentindo?

O demônio descartou minha pergunta com um aceno de mão. Ele me encarou. Seus olhos estavam mais largos do que eu jamais os tinha visto antes, o que me deixou tensa.

Farissael abriu a boca e disse novamente:

— Eles não são bruxos.

— Acho que você precisa se sentar — f alou Charlotte, olhando para mim. Suas f eições estavam contorcidas pela preocupação.

Meu olhar caiu sobre o demônio intermediário.

— Não são bruxos? — perguntei, conf usa. A preocupação que também ref letiano rosto da entidade f ez meu pulso latejar. — Então, o que são?

Faris estava parado ao lado da ilha da cozinha. Ele esperou por um momento como se precisasse de toda a nossa atenção para o que estava prestes a dizer. Sua voz endureceu.

— São magos.

— **M**agos? Você ficou louco, demônio! — exclamou meu avô entre risos. — Os magos estão extintos. Essa raça já era, meu amigo. Eles não existem há mais de trezentos anos. — Ele deu a volta no balcão e se serviu de outro copo de gin. — Acho que aquela bruxa fez algo com sua cabeça — adicionou antes de tomar sua bebida de uma vez.

Faris bufou, com fúria mal controlada.

— Estou lhe dizendo, eles *não* são bruxos. São magos — repetiu, cuspidando a última palavra como se odiasse ter que pronunciá-la; como se ela fosse suja.

Eu nunca o tinha visto demonstrar esse tipo de raiva ou ódio antes. Mesmo quando o invocara pela primeira vez, o demônio não expressara tal repúdio. Na verdade, ficara empolgado ao me ver. Nada parecido com o que eu esperava de uma entidade presa em um pequeno triângulo, obrigada a cumprir as ordens de seu invocador. Faris era diferente. Ele sempre levava as coisas de bom humor e sempre encontrava algo de positivo em tudo. Portanto, ao ver esse tipo de fúria animal escarlate nele, eu seria uma tola se não o levasse a sério. E eu não era nada disso.

A imagem dos olhos verdes brilhantes da mulher que me atacara cintilou na minha mente. Eu nunca tinha visto os olhos das bruxas brilhando daquela forma, quer fossem das Trevas ou da Luz.

— O que lhe dá tanta certeza de que são magos e não bruxos?

O demônio intermediário passou seus longos dedos pelos cabelos escuros.

— Aquela pedra que ela usou em mim. Chama-se *Oculus ex Inferno* Olho do Inferno.

— Que encantador.

— Elas foram feitas há dois mil anos pelos Arquidemônios — informou. — As criaturas mais elevadas na hierarquia do Submundo.

— Arcanjos caídos que se voltaram para o lado do mal — eu disse, lembrando que tinha lido sobre eles em alguns dos livros antigos da minha tia.

— Exatamente.

Faris foi até o balcão oposto, pegou um copo pequeno e limpo do armário junto com a garrafa de Vassoura Brilhante do Gordon e surpreendeu a todos nós ao se servir. O demônio intermediário havia claramente perdido a cabeça.

A entidade tomou um gole. Seu rosto se contorceu como se tivesse mordido um limão.

— Os Arquidemônios são comandantes gerais do Submundo. — Ele tossiu. — Essa coisa é horrível — reclamou, tomando outro gole. — Como vocês sabem, os demônios não gostam de receber ordens, especialmente os Superiores, que estão em desacordo com os Arquidemônios desde o início da criação. Assim como este mundo, o Submundo já passou por guerras o suficiente. Guerras horrendas. Os Arquidemônios e os demônios Superiores estiveram em batalha uns com os outros por anos. Como resultado, os primeiros criaram essas pedras para controlar as entidades Superiores. Imagino que possa imaginar a animosidade que cresceu entre as duas raças. Não foi ilegal. Os demônios não ficaram nada felizes com suas coleiras novas.

— Eu não os culpo — respondi, animada com a aula de história.

Olhei em volta, vendo que meu avô e Charlotte estavam ouvindo atentamente o demônio intermediário. Era uma cena que não se via todos os dias.

Faris foi para o lado oposto da ilha da cozinha e me encarou.

— As pedras são poderosas e têm uma energia das Trevas única, um poder sombrio originado da própria essência dos

Arquidemônios. Os demônios Superiores, ou qualquer outro demônio, não podem manipulá-las sem correr o risco de morrer. Não podemos tocá-las. Você viu o que ela fez comigo. E nem me pergunte como, pois não faço ideia, mas acontece que os magos são descendentes diretos dos Arquidemônios. Por isso, eram os únicos que podiam manipular o poder das pedras sem sucumbir a uma morte dolorosa. Tendo adquirido esse novo conhecimento, os demônios Superiores fizeram um pacto com os magos. — Ele abaixou o copo. — Em troca de mais poder, poder acima de qualquer uma das raças mestiças, eles deveriam encontrar e destruir todas as pedras. Os magos nos garantiram que todas tinham sido destruídas.

— Eles mentiram — afirmei.

Farissael ergueu as sobrancelhas.

— Parece que sim. Algumas centenas de anos depois, os Arquidemônios e os demônios Superiores assinaram um tratado. Nenhuma outra pedra deveria ser criada, nunca mais.

— Muito informativo — disse meu avô. — Porém, os magos se foram deste mundo há muito tempo. Não há registro deles. Ponto final.

Olhei para o mais velho.

— O que aconteceu com eles?

Os olhos de Gordon se iluminaram, felizes em oferecer sua contribuição para a narrativa.

— Os magos eram os mais poderosos de todas as raças mestiças. E se o que seu familiar diz é verdade, sabemos o porquê. Eles eram uma raça cheia de segredos. Não compartilhavam sua magia ou conhecimento com as bruxas. Sua força os corrompeu. O mais poderoso de todos, seu líder, chamava-se Vossler. Quando ele decidiu que deveríamos ser seus escravos, as bruxas da Luz e das Trevas uniram forças para exterminá-los. Sim, eles eram mais poderosos, mas nós ganhávamos em número. Aqueles que não foram mortos passaram o resto de suas vidas escondidos. Com o tempo, a raça simplesmente pereceu.

— Só que, agora, eles estão de volta.

Uma raça mágica de seres com essência de Arquidemônio em seu sangue estava vagando pela cidade e matando inocentes. Não

é à toa que haviam me vencido com tanta facilidade. Tudo começou a fazer muito mais sentido.

Olhei para meu avô.

— Será que Vossler poderia ser um deles?

Gordon franziu os olhos, considerando a possibilidade, depois, balançou a cabeça.

— Impossível. Ele teria mais de trezentos anos.

— Talvez tenha encontrado a fonte da juventude — comentei. — Vai saber. Você disse que ele era o mais forte dos magos. Pelo que testemunhei, se o cara era mais poderoso do que os que me atacaram, não me surpreenderia se tivesse encontrado uma maneira de prolongar sua vida.

Um mago de trezentos anos era um problema sério, mas a pedra me preocupava mais.

Olhei para cima, encontrando o olhar de Faris.

— O Olho do Inferno é a sua criptonita.

O demônio assentiu. Seus olhos escureceram como se estivesse relembando sua experiência.

— Sim. — Seu rosto ficou preocupado. — Aquela pedra deveria ter me matado. Ouvi a maga pronunciar as palavras. Eu deveria estar morto.

— Então, como é que está vivo?

Faris balançou a cabeça.

— Não tenho certeza.

— O vínculo familiar que tem com Samantha o salvou — respondeu meu avô. Meu olhar foi para o mais velho. — Ele o protegeu. Você sobreviveu por causa dessa conexão.

— Suponho que sim. — O demônio intermediário assentiu com o rosto pensativo. — Essa é a única explicação lógica, embora eu não tenha tanta certeza de que sobreviveria a uma segunda vez.

Soltei um suspiro, pensando em como aquela pedra era perigosa. Quem a tinha controlava os demônios, o que não era nada bom.

Um pensamento me ocorreu.

— Se esta pedra é tão poderosa quanto você diz, acho que eles só têm uma. — Pelo canto do olho, vi meu avô concordar com a cabeça. — Se tivessem mais, todos aqueles desgraçados teriam

aparecido com uma. Contudo, havia apenas a que a maga carregava. Acho que isso significa que eles só têm uma pedra.

— Sim — respondeu Faris. Seus olhos brilharam com uma espécie de aprovação repentina. — Acho que está certa.

— Isso merece um brinde. — Meu avô tomou um gole de sua bebida e piscou para Charlotte, fazendo as bochechas da bruxa corarem.

Meu humor mudou um pouco e senti um leve alívio.

— Qual proteção vocês têm contra o Olho do Inferno?

Por favor, diga que tem algo útil. Se quiséssemos derrotar os magos, eu precisaria da ajuda de Faris.

O demônio franziu os lábios, permanecendo em silêncio. Após um momento, falou:

— Nenhuma. A única maneira de parar o poder da pedra é matar quem a controla.

Tentei absorver a informação.

— As pedras podem ser usadas contra as bruxas?

A maga não a usara contra mim, mas eu tinha que ter certeza.

Faris apertou a mandíbula.

— Não. Apenas contra demônios.

— Isso é um alívio. — Significava que nós, bruxas, ainda tínhamos uma chance de matar os magos. — Se as pedras foram destruídas antes, significa que podemos destruí-las novamente.

— Como? — perguntou Charlotte. — Como se destrói uma pedra mágica?

— Não faço ideia — comentei. — Porém, se os magos fizeram isso antes, imagino que eu também possa dar um jeito.

— Isso é ridículo — replicou meu avô. — Se eles são realmente magos, por que não os vimos antes? Teria sido impossível se esconder de nós. Teríamos captado sua magia.

Balancei minha cabeça.

— Não sei. Acho que eles têm se reproduzido em segredo por todos esses anos, talvez tenham crescido seus números.

Gordon praguejou baixinho.

— Ainda, agora que voltaram, estão matando humanos inocentes e nascidos-anjos. — Olhei para Faris. — Por que será? Tem alguma ideia?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu — respondeu o demônio intermediário, bebendo o resto de seu gin.

— Algo não faz sentido — eu disse, sentindo a tensão crescente em meu corpo me causar dor no pescoço. — Por que esperar tanto antes de aparecer? E por que escolheram usar o vírus? O que isto significa?

Uma batida alta soou pela casa, vinda da porta da frente.

Enrijei. Meu avô agarrou sua garrafa de gin como se fosse um taco de beisebol. Charlotte ficou imóvel em sua cadeira, o medo dançando em seus olhos. E Faris, bem, seus olhos brilharam. Lampejos de malícia e animação compartilhavam o espaço dentro deles.

Os magos eram muito corajosos para fazer algo tão ousado como voltar ali. Ou isso, ou eram completamente burros. Eu não acreditava que o grupo era estúpido assim. Então, eles haviam retornado para terminar o trabalho, é? Acho que não.

Coloquei o dedo nos lábios, fiz sinal para os três ficarem parados, girei na cadeira e me arrastei pelo corredor até a porta da frente. Puxei meu anel de sigilo, sentindo meu corpo pulsar com uma lenta e suave pontada de energia e de poder.

Os baques se transformaram em batidas altas e consistentes, quase como se alguém estivesse martelando um prego na porta da frente. Os magos não faziam tanto barulho. Eles gostavam mais de abordagens silenciosas.

E eu já tinha ouvido aquele som antes.

Exalei e abri a porta.

Poe estava na soleira.

— É assim que vai ser agora? — ele grasnou alto. Gotas de chuva escorriam de suas penas. — Tiro umas férias de ser seu familiar e você já me tranca do lado de fora!

Ah, merda. Tínhamos nos esquecido do pássaro. Como um familiar e um demônio, as proteções tornariam impossível que ele entrasse. Olhei ao redor do bairro em busca de figuras encapuzadas, mas tudo o que vi foram poças deixadas pela chuva.

Fitei o corvo.

— Tivemos que proteger as janelas e as portas.

— Ah, sério? — Poe respirou fundo. — Por que fizeram isso? E agora, como vou entrar? Você me trancou permanentemente do lado de fora. Isso é por causa do cara novo, não é? E eu achando que a estava ajudando a lhe dar um pouco de espaço.

— O cara novo está bem aqui, *corvo* — retrucou Faris, aparecendo ao meu lado.

O pássaro iniciou uma competição de olhares com o outro demônio. Revirei os olhos. Eles eram tão imaturos.

— Desculpe, Poe — falei. — Muita coisa aconteceu desde a última vez que você esteve aqui. Fomos atacados por magos. — Rapidamente lhe contei a história, vendo seus pequenos olhos negros se arregalarem.

— Droga — disse o corvo, depois de um momento. — O mundo paranormal está um caos. — Seus pés se moveram no patamar. — Você não vai gostar de saber o que eu ouvi.

O chão pareceu desaparecer debaixo dos meus pés, tive que me segurar na soleira. Minha mente foi invadida pela súbita imagem de Logan vomitando sangue, o que fez minha adrenalina disparar

— Os nascidos-anjos. Houve outro ataque? — Meu rosto ficou gelado e minhas pernas tremeram.

O pássaro inclinou a cabeça.

— Sim. — Ele agitou suas penas, mandando água para todos os lados. — Porém, desta vez, o vírus atingiu os lobisomens.

O sol apareceu no horizonte, pintando o céu com listras de um tom de rosa profundo e de laranja. Caminhei pela *Bronx Park Street*, no *Bronx*, tentando não pensar na minha cama macia e nos meus luxuosos travesseiros de penas. Eu estava quase salivando. Deus, como estava cansada. Era preciso um esforço gigantesco para continuar andando em linha reta. Para os olhos humanos, parecia que eu tinha festejado a noite toda e, agora, arrastava-me para casa.

Estava cansada e com fome. Para piorar, não conseguia me livrar do pavor que percorria minha espinha e invadia minha mente por mais que tentasse ignorá-lo. Eu tinha um mau pressentimento; um mau pressentimento gigante. Tinha engolido uma barra de proteína e um copo de água logo antes de sairmos, mas cinco minutos depois, meu estômago roncara como se eu tivesse um pequeno *gremlin* morando lá. Calma aí, rapaz.

Se não fosse pelo suco que meu avô me forçara a engolir, provavelmente já teria desmaiado de exaustão a uma hora dessas. A bebida tinha gosto de lama. Tivera que me esforçar para não pensar nos pedaços sólidos que vira flutuando no copo enquanto jogava o líquido para dentro. Felizmente, assim que a coisa escorregou pela minha garganta, meu corpo formigou, fazendo cada nervo despertar. Senti como se tivesse acabado de engolir seis xícaras grandes de café.

Entregara o orbe negro, o cristal com as teias de aranha avermelhadas e as vestes dos três magos para meu avô e Charlotte, então, enviara-os para a Corte das Bruxas Sombrias em meu lugar. Simplesmente não havia tempo suficiente e eu não podia estar em dois cantos ao mesmo tempo. A Corte precisava saber sobre os magos; precisava saber contra o que estavam lutando.

Quase não os deixara ir, pois tinha medo do que vovô poderia fazer ao ver meu pai... como, por exemplo, matá-lo. Nossos temperamentos eram parecidos e eu o amava por isso. No final, ele me convencerá de que sua presença só mostraria a Edmond que sabíamos que ele estava lá e que seus dias estavam contados. Acabei concordando. Ainda assim, só o deixei ir quando o mais velho jurou pela Deusa que não faria nada contra o homem.

O trabalho deles era apresentar as evidências à Corte das Bruxas Sombrias e pedir reforços. Eu tinha visto em primeira mão como esses magos eram poderosos. Se quiséssemos vencê-los, precisávamos de números. E agora que sabia que eles tinham essência de Arquidemônio em suas veias, as coisas tinham ficado muito mais complicadas.

Depois de um pouco de discussão, convenci Poe a ir com os dois. Eu achava que a gárgula não o deixaria entrar desta vez, mas meu avô e Charlotte tinham atacado a maga, portanto, tinha medo de que ela pudesse retaliar. O corvo era muito bom em arrancar olhos. Saber que ele iria acompanhá-los me fez sentir um pouco melhor.

A memória da maga usando o Olho do Inferno em Faris enviou uma onda de ódio através de mim. Tudo o que a mulher precisava fazer para fazer algumas palavras e ele caía no chão, inconsciente, como uma pedra em um lago. Esse tipo de poder me assustava. E sim, teria sido melhor que eu tivesse pesquisado mais sobre magos antes de sair, mas simplesmente não havia tempo suficiente. Duvidava que o trio ainda estivesse no complexo de lobisomens, porém, qualquer coisa que eu pudesse encontrar que contribuísse com a minha investigação e me ajudasse a descobrir por que os magos estavam espalhando esse vírus faria a viagem valer a pena.

O vento fez meu cabelo chicotear enquanto eu caminhava para o estacionamento. Quatro ruas adiante, pude ouvir o barulho do

trânsito. Uma pequena multidão do que eram claramente humanos locais andava pelas ruas, saindo para seus trabalhos diários, alheios ao vírus mágico que se espalhara a apenas algumas ruas dali.

O cheiro de lixo e urina de cachorro era forte. Torci o nariz e arrumei minha bolsa no ombro enquanto inspecionava o prédio para o qual estávamos indo, do outro lado da rua. O edifício tinha quatro andares, era feito de tijolos vermelhos e metal e possuía grandes janelas. Dava aquele ar de *loft* turbanado, algo que eu não esperava quando pensava em lobisomens. A maioria das pessoas teria imaginado cabanas de madeira aninhadas ao redor de um belo lago com uma floresta ao redor. Visto que seu complexo ficava bem em frente ao *Bronx Park*, que incluía o Zoológico do *Bronx* — um dos maiores dos Estados Unidos, com mais de 265 acres de parques e habitats naturais separados pelo rio *Bronx* —, eu diria que o local era uma escolha óbvia.

De um lado do prédio havia um terreno baldio; do outro, comércios se alinhavam pelo resto da rua. Janelas negras me encaravam, as lojas estavam silenciosas. Era muito cedo até para compras. Uma placa desbotada pendia torta sobre uma das entradas do prédio, em que se lia: PROJETO LUA CHEIA.

— Tem cheiro de cachorro molhado — disse Faris, caminhando ao meu lado. — Deve ser aqui.

— Comentários assim vão fazer os lobisomens lhe morderem.

Lancei meu olhar sobre o demônio intermediário. Seu rosto trazia linhas finas que eu nunca vira ali antes e ele ostentava muito menos agilidade em sua marcha. A pedra realmente o machucara. Farissael deveria ter ficado em casa para recuperar um pouco de sua força, mas era teimoso e se recusara a ser deixado para trás, alegando que era meu familiar e que era seu trabalho me manter segura. Todo aquele absurdo de familiar estava começando a afetá-lo. Pelo menos ele abandonara os óculos e o protetor solar desta vez. Parecia que o demônio estava fazendo as pazes com o sol.

— O que você espera encontrar, além de pelos e bafão de cachorro? — perguntou a entidade intermediária.

— Qualquer coisa que nos ajude a descobrir o que diabos esses magos querem — respondi.

Eu não sabia qual era a motivação deles. O grupo atacara humanos, nascidos-anjos e, agora, lobisomens. Eles não tinham nada em comum. Qual era a ligação? Talvez não houvesse uma conexão; quem sabe, essa fosse a maneira dos magos de nos despistar. Todavia, do que eles queriam nos despistar?

Eu me senti um pouco melhor quando imaginei meu punho fazendo contato com o rosto daquela maga.

— Se pudermos descobrir o próximo passo deles, poderemos detê-los.

A mandíbula de Faris se apertou.

— Como planeja fazer isso?

Eu o vi forçar a tensão para fora. Droga. Ele estava muito nervoso.

— Eles não são imortais — respondi. — É claro que são poderosos, mas todo mundo tem uma fraqueza. Nós apenas temos que descobrir qual é a deles. — Hesitei quando vi um lampejo de angústia passar pelos olhos do demônio. — Você sabe qual é?

Seu olhar caiu sobre mim.

— Chocolate? Cachorrinhos? Como é que eu vou saber?

Fiz uma careta.

— Bem, você já os enfrentou antes. — Meu humor escureceu um pouco com sua súbita falta de interesse. — Eu pensava que eles eram um mito até esta noite. Aceite isso, demônio, você é minha fonte de pesquisa. Não tenho tempo para sair coletando informações sobre magos, então terá que me contar tudo o que sabe sobre eles. Começando agora.

Ele ia dizer alguma coisa, suas emoções mostravam mais do que o normal, mas parou.

— Já lhe contei tudo o que sei. Os demônios intermediários não têm relações com magos e outras raças mestiças. Simplesmente temos coisas mais importantes para fazer em nossas vidas, tipo sexo, comida, festas e mais sexo. Mestiços não significam nada para nós.

Mentiroso.

Parei de andar de repente.

— Eu sei sobre sua esposa.

Faris congelou. Vi suas costas se tensionarem, porém, quando ele se virou para mim, um sorriso zombeteiro estava estampado em seu rosto.

— Não tenho esposa, Sammy, bobinha — afirmou com a voz uniforme. — Se tivesse, não acha que eu estaria com ela no Submundo em vez de entrando em um prédio fedido, cheio de xixi e de vira-latas fedorentos?

Minhas sobrancelhas se ergueram em desafio.

— Estou falando de sua esposa bruxa. A mestiça, sabe?

O rosto de Faris empalideceu.

— Andromalius me contou sobre ela quando eu estava na minha gaiola — confessei. A inquietação me atravessou ao ver sua falta de emoção. — Sinto muito pelo que aconteceu. Qual era mesmo o nome dela? Demelza?

O demônio intermediário se afastou de mim antes que eu pudesse registrar o olhar em seu rosto. Merda. Agora sentia que tinha ido longe demais. A conversa se transformara em algo muito pessoal. Sua vida privada realmente não era da minha conta. *Muito bem, Samantha.*

— Olha, sinto muito, Faris. Eu não deveria ter dito nada...

— Eles sangram — afirmou a entidade, sem se virar. — São resistentes a algumas magias demoníacas e magia bruxa também, mas se conseguir esfaqueá-los no coração, eles morrem. Corte suas cabeças e também morrerão. Se você conseguir dominá-los com magia, os magos podem sucumbir a uma fonte de energia mais poderosa. Eles canalizam seu poder através de sua linhagem de sangue. Ao contrário das bruxas que precisam conjurar magia com a ajuda de feitiços, encantamentos e artefatos mágicos, os magos só precisam pensar. Eles podem usar o poder das palavras, embora não necessitem delas.

Agora estávamos chegando a algum lugar. As bruxas os haviam derrotado antes, muitos anos atrás, portanto, eu sabia que eles podiam ser mortos.

Abri a boca para agradecer, mas ele já estava se movendo. Faris atravessou a rua sem me esperar.

Excelente. Agora eu me sentia uma babaca.

Corri para alcançá-lo. Fomos até a porta da frente.

— Está trancada — o demônio falou enquanto a puxava, recusando-se a fazer contato visual comigo, o que fazia com que eu me sentisse ainda pior.

Infelizmente, eu não tinha tempo para cuidar dos meus sentimentos feridos naquele momento. Eu lhe daria uma boa garrafa de conhaque quando isso tudo acabasse.

— Você quer que eu arrombe a porta ou devo apenas quebrar a fechadura com um chute? — perguntou a entidade.

— Não vai funcionar de qualquer maneira — comentei, apontando para a óbvia proteção esculpida à direita da maçaneta. — É uma proteção contra bruxas e magia. Não posso passar.

Esquisito. Os lobisomens eram notoriamente conhecidos por serem contra a prática de magia. A maioria deles a temia. Para eles, ela não era uma coisa natural. Como se transformar-se em grandes lobos fosse, vai entender. Ainda assim, ao menos um dos lobisomens sabia como escrever proteções e tinha se esforçado para esculpi-las no metal. Não havia como entrar pela porta da frente, a menos que quiséssemos nos sentir como se estivéssemos queimando por dentro.

— Claramente, eles não querem vocês, bruxas, perto deles — disse o demônio, olhando para mim pela primeira vez desde que eu mencionara sua esposa. — Devem ser os chapéus pontudos. Eles são de péssimo gosto.

Mordi o lábio inferior

— É porque acham que somos responsáveis pelo que aconteceu aqui. — Espiei pela janela de vidro, mas as persianas estavam fechadas. Era como tentar ver através de uma parede de tijolos. Eu me afastei. — Tenho que lhes dizer a verdade antes que façam algo idiota.

— Tipo crescer um rabo?

— Tipo perder o controle e sair matando bruxas.

Minha boca se torceu quando uma sensação desconfortável tomou conta de mim. Os lobisomens não eram conhecidos por seu comportamento frio e calculista, mas, sim, por seus temperamentos irritados e egos gigantes, motivo pelo qual pisar em seu território sem um convite formal me mataria, especialmente com um sinal óbvio de que bruxos não eram permitidos. Se os lobisomens me

pegassem invadindo, ia ficar feio. Contudo, eu tinha que descobrir o que diabos os magos tinham feito.

— Vamos ver se há uma porta dos fundos — comentei, afastando-me da entrada da frente.

— Eles vão matá-la se a pegarem, Sammy. Issonão vai elevar seu *status* como bruxa.

— Então vamos tomar cuidado para não sermos pegos.

Faris sorriu, endireitando-se e puxando as mangas sobre os pulsos. Um brilho malicioso apareceu em seus olhos.

— Entrar por portas dos fundos é minha especialidade.

Achei melhor não perguntar nada.

— Vamos.

Voltamos e disparamos em direção ao estacionamento, passando pela cerca de metal que separava o complexo dos lobisomens do lugar, e encontramos uma porta dos fundos. A passagem era uma porta comum de metal cinza com anos de sujeira acumulada. Verifiquei a maçaneta e ela girou facilmente.

— Está aberta. — Soltei-a.

Finalmente, um pouco de sorte.

— Excelente. Então, vamos — disse Faris com sua mão indo em direção à maçaneta.

Eu o agarrei pela camisa, puxando-o de volta.

— Não podemos simplesmente entrar. Eles vão nos matar.

O demônio se virou para mim.

— Sim, eu me lembro vagamente de ter tido essa conversa com você há pouco tempo.

Eu o soltei, virei a aba da minha bolsa e vasculhei dentro. Peguei um pedaço de papel em branco. Com um marcador preto, escrevi em grandes letras: “LOBI SOMEM”. Então, preendi-o com um alfinete na frente da minha jaqueta, já que tinha esquecido de levar a fita adesiva.

Faris fez um som de desaprovação.

— Você deve estar brincando.

Fitei-o.

— Tem uma ideia melhor?

— Centenas.

Levantei minhas sobrancelhas em expectativa.

— Eles conhecem meu rosto, Faris — falei. — Esta é minha única maneira de entrar despercebida. Assim, vão pensar que faço parte da matilha.

— Tem certeza de que seu papel mágico vai funcionar? — ele acenou com o dedo para minha jaqueta.

— Sim. — Examinei o demônio. — Você consegue se transformar.. sabe... em um lobisomem com seu glamour demoníaco?

Os olhos da entidade se arregalaram.

— E ficar com cheiro de cachorro molhado? Não, obrigado.

— Então vai ter que me esperar aqui. — Coloquei minhas mãos em meus quadris e esperei. Um. Dois. Três.

— Tudo bem — resmungou o demônio.

Sorri para ele.

— Bom garoto. Vou lhe dar um belo osso suculento quando chegarmos em casa.

— Prefiro ficar aninhado entre duas morenas voluptuosas. Pode fazer isso acontecer?

— Não.

Faris fez uma careta. Em seguida, resmungou algo baixinho e uma névoa negra percorreu seus dedos, um sinal de que sua magia esperava por direção. Houve um estalo e uma sensação de eletricidade estática no ar, seguido pelo cheiro forte de cachorro, como se alguém tivesse acabado de dar banho em um labrador ao meu lado.

— Pronto. Feito. Feliz agora? — O demônio torceu o nariz. — Vai levar uma eternidade para tirar esse cheiro das minhas roupas. — Ele suspirou pesadamente. — Ah, as coisas que eu faço pelas bruxas.

Exalei e acessei meu anel de sigilo, invocando seu poder, então, murmurei as palavras:

— *Ego lupinotuum pectinem.* — Eu sou um lobisomem.

Estremeci quando a sensação mágica deslizou sobre mim, erguendo-se e para me envolver enquanto meu anel pulsava com poder. Alfinetadas de magia rastejaram sobre minha pele como se fossem um zumbido de energia. Ao sentir um leve cheiro almiscarado de cachorro, soube que o glamour estava funcionando.

— Se me der uma vontade repentina de comer ração — rosnoou o demônio intermediário —, vou lhe estrangular enquanto você dorme.

Minha respiração se acelerou.

— Vamos logo, baf o de cachorro.

Abri a porta de metal e entrei.

A porta dos fundos dava para um corredor longo e estreito. O ar estava pesado com o cheiro de gordura e carne cozinhando. À esquerda, o corredor se abria para uma grande cozinha industrial, equipada com todos os tipos de eletrodomésticos de aço inoxidável de última geração. Panelas e frigideiras jaziam silenciosas nos fogões e balcões. Trapos sujos repousavam no chão de ladrilhos, onde um saco de arroz basmati estava aberto, com seu conteúdo derramado. Os funcionários da cozinha tinham saído às pressas.

Continuamos pelo corredor em silêncio e subimos uma pequena escada para outro nível. Foi quando ouvi as vozes. No início, eram baixas, mas então o murmúrio tomou um tom mais rígido. Estavam discutindo.

O corredor se abria para uma sala espaçosa com a altura de dois andares e paredes de vidro de três metros de altura com canos expostos, que lhe davam um toque mais moderno. Grandes portas no corredor sugeriam cômodos igualmente espaçosos. Obras de arte estavam penduradas sob holofotes. O lugar parecia ser dividido em espaços designados: uma sala de estar, mobiliada com sofás de couro, cadeiras e uma TV de tela plana fixa sobre uma lareira; um bar completo com bancos e um balcão de madeira polido repleto com todas as garrafas de bebidas alcoólicas imagináveis; e uma área de mesa de bilhar. A única seção fechada em todo o espaço

era uma sala parecida com um escritório nos fundos. Provavelmente era onde os chefes lobisomens se reuniam.

Minhas botas soavam alto no chão escuro e polido de concreto, contudo, eu mal podia ouvir os sapatos de Faris ao meu lado.

Até agora tudo bem. Temia que os lobisomens pudessem ter adicionado mais algumas proteções dentro do prédio, mas como eu não me transformara em pó ao adentrar, tomei isso como um bom sinal e continuei andando.

A menos de seis metros de distância havia uma multidão de lobisomens. Para o olho humano, eles pareceriam pessoas normais, porém, para os olhos e sentidos paranormais, cheiravam a cachorro com um toque de enxofre. Todos estavam em forma humana, com uma quantidade igual de machos e fêmeas. Eles usavam roupas humanas normais com muito preto e jeans. Os lobisomens estavam aglomerados na sala de estar, alguns sentados, outros em pé.

Prendi a respiração enquanto me aproximava, temendo ter estragado meu glamour. A qualquer segundo, poderia ser descoberta, o que presentearia os lobisomens com ensopado de bruxa para comer no almoço.

Felizmente, eles sequer olharam para nós enquanto nos arrastávamos mais para dentro de seu complexo. À medida que eu olhava ao redor, todos desviavam seus olhares. Eu não precisava ser lobisomem para ver o que estava em seus rostos: medo, puro e simples. A matilha se deparara com algo que não entendia e não conseguia explicar. Isso os desequilibrara, mexendo com eles profundamente.

— Clarissa, espere! — chamou um dos lobisomens machos enquanto saltava de um dos sofás.

Uma fêmea de vinte e poucos anos passou correndo por nós. Seus olhos castanhos estavam vermelhos e inchados e suas bochechas molhadas de lágrimas. Meu coração doeu por ela, ainda assim, afastei meus olhos. Não havia nada que eu pudesse fazer pela lobisomem agora. Minha única maneira de ajudar era parando aqueles malditos magos.

O fôdor de carne podre assediou meu nariz. Droga. Era horrível. Mantive meu rosto impassível. Não havia necessidade de alertar o bando de luto sobre a minha baixa tolerância a odores, não seria

nada 'lobisomem' da minha parte. O fedor vinha dos fundos, onde ficava o bar, então, caminhei naquela direção. Com Faris a reboque, seguimos para o local.

Sete corpos jaziam no chão de concreto.

A vítima mais próxima era um macho, pelo que pude perceber. Sua jaqueta, camisa e jeans haviam sido rasgados em tiras ensanguentadas ao longo de seus antebraços e pernas. Contudo, elas não se tratavam de feridas defensivas. Seus membros estavam alongados, seus dedos terminavam em garras pretas de aparência suja e ainda havia tiras de carne com partes de sua camisa rasgada grudadas nelas. Havia uma poça de sangue escuro ao redor de seu abdômen, como tinta de uma garrafa derramada. O corpo fedia; um cheiro doentio de esgoto subia de suas entranhas rasgadas.

Movi-me ao redor dele para dar uma olhada em suas feições e sufoquei um suspiro.

Seu rosto era a pior parte. Sua expressão estava contorcida de dor e sofrimento como se ele tivesse morrido gritando de agonia. A superfície de sua pele tinha esticado suas feições grotescamente, causando um leve afundamento nos olhos e o alongamento da mandíbula como o focinho de uma fera. Através de sua boca aberta, pude ver dentes do tamanho do meu polegar; as presas de um carnívoro.

— Parece doloroso — Faris comentou baixinho ao meu lado.

Cerrei meus dentes, lançando meu olhar ao redor dos outros. Eu não precisava inspecionar cada corpo. Podia sentir o cheiro de sua morte e ver a evidência de seus rostos desfigurados de onde eu estava. Todos tinham morrido exatamente da mesma maneira: com uma dor excruciante.

Era como se eles tivessem falecido no meio de sua transformação, quando deixavam de ser humanos e assumiam seus corpos de lobo. O vírus de alguma forma levava os lobisomens a se transformarem enquanto os matava no processo. Era isso ou a infecção tinha sido tão dolorosa que os fizera se transformar instintivamente, em uma tentativa de se curar; uma que não fora suficiente para salvá-los.

Uma mancha escura chamou minha atenção. Ao lado esquerdo, perto de uma das pernas das vítimas, havia um orbe preto.

Revolta se agitou em mim, seguida por uma raiva febril. Tive que tirar meus olhos do rosto do lobisomem morto antes que eu perdesse o controle.

— Esses magos são uns desgraçados doentios — sussurrei, tentando não vomitar por conta do cheiro.

— E umas vadias — informou Faris. — Não se esqueça da linda maga com a pedra.

Balancei minha cabeça.

— Isso não faz sentido. Por que é que eles estão atacando todas essas pessoas? Por que os magos iriam querer matar os lobisomens? Lobisomens não têm magia. Na verdade, odeiam magia. Eles não eram uma ameaça.

— Talvez não gostem do cheiro de cachorro. Sinto muito, mas eles fedem.

Suspirei.

— Leve a situação mais a sério. Você é o único que eu conheço que teve algum contato real com magos. Consegue pensar em uma razão pela qual eles iriam querer atacar a matilha?

Faris lançou seu olhar sobre os outros corpos.

— Os magos desejam poder acima de tudo. Similar aos demônios, não acha?

Nunca pensei que diria isso, mas estava começando a preferir demônios a magos. Eu estava ficando louca.

— Acha que eles querem assustar a matilha ao ponto de submissão? — Pensei a respeito. — O que os magos iriam querer com uma matilha de lobisomens?

— No Submundo, temos cães infernais que usamos como cães de guarda e rastreadores. Talvez os magos desejem ter algo na mesma linha; um bando de lobisomens de guarda.

— Pode ser. — Suspirei, sentindo uma sensação de pavor se formando na boca do meu estômago. — Todavia, isso não explica por que mataram os humanos e os nascidos-anjos.

Será que este ataque tinha sido, na verdade, apenas uma demonstração de poder? Sim, os magos possuíam uma magia incomparável, ainda assim, eu não tinha tanta certeza de que essa era a razão por trás de tudo aquilo.

Eu odiava não saber por que os magos estavam cometendo todos esses assassinatos. Como ia descobrir o próximo passo deles se ainda não tinha ideia de por que estavam matando em primeiro lugar? Eu não sabia o motivo. Não sabia nada. Droga.

— Espero que meu avô tenha alguma informação nova que possa nos ajudar.

— Istoé, se ele não tivesse feito nada estúpido como tentar matar meu pai na frente de toda a Corte das Bruxas Sombrias.

— Bruxa!

Minha respiração ficou presa. Girei ao som da voz, vendo uma lobisomem negra dando um passo à frente com uma expressão veemente e seu dedo apontado para mim.

— Samantha, seu glamour já era — sibilou Faris.

— O quê?

Instintivamente, toquei o pedaço de papel na minha jaqueta. A palavra LOBI SOMEM ainda estava lá, mas eu não sentia o zumbido familiar do feitiço de glamour. O demônio estava certo. Ele já era.

Ah, merda. Isso era ruim.

Meu queixo caiu com a visão de vinte lobisomens empilhados atrás da fêmea com seus dentes à mostra. Caramba. Eu não estava planejando lutar contra nenhum lobisomem, especialmente depois do que acontecera com a matilha deles. Porém, também não ia exatamente deixá-los me comer.

Acessei minha magia e meu anel de sigilo. Houve um pequeno puxão, então, senti a energia acabar. Que diabos? Esforçando-me, busquei o poder do meu anel novamente, mas nada aconteceu. Meu poço de magia estava seco.

O medo invadiu minha mente. Não era possível que minha magia já tivesse acabado. Um feitiço de glamour não exigia tanta energia.

— O que está esperando, Sammy? — indagou Faris. — Não pode imobilizá-los com um de seus feitiços de picolé humano?

— Eu não consigo — respondi, respirando rápido. — Minha magia não está funcionando.

— Eu disse que ela era uma bruxa! — gritou a mesma lobisomem negra.

Um grande pingente estava pendurado em seu pescoço e, envolta em prata, havia uma pedra rosa. Eu conhecia aquela pedra. Era um cristal de fluorita. Ele protegia o usuário contra a magia, também era usado como uma proteção contra a influência de bruxas e de seu poder.

Um forte impulso de fugame atravessou, nascido das imagens do que os lobisomens podiam fazer com minha carne mortal, especialmente quando achavam que as bruxas tinham acabado de matar membros de sua matilha. Rangendo os dentes, forcei-me a ficar imóvel.

Pense. Pense, Samantha. Pense!

Minhas mãos começaram a tremer incontrolavelmente enquanto o suor brotava no meu couro cabeludo.

— Tudo bem. Eu cuido desses vira-latas. — Faris ficou de pé com as pernas afastadas ao passo que cordões da morte negros se enrolavam em seus dedos.

Ele iria matá-los.

— Não.

O demônio me fitou e a confusão surgiu em seu rosto.

— Não quer que eu cuide deles?

— Não.

— Não? — Ele me deu um olhar severo como se estivesse se dirigindo a uma criança teimosa. — Você percebeu que eles pretendem nos matar, não é?

— Percebi.

Faris franziu a testa.

— Não vai conseguir sair dessa, Sammy, querida. Lobisomens não se dão bem com palavras. Eles preferem matar primeiro e fazer perguntas depois. Você conhece o tipo.

Encontrei os olhos escuros da fêmea.

— Eu tenho que tentar.

Droga. Não era para ser assim.

— Se você tiver alguma ideia brilhante, agora é a hora — falei para a entidade em voz baixa enquanto os lobisomens faziam um círculo ao nosso redor.

Faris apertou a mandíbula.

— Aparentemente, estou sem ideias brilhantes.

A lobisomem me encarou.

— Ou você é a bruxa mais corajosa ou a mais louca de todas para entrar aqui.

— Gosto de pensar que sou um pouco dos dois.

Ela era alta para uma mulher, pelo menos sete centímetros mais alta do que eu, e tinha o corpo de uma atleta. A fêmea poderia chutar minha bunda totalmente. Sem magia, eu não tinha nada além de minha inteligência.

— Quem foi que deixou a bruxa entrar aqui? — ela gritou. Seus olhos se arregalaram ao ver minha jaqueta, especificamente a grande etiqueta de lobisomem improvisada. A mulher estendeu a mão e puxou o papel. — Seus truques de magia não funcionam aqui. Não mais.

— Eu notei. — Meu olhar se desviou para seu pingente. — Ouça, sei o que parece, mas estou aqui para ajudar...

— Quem é esse? — A fêmea se moveu em direção a Faris, ficando cara a cara com ele. — Você não tem cheiro de bruxo. Cheira a outra coisa. Ou, talvez, seja um bruxo disfarçado de algo diferente?

A entidade mostrou seus dentes brancos em um sorriso.

— Posso assegurar-lhe, adorável senhora, que não sou nenhum bruxo — disse, usando seu charme. — Sou algo melhor.

A lobisomem o cheirou. Ela fez uma careta e voltou sua atenção para mim.

— Seu guarda-costas não vai lhe ajudar e sua magia não vai lhe salvar. — Ela me deu um sorriso de predadora que fez minhas entranhas derreterem.

Buf ei.

— Espero que eu não precise ser salva.

Rosnados profundos e baixos reverberaram ao redor da sala, fazendo os cabelos do meu pescoço se arrepiarem. Merda. Eles iam me rasgar em pequenas tiras de bruxa.

A fêmea deu um passo à frente até que seus seios estavam praticamente batendo no meu rosto.

— Emilio vai se divertir com você, bruxinha — afirmou, estendendo a mão e traçando o lado direito do meu rosto com o dedo.

Reconheci o nome. Emilio não era o Superintendente da Corte de Lobisomens de Nova York, mas, sim, o chefe de segurança, o que não era melhor. O boato era que ele era um torturador experiente, do tipo que fazia os dispositivos de tortura da CIA parecerem pinturas a dedo da pré-escola. Se tivesse um segredo, primeiro ele o faria sangrar, então, você contaria tudo o que o lobisomem queria.

— Não foram bruxas que mataram os membros do seu bando — eu disse rapidamente. — Foram os magos.

Com isso, todos os lobisomens jogaram a cabeça para trás e riram, suas risadas reverberaram junto com os gritos sinistros de triunfo e de fome pela sala. Esse tipo de risada teria feito um humano sair correndo, lutando por sua vida. Era de se esperar, mas ainda assim me irritou um pouco.

Faris pigarreou.

— Sam... — ele insinuou, balançando os dedos.

Eu lhe disse não com o olhar. Em seguida, olhei diretamente nos olhos da lobisomem.

— Eu não a conheço, mas você é quem está no comando agora, o que significa que é inteligente. Pense. Se as bruxas estivessem envolvidas, por que eu estaria no seu complexo? Estou aqui porque não fomos nós. Estou lhe dizendo a verdade. Estou aqui tentando descobrir a conexão entre esses assassinatos. — Respirei fundo, grata por ela ainda não ter rasgado minha garganta. Quem sabe, eu ainda tivesse uma chance de lhe convencer. — Talvez nós possamos ajudar uns aos outros.

A concentração passou por seus olhos e, por um segundo, pensei que teria uma chance.

— Leve-a para o porão.

Merda. Merda. Merda.

Alguém puxou meus braços para trás, fazendo-me gemer de dor. Faris fez menção de se mexer, mas eu balancei a cabeça. Ele ergueu os olhos lentamente. Havia um brilho assassino neles. Droga. A última coisa da qual eu precisava era ter um demônio intermediário atacando os lobisomens. Eles me culpariam por isso. Eu não queria ter suas vidas em minha consciência.

— E quanto a esse aqui? — perguntou um macho, gesticulando para Faris. O lobisomem parecia que poderia esmagar um time de futebol americano inteiro. — Ele não é um bruxo.

Os lobisomens ao redor olharam inquietos um para o outro.

— Emilio vai descobrir *quem* e *o que* ele é — disse a mulher. — Coloque-o com ela.

O demônio olhou para mim, enquanto deixava os lobisomens empurrá-lo para frente, e murmurou:

— Você está me devendo uma.

Senti um lampejo de gratidão ao ver que ele estava fazendo que eu pedi. Isso ia me custar muito.

A fêmea colocou seu rosto bem na frente do meu, mostrando-me os dentes.

— Você vai nos dizer por que fez isso antes de morrer, bruxa.

Sorri para combinar com o sorriso dela.

— Mal posso esperar.

— **Q**ue plano incrível, Sammy — disse Faris com os braços cruzados. Ele estava encostado na parede. — Vamos deixar os lobisomens malucos e fedorentos nos trancarem em seu porão, do qual você não consegue escapar sem sua magia. Nunca imaginei que fosse ingênuo. Agora, não tenho tanta certeza.

— Não seja um bebezão.

Esfreguei minhas têmporas na esperança de anular minha dor de cabeça latejante. O supertônico do meu avô tinha acabado, motivo pelo qual estava sentindo as consequências de ficar sem dormir e sem comer por tanto tempo. Não havia cadeiras ali, então, depois de cerca de uma hora em pé, decidi me sentar no chão com as pernas cruzadas.

Com certeza, a lobisomem tinha demorado bastante tempo marcando a porta do porão com mais feitiços e runas contra a magia. Estando do lado oposto, é claro, eu não conseguia remover as marcações. Ela também ficou com a minha bolsa e meu celular, portanto, eu não podia pedir ajuda. Ao que tudo indicava, nem todos os lobisomens tinham medo de magia. A porta de madeira era bem grossa, tinha uma fechadura por fora e uma trava por dentro. As respirações constantes e pesadas que vinham do lado de fora me informavam que a fêmea escalara alguns lobisomens para ficarem de guardas.

O porão era enorme e percorria todo o comprimento do prédio, com muitas portas que levavam a muitos quartos. Faris e eu fomos

jogados em uma das salas dos fundos com painéis falsos de pinho dos anos 70. Meu avô teria adorado. O teto era rebaixado e o carpete marrom — que tenho certeza de que um dia tinha sido cinza — cheirava a urina e a cinzas de cigarro.

— Vou ter que tomar banho de água sanitária para me livrar desse fedor — reclamou o demônio intermediário com uma expressão de puro desgosto. — Você quer saber quantos ácaros, piolhos e pulgas estão aqui conosco?

— Não, obrigada.

— Uns seis bilhões. Eu contei. Sem falarnas baratas correndo felizes pelas paredes. Até as entranhas do Submundo são mais limpas que isso. Esses lobisomens são monstros imundos.

Eu não tinha certeza se ele estava dizendo a verdade ou não, ainda assim, levantei minha bunda daquele tapete e fiquei em pé.

— Você pode sair quando quiser — disse, sentindo minha cabeça latejar com uma enxaqueca gigante.

A entidade me deu um olhar feio.

— E deixar você aqui para morrer? Acho que não.

— Agora fiquei emocionada.

Ele descruzou os braços.

— Você está péssima.

— Obrigada.

Faris suspirou.

— Precisa descansar. Além disso, não teve uma ingestão adequada de alimentos hoje e nem ontem. Não pense que eu não notei. — Sua testa se franziu. — Imagino que você tenha um plano. Caso contrário, teria me deixado matar as feras.

— O plano era impedir que você saísse por aí matando lobisomens inocentes. Não pode fazer isso.

— Posso sim — rebateu o demônio intermediário. — Em legítima defesa, eu posso. Eles querem matá-la. Ou será que não está ouvindo todos esses uivos e rosnados?

Balancei minha cabeça, sem olhar para Farissael.

— Eles estão com raiva. Eu entendo. Quando se olha para as evidências, tudo aponta para as bruxas. Não é culpa deles. Seria errado matá-los.

Quase parecia que os magos tinham feito isso de propósito. Contudo, por quê? E por que tinham escolhido atacar apenas alguns humanos, nascidos-anjos e, agora, lobisomens de cada vez? Eles poderiam ter causado mais danos. Por que apenas poucas vítimas? Eu precisava ir a algum lugar seguro e pensar. Não sabia quando esse tal de Emilio iria aparecer, mas preferia não estar aqui quando ele desse o ar de sua graça.

Fitei o demônio.

— Não pode me teletransportar para fora daqui com você? — Eu não tinha certeza se funcionaria, mas precisava perguntar

Faris encontrou meus olhos, suas feições se suavizaram e um sorriso triste surgiu em seu rosto.

— Desculpe, querida, mas é uma viagem solitária. Fazemos o trajeto sozinhos. Nossos corpos e magia não funcionam da mesma forma que os seus. Poderíamos tentar, mas você acabaria como a geleia caseira do seu avô.

Eu me mantive firme.

— Então, você precisa ir buscar ajuda.

Ele se apoiou na parede ao meu lado.

— Já tivemos essa conversa antes. Não importa quantas vezes insista, a resposta é não.

— Pare de ser um idiota insuportável e me escute.

— Não — rebateu o demônio intermediário. — Você não pode me obrigar. Não vou deixá-la aqui sozinha com esses vira-latas. Isso não faz parte de ser um familiar? Não devo abandonar minha bruxa em sua hora mais sombria.

Ah, cara.

Vozes vieram do lado de fora da nossa porta.

Eu segurei minha respiração. Merda. O tal de Emilio estava aqui. Que comece a tortura...

— ...vampiros foram atingidos... — disse uma das vozes.

Ora, ora. Eles não estavam falando sobre tortura.

Faris e eu nos entreolhamos e rastejamos para frente, pressionando nossos ouvidos contra a porta de madeira.

— ...dezesseis vampiros mortos... — falou outra voz.

Senti um calafrio subir pela minha espinha e se estabelecer em volta do meu pescoço.

— Ben me disse que doze fadas foram atingidas — afirmou um deles. Era uma voz masculina. Infelizmente, não a reconheci. — Dez trolls também foram mortos, cara. E acho que ouvi dizer que vinte duendes foram encontrados sem vida ontem à noite.

— Merda. Foram os bruxos?

Houve uma pausa.

— Sim, os malditos estão matando todos. Eles querem nos exterminar. — Ele riu. — Porém, estão muito enganados. Somos nós que vamos exterminá-los.

A outra voz riu.

— E quanto a essa aqui? — perguntou. Eu senti Faris endurecer ao meu lado. — Seria uma bruxa a menos no mundo. Podíamos cortar a garganta dela.

— Emilio vai cuidar da vadia — respondeu o outro. — Sylvia disse para vir buscar você e afirmou que precisa se preparar. Nós vamos para a guerra. — Houve outra pausa. — Vamos atrás das bruxas.

— Todos nós?

— Sim, os mestiços — replicou. — Se elas querem guerra, vão conseguir. Depois que terminarmos, não haverá mais nenhuma bruxa na cidade. Partimos em cinco minutos.

Ouvimos os passos pesados de alguém se afastando.

Ah, merda.

Minha boca se abriu e eu olhei para Faris. Seus olhos escuros se fixaram em mim com uma intensidade chocante.

Foi então que entendi.

Agora que todas as pistas estavam na minha cara, tudo fazia sentido. Os magos haviam atacado propositalmente as diferentes raças, fazendo parecer que as bruxas eram as culpadas, porque era esse seu objetivo. Retaliação. Eles queriam que todos se voltassem contra nós. Queriam guerra. Lembrei do que Faris e meu avô haviam dito sobre os magos terem sido expulsos pelas bruxas. Esta era sua vingança. Porém, não se tratava de uma guerra qualquer, eles queriam nos destruir completamente.

Qual a melhor maneira de exterminar uma raça inteira de criaturas? Deixe que outros façam o trabalho por você.

Então, eles tomariam o trono, assumindo o controle.

Put a merda.

Eu puxei o demônio para longe da porta, fazendo-o me encarar

— Faris.

— Querida, então é isso? — Ele me deu um sorriso diabólico. — Vamos finalmente transar? Tenho que lhe dizer que não estou empolgado com sua escolha de local, mas estou disposto se você estiver.

— Chega de besteira. Você precisa ir. Agora.

A entidade intermediária suspirou.

— Não vou deixá-la, Sam.

Eu o balancei.

— Você não entende? É isso que os magos queriam esse tempo todo; que as raças se voltassem contra as bruxas. É vingança, clara e simples.

Que merda. A resposta estava lá o tempo todo, mas eu não tinha conseguido fazer a conexão até agora. Eu estava perdendo o jeito.

— Sim — disse o demônio lentamente. — Faz sentido. Mesmo assim, não vou deixá-la. Além disso, você ouviu o que os mestiços acabaram de dizer. Eles vão sair em cinco minutos. Por que não apenas se sentar e esperar?

— Porque será tarde demais. — Droga. Por que ele não estava me ouvindo? — Até eu sair daqui, pegar um táxi e chegar à Corte das Bruxas Sombrias, será tarde demais. Eles não têm telefones, então não é como se eu pudesse fazer uma ligação para lhes alertar. Eu não consigo me teletransportar. Você sim. — Imagino o corpo morto e mutilado do meu avô fazer meus joelhos tremerem. Agarrei Farissael pela camisa. — Por favor, Faris. Não deixe meu avô morrer. Ele é a única família que me resta.

Afinal, pais assassinos não contavam.

Senti como se fosse ficar doente. Respirei fundo, suplicando mais uma vez:

— Faris...

O demônio ergueu a mão.

— Eles foram embora.

— O quê?

Houve um estalo indicando que o ar foi deslocado. A entidade desapareceu, deixando-me de pé com as mãos suspensas no ar. No

momento seguinte, a porta do nosso quarto se abriu com um estrondo e caiu das dobradiças. Faris estava na soleira com minha bolsa.

— Toby e Totó já foram. Todos eles partiram.

— Vamos dar o fora daqui.

Peguei minha bolsa e o segui. Subimos as escadas e saímos do porão, viramos à esquerda, corremos pelo corredor, descemos alguns degraus, passamos pela cozinha e saímos pela mesma porta dos fundos que tínhamos usado para entrar

— Posso arranjar um táxi para nós — disse Faris. Seu rosto estava tenso com um nervosismo repentino. — Só... me dê um segundo.

— Não dá tempo. — Respirei fundo.

A entidade se virou para mim com seu rosto sombrio e zangado. Ali, diante dele, tive um vislumbre do verdadeiro demônio.

— Vai sair pela cidade sozinha? Você é burra ou só é maluca?

— Ambos.

— Você os ouviu — retrucou Faris. — Agora, as bruxas são os alvos. Não é mais fácil você colocar um sinal em seu rosto que diz MATE UMA BRUXA DE GRAÇA?

— Vou ficar bem, tenho minha magia.

Deus, eu esperava que sim. Só para ter certeza, fechei os olhos e acessei o poder do meu anel. Uma vibração de energia subiu através de mim. Estava lá e era forte. Se alguém tentasse me matar, morreria primeiro.

Faris franziu o cenho.

— É isso, não tenho outra opção. Vou arrastar sua bunda de bruxa para um táxi — afirmou com as mãos nos quadris.

Respirei devagar antes de dizer:

— Nunca vou perdoá-lo se você não me ajudar.

Brincar com suas emoções era um golpe baixo, mas eu estava desesperada. Eu não poderia salvar meu avô e todas aquelas bruxas, mas Farissael poderia. Encontrei seus olhos, pensando em como era estranho que tivéssemos nos tornado tão próximos. Eu, uma bruxa. Ele, um demônio intermediário e meu familiar

Faris desviou o olhar. Suas emoções fizeram seus ombros se tensionarem.

— Tá, Sammy. Você venceu.

— Irei encontrá-lo lá em casa. Vá. Vá agora, Faris. Não me faça implorar.

A entidade demoníaca se virou e abriu a boca, porém, depois, fechou-a.

Com um estalo, Faris desapareceu.

A viagem de volta para casa levou cerca de uma hora a mais do que o normal. Não porque meu táxi ficou preso no trânsito, mas, sim, porque eu tinha que ser extremamente cuidadosa ao entrar em *Mystic Quarter*. Afinal, não tinha ideia do que esperar ao chegar lá. Poderia muito bem ser uma zona de guerra. Então, em vez de dirigir direto até *Witches Row*, pedi ao taxista que pegasse um caminho que passava por trás, pela *East 10th Street* e *1st Avenue*, nos limites do bairro, e percorri o resto do caminho a pé.

O barulho da rua me atingiu enquanto seguia pela *East 10th Street*, andando tão normalmente e tão rápido quanto podia sem chamar atenção para mim. Meu corpo estava tenso enquanto eu segurava um feitiço na borda dos meus lábios. Felizmente, até agora, apenas humanos haviam passado por mim, ignorando-me como todos os bons nova-iorquinos faziam.

O sol estava alto. O céu sem nuvens tinha um tom de azul-claro, brilhando entre os arranha-céus. Era um dia glorioso e completamente inadequado para estarmos à beira da guerra. Com uma visão tão bela quanto aquela, quase se podia acreditar que toda a conversa que eu ouvira sobre um confronto entre as raças não passava de um sonho. Contudo, não me deixei enganar.

Minha boca se torceu em uma careta quando me lembrei da dor que eu vira no rosto de Faris quando ele caíra no chão, inconsciente, e das expressões horríveis e grotescas dos lobisomens que tinham sofrido mortes tão dolorosas. Eu não tinha

visto todas as outras vítimas mestiças, mas tinha uma imaginação vívida e podia visualizar facilmente como eram as outras cenas: uma exibição violenta de sangue, terror e morte.

Lobisomens, vampiros, fadas, trolls, duendes e os nascidos-anjos, todos tinham visto membros do seu próprio povo morrerem de maneira hedionda e covarde. Eles não tinham recebido nenhum aviso. Era um ataque. Um ataque cruel. Os mestiços nunca deixariam isso passar, pois os faria parecer fracos. Agora, era pessoal e eles iriam retaliar com tudo o que tinham. Atacariam atrás de sangue; sangue de bruxa.

Andei mais rápido. Minhas pernas tremiam com a adrenalina, como se eu estivesse intoxicada com caféina. Temi pela minha família e pelos outros bruxos e bruxas. Se não impedisse os magos, seria como o enforcamento das bruxas de Salem novamente. Só que pior, muito pior.

Mystic Quarter era apenas uma das muitas comunidades paranormais na América do Norte. Havia outras em todo o mundo. Quando a notícia do que as bruxas *supostamente* haviam feito se espalhasse, os outros mestiços ao redor do planeta também se voltariam contra nossa raça. Seria um massacre, uma aniquilação completa. E os magos mal teriam levantado um dedo.

Desgraçados. Eu mataria todos eles. Só não sabia como ainda.

Cheguei na *B Avenue*, virei para o sul e marchei pela fronteira invisível do *Mystic Quarter*. O bairro estava silencioso. O zumbido do tráfego das ruas adiante era o único som além do barulho das minhas botas na calçada. A rua estava deserta. Nem mesmo um único mestiço vagava por ali ou ocupava os cafés ou terraços, que normalmente teriam alguns lobisomens e bruxas circulando em um dia como este.

Esforcei-me para ficar o mais atenta possível a qualquer passo na calçada, respiração repentina ou grunhido antes que alguém se lançasse em mim. Alguma criatura poderia pular em mim a qualquer momento; uma com a velocidade de um vampiro, que em um borrão poderia quebrar o pescoço de um homem, ou com a força sobrenatural de um lobisomem, forte o suficiente para jogar um carro através de uma parede de vidro. Eu era boa, mas não era

clarividente. Tinha que contar apenas com minhas próprias habilidades. E nesse momento, minha confiança era pequena.

O silêncio não era natural. Eu me sentia exposta. Todos os alarmes em minha mente tinham disparado.

Cheguei na *Witches Row* e aumentei meu ritmo.

Por favor esteja bem. Por favor esteja bem.

Se algo acontecesse com meu avô, eu perderia totalmente a cabeça.

A *Witches Row* era uma coleção de prédios de arenito marrons que se alinhavam por todo o quarteirão. Apenas bruxos e bruxas viviam aqui. Deveria ser o marco zero do ataque. No entanto, o local também estava deserto.

Eu meio que esperava que algo tentasse me impedir de chegar em casa, mas nada aconteceu. Com a camiseta encharcada de suor, segui lenta e silenciosamente pela calçada. As cortinas estavam fechadas e os prédios pareciam dormir ao meu redor. Todos os níveis de janelas estavam vazios, portões de metal fechados e portas trancadas.

Bordos e bétulas altas ladeavam a rua ao passo que pardais cantavam enquanto pulavam alegremente de galho em galho. Era o único sinal de vida. A *Witches Row* era uma cidade fantasma. Ou os bruxos se foram ou estavam todos escondidos.

Examinei o bairro em busca de movimentos bruscos. Era difícil distinguir alguma coisa, quem dirá qualquer tipo de ataque repentino. Porém, no momento seguinte, ouvi algo: o ruído suave de cascalho sob uma bota. Passos vinham em minha direção. Era f raco, mas estava lá.

Andei mais rápido.

Quando meu próprio prédio apareceu, minhas coxas já queimavam com o esforço. Desisti de andar e saí correndo. Puxando-me para a frente, subi os degraus da frente de três em três, enfie minha chave na fechadura e adentrei a casa. Tranquei a porta atrás de mim e me virei, aguçando meus ouvidos.

O zumbido constante da geladeira foi o único som que respondeu. A residência estava muito tranquila, mas, por dentro, eu não estava.

O pânico cresceu em mim como uma febre.

— Vovô? Poe? Faris?

Esperei o tempo de uma batida do meu coração. Nada.

Passei pelo longo corredor e entrei na cozinha. Procurei por anotações na geladeira. Não encontrei nada. Depois de verificar os três andares e encontrá-los vazios, acomodei-me na ilha da cozinha com um copo de água. Minhas mãos tremiam, motivo pelo qual acabei derrubando o líquido em mim ao tentar beber.

Se meu avô não estava aqui, significava que ainda estava na Corte das Bruxas Sombrias. Faris os alcançara a tempo. Eles estavam seguros. Mais seguros lá do que aqui. Senti uma leve sensação de alívio. Não era muito, mas saber que o mais velho estava seguro fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

Um pensamento me ocorreu. Eu ajudara meu avô a proteger nossa casa dos magos, contudo, ela não estava protegida de, digamos, uma horda de vampiros, se eles decidissem me visitar.

Logo pus minhas mãos à obra. Com meu marcador preto, pintei as portas e janelas externas com proteções contra todas as raças mestiças, todas as criaturas paranormais, vivas ou mortas, então, adicionei outra proteção contra qualquer pessoa não convidada, só para garantir. Nunca se sabe. Uma multidão de zumbis podia aparecer.

— Não tem como vocês entrarem nesta casa — falei, acenando com meu marcador como uma varinha. — Quero ver tentarem.

Quando terminei de proteger o local, eram três da tarde. Eu estava exausta.

Ainda não havia sinal de vovô ou de Faris.

Percebi que, por conta das proteções, o demônio não poderia se teletransportar para dentro de casa, mas ele poderia bater na porta. Poe também não tinha aparecido, contudo, eu não estava preocupada com o corvo.

Tomei um banho e me servi de algumas sobras de macarrão que encontrei em um recipiente na geladeira.

Eram cinco horas.

Sentindo-me um pouco mais segura, deitei-me no sofá e tentei dormir. Minhas pálpebras pareciam ser feitas de metal pesado. Cochilei assim que fechei os olhos.

Quando acordei, senti como se tivesse fechados os olhos apenas por um minuto. Pisquei na escuridão, esperando minha visão se ajustar. Fiz uma careta. Não era para estar tão escuro. Peguei meu celular e o ar me escapou. Merda. Já eram oito horas. Eu dormira por três horas. Porém, o fato de ter adormecido não foi o que fez meu coração se acelerar novamente, mas, sim, a percepção de que meu avô ainda não tinha voltado para casa. E nem Faris. O demônio não me deixaria sozinha por tanto tempo. Ele sequer queria me deixar antes, para começo de conversa. A entidade deveria estar aqui a essa hora, então, por que não estava?

A única explicação era que ele não podia estar. Algo o estava impedindo. O *algo* sendo os magos.

Ah não.

Os malditos haviam encontrado a Corte das Bruxas Sombrias.

O medo me atingiu como uma marreta sobre a minha cabeça, fazendo uma sensação doentia se instalar em mim. Como sempre, a raiva veio logo em seguida.

A fúria fervilhou dentro de mim.

— Desgraçados! — Eu pulei de pé, peguei minha bolsa e corri para a porta da frente.

Sim, era um pouco imprudente ir até uma festa de expurgo de bruxas sem um plano, mas querer salvar entes queridos acabava deixando qualquer um imprudente e louco, pronto para deixar a cautela para trás, apenas com um desejo selvagem o impulsionando.

Eu me amaldiçoaria se ficasse aqui sentada e deixasse meu avô morrer. Além disso, tinha Faris... o que tinha acontecido com ele?

Cheguei na rua correndo. Com minha grande bolsa-mensageiro, que ficava escorregando para a frente, eu me movia desajeitadamente, tendo que ficar parando toda hora. As ruas estavam na escuridão. Esquisito. Não era para estar tão escuro. Quando minhas botas rangeram alto, parei e olhei para cima.

A lâmpada do poste estava quebrada. Olhei para a próxima. Quebrada também. Se os mestiços achavam que as bruxas tinham medo do escuro, eram burros. Eu ia usar a proteção da escuridão para me esconder, assim como eles.

Nenhuma luz suave brilhava em nenhum dos edifícios. Apenas janelas escuras olhavam para mim enquanto eu corria. Era inquietante. Algo muito sério estava acontecendo.

Acessei o poder do meu anel de sigilo. Foquei minha vontade nele, concentrando-me o melhor que pude enquanto corria, o que era mais difícil do que parecia. Senti o puxão suave de seu poder. Eu o mantive ali, comigo. Deixei minha magia pronta como se fosse uma arma carregada. Estava preparada para explodir qualquer filho da puta que cruzasse meu caminho. A Corte das Bruxas Sombrias não estava tão longe. Naquele ritmo, eu chegaria em cinco minutos.

Nada aconteceu depois de um minuto de corrida. Eu não conseguia ouvir nada, mas não era burra o suficiente para acreditar que nenhum mestiço estava à espreita nas sombras.

Tá, eu admitia que não era inteligente correr a céu aberto assim. Era definitivamente burrice seguir em frente sozinha, como um alvo visível, mas eu estava com raiva e furiosa o suficiente para me arriscar e fazer a jornada.

Saí da rua principal e corri até chegar a um beco atrás de um prédio antigo, vendo formas sombrias na escuridão. Em seguida, corri e me escondi à sombra da construção mais próxima, um complexo de apartamentos de três andares que era reservado para vampiros, o que provavelmente não era nada inteligente da minha parte. Minha jugular estava se debatendo, os vampiros provavelmente podiam ouvir o barulho.

Lá, com as costas contra a parede fria de tijolos, esperei cerca de um minuto para recuperar o fôlego. Escutei com atenção, tentando discernir passos, mas tudo o que ouvi foi o farfalhar das folhas nas grandes árvores de bordo ao lado do prédio. Esperei mais um minuto, então, coloquei-me em movimento novamente e corri para o próximo edifício. Eu me agachei ao lado de uma das sacadas de metal do primeiro andar. Espiei através das barras, observando o outro lado da rua.

Um prédio de dois andares com uma grande porta de metal que parecia pertencer à cidade ficava do lado oposto. Mesmo na escuridão, eu ainda conseguia ler a placa desbotada e desgastada pelo tempo acima da porta que dizia: *OAK PARK THEATER*. A sede da Corte das Bruxas Sombrias.

Eu ia conseguir.

Segui em direção ao teatro com a luz azul-esbranquiçada da lua ao meu redor.

Estava quase lá.

Então, algo me atingiu com força na parte de trás da minha cabeça, levando-me ao chão. Gritei quando meu quadril colidiu contra o asfalto. Minha concentração desapareceu junto com um pouco da minha coragem. Eu me virei, piscando para as lindas estrelas diante dos meus olhos.

Dez lobisomens estavam em círculo ao meu redor. O cheiro de cachorro molhado e enxofre poluía o ar noturno como uma colônia barata. O brilho de ódio em seus olhos combinava com os rosnados em seus rostos, todos direcionados para mim. Droga.

Uma fêmea com uma juba de pelo dourado encaracolado saiu do círculo. Ela rosnou antes de dizer:

— Eu achei mesmo que tinha sentido cheiro de bruxa. Você acabou de virar carne, vadia.

Eu definitivamente estava na merda.

Sabe o medo que você sentiu quando era criança ao ter que enfrentar o valentão da vizinhança, o tipo de temor que o paralisa, fazendo-o querer fugir e se esconder? Era esse tipo de medo que comprimia meu peito. Todavia, não havia tempo para me esconder e duvidava que correr fosse me ajudar, já que eu era péssima nisso. Além disso, lobisomens poderiam facilmente me ultrapassar, assim como uma gazela ganha de uma tartaruga.

Eu estava sem opções. Se ao menos minha cabeça parasse de girar, talvez tivesse uma chance. Felizmente, ainda não estava morta. Eu ainda tinha que salvar meu avô e impedir os magos de seguirem com seu plano.

Tá, a matilha que me rodeava realmente parecia furiosa e com razão. Contudo, eu era uma bruxa Beaumont, droga. Não comida de lobisomem.

Reunindo minha vontade, acessei meu anel de sigilo e me levantei. Lancei um olhar duro a eles, não que isso fosse fazer muita diferença. Ainda assim, não queria que eles pensassem que eu era uma bruxinha assustada. Afinal, estava longe disso.

— Ela está fazendo magia — disse um dos lobisomens, um homem de trinta e poucos anos com a cabeça raspada. Ele se remexeu nervosamente.

A loira era uma mulher caucasiana comum na casa dos quarenta. Ela abriu um sorriso e seus olhos castanhos brilharam.

— I ssonão vai salvá-la. Só há uma dela. A bruxa não pode lutar contra todos nós. Ela pode até lançar um ou dois feitiços mas terá sua garganta rasgada antes mesmo de murmurar o terceiro.

— Verdade — falei, feliz por minha voz sair forte pelo chão ter parado de tremer. — Porém, antes de cair, vou me certificar de matar alguns de vocês, vira-latas. A escolha é sua. Se estivesse no seu lugar, iria me deixar ir. Eu não fiz nada. Além disso, vocês estão desobedecendo vários tipos de leis ao me atacar.

Eu odiava estar cercada assim, sem saber o que os lobisomens atrás de mim estavam fazendo. Os cabelos do meu pescoço se arrepiaram. Se conhecesse um feitiço para fazer crescer olhos na parte de trás da cabeça, já o teria feito.

Uma morena riu. Quando falou, seu tom era amargo:

— Você não é nada além de osso, carne e sangue. Pretendemos pintar as ruas com seu sangue esta noite, bruxa, como a sua raça fez com a nossa matilha.

— Não foram as bruxas — retruquei, buscando minha magia e mantendo-a exatamente onde eu queria. Duvidava que eles ouvissem, mas tinha que tentar antes de atacarmos uns aos outros. — Foram os magos que fizeram isso, assim como fizeram com os vampiros, trolls e nascidos-anjos... Tudo é culpa deles.

Todos os lobisomens riram de forma casual e ofensiva

Sim, eu só podia ser uma verdadeira comediante.

A raiva me inundou, alimentando minha magia com a emoção, o que era um bônus adicional.

— Magos são um mito — disse a lobisomem loira —, tal qual as bruxas serão em breve.

— Estão cometendo um erro — afirmei com os dentes cerrados. — Quando os magos assumirem o poder e fizerem de vocês seus escravos, será tarde demais. Tarde demais para contra-atacarem. Tarde demais para todos os mestiços.

Pensamentos giravam atrás dos olhos da loira; pensamentos estes que, sem dúvida, envolviam a possibilidade de comer minha carne. Será que eles realmente se alimentavam com a carne de mestiços? Provavelmente não, mas eu não estava planejando descobrir a resposta hoje.

Lutar contra demônios ou outros vilões sobrenaturais que sempre estavam tentando me matar fazia parte do meu trabalho diário. Normalmente, eu não tinha absolutamente nenhum problema em fritá-los e transformá-los em pilhas de cinzas. Todavia, lutar contra lobisomens furiosos que queriam arrancar meu coração e comê-lo não era parte da minha rotina.

A matilha estava me ameaçando, o que significava que, tecnicamente, eu tinha todo o direito de me defender mesmo que, para isso, tivesse que matá-los. Ainda assim, parecia errado. Eles estavam emotivos porque queriam vingar seus membros da matilha mortos. Uma promessa de violência brilhava em seus olhos junto com uma mistura saudável de confusão, medo, raiva e dor. Eu entendia totalmente. Contudo, minha situação era um pesadelo. Eu poderia conjurar um escudo protetor, mas quanto tempo ele duraria? Dez minutos? Cinco? Até que finalmente cairia, e os lobisomens se revezariam rasgando meu corpo, membro por membro, pedaço por pedaço.

— Não façam isso — avisei, sentindo minha magia queimar dentro de mim e formigarna ponta dos meus dedos, pronta para ser liberada. — Dez contra um não é exatamente justo.

— *Justo?* — rosnou a loira. — Como o que fizeram com nossa matilha? Acha aquilo justo? Vocês, bruxos, jogaram sujo. Agora, é a nossa vez.

Os lobisomens rosnaram enquanto moviam seus pés inquietamente.

Virei minha cabeça, tentando descobrir qual deles atacaria primeiro. Tinha um pressentimento de que seria a mulher à minha frente.

— Não fui eu — eu disse mais uma vez, preparando-me.

A fêmea loira deu um passo para trás, arrancou suas roupas e ficou nua. Minhas esperanças de que ela me deixaria ir desapareceram com o que vi a seguir. Assisti, hipnotizada, enquanto suas feições começavam a mudar e a se transformar. Sua mandíbula se alongou. Seu rosto se estendeu em um focinho, então, ela caiu sobre as mãos e os joelhos. Seus ombros se distorceram em músculos poderosos. Com dentes à mostra, a mulher soltou um grunhido quando seus antebraços e pernas se

alongaram e seus dedos se estenderam em garras afiadas. Seu corpo se balançou ao passo que pelos dourados brotavam de sua pele, cobrindo-a completamente até a cauda.

Apesar de sua aparência ser comum quando humana, em sua forma animal, ela era uma loba infernal. Pelos dourados e sedosos, que lembravam seus cabelos loiros, refletiam na penumbra da rua. Ela era incrível, uma linda loba dourada, do tamanho de um pônei. Sua forma animal esca devia pesar uns 90 quilos. Olhos inteligentes e cor de avelã me encararam.

Fiquei horrorizada e, ao mesmo tempo, fascinada com a rapidez com que ela se transformava. Eu nunca vira algo assim antes. Hollywood tinha razão. Se eu não estivesse com medo para cacete, poderia até ter feito algumas perguntas.

Um implacável grunhido de desgosto veio dela. Seus lábios se curvaram em advertência.

Então, tudo bem.

Fiquei tão encantada e fascinada com a transformação da mulher que nem percebi que os outros nove lobisomens também haviam se transformado.

Ah, merda.

Ao meu redor, os lobos gigantes olharam para mim com suas bocas abertas e seus lábios puxados para trás em um rosnado coletivo.

Melhor ainda.

No momento seguinte, os dez lobisomens se atiraram diretamente contra mim. Suas bocas largas babavam e seus olhos brilhavam com raiva e selvageria.

— *Dis caeli!* — gritei, juntando minhas mãos.

Um estrondo de energia cinética disparou de minhas palmas como uma bomba, saindo em uma onda violenta e invisível. Os lobos foram empurrados seis metros para trás com a força de um furacão. Eles atingiram o chão e rolaram, temporariamente atordoados com o golpe. Contudo, eu sabia que não ia durar. Eu tinha apenas alguns segundos. Precisava dar o fora daqui.

Respirei fundo e corri por uma brecha entre dois lobos atordoados que ainda não tinham descoberto como ficar de pé. Com

os cantos dos meus olhos, vi a loba dourada se levantar. Suas orelhas se dobraram para trás, então, ela avançou.

Droga. De jeito nenhum eu conseguiria fugir de uma besta como aquela. Ela estava correndo a uma velocidade incrível, mais rápida do que qualquer lobo comum. Não havia para onde ir.

Parei no meio da corrida, puxei a energia dos meus anéis, estendi as mãos e gritei:

— *Feurantis!*

Bolas de fogo gêmeas brotaram de minhas mãos estendidas, voaram no ar em direção ao lobo dourado... e erraram.

Merda.

O pânico me atingiu. Se eu o deixasse subir e tomar controle de mim, estaria morta.

Concentrando-me na loba, levantei minha mão novamente, acionei o poder do meu anel e gritei:

— *Glacis!*

Força bruta atingiu a lobisomem. Ela cambaleou, balançando a cabeça como se estivesse atordoada. A loba deu um passo, então, congelou. Seu corpo ficou ossilizado à medida que sua pele dourada se transformava em milhões de minúsculos pedacinhos de gelo. Apesar de estar congelada, seus olhos pousaram em mim; o ódio que vi lá me fez dar um passo para trás.

— Cachorrinho bonzinho. Fica.

Um pedaço de gelo se soltou da loba. Então, outro o seguiu. Que diabos? Parecia que esses lobisomens eram altamente resistentes à minha magia. A maldita estava prestes a se libertar. Eu não planejava ficar para assistir

O som de garras raspando no chão me alcançou. Virei-me a tempo de ver três lobos, um preto e dois cinzas, correndo em minha direção. Eu não queria matar nenhum deles, mas eles estavam pedindo.

— *Vento!*

O golpe acertou o lobisomem negro. Ouviu-se um ganido assustado, em seguida, o lobo voou para trás contra seus amigos. Todos os três caíram em uma confusão de membros peludos.

Ouvi um rosnado à minha esquerda.

Girei, levantando minhas mãos.

— *Feurantis!*

Uma bola de fogo disparou de minha palma, acertando o inimigo que se aproximava do meu peito. A fera recuou, uivando enquanto seu pelo marrom era consumido por chamas amarelas e vermelhas. A cena durou quatro segundos. O lobo tombou para o lado e ficou imóvel.

Só o cheiro foi o suficiente para me fazer querer vomitar

— Droga. Por que vocês me forçaram a fazer isso?

Eu me virei ao som de garras e rosnados se aproximando.

Mais quatro lobisomens me atacaram.

— *Turbinis!* — clamei, queimando de raiva por ter tido que matar um deles.

Acertei-os, enviando-os para o beco mais próximo com a explosão de um tornado.

— Parem com isso! — berrei, ofegante enquanto minha magia percorria minhas veias. — Não quero machucar vocês! Escutem-me, seus vira-latas idiotas!

Outros três vieram: dois com pelos brancos e um ruivo. O trio saltou junto, lançando-se contra mim com as garras estendidas e as mandíbulas abertas.

Nada de descanso para mim, hein?

Plantei meus pés à medida que mergulhava fundo em meu poder, canalizei meu anel e gritei:

— *Murus!*

Meu escudo protetor se ergueu três metros no ar em um tom semitransparente de azul, mas tão sólido quanto uma parede de tijolos. Os lobos não pararam, colidindo contra ele com a força de carros em alta velocidade. Ouvi um coral de ganidos, então, os três caíram no chão, próximo à base.

Passei a correr novamente.

Consegui percorrer cerca de três metros antes da dor me atingir.

Gritei quando a sensação lancinante explodiu ao redor da minha panturrilha esquerda, arrastando-me para o chão. Eu não conseguia mexer a perna. Garras afiadas estavam fincadas nela. Meu fôlego estilhaçou. Agora, a dor era a única coisa em minha mente. Meus instintos entraram em ação — um resultado de estar face a face com a morte —, impelindo-me a chutar com a outra perna.

Minha bota fez contato com algo sólido. Escutei um pequeno grito de dor, então, consegui mover a perna esquerda novamente. Levantei-me, quase desmaiando com a dor lancinante que percorria o membro machucado. A umidade que senti logo em seguida me informou que o lobo havia arrancado um pedaço da minha panturrilha.

Apoiando-me na perna direita, endireitei-me e encontrei olhos cor de avelã me observando. Era a loba dourada. A maldita estava de volta.

Eu estava na merda mesmo.

— Cachorrinha bonitinha.

Com as orelhas em pé, ela curvou os lábios, mostrando uma boca cheia de dentes afiados. No momento seguinte, a lobisomem se jogou contra mim.

Tá, esta definitivamente tinha sido a coisa errada a dizer

Eu estava ferida, tremendo de adrenalina e de medo. Recuei quando a loira investiu contra mim, mas ela me acertou com a força de um touro. Dentes do tamanho de facas de cozinha se aproximaram do meu rosto. Eu caí junto com a loba.

O ar me escapou quando suas patas atingiram meu peito. Ela era uma besta grande e pesada. Grunhi de dor quando bati as costas no asfalto duro. O hálito de cachorro, quente e pútrido, atingiu meu rosto. Rapidamente, a lobisomem foi para o meu pescoço. Meus instintos se ativaram e eu levantei meu braço, embora não soubesse se essa era uma jogada inteligente.

Dentes se apertaram ao redor do membro. A dor me torturou quando ela mordeu mais forte e mais profundamente. Eu não conseguia me mexer. Não conseguia falar. Mal conseguia respirar. A maldita estava mastigando minha carne. Meu braço estava escorregadio por conta do meu próprio sangue. Perdi o fôlego, assim como o domínio da minha magia.

Lágrimas encheram meus olhos. Usando minha mão livre, fechei o punho e soquei sua cabeça uma vez após a outra, mas ela não soltava. Uma mistura do meu próprio sangue e da saliva da loba pingou no meu rosto. Minha visão estava escurecendo pela falta de ar. O pânico cresceu, profundo e implacável. Continuei batendo

nela, contudo, era como socar um carro com o dedo mindinho. A lobisomem mal se movia.

Ela virou a cabeça, levando meu braço consigo, e se aproximou cada vez mais do meu pescoço. Minha visão se desvaneceu, substituída por uma névoa de sangue e de escuridão. Eu já era. Estava acabada. Morta por baf o de cão. Isso sim era novidade.

Preparei-me para sentir seus caninos afiados perfurarem meu pescoço. Porém, no momento seguinte, a loba dourada uivou de dor e soltou meu braço. Houve um *flash* de prata. Então, uma figura surgiu e a lobisomem foi arremessada de cima de mim, jogada para longe.

— Samantha! — gritou uma voz masculina rouca.

Espera aí um minuto, porra. Conheço essa voz. Não pode ser...

Sentei-me, embalando meu braço ferido enquanto sangue escorria por todo o meu corpo. Logan estava logo em cima de mim com lâminas da alma em suas mãos. Seu rosto era uma máscara distorcida de medo, raiva e desafio.

O nascido-anjo estava aqui?

— Levante-se — ele gritou — ou vamos morrer!

É para já.

Em um milagre dos milagres, cambaleei e fiquei de pé, esforçando-me para manter minha visão estável. Quando finalmente consegui me concentrar, vi a loba dourada a três metros de distância de Logan, sangrando por um corte profundo na lateral de seu corpo.

A lobisomem rosnou para o nascido-anjo.

Ele ergueu suas lâminas em uma saudação e ela atacou.

Logan se encontrou com a fera gigante em uma dança mortal. Fiquei maravilhada com sua força e velocidade sobrenaturais. Eu gostaria de poder fazer isso. Entretanto, a loba era inteligente. Ela se abaixava e girava, impulsionando-se para frente. A lobisomem jogou seu corpo inteiro contra o centro de gravidade dele. Logan escorregou, contudo, conseguiu colocar uma perna para trás, apoiar um joelho no chão e evitar cair.

Vi um lampejo rápido de olhos de avelã, um rosto horrível e uma boca cheia de presas. A loba repuxou os lábios em um rosnado e atacou. O nascido-anjo rolou e pulou ao seu lado. Logan empurrou

sua lâmina delgada contra ela, afundando a ponta na parte de trás de uma de suas coxas. A lobisomem gritou de dor, mancando com sua perna ferida. Ela cambaleou. O nascido-anjo não perdeu tempo. Ele chutou a loba no estômago. Ela rolou e caiu, o que atraiu gritos e rosnados de raiva da massa de lobos que se aproximava. Fileiras e mais fileiras de dentes brancos e afiados brilhavam sob o luar

Droga. Estes cachorrinhos eram muito raivosos.

Os lobisomens se aproximaram. Cinco pularam por cima da loba dourada, vindo direto para nós com suas garras raspando no asfalto.

Mãos fortes me agarraram pela cintura e me puxaram em uma corrida. Bem, na verdade, era mais como se eu estivesse agarrada ao cara, pois era ele quem estava realmente correndo, enquanto tudo o que eu fazia era tentar não escorregar nem bater meu rosto na calçada.

Eu mal conseguia mover minha perna esquerda. Ela meio que ficava pendurada abaixo de mim como uma salsicha inútil. O pior era que cada toque enviava uma dor lancinante através dela. Um gemido me escapou quando Logan me arrastou em direção a um sedan escuro. Ele abriu a porta.

— Entra! — ordenou ao me empurrar para o banco do passageiro não muito gentilmente e fechar a porta.

Remexi-me até me encaixar em uma posição. Meu corpo inteiro estava tingido com o sangue do meu braço.

O nascido-anjo abriu a porta do motorista e deslizou para trás do volante. O carro sacudiu quando algo pesado bateu em sua porta, como se alguém com uma marreta tivesse decidido que o veículo precisava de um novo visual.

Eu estremeci e pisquei assim que um estrondo soou na janela traseira. Virei-me, vendo o rosto de um lobo preto olhando diretamente para mim.

Logan estendeu a mão sobre meu corpo e prendeu meu cinto de segurança.

— Só um segundo.

O motor do carro rugiu. O nascido-anjo pisou fundo, acelerando noite adentro.

— **E**u não precisava ser salva — falei, depois de fazer dois sigilos antidor seguidos por dois de coagulação sanguínea, um para meu braço e outro para minha perna, para que eu não sangrasse até a morte no banco de couro do homem. — Eu estava indo bem. Tinha tudo sob controle.

Um músculo pulsou na mandíbula de Logan quando ele virou na próxima rua à esquerda.

— Claro que tinha.

— Tinha sim.

Suas sobrelhas se ergueram até a linha do cabelo.

— Para mim, parece que cheguei bem a tempo. Ou você ia sangrar até a morte ou os lobos iam transformá-la em uma refeição. Fitei-o.

— Eu estava tentando não matar ninguém.

Embora tenha acabado queimando um até a morte. Tentei não pensar nisso. Infelizmente, não estava funcionando. Sim, eu era uma bruxa das Trevas, mas tinha consciência, tá?

— E estava dando certo para você?

— Tudo nos conformes.

Tentei não me encolher enquanto cobria meu braço ferido com o que restava da manga da minha jaqueta. Droga. Aquela loba tinha feito uma bagunça no meu braço, como se fosse carne moída. Eu nem queria saber como estava a parte de trás da minha perna. O membro provavelmente estava muito pior.

— Você vai precisar de pontos — disse Logan depois de um momento. A ternura em sua voz me surpreendeu.

Assenti.

— Eu sei. Se puder me deixar na minha casa, resolverei isso. Meu avô provavelmente já voltou essa hora. — *Pelo caldeirão, por favor que seja verdade.* — Ele pode me ajudar a dar os pontos, visto que já fez antes. Vovô provavelmente está muito preocupado comigo.

O aperto do nascido-anjo no volante intensificou.

— Não pode voltar lá, Samantha. Aqueles lobos quase a mataram e eles são apenas um dos grupos de mestiços. Os vampiros, as fadas, os trolls e todos os outros estão procurando por vocês, bruxas. Se ainda houver algum bruxo em *Mystic Quarter*, ou ele está morto ou é bom demais em se esconder. Se sua raça for esperta, já evacuou o lugar. Os mestiços estão loucos para derramar sangue de bruxo. Se você retornar, vai morrer.

Eu me mexi no banco, encarando-o.

— Você não entende. Preciso voltar. Preciso encontrar meu avô. Ele precisa da minha ajuda.

— Não acabou de dizer que ele está em casa?

Suspirei.

— Vovô foi até a Corte das Bruxas Sombrias para mim. Quando voltei para casa, ele ainda não tinha retornado. Esperei por um tempo, então, saí para procurá-lo.

— E isso quase a matou.

— Não vou abandonar meu avô nem os outros bruxos. Eles precisam da minha ajuda.

Logan afastou os olhos de mim, observando a estrada.

— Não vai conseguir ajudá-lo do jeito que está. Primeiro, nós vamos lhe dar alguns pontos.

— Nós? — Eu o encarei. — Como sabia onde me encontrar? E por que está aqui, Logan?

— É esse o agradecimento que recebo por salvar sua vida?

Pomposo desgraçado.

— Responda à pergunta.

Por um longo momento ele olhou para mim. Pensamentos desconhecidos fizeram sua mandíbula se contrair e uma sombra

passar por seus olhos.

— Vim procurá-la — o nascido-anjo finalmente informou.

— Como sabia onde me encontrar?

— Fui primeiro à sua casa. Quando ninguém atendeu a porta, pensei nos lugares em que você poderia ter ido. Eu sabia onde ficava a Corte das Bruxas Sombrias, então, arrisquei.

Lancei-lhe um olhar duro.

— Isso ainda não explica por que está aqui. Na última vez em que nos encontramos, você não pareceu exatamente feliz em me ver.

Sem mencionar que ele tinha me dado um bolo. Eu não o havia perdoado ainda. Quer tivesse me salvado ou não, isso não se fazia.

Os olhos castanhos de Logan encontraram os meus. Eles pareciam negros na iluminação fraca do carro.

— Poe. O corvo veio me encontrar para entregar uma mensagem da Corte das Bruxas Sombrias.

Maldito seja aquele pássaro.

— E?

— Ele me contou sobre os magos — o nascido-anjo afirmou.

A preocupação apertou minhas entranhas.

— Poe disse alguma coisa sobre meu avô?

Logan observou a estrada à sua frente.

— Não. Sinto muito. Nós só falamos sobre os magos.

Eu o encarei.

— E?

— O corvo me disse que são eles que estão por trás do vírus.

Levantei uma sobrancelha.

— Acreditou na informação? Sobre as bruxas não estarem envolvidas?

— Sim.

— Sério? Acredita no que um pássaro lhe disse?

O nascido-anjo se virou, olhando para mim.

— Você não acredita em mim? — Uma careta se materializou em seu rosto. — Estou aqui, não estou? Arrisquei minha própria vida para salvar a sua.

— Sim, ouvi quando disse isso da primeira vez.

— Você está brava comigo. — Ele soltou um suspiro. — É por causa daquele encontro, não é?

Sim. Não.

— Minha vida não gira em torno de você, Logan. — Desgraçado arrogante. Então, o bolo que ele me deu também estava em sua mente. Interessante. — Era só um encontro. Muito cedo para ficar cheia de emoções. Normalmente, os sentimentos só começam a atrapalhar depois do sexo.

Um sorriso cruzou seu rosto.

— Você quer dormir comigo.

Droga. Eu tinha caído direto naquela armadilha.

— Você se acha, né?

Um rubor cobriu meu rosto. Eu estava feliz por estar bem escuro dentro do carro.

Seu sorriso não vacilou.

— Sabia que me achava irresistível.

— Por favor Você mal é tolerável.

Logan riu. Fiz uma careta.

— Tem que entender que eu não podia ir — o nascido-anjo falou. Seu sorriso desapareceu quando seus lábios se frizaram. — Meu povo estava sendo atacado. Não era exatamente o momento certo. — Ele hesitou. — Eu deveria ter ligado. Sinto muito.

Meus olhos encontraram seus lábios cheios e beijáveis. Droga, aquela boca era deliciosa. *Para com isso, Sam.*

— Só estou surpresa — comentei, achando muito difícil desviar meus olhos de seus lábios.

— Por quê?

Olhei pela janela enquanto borrões de sombras escuras passavam por nós.

— Acho estranho que não acredite em mim, uma bruxa, mas decida aceitar a palavra de um familiar

— Eu ainda não tinha todas as informações quando a vi pela última vez — respondeu Logan depois de um momento. — Tinha acabado de perder muitos do meu povo e todas as evidências apontavam para sua raça.

Virei-me no assento, olhando para o nascido-anjo.

— Os magos fizeram de propósito. — Meus olhos caíram sobre o sigilo do arcanjo em seu pescoço, a marca da Casa de Miguel.

Logan me encarou.

— Sei disso agora. Com o que conseguimos reunir com nossas próprias investigações, qualquer um consegue ver que este é um ataque orquestrado contra os bruxos.

Meu braço estava começando a latejar novamente, indicando que eu teria que fazer outro sigilo antidor; um mais forte desta vez.

— Os nascidos-anjos acreditam em nós?

Ele contraiu a mandíbula.

— Não todos, mas a maioria está do seu lado.

A informação deveria ter me feito sentir melhor, mas não fez. Os magos eram uma força a ser reconhecida. Para derrotá-los, precisaríamos de um exército. Eu só não sabia onde encontrá-lo ainda. Se a maioria dos bruxos estava se escondendo, isso não me deixava com muitas opções.

— Para onde está me levando?

Eu odiava não saber para onde estava indo. Uma bruxa das Trevas sempre precisava estar preparada.

— Para um lugar seguro, onde você será cuidada.

— E onde seria isso?

Olhei pela janela novamente. A placa da *I -87 North* apareceu. Onde diabos ele estava me levando?

O nascido-anjo encontrou meus olhos e disse:

— Precisa confiar em mim.

Por mais estranho que fosse, eu realmente confiava nele.

O silêncio caiu entre nós enquanto estávamos perdidos em pensamentos. Os de Logan provavelmente giravam em torno da segurança de seu próprio povo, ao passo que a possibilidade de acabar encontrando o cadáver de meu avô assombrava minha mente. O zumbido do motor ficou constante. Foi muito difícil não adormecer enquanto continuávamos acelerando para o norte, mas o latejar constante de dor no meu braço e na minha perna fez com que eu ficasse acordada o tempo todo.

Depois de cerca de uma hora de viagem, Logan virou em uma entrada. Um prédio de tijolinhos marrom-escuros com fileiras de

sebes bem aparadas nos recebeu. Uma grande placa no gramado da frente dizia: REARRO TODAS AS ALMAS.

Que diabos? Uma luz amarela suave se derramava das janelas da frente. Fosse o que fosse este lugar, seus residentes estavam acordados.

Logan desligou o motor e saiu do carro. Fui atrás dele, recusando sua ajuda quando ele se ofereceu para me tirar do veículo. Eu o segui pelo pequeno caminho de pedra até a porta da frente. O nascido-anjo a abriu e gesticulou para que eu fosse primeiro.

Fazendo um grande esforço, manquei até um saguão aconchegante com uma pequena área de estar. Uma recepção com uma coleção de miniaturas de trolls exibindo mechas de cabelo roxo, verde, laranja e azul estava montada entre os armários verticais. Atrás da mesa, havia um corredor mal iluminado com paredes brancas e portas que davam para outras salas.

— Ah, aí está você.

Olhei para cima. Uma mulher de vinte e poucos anos veio correndo pelo corredor com o rosto radiante. Os botões de seu jaleco branco estavam esticados até o limite em torno de sua grande figura.

Logan gesticulou em minha direção.

— Olá, Pam. Esta é Samantha, a bruxa que mencionei na mensagem. Ela vai precisar de pontos no braço e na perna.

Levantei uma sobrancelha. Quando foi que ele tivera tempo de mandar uma mensagem para ela?

Pam estava diante de mim com as mãos nos quadris.

— Bem, você certamente esteve ocupada. — A mulher riu. — Está tremendo como uma folha. Olhe para todo esse sangue, ele é todo seu? — Ela inclinou a cabeça para olhar mais de perto. Seus óculos cravejados escorregaram em seu rosto.

— A maior parte, sim. — Assenti lentamente, sem saber o que dizer.

Pam parecia encantada.

— Ah, bom. Vou pegar um acesso, então. Eu não tinha certeza se você ia precisar. — Ela empurrou os óculos no nariz. — Não

recebo muitas bruxas aqui, mas tenho certeza de que posso ajudá-la.

A mulher estava muito feliz em me ver em um estado tão esfarrapado. Quando ela se inclinou para inspecionar meu braço, vi uma pequena marca de nascença em forma de R em seu antebraço: o sigilo do arcanjo Raf ael. Pam era da Casa de Raf ael. Os nascidos-anjos daquela casa eram curandeiros e médicos.

A mulher empurrou os óculos para cima novamente.

— E você? — Seus grandes olhos azuis focaram em Logan. — Como está? Algum corte que eu precise saber?

O homem deu de ombros e se inclinou contra o balcão, parecendo muito sensual com seu cabelo todo bagunçado.

— Estou bem.

— Fico feliz em ouvir isso — respondeu a outra. — Você pode se sentar enquanto eu cuido de Samantha. — Ela se virou, sorrindo para mim. — Venha comigo — pediu, gesticulando em direção ao corredor.

Fiquei exatamente onde estava. Desviei meu olhar para Logan. Seu sorriso me fez querer socá-lo. O desgraçado achava isso engraçado. Tá, admito que estava nervosa, contudo, nunca tivera um ferimento tratado por não-bruxos. Além disso, a mulher parecia um pouco delirante. Usávamos feitiços, poções e, de vez em quando, linha e agulha para costurar. Eu não confiava na abordagem não-mágica.

O sorriso de Pam se alargou quase até os ouvidos.

— Eu não mordo. Prometo. — A mulher riu. — Porém, realmente preciso dar uma olhada nesse braço e também na sua perna. Ela parece que esteve em um moedor de carne. Você está extremamente pálida e perdeu muito sangue, precisa de um pouco de líquido antes que fique pior. Venha. Por aqui.

Observei Logan caminhar pela sala de estar. Ele jogou sua jaqueta sobre uma das cadeiras e se acomodou confortavelmente em outra. O nascido-anjo pegou seu telefone e começou a rolar a tela.

Carrancuda, segui a alegre mulher pelo corredor e depois por uma das portas que davam para uma pequena sala. Como um quarto de hospital típico, era mobiliado com uma cama de solteiro

coberta com lençóis de algodão branco, um armário embutido, gavetas desgastadas e uma pequena mesa de metal com engenhocas metálicas em cima.

— Deite-se na cama, por favor — instruiu Pam, enquanto corria para a mesa onde um suporte de soro estava esperando.

Fiz o que ela instruiu, arrastando meu corpo sobre o colchão. Observei a nascida-anjo pendurar um saco com fluido transparente no suporte e o rolar em minha direção.

— Dê-me seu braço esquerdo — pediu enquanto avançava com um cateter. — É só água, açúcar — a mulher disse ao ver minha careta — e uma coisinha a mais para anestesiá-la.

Estendi meu braço esquerdo e ela enfiou a agulha na minha pele. Calor passou por mim. Senti como se tivesse acabado de mergulhar em um banho quente. Meu tremor parou e meu corpo relaxou um pouco. Talvez ela soubesse o que estava fazendo.

— Samantha. — Pam estava do meu lado direito. — Acha que consegue se virar e se deitar de lado para mim? Eu gostaria de dar uma olhada na sua perna primeiro.

— Consigo.

Segurei meu braço direito no meu peito e virei lentamente para o lado, sentindo-me um pouco tonta.

A mulher se aproximou da minha perna.

— Hum. Vou ter que cortar seu *jeans*, tudo bem?

— Vai fundo.

A outra riu.

— Você é engraçada. — Senti um puxão na minha calça quando ela começou a cortar ao redor da minha panturrilha. — Como conseguiu estancar o sangramento? Com magia?

— Sim, com um feitiço, mas não parou completamente.

— Não. Contudo, provavelmente salvou sua vida. — Ela puxou uma cadeira com rodinhas e se sentou de costas para mim. — Você vai sentir alguns puxões e cutucões em sua perna enquanto lhe dou pontos. Se doer, diga-me que eu paro.

— Certo.

— Acho fascinante a magia da cura — comentou a nascida-anjo. Senti um puxão na pele. — Sou do mundo da ciência, com elementos sobrenaturais, é claro. Todavia, nunca entendi como a

magia pode curar. Sabe, porque é *magia* — a mulher deu uma risadinha — e corpos são feitos de carne, osso e sangue.

— E eu nunca entendi como é possível curar qualquer coisa sem ela.

Pam riu. Eu estava começando a gostar dela.

— Tenho certeza de que não — ela respondeu, com um sorriso na voz. Ouvi um corte de tesoura. — Você e eu vivemos em mundos diferentes.

— Sim. — Apesar das maravilhas que o soro estava fazendo comigo, ainda me sentia um pouco desconfortável. — Imagino que tenha ouvido sobre as mortes recentes.

A nascida-anjo não parou de trabalhar na minha perna.

— Ouvi.

— Então, por que está me tratando? Com certeza deve sentir alguma hostilidade em relação a mim depois do que aconteceu. Talvez até me odeie.

Pam girou em sua cadeira com seus grandes olhos fixos em mim.

— Se Logan confia em você, eu também confio.

— Fácil assim?

— Fácil assim. Se ele diz que as bruxas não estão envolvidas, acredito nele. Tenho certeza de que Logan tem boas razões para acreditar nisso. — Ela se virou e voltou ao trabalho. — Ele é uma verdadeira bênção. Nós, nascidos-anjos, temos muita sorte em tê-lo conosco. Nossas chances de conseguir outra pessoa como ele são pequenas e nós sabemos disso. Nenhum nascido-anjo poderia tomar o seu lugar e fazer o que Logan faz. Ele é forte, leal, um verdadeiro líder.

Estremeci quando a mulher puxou a pele ao redor da minha ferida.

— Ele me disse que nem todos os nascidos-anjos acreditavam nele.

Talvez você seja a única.

— Sempre haverá quem se oponha e isso é completamente normal — comentou ela. — Sempre que há uma situação delicada como essa, existem pessoas que criticam. Elas concordam e

discordam. Está na nossa natureza. Tenho certeza de que nem todas as bruxas concordam umas com as outras o tempo todo.

— Sim, é um caos.

Os ombros de Pam saltaram quando ela riu, mas seus dedos ficaram incrivelmente imóveis. E a mulher ainda dizia que não tinha nenhum poder mágico?

A nascida-anjo envolveu minha perna com gaze.

— Pronto. Sua perna está pronta. Vamos dar uma olhada no seu braço agora, certo? — Ela empurrou com os pés e sua cadeira rolou até perto do meu rosto. — Se se sentir mais confortável, pode se sentar.

Mudei minha posição.

Pam pegou meu braço ferido e o inspecionou.

— Os cortes são profundos. Felizmente, conseguiu não ser atingida nas artérias ulnar ou radial. Você teve muita sorte.

Eu não me sentia com sorte.

Suas feições se franziram e suas sobrancelhas se uniram no topo do nariz.

— Como conseguiu essas queimaduras?

— No trabalho — menti. Eu não queria ter essa conversa com uma estranha.

Ela colocou meu braço sobre a minha coxa.

— Vou ter que cortar suas roupas novamente.

— Tudo bem.

Os dedos de Pam roçaram a pele ao redor do meu pulso enquanto cortava minha jaqueta com uma tesoura. Então, a mulher jogou os pedaços de pano em uma pequena lata de lixo, começando a desinfetar e a limpar minhas feridas com álcool. Dessa vez, quando ela voltou a costurar minha pele, não senti absolutamente nenhuma dor. Quase nenhum puxão. Todos aqueles remédios que a nascida-anjo me dera estavam funcionando.

Soltei um suspiro.

— Se Logan não tivesse aparecido, os lobos teriam me dilacerado. Ainda não sei por que ele veio, principalmente quando nossos mundos estão desabando.

Especialmente quando os nascidos-anjos desconfiavam das bruxas das Trevas.

— Ele gosta de você — afirmou Pam.

Eu reagi com um susto, levantando as sobrancelhas.

— Duvido muito disso.

— Ele gosta. — O sorriso dela era contagiante. — Vejo o jeito como Logan olha para você. Eu consigo perceber.

— Bem, ele tem um modo engraçado de demonstrar isso.

Por que eu estava dizendo essas coisas para ela? Devia ser aquele tal de acesso indirectando minha mente.

— Não seja tão dura com ele — pediu Pam em um tom solene.
— Logan está machucado.

— Então, você precisa tratá-lo.

A mulher balançou a cabeça.

— Não é esse tipo de machucado.

Eu esperei.

— Você não vai me contar agora que já começou?

Pam inclinou a cabeça e habilmente deu um nó em um dos meus novos pontos.

— A namorada dele foi morta cerca de dois anos atrás em um trabalho. Ela era nascida-anjo, como nós. A mulher saiu em uma caçada rotineira aos demônios e não voltou. Encontraram seu corpo no dia seguinte. O demônio havia deixado sua marca. Isso o destruiu. Logan nunca mais foi o mesmo. Ele se jogou em seu trabalho, dedicando todo o seu tempo ao seu povo.

Uma entidade havia matado sua namorada e aqui estava eu, exibindo meus muitos familiares demoníacos na sua cara. Merda, para piorar, eu ainda tinha arrastado ele para o Submundo.

Parabéns, Samantha.

Pam olhou para mim por trás dos seus óculos.

— Acho que vocês dariam um belo casal.

Droga. Por que ela estava me torturando assim? Mesmo que estivesse certa e houvesse uma pequena possibilidade de Logan gostar de mim, as coisas nunca dariam certo entre nós.

Fitei-a.

— Você já ouviu falar de um relacionamento entre uma bruxa das Trevas e um nascido-anjo antes?

Seu sorriso desapareceu.

— Hum, não.

Aí estava a minha resposta.

Demorou cerca de meia hora para os efeitos do anestésico passarem. Pam tinha me dado algumas roupas limpas extras: um par de jeans três tamanhos maiores e uma camiseta cinza de manga comprida. Tive que prender o jeans com um cinto, depois, enrolei a parte de baixo por cima das botas para não tropeçar.

Após me limpar no banheiro pequeno, entrei na sala de estar, onde encontrei a mulher e Logan conversando. Ambos pararam ao me ver. Eles estavam falando sobre mim ou algo que não queriam que eu ouvisse.

Peguei minha bolsa de uma das cadeiras e puxei a alça sobre minha cabeça.

O nascido-anjo se levantou.

— Onde você pensa que está indo?

Olhei para a mulher.

— Obrigada por sua ajuda, Pam, mas agora que já levei os pontos, realmente preciso ir.

Uma corrida de táxi de volta ao *Mystic Quarter* provavelmente me custaria o salário de um mês, contudo, eu não tinha escolha. Precisava voltar.

— Você não está bem o suficiente para ir a lugar nenhum — retorquiu Logan.

Olhei para o homem.

— Tente me parar — desafiei. — Meu avô está em perigo. Ele precisa da minha ajuda.

Pam parecia querer desaparecer entre as almofadas do sofá.

O rosto do nascido-anjo escureceu.

— Você nem sabe onde seu avô está.

Uma batida soou na janela da frente, fazendo-me pular. Então, o barulho soou novamente. Pam se levantou e correu até lá.

— Ah, meu Deus — disse ela. A animação deixava sua voz alta.

— O que foi? — Logan e eu perguntamos ao mesmo tempo enquanto nos entreolhávamos.

A mulher abriu a janela e um corvo voou para dentro, pousando na cadeira ao meu lado.

— Poe? — indaguei, encarando meu familiar — O que você está fazendo aqui?

O corvo fez uma careta.

— Tem alguma ideia da distância entre *East Village* até *Parks Hollow* no condado de *Westchester*? — exclamou a ave. — Mal consigo sentir minhas asas.

— Como foi que me encontrou? — perguntei, vendo Logan se aproximar do pássaro.

— Fácil. — Poe deu de ombros. — Como seu familiar, compartilhamos uma marca. Uma espécie de localização psíquica, como um GPS sobrenatural. Sempre posso encontrá-la. Você pode estar em qualquer lugar deste planeta, ainda assim, conseguirei saber sua localização.

Pam deu a volta na cadeira. Seus olhos estavam arregalados de prazer e de admiração. Seus dedos se contraíram. Ela parecia estar prestes a agarrá-lo.

— Um familiar de bruxa? Mas você é uma gralha. Pensei que os familiares fossem sempre gatos.

— *Corvo*.

— Como é? — a mulher perguntou, dando um sorriso. A nascida-anjo estava claramente satisfeita por ele estar falando com ela.

— Você disse gralha — explicou Poe com uma leve irritação em seu tom. — Porém, eu sou um corvo. Há uma enorme diferença.

O rosto de Pam ficou vermelho.

— Ah, sim. Eu sinto muito.

Virei na direção do pássaro, o medo deixando minha voz mais alta.

— O que aconteceu, Poe? — Eu sabia que o corvo não tinha vindo até aqui só para bater papo. — É meu avô? Ele está ferido?

Meus joelhos de repente pareciam que não podiam suportar meu peso. Não consegui perguntar o que mais temia. Eu o mandara para a Corte das Bruxas Sombrias. Se algo tivesse acontecido com vovô por minha causa, nunca me perdoaria.

O pássaro olhou para mim.

— Ele está preso naquele maldito teatro com todos os outros. A Corte inteira está lá. Ele estava bem quando o deixei, mas as proteções não vão segurar os magos por muito tempo.

Meu coração afundou.

— Os magos atacaram a Corte das Bruxas Sombrias?

— Sim. — O corvo esticou a asa direita, depois, a esquerda. — E ainda estão atacando. Por isso vim procurá-la. Mais cedo ou mais tarde, eles vão conseguir romper as proteções. Quando isso acontecer, vão matar todos que estão lá. Estou bem com o fato de seu pai ser queimado vivo, mas não quero que Gordon ou Charlotte se machuquem. A bruxa fez biscoitos de abóbora para mim.

A atenção de Logan se voltou para mim, contudo, eu não olhei em seus olhos.

Poe suspirou.

— A Corte das Bruxas Sombrias enviou pombos mensageiros para todas as outras Cortes mestiças pedindo ajuda. Todavia, ninguém respondeu.

Balancei minha cabeça quando o medo começou a pressionar minha espinha.

— É porque eles ainda pensam que fomos nós que matamos seu povo. Os mestiços não confiam em nossa raça.

Droga. Isso era péssimo. Se eu não fizesse algo, os magos matariam meu avô.

— Os nascidos-anjos vão ajudar? — indagou Pam, ajustando os óculos enquanto fitava Logan. — Vamos, não é? Não existe uma equipe de soldados treinada para esse tipo de situação?

Senti uma pontada de gratidão pela mulher realmente acreditar em cada palavra que eu lhe dissera, mas minha pequena bolha de esperança estourou ao ver o rosto franzido de Logan.

— Já tive essa conversa com eles. — Seus olhos encontraram os meus. Sua expressão estava intensa e pensativa. — Sinto muito, Samantha. Infelizmente, os nascidos-anjos não vão ajudar. As bruxas estão por conta própria.

Poe eriçou suas penas. Raiva pura emanava de suas feições minúsculas.

— Não posso dizer que estou surpreso, Sam. Você precisa colocar sua cuca para funcionar — disse o corvo — e ter alguma ideia para impedir os magos.

Ficarmos parados nesta clínica não estava fazendo bem a ninguém. Eu tinha que dar o fora daqui.

— O que aconteceu com Faris?

O pássaro inclinou a cabeça.

— Um mago pegou uma espécie de pedra negra e ele desmaiou. Encolhi-me.

— O Olho do Inferno.

— O quê? — perguntou Logan.

— É uma longa história. Basicamente, é uma pedra que pode matar e controlar os demônios. — Olhei de volta para Poe. — Ele está vivo?

A ave assentiu.

— Estava inconsciente quando saí, mas vivo. Seu avô e Charlotte estão cuidando dele.

Isso explicava por que eu não tinha visto o demônio intermediário desde que pedira para ele ir atrás do meu avô e contar tudo o que tínhamos descoberto à Corte.

Segurei na parte superior da cadeira, deslocando meu peso para a perna direita e dando um descanso ao membro machucado. Eu imaginava se tinha como essa noite ficar pior.

— Você está ferida — notou Poe, olhando para mim. Seus minúsculos olhos negros estavam redondos de preocupação. — O que aconteceu?

— Conto no caminho.

— I stoé, se eu conseguisse encontrar uma maldita carona. Contraí a mandíbula. Era em momentos assim que me arrependia de não ter economizado o suficiente para comprar um carro. Eu poderia pegar um táxi, mas gostava mais da outra opção.

Encontrei os olhos de Logan, desejando que, de alguma forma, ele pudesse ler meus pensamentos. Esperava que o cara não me decepcionasse desta vez. O nascido-anjo me observou. Seus olhos passaram sobre mim, avaliando-me. Eu podia ver o ódio subjacente pelos magos, contudo, havia uma nova determinação em seu olhar.

— Você não vai sobreviver sozinha — ele avisou.

— Vou sim. Você não pode me parar.

Logan arqueou as sobrancelhas, estudando-me com cautela.

— Vai precisar da minha ajuda.

— Isso é uma oferta?

O nascido-anjo me deu um sorriso parecido com o que costumava me dar antes de toda aquela bagunça com os magos começar. O gesto acendeu algo dentro de mim, iluminando meu coração.

— Eu dirijo — disse Logan. Seus olhos escuros brilhavam com uma intensidade feroz.

— Graças ao caldeirão. — Poe voou até meu ombro. — Não acho que minhas asas teriam sobrevivido a outra viagem. Tenho certeza de que distendi meu músculo peitoral.

Virei-me, estendendo minha mão.

— Obrigada, Pam — falei com um sorriso genuíno se espalhando pelo meu rosto. Perguntava-me se a veria novamente.

A nascida-anjo sorriu ao apertar minha palma.

— Fico feliz em ajudar

Apertei sua mão suavemente e a soltei. Com Poe se equilibrando em meu ombro, eu me estabilizei. Sentindo uma necessidade selvagem de dar uma surra em alguns magos, segui Logan porta af ora.

Aguenta firme, vovô. Estou chegando.

A viagem de volta ao *Mystic Quarter* foi mais curta do que eu esperava. Ou Logan estava em alta velocidade ou pegara um atalho. Quem sabe, eu só estivesse tão presa em meus próprios pensamentos que não vira o tempo passar. Talvez fossem os três.

A principal pergunta que ocupava minha mente era o porquê de os magos estarem atacando a Corte das Bruxas Sombrias. O que eles esperavam encontrar? Até agora, seu plano de fazer com que a comunidade mestiça se voltasse contra as bruxas tinha funcionado como magia. Então, por que atacar a Corte? Por que não esperar que a multidão enfurecida de mestiços aparecesse e fizesse o trabalho sujo? Eles estavam correndo o risco de serem descobertos e por qual razão?

Os magos odiavam as bruxas. Havia entendido bem essa parte. Se eles estavam realmente insistindo em romper as barreiras, havia apenas uma razão para isso. Eles queriam matar até o último membro da Corte. Ao acabar com ela, estariam exterminando os governantes, podendo, então, tomar o poder.

Meu sangue gelou. Senti um calafrio apesar do calor que fazia no carro. Os magos iriam destruir as bruxas para que pudessem governar em seu lugar. Agiam com uma espécie de fúria fria e calculada, como se o seu domínio fosse legítimo e tivesse sido invadido e desafiado. Eu não me enganava acreditando que eles parariam por aí, não com aquele tipo de poder. Não, definitivamente

era apenas o começo. Os magos continuariam até destruir todas as outras Cortes. Até que fossem os únicos a governar sobre todos.

Aceleramos pela estrada, passando pelos buracos no asfalto causados pela geada e pelos limpadores de neve do ano passado. O veículo deu um solavanco. Encolhi-me quando minha perna e meu braço começaram a latejar novamente. A energia que restava no meu anel de sigilo era tudo que eu tinha para lutar contra esses magos, portanto, não podia desperdiçá-la. Por enquanto, não podia arriscar fazer nenhum novo sigilo antidor. Eu precisava de todas as minhas reservas para o que estava por vir, o que significava que teria que aceitar a dor.

As estradas secundárias fora de *Mystic Quarter* estavam cheias de carros e de humanos enquanto passávamos pelas ruas, contornando os arredores do bairro e além, até chegarmos à fronteira, onde a maioria dos humanos não se atreveria a ir depois de escurecer.

A tensão nas mãos de Logan no volante aumentou ao fazermos a curva à direita na deserta *East 6th Street*, logo atrás do teatro. O carro deu um solavanco quando o nascido-anjo o levou para o meio-fio e desligou o motor.

Inclinei o corpo para frente e examinei as ruas, os prédios e cada sombra, procurando por coisas fora do lugar que pulariam sobre nós assim que abrisse minha porta. Porém, não vi nada. Nem mesmo um único mestiço. Ninguém.

Fiquei sentada, imóvel, no veículo.

— Se há proteções guardando o teatro, como entraremos?

Eu já havia sentido como a magia da Corte das Bruxas Sombrias era poderosa antes, tão antiga quanto a lua e com um poder à altura. Portanto, não estava prestes a arriscar minha pele tentando entrar.

— Calma — disse Poe. — Há uma porta secreta nos fundos. Eu tenho o feitiço para abri-la com segurança. A passagem se abrirá para nós, mas apenas por alguns segundos.

Olhei para o pássaro no meu colo.

— E você tem certeza de que sabe encontrar esta porta?

— Absoluta — respondeu Poe.

Ergui o olhar e encontrei Logan me observando.

— Você não precisa vir — comentei, imaginando que deveria dizer alguma coisa. Eu não queria que ele se sentisse obrigado a vir comigo. Afinal, isso não era problema dele.

— Você não vai conseguir se livrar de mim f ácilassim — disse o nascido-anjo.

Havia um distinto brilho travesso em seus olhos. Eu gostei.

Remexi-me no banco do carro.

— Não quero que se sinta obrigado. É só isso.

— Não me sinto, mas se esses magos são tão maus e tão poderosos quanto você diz que são...

— Até um pouco mais — interrompeu Poe.

— ...então vai precisar da minha ajuda. — A atenção de Logan não deixou meu rosto. Uma luz perigosa passou por seus olhos. — Além disso — acrescentou, virando-se enquanto pensamentos desconhecidos faziam sua mandíbula se contrair —, eu tenho algumas contas a acertar com esses magos.

Ah, agora entendi. Claro que sim. E com razão. Ele queria matá-los tanto quanto eu pelo que f izeram com seu povo.

Pensei em todos aqueles corpos de nascidos-anjos mortos. Será que minha atitude estava sendo inteligente? Eu realmente deveria estar arrastando todos com quem me importava para aquela situação? Ao lembrar sobre sua namorada morta, algo despertou em mim. Rapidamente desviei o olhar antes que meu rosto me denunciasse.

Soltei um longo suspiro, tentando aliviar um pouco da tensão e preparando minha mente para se concentrar.

— Então, vamos lá. — Abri a porta. Poe passou voando por mim e eu saí.

As ruas estavam desertas. O uivo agudo de um lobo rolou pela cidade em advertência, causando arrepios na minha espinha. Eu estava esgotada, exausta. Além disso, meus nervos estavam tão tensos quanto as cordas de um violino.

Árvores se arqueavam, suas copas balançando com a brisa f ria enquanto atravessávamos a estrada. A parte de trás do teatro não era tão grande e impressionante quanto a f rente. Claramente, aqueles que o construíram tinham colocado a maior parte de seus esf orçosna f achadado prédio, deixando a parte traseira de lado. O

edifício estava escuro sob a sombra sufocante da noite. Eu não vi ou senti nenhuma vibração paranormal, mas esperei um momento extra e ampliei meus sentidos, procurando por qualquer mestiço escondido. Nada. Ainda assim, um pouco de paranoia extra não fazia mal em uma situação como aquela.

Um grito cortou o ar da noite.

Instintivamente, acessei meu anel de sigilo e vi uma adaga escorregar para a mão de Logan. Os pelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram.

Era uma voz masculina, vinda de um beco. O homem continuou gritando, alto e aterrorizado. Sua voz era um longo e contínuo alarme de terror e pânico. Houve um som de luta e alguns gritos assustados, com os rosnados inconfundíveis de lobos os acompanhando. O grito surgiu novamente, então, parou.

Meu instinto me disse que era um bruxo sendo atacado por lobisomens. Eu me virei. Não havia nada que pudesse fazer por ele.

O cheiro de enxofre se agarrou à minha garganta quando nos aproximamos da parte de trás do prédio. O ar chiava e estalava com energia e magia. Eram as proteções. Porém, também havia algo mais, algo diferente, uma energia distinta que se batia contra as proteções, como se alguém estivesse tentando quebrar uma fechadura de metal com uma marreta. A presença das forças estranhas atacando os feitiços ondulava em meus sentidos com uma sensação formigante e pulsante.

Só podiam ser os magos.

Poe voou para um espaço na parede externa de tijolos e empoleirou-se em uma saliência de pedra.

— Aqui. Bem aqui — disse com urgência, batendo o bico no tijolo. — Depressa, antes que percebam que estamos aqui.

Logan e eu corremos para o local onde o pássaro estava pousado. Um leve contorno retangular estava esculpido na parede de tijolos, como se alguém o tivesse traçado com uma faca afiada. Era a porta. Se Poe não a tivesse apontado para nós, eu teria passado direto por ela sem ver. Ainda mais à noite. Com certeza.

Poças escuras jaziam ao pé da passagem, com longas marcas saindo dela como se alguém tivesse arrastado alguns corpos ensanguentados por ali.

— Esperem — falei. — Isso é sangue.

Um uivo cortou o ar, seguido pelo som de garras arranhando o asfalto.

Merda.

Eu me virei. Uma grande sombra deslizou para o beco, seguida por outra. Vi sombras grandes e peludas, correndo de quatro em uma marcha suave e coordenada ao atravessarem a rua.

Lobisomens.

— Aqui vamos nós — disse o corvo. Ele respirou fundo antes de profetizar—*Aperta a porta!*

O contorno da porta brilhou em amarelo, depois, em vermelho. A energia do feitiço incandesceu como luz. Senti um pulso trêmulo de poder, em seguida, a magia que alimentava o encantamento sumiu rapidamente. A parede de tijolos chacoalhou, então, a porta se abriu silenciosamente, revelando um corredor escuro atrás dela.

— Por aqui! — Poe pulou da borda e voou para dentro. — Corram, antes que a porta se feche! — gritou.

Logan me deu um pequeno sorriso.

— Primeiro as damas.

Sorri de volta e corri com o nascido-anjo logo atrás de mim. A porta se fechou com um impacto forte e estrondoso assim que passamos. A adrenalina me invadiu, removendo temporariamente as dores na perna e no braço enquanto eu seguia em frente; o som de asas batendo era meu guia.

Poe nos conduziu por um corredor muito mais escuro. Entrávamos e saíamos de trechos de escuridão profunda que se alternavam com uma luz fraca e fria. Enquanto seguíamos, nossas sombras dançavam e se esticavam. O corvo nos guiou por passagens que eu nunca tinha visto em minhas visitas anteriores à Corte das Bruxas Sombrias. Depois de um momento, chegamos a uma escadaria. Subimos três degraus de cada vez, abrimos uma porta e finalmente entramos em um grande foyer com um teto alto e decorado, similar a algo que você encontraria em um grande hotel.

O som de pés correndo me alcançou. Vinha do corredor à nossa frente.

Droga. Os magos nos encontraram.

Meu peito se apertou. Logan surgiu ao meu lado com lâminas gêmeas da alma em suas mãos. Plantei meus pés enquanto minhas mãos pulsavam com magia.

Uma cabeça com cabelos brancos apareceu no final do corredor — Vovô! — Eu corri para a frente.

— Pare! — ele uivou, jogando os braços no ar.

Eu congelei.

Gordon apontou para o chão. Runas e sigilos vermelhos e amarelos brilhantes estavam gravados no piso de ladrilho polido, brilhando como brasas a cinco centímetros da ponta das minhas botas.

— Se você der um passo à frente, vai morrer

— Legal — resmunguei. Não era exatamente o grande resgate que eu esperava.

Olhei para Logan. Ele também parecia uma estátua humana.

— Um pequeno aviso poderia ter sido bom, Gordon — grasnou Poe, empoleirado em um candelabro na parede à minha direita.

O ar ao nosso redor pulsava, pressionando-me e fazendo meu cabelo balançar e levantar como se eu estivesse andando contra um vento forte. Senti o poder das proteções, como o zumbido da eletricidade através de cabos de alta tensão. A sensação me consumiu com calor e violência repentinos. Dei um passo para trás.

— Esperem. — Meu avô murmurou algumas palavras e cuidadosamente arrastou o pé por uma das proteções. — Pronto. Depressa, vamos!

Poe foi primeiro, depois eu e, então, Logan. Virei-me e observei meu avô de joelhos, murmurando encantamentos ao fechar a proteção novamente. Minha pele zumbiu com a energia eletrizante enquanto as barreiras se fechavam ao nosso redor

Vovô se levantou, sendo imediatamente esmagado em meu abraço.

— Graças ao caldeirão — falei ao seu ouvido. — Eu estava tão preocupada. — Soltei-o e dei um passo para trás. — Eu nunca deveria ter enviado você aqui. É tudo minha culpa.

— Bobagem — disse o velho bruxo. Ele parecia cansado. Seu cabelo estava despenteado e seus olhos fundos. — Eu tinha a

obrigação de acertar as coisas com a Corte. Fazê-los ver as evidências para que acreditassem.

— E deu certo? — perguntei, ouvindo o bater de asas quando Poe pousou no meu ombro.

— Não precisei — disse meu avô. — Os magos fizeram isso por mim. — Seus olhos encontraram Logan. — Vejo que você trouxe reforços.

— Gordon — disse o nascido-anjo como forma de saudação, enquanto embainhava suas lâminas.

O mais velho grunhiu.

— É só você ou a cavalaria de nascidos-anjos está a caminho?

Meu coração se apertou com o tom esperançoso em sua voz.

— Ninguém vai vir — informei antes que Logan pudesse responder.

Olhei para meu avô. Ele suspirou. As sombras em seu rosto o faziam parecer ainda mais cansado e exausto. Ele não disse nada. Não era preciso.

Estávamos errados.

Charlotte caminhou com agitação pelo corredor.

— Samantha! Ah, graças ao caldeirão. Eu pensei ter ouvido sua voz. Seu avô estava tão preocupado. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Tive que desviar o olhar antes de arruinar minha imagem de bruxa durona com minhas próprias lágrimas.

— Onde estão os outros? — Olhei por cima do ombro de Charlotte, esperando ver o rosto feio de Tran.

— Por aqui — disse ela, fazendo um gesto para que a seguíssemos.

Atravessamos o corredor estreito e entramos em uma grande sala parecida com um quarto de hotel, mobiliada com namoradeiras e poltronas agrupadas ao redor de uma lareira vazia. Havia uma área de cozinha compacta com bastante espaço no balcão. Um jogo de xadrez estava sobre uma pequena mesa redonda cercada por duas cadeiras.

Cinco dos seis membros da Corte das Bruxas Sombrias se reuniam ao redor da lareira fria; Magda e as outras duas bruxas estavam sentadas uma ao lado da outra em uma namoradeira,

enquanto Oscar e Tran ocupavam as poltronas de frente para elas. Todos olharam quando nos aproximamos. Eram bruxas e bruxos perigosos, experientes e fúrios, com algumas guerras místicas em seu histórico. Eu não gostaria de cruzar o caminho de nenhum deles. Todavia, agora, pareciam todos assustados, derrotados e exaustos.

De pé contra a parede, longe deles, com os braços cruzados sobre o peito, olhando para mim com ódio fervente como se eu tivesse de alguma forma arruinado todos os seus planos, estava meu pai, ou como ele gostava de ser conhecido agora, Arthur Barlow.

— Que lugar é esse? — perguntei a ninguém em particular.

— Um alojamento de visitantes — respondeu meu avô. — Para membros da Corte de fora da cidade.

Os membros haviam escolhido um lugar pequeno o suficiente para trabalharem com eficiência em suas proteções. Estratégia inteligente. Havia apenas duas janelas e uma porta que dava para o local e todos estavam fortemente protegidos.

— Quanto tempo até os magos romperem as proteções?

— Não muito — respondeu a velha bruxa careca, Magda. — Uma hora. Talvez menos.

— Vou ficar de olho — disse Poe. Ele pulou do meu ombro, voou pelo cômodo e se empoleirou acima da janela mais alta. Pássaro esperto.

Senti como se algo estivesse faltando.

— Onde está Faris?

— Aqui — disse Charlotte.

Eu a segui até um dos quartos de hóspedes.

Faris estava esparramado sobre uma das camas, inconsciente. Embora estivesse escuro, eu podia ver que seu rosto estava pálido. Contudo, ele estava vivo. Graças ao caldeirão. Ele tinha sorte por ainda respirar. Mais um golpe com aquela pedra e eu achava que o demônio não sobreviveria.

Rígida de tensão e medo, voltei para a sala de estar.

— Por que vocês não fugiram pela porta dos fundos?

— Como é? Você acha que não teríamos tentado? — sibilou Tran com seu rosto vermelho e manchado. — Os lobisomens estão

esperando por nós. Já mataram três dos nossos funcionários.

Certo. Era por isso que havia sangue perto da porta. Os bruxos pareciam prestes a desmaiar, esgotados por manter suas proteções. Não havia como terem energia para lutar contra um bando de lobisomens furiosos ou qualquer outra coisa que pudesse pular neles lá fora. Droga. Então, basicamente, éramos todos alvos fáceis, como patos parados em um lago esperando o caçador.

— Quantos magos são?

Se eles dissessem cinquenta, eu ia desmaiar.

— Sete — respondeu meu avô, embora não parecesse tão aliviado quanto eu.

Um estrondo alto soou pelo prédio, reverberando pela minha cabeça e pelo meu corpo todo, até o meu núcleo. Ele soou no ar ao meu redor tanto quanto dentro de mim.

Os magos tinham acabado de testar a força das proteções da Corte. Senti a concha invisível dos feitiços bruxos vacilar. As proteções ainda não haviam caído, mas o que quer que as tivesse atingido havia deixado uma falha.

Virei-me para Magda.

— Achei ter ouvido que as proteções iriam durar mais uma hora!

A velha bruxa deu de ombros.

— Eu estava errada.

— Fantástico.

Eu esperava ter algum tempo para bolar um plano para tirar todos dali, mas estávamos sem sorte.

Outro estrondo reverberou através do prédio.

Tran pulou de pé, seus olhos estavam selvagens de medo.

— Eles vão entrar aqui e nos matar! — gritou, apontando para a porta.

— Acalme-se — rosnei. — Entrar em pânico agora não vai ajudar. Precisamos pensar.

— No que você está pensando? — perguntou Logan, de pé ao meu lado.

— Que preciso de mais tempo.

Droga. Droga. Droga.

— Meu voto é que devemos ir embora e nos arriscar com os lobisomens — disse Oscar.

— I para onde? — rosnei para o bruxo gordo e velho. — Todas as nossas casas estão sendo vigiadas por mestiços. Eles vão nos encontrar, não importa para onde fomos.

— Então, vamos apenas sentar aqui e deixar os magos nos matarem? — gritou Tran histericamente.

— Não. — Eu balancei a cabeça. — Nós vamos lutar. — Pelo canto dos olhos, vi os braços de meu pai caírem para os lados.

Tran soltou uma risada.

— Com o quê? Não temos nada forte o suficiente para derrotá-los. Acabou. Vamos todos morrer.

O cansaço cintilou nos olhos do meu avô.

— Como vamos fazer isso, Samantha? Olhe para nós. Estamos esgotados.

Suspirei.

— Se houvesse mais de nós, poderíamos vencê-los. Assim como as bruxas fizeram todos aqueles anos atrás.

Ele olhou para mim e eu pude ver o desespero em seus olhos. Vovô também achava que íamos morrer.

— Precisaríamos de um exército de bruxos e bruxas — disse o mais velho. — Contudo, todos da nossa raça se foram; esconderam-se. Onde vamos encontrar um exército forte o suficiente para vencer os magos?

— Tenho o exército de que precisam.

Virei-me, deparando-me com Faris atrás de mim.

Ele estreitou os olhos, afirmando com uma voz cheia de malícia:

— Um exército de demônios.

Levei alguns segundos para entender o que o demônio intermediário havia acabado de dizer. Quando finalmente encontrei minha voz, indaguei:

— Desculpa, acho que ouvi mal. Você disse um exército de *demônios*?

Farissael se moveu pela cozinha e começou a abrir armários e gavetas.

— Você ouviu certo. Vai precisar de um exército de demônios para derrotar os magos.

Ele abriu outra porta do armário e, quando se virou novamente, tinha uma garrafa de líquido transparente na mão. Como ele fazia isso?

Encontrei os olhos de Logan e quase pude ler os pensamentos assassinos dançando atrás deles. Pigarreei.

— Faris, do que você está falando?

Claramente, o demônio intermediário havia enlouquecido. Ao redor do cômodo, o silêncio era tão pesado que quase podia senti-lo contra minha pele.

A entidade pegou um copo pequeno e despejou o líquido claro, que devia ser vodca ou rum, nele.

— Você mesma disse. Precisa de números. Seus colegas bruxos fugiram. A única outra raça que pode lidar com magia, além dos magos, são os demônios. Nós somos a única coisa que pode ajudar vocês.

Boom!

O prédio tremeu como se um gigante o tivesse golpeado com o punho. As proteções haviam sofrido outro golpe.

Faris levou o copo aos lábios e bebeu tudo.

— É simples. Vocês querem viver ou morrer?

— Tudo bem — eu disse.

Um suspiro coletivo atravessou a sala, seguido por estrondos de indignação e protestos.

Aqui vamos nós novamente.

— Espere só um segundo! — Tran se aproximou, seu manto preto fluindo atrás dele. — Não pode tomar esse tipo de decisão. Você é apenas um peão. Uma funcionária.

Estreitei meus olhos.

— Um dia desses, vou chutar sua bunda e vou me divertir muito, muito mesmo.

Ele apontou um dedo para mim. Pude ver a sujeira acumulada sob suas unhas.

— Você não tem nenhuma autoridade sobre esta Corte — protestou com desprezo e indignação em sua voz. — Você não é nada. Ninguém.

— Se não fizermos nada — eu disse, falando bem devagar, como se estivesse me dirigindo a uma criança pequena —, todos nós vamos morrer.

O rosto de Tran se desfigurou em algo verdadeiramente feroz e feio.

— Nunca vou permitir isso. Nunca permitirei que abra os portões do Submundo para deixar esses demônios entrarem. — Ele gesticulou em direção a Faris. — Nunca.

Coloquei uma mão no quadril.

— Eu não estou pedindo permissão.

Boom!

O prédio tremeu e o gesso caiu do teto e das paredes. As proteções haviam sofrido outro golpe. Energia ecoou ao nosso redor. Naquele momento, soube com que tipo de poder estávamos lidando: um tão antigo quanto o tempo e tão profundo quanto o oceano. Era escuro, letal e horrível, e estava prestes a invadir o teatro. Os magos tinham uma magia que nós, bruxos e bruxas, não

conseguiríamos igualar. Isso os colocava em uma liga muito superior a qualquer coisa mortal. Esse poder mudaria tudo.

Olhei para os outros membros da Corte.

— Vou pedir ajuda aos demônios. Se vocês são contra, agora é a hora de falar

A cara de paisagem de Oscar não me dava qualquer tipo de informação sobre o que ele estava pensando. Contudo, as sobrancelhas de Magda se ergueram.

Lancei meu olhar em direção ao meu pai. Ele parecia ter mordido uma maçã podre.

Magda me fitou firmemente.

— Seu plano é imprudente, perigoso e provavelmente não terminará bem, mas você tem o nosso voto. — *Quatro contra dois. Eu venci.* — Devemos lutar contra os magos e matá-los. — Seus olhos foram para as janelas. — E rápido. Temos apenas alguns minutos.

— Escolha sábia.

Eu me virei, vendo a expressão chocada de Tran. Não tinha tempo de discutir com esse idiota, portanto, bloqueei-o dos meus sentidos. Logo, seus gritos se transformaram em um pulsar surdo e abafado.

Logan não se moveu, porém, sua mandíbula continuava contraída. Eu sabia que ele não estava empolgado com essa ideia (droga, nem eu), mas não tínhamos outra opção.

Caminhei até Faris.

— Certo, como vamos fazer isso?

Não achava que procurar uma possível Fenda no teatro fosse o caminho a seguir.

A entidade me deu um pequeno sorriso.

— Não é óbvio, Sammy, querida? Você deve *invocá-los*.

Minha boca se abriu.

— O quê?

O demônio intermediário afastou os cabelos dos olhos.

— Deve invocar os demônios, assim como faria com qualquer outra entidade, só que em uma capacidade maior. Você já fez isso antes, portanto, não deve ser um problema.

Pisquei.

— Mas... de quantos demônios estamos falando?

Se ele dissesse cem, eu vomitaria.

Os olhos de Faris se estreitaram um pouco.

— Seis. Se contar comigo, será um para cada mago.

Seis? Seis era bom. Eu conseguia dar conta desse número.

— Tem certeza de que será suficiente?

— Acho que vamos descobrir juntos — respondeu o demônio intermediário.

Eu levantei uma sobrancelha.

— E não vai... você sabe... — Fiz aspas no ar com meus dedos — *complicar* as coisas para você em casa? E se disserem a Vorkol onde está?

Faris balançou a cabeça.

— Não vão dizer. Eles têm uma dívida comigo — afirmou, embora sua voz não soasse convincente. — Estou cobrando os favores que me devem.

Boom! O vidro das janelas rachou.

— Tique-taque, Sammy, querida. Se serve de consolo, eles desprezam os magos tanto quanto eu.

Merda. Merda. Merda.

— Samantha, tem certeza disso? — Logan parecia prestes a vomitar ou começar uma briga.

Não.

— Sim.

Com o coração acelerado, enfiei a mão na bolsa e tirei um giz. Depois de jogá-la no chão, fui para o espaço entre a cozinha e a sala. Parecia um ambiente grande o suficiente para conjurar seis demônios. Esperava que não fossem do tamanho de um dinossauro.

No que foi que eu me meti?

— Poe — chamei e o corvo voou até meu ombro. — Assim que as proteções caírem, preciso que vá buscar ajuda — instruí. — Qualquer tipo de ajuda. Eu não me importo com quem seja, só encontre alguém que escute, tá?

— Entendido — respondeu o pássaro, voando de volta e pousando no mesmo parapeito da janela.

Soltei um suspiro e caí de joelhos, sentindo os olhos da Corte em mim, como se estivessem tentando fazer um buraco na minha cabeça para ver como ela funcionava. Claramente, eles queriam testemunhar minhas habilidades de invocação. Se nunca acreditaram que eu era capaz de invocar e controlar demônios, estavam prestes a conseguir lugares na primeira fila do show.

O giz pesava em meus dedos trêmulos, como se eu estivesse segurando um tijolo. Olhei para cima e encontrei o olhar de Faris.

— Nunca invoquei mais de um de cada vez. Talvez você esteja superestimando minhas habilidades.

A entidade se serviu de outra bebida, aproximando-se.

— Eu vou guiá-la. Essa não é uma das minhas muitas funções como seu familiar?

Meu estômago se revirou de medo e de dúvida.

— Não sei se consigo fazer isso.

Eu odiava ter uma plateia. Quando invocava demônios, geralmente estava sozinha, ou com Poe e meu avô. Nunca com toda a Corte das Bruxas Sombrias assistindo. Meu pai não contava, é claro. Não me importava com o que ele pensava. O sujeito estava morto para mim. Se eu estragasse tudo, eles nunca deixariam isso passar. Se bem que acho que não importaria, porque estaríamos mortos.

— Olha — disse Faris, colocando o copo vazio sobre a mesa. — Você pode não ser a melhor bruxa deste planeta, mas é a única que temos.

— Obrigada.

O demônio intermediário sorriu.

— De nada.

Boom!

Merda.

Uma onda de adrenalina se acumulou em mim, fazendo meu sangue correr. Limpei o suor da minha testa com as costas da minha mão.

— Seis triângulos, um para cada demônio?

— Sim — respondeu Farissael.

Boom!

— Depressa, Samantha — insistiu meu avô. — As proteções não vão durar muito mais tempo.

Cerrando os dentes, desenhei o primeiro triângulo de invocação o mais rápido que pude.

— Nome? — Eu ofegava, segurando o giz no meio do triângulo, pronta para escrever o nome do primeiro demônio. Deus, eu esperava que Faris soubesse o que estava fazendo.

— Cersoniel — disse ele, soletrando para mim por precaução.

Escrevi o nome o mais rápido que meus dedos trêmulos permitiram e deslizei de joelhos para desenhar outro triângulo a um metro do primeiro.

— Nome.

— Abigor.

— Nome.

— Mathiel.

Foi assim com os outros três. Faris me passou as informações e eu as rabisquei o mais rápido que pude. Quando escrevi o último nome no triângulo designado, desenhei o Círculo de Salomão e entrei nele.

Respirando rápido, ajeitei minha postura. Minha pulsação disparou e meus joelhos vacilaram. Senti todos os olhos em mim, mas me concentrei em Logan. Ver seu pequeno sorriso de encorajamento, apesar de suas próprias lutas internas óbvias, era tudo que eu precisava.

Com o coração batendo forte, canalizei a magia do círculo de invocação e dos triângulos, clamando:

— Eu os conjuro, Cersoniel, Abigor, Mathiel, Zaleos, Separiel e Forneus, demônios do Submundo, para se submeterem à vontade da minha alma. Amarro-os com inquebráveis grilhões de adamantina e os entrego ao caos negro da perdição. Eu os invoco. Apareçam nos espaços à minha frente!

Um vento se agitou ao meu redor, erguendo meu cabelo. Houve um súbito estalo quando o ar se deslocou. As luzes piscaram e se apagaram, nos deixando na escuridão.

Ao voltarem a acender, seis demônios estavam em seus triângulos individuais.

Putá merda.

Tive mais um daqueles momentos de surto, quando meu cérebro parecia não querer funcionar e me permitir fazer nada além de permanecer em pé com uma cara de idiota. Meu queixo estava caído. Eu não conseguia me lembrar qual palavra mágica deveria dizer para fazê-lo voltar para o lugar

Pelo caldeirão. Consegui. Eu consegui de verdade!

Lá, de pé diante de mim, estavam os demônios mais fofos que já tinha visto. E olha que eu vi muitos demônios.

Eram todos humanoides, intermediários e enormes. Senti como se estivesse olhando para uma nova linha de super-heróis da Marvel Comics.

As duas fêmeas, Cersoniel e Abigor, eram deslumbrantes, não pela beleza, mas pelo terror. As mechas brancas de Cersoniel ultrapassavam seus quadris e eram impressionantes contra sua pele de ébano. Ela usava um vestido branco e seu corpo, de cerca de 1,80 de altura, era uma mistura perfeita de beleza e força. Joias brilhantes tremeluziam em seus pulsos, em sua garganta e em seus dedos. Abigor estava vestida com um colete de couro marrom sobre uma túnica verde com calças verde-escuras enfiadas em botas de couro até o joelho. Seu cabelo dourado estava preso em uma trança apertada. Em suas costas, havia uma aljava e, em sua mão, havia um arco e flecha. Ela parecia a irmã de Robin Hood. Era a única que estava sorrindo para mim, todavia, isso não me fez sentir melhor

Os demônios Mathiel e Separiel pareciam irmãos ou até gêmeos. Ambos eram enormes e estavam vestidos apenas com uma tanga de lona. Seus peitos nus exibiam seus músculos salientes. Pernas grossas e torneadas podiam ser vistas sob pés descalços. Eles ostentavam espadas de aparência pesada e escudos pendurados nas mãos opostas. Eram gladiadores do Submundo. Pareciam até combatentes regulares das arenas de luta de Vorkol.

Zaleos, por sua vez, era um belo demônio asiático que vestia um terno cinza sob medida que se encaixava em seu corpo como se fosse uma pintura, mostrando seus músculos magros. Uma katana brilhante pendia de sua mão. Por último, havia Forneus, um demônio pálido que parecia doente de tão magro, da minha altura e com cabelos ruivos oleosos. Seus olhos claros piscavam e seus dedos tremiam com uma energia nervosa. Tirando a capa preta que pendia atrás dele, a entidade estava completamente nua.

Sim, parece que meu destino estava cheio de machos nus.

Lancei um olhar para a Corte das Bruxas Sombrias. Eles encaravam a formação de demônios como se o inferno finalmente tivesse chegado à terra. Até meu pai parecia assustado. Seu rosto pálido ficava cada vez mais branco. Esforcei-me para não sorrir.

Eu era uma mágica que acabara de tirar seis demônios aterrorizantes de uma cartola. A cartola do Submundo.

Eba para mim.

Apesar de suas diferenças físicas, todos compartilhavam um desejo em comum: matar a vadia bruxa que ousara confiná-los naqueles triângulos pequenininhos.

Forcei um sorriso.

— Amiga. — Apontei para mim mesmo como uma idiota.

Boa, Samantha. Agora, eles vão realmente me ouvir. Eu era uma tonta.

— Do que tem tanto medo? — comentou Faris ao meu lado. — Não é como se eles fossem jogar sangue de porco sobre você no baile de formatura.

Fitei-o.

— Você deveria me ajudar, não me insultar.

— Então, se apresse e lhes diga o que quer — a entidade retrucou. — Porque os magos estão prestes a nos dizer oi.

— Faris — chamou Cersoniel com uma voz profunda, embora agradável. — Eu odiaria pensar que está por trás desse espetáculo.

Farissael se virou para mim.

— Sammy, querida. Agora é a hora.

Exalei.

— Sei que vocês estão furiosos — falei rapidamente aos demônios. — Entendo, eu ficaria também. Contudo, não teria invocado todos vocês se não fosse importante. Nós precisamos da sua ajuda. E antes que digam “vou lhe matar, bruxa”, apenas me ouçam. — Respirei fundo. — Estamos sob um ataque de magos.

Como se fosse uma deixa, o prédio balançou novamente. Rachaduras cortaram o reboco das paredes. O lugar estava caindo.

A animosidade coletiva que se espalhou pelos demônios me disse que eu tinha tocado em um ponto fraco.

— Então, aqui vai. — Desviei meu olhar de uma entidade para a outra, sentindo-me muito pequena pela primeira vez naquela noite. — Ordeno que matem os magos. Todavia, vocês devem nos proteger. A todos nós — acrescentei, certificando-me de apontar para Logan e, em seguida, para cada um dos bruxos. — Não podem machucar ou matar ninguém que está nesta sala, entendido?

— Pensem nisso como uma vingança — expressou Faris, visto que eles não estavam me respondendo. — Pelo que eles fizeram conosco.

Eu não sabia exatamente o que ele queria dizer com isso, mas pelos rosnados e rancos raivosos que ouvi, pareceu funcionar

— Uma das vadias magas tem a pedra Olho do Inferno — informou Farissael com a mandíbula contraída. — Precisam tomar cuidado com ela.

— Estou sempre com vontade de matar magos — declarou Abigor, que não parava de sorrir. — A vingança é doce. — Ela bateu na coxa com o arco.

De repente, a entidade me lembrou de mim mesma.

Isso ia funcionar

Meus ombros se enrijeceram com a tensão.

— Matem todos os magos, então, podem ir para casa, entendido?

Eu não precisava que eles concordassem. Como demônios invocados, não teriam escolha a não ser obedecer aos meus comandos. Ainda assim, eu queria que soasse como uma vingança, como Faris havia dito. Dessa forma, se sobrevivesse a esta noite, eles talvez não voltassem para me matar, embora eu tivesse certeza de que tentariam.

Todos os demônios assentiram.

Hora do *show*.

Avancei e arrastei meu pé sobre cada triângulo.

— Eu libero vocês — falei.

Um *flash* de energia se derramou através de mim vindo dos triângulos. Houve um súbito influxo de poder, então, senti a onda de energia me deixando.

Naquele momento, a parede dos fundos explodiu. Pedacos de gesso e madeira choveram sobre nós, deixando pequenos cortes dolorosos em minha pele quando toda a parede dos fundos do quarto foi arrancada.

Olhei através dos pedacos voadores de construção, móveis e gesso. Sete magos se espalharam pela sala pela abertura. Magia verde pingava de suas mãos e brilhava em seus olhos. Seus capuzes estavam amontoados em torno de seus ombros. Acho que eles não se importavam mais em esconder seus rostos. Duas mulheres e cinco homens se moveram ao redor da sala. Eles eram de diferentes idades e tamanhos, mas um se destacava; um sujeito de estatura e biotipo medianos. Manchas da idade marcavam seu couro cabeludo calvo, exceto por uma franja de fios brancos. Uma barba branca eriçada cobria sua boca e suas bochechas. Olhos verdes brilhantes espiaram de dentro de um rosto envelhecido. Sua expressão era suave, divertida, fria e vingativa.

Vossler.

Poder puro e intangível se chocou contra meus sentidos, quase me fazendo cair de joelhos.

— *Sphaeras!* — gritaram os membros da Corte das Bruxas Sombrias em uníssono e um escudo gigante em forma de esfera de energia dourada se ergueu ao redor deles, protegendo-os momentaneamente dos magos que continuavam a se espalhar ao nosso redor.

Nota dez pelo esf orço. I nf elizmente, não duraria.

Avistei Poe enquanto ele desaparecia pela janela quebrada. Pelo menos ele estaria seguro. Eu me virei. Medo e raiva me engolf aram ao ver meu avô e Charlotte parados sem um escudo de proteção.

— O que estão f azendo?— gritei. — Voltem! Vocês não podem lutar contra eles.

— Podemos sim — argumentou meu avô. — I ssonão é mais só sobre você. Trata-se da sobrevivência da nossa raça. E que eu seja amaldiçoado se eu não chutar a bunda de um mago f edorento!

— Quer que Charlotte se machuque? — gritei. — Fiquem f orade vista — f alei em tom de ordem.

Velho tolo teimoso. Era minha culpa ele estar aqui em primeiro lugar. Para minha sorte, o mais velho não discutiu depois daquilo. Acho que ele realmente se importava com Charlotte.

Senti o ar se mover ao meu lado quando Logan apareceu à minha direita e Faris à minha esquerda. Um sorriso brilhou no rosto do demônio. O nascido-anjo moveu seus pés. Suas lâminas da alma estavam prontas. Eu me virei.

Vossler ergueu as mãos, murmurando um f eitiço sombrio, e mechas de seu cabelo branco ondularam ao seu redor. Uma explosão de verde disparou de suas mãos, atingindo a esfera protetora. O escudo dourado oscilou, mas ainda se manteve, surpreendentemente, embora espirais de f umaçase erguessem de onde ele o atingiu com sua magia.

Os outros seis magos não prestavam atenção ao resto de nós enquanto permaneciam ao lado do ancião. Como um, eles levantaram as mãos, seus lábios se movendo em feitiços e encantos. Eles iam acabar com a proteção. Queriam matar os membros da Corte.

Movimentos explodiram de todos os lados quando os demônios intermediários entraram em ação e se jogaram contra os magos. Tudo ficou lento e, na calma de um segundo, meus olhos encontraram quem eu estava procurando. Ela estava ao lado do velho mago: a ruiva com o Olho do I nf erno. Era criptonita dos demônios. A pedra tinha o poder de matar todos as entidades que eu invocara, incluindo Faris. Eu não achava que nosso vínculo o salvaria desta vez, portanto, tinha que pegar a pedra.

Através do escudo semitransparente, nossos olhos se encontraram. Ela sorriu.

A vadia era minha.

O mundo saltou de volta à sua velocidade normal.

Eu entrei em ação.

Com Logan e Faris se movendo comigo, contornamos a esf era protetora da Corte em direção aos magos. Eu tinha perdido meu pai de vista, mas, naquele momento, nem me importava. Chamei o poder do meu anel de sigilo e a magia veio à superf ície.

Três magos, uma mulher e dois homens, interromperam seu ataque ao escudo, enf rentandoos demônios que se aproximavam. Eles ergueram as mãos, enviando uma rajada de f ogomágico verde na direção das entidades e, conseqüentemente, na nossa, já que estávamos logo atrás delas.

Ah. Merda.

Eu me joguei de lado, batendo em uma parede, e caí. Faris e Logan f izeram o mesmo.

Ambos os demônios Mathiel e Separiel lançaram seus escudos diante deles.

O fogo mágico os atingiu com um estrondo retumbante. Os demônios gemeram e deram um passo para trás sob o violento ataque. Felizmente, eles resistiram e seguiram em f rente. O fogo dos inimigos se extinguiu. Mais uma vez, Mathiel e Separiel atacaram os magos como dois grandes ursos. Uma rajada de f ogo verde disparou em direção a Mathiel. Ele a desviou para cima com seu escudo enquanto Separiel avançava com sua espada e estripava com um só golpe o mago que atirara neles. Então, a entidade saltou por cima dele para acertar a mulher.

Ela o atingiu com seu f ogo. Separiel cambaleou para trás, mas o brutamontes era f orte. Com Mathiel ao seu lado, os dois atacaram os magos com uma brutalidade selvagem. Em um lampejo cinza, Zaleos apareceu. Com um poderoso golpe de sua espada, ele decapitou a maga. Seu corpo desabou ao lado de sua cabeça.

Nada mal. Dois já eram. Faltam cinco.

Golpes soaram altos, ocos e retumbantes. Houve uma súbita inundação de energia. Quando olhei para cima, vi o escudo protetor da Corte vacilar.

A túnica preta de Vossler se espalhou ao redor dele enquanto lançava sua energia esverdeada no escudo dourado protetor dos bruxos e bruxas da Corte. A ruiva estava ao lado dele. Seu longo cabelo fluiu ao seu redor. Tiros de energia verde explodiram de suas mãos, atingindo a esfera. Não ia durar. Assim que caísse, os membros virariam torrada.

Eu não podia deixar isso acontecer. Para chegar até lá, teria que passar por onde a luta estava acontecendo, mas aí eu arriscaria ser morta. Pois é. Não seria muito inteligente.

Xinguei baixinho, minha tensão alcançando novas alturas.

— Do que você precisa? — gritou Logan sobre os sons de batalha e o zumbido constante da magia.

— Preciso impedir os magos de derrubar o escudo protetor — gritei de volta.

Faris se inclinou. Seus olhos estavam negros e perigosos.

— Vamos fazer acontecer

— Vamos — disse Logan. — Nós vamos lhe dar cobertura.

O chão tremeu, o coro de gritos da batalha ressoava ao nosso redor. Era de gelar o sangue. Enquanto os demônios continuavam a atacar os magos, saltei em direção à esfera. Eu me abaixei quando uma rajada de fogo verde passou por mim, um centímetro acima da minha cabeça. Droga. Essa foi por pouco.

Um mago apareceu diante de mim, calvo e com um cavanhaque escuro. Sua energia verde dançou ao longo de seus dedos enquanto ele levantava a mão. Uma explosão mágica navegou em minha direção.

— *Muro!* — gritei, girando minha magia, e um escudo azul se ergueu diante de mim.

Ele colidiu com a explosão verde, tremendo. No momento seguinte, caiu.

— *Fulgur cordis!* — Estendi a mão.

Fios de eletricidade azul atingiram o mago. Seu manto chiou e estalou enquanto a eletricidade dançava ao redor de seu corpo como cobras azuis brilhantes. Quando eu pisquei, os fios se foram como se seu manto tivesse magicamente absorvido minha magia. O mago abriu as mãos e um sorriso surgiu em seu rosto. Bolas

gêmeas de fogo mágico verde pairavam acima de suas palmas. Ele rosnou e sacudiu os pulsos na minha direção.

Ah, merda.

Cordões de energia negra atingiram o mago, levantando-o do chão e levando sua magia consigo.

— Não toque na *minha* bruxa! — rosnou Faris enquanto se movia com a velocidade e precisão de um predador em direção ao sujeito caído.

Não isso de novo.

— Vá — disse a voz de Logan em meu ouvido. — Eu lhe dou cobertura.

Vendo uma abertura entre Separiel e Mathiel, que estavam ocupados atacando o mesmo mago, atirei-me para frente.

A esfera protetora apareceu a cinco metros. Três metros. Um.

Uma explosão de energia verde me atingiu no peito, mandando-me para trás e me fazendo bater com força contra Logan. Nós dois caímos no chão.

O ar me escapou. Calor tomou conta do meu corpo, e uma dor lancinante se espalhou bem fundo em mim em pura agonia. Droga. Isso doía.

Logan protegeu meu corpo com o dele, seu rosto contraído de preocupação. O nascido-anjo estava me protegendo. Sim, ele era um ótimo partido.

Tentei puxar um pouco de ar para os meus pulmões e a dor diminuiu.

— Estou bem.

— Tem certeza?

Não.

— Foi apenas um arranhão.

Eu nem sabia quem tinha me atingido.

Luz branca explodiu ao nosso redor, fazendo meu pulso acelerar. Por um segundo não consegui ver nada além de um mundo inteiramente branco. A luz diminuiu. Olhei para cima, notando que o corpo de Cersoniel estava brilhando. Um raio branco atingiu um dos magos. Um grito de terror explodiu dele enquanto queimava sob uma parede de chamas brancas. Dois segundos depois, tudo o que restava do homem era uma pilha fumegante de cinzas.

Três já eram, faltam quatro.

Isso não funciona!

— Levante-se. — Logan se abaixou e me puxou com seus braços muito capazes e fortes. Ele segurou minha mão por um momento. Seus calos duros enviaram pequenas ondas de emoção através de mim.

Um grito agudo irrompeu sobre os sons do combate.

Voltei a erguer meu olhar.

Cersoniel caiu de joelhos em um súbito espasmo. Chocando-se no chão em um emaranhado de tecido branco e membros. Seus olhos permaneciam abertos, mas sem vida.

Não.

De pé, atrás do corpo da entidade, estava a maga ruiva. Ela estava com a mão estendida e os lábios esticados em um sorriso malicioso. Em sua palma, havia uma pedra negra. A mulher me pegou olhando e me mostrou seus dentes.

Em um *flash* de pele nua, Forneus apareceu. Em ambos os braços, ele tinha uma garra afiada e negra, moldada de sua carne como um ferrão da cauda de um escorpião. Eu nunca tinha visto nada tão perturbador. O demônio foi até ela em um borrão de capa preta e carne, balançando seus membros como garras.

A maga ruiva girou e se virou para a entidade nua, seus lábios não pararam de se mover. Com os olhos arregalados, ela ergueu a pedra em direção a ele. No momento seguinte, o rosto de Forneus ficou vazio e ele desmoronou, seu corpo se soltando e então ficando completamente lícido.

Cerrei os dentes. Vadia.

Uma risada perversa escapou dela quando a mulher voltou sua atenção para outro demônio.

O medo deu um nó em meu peito.

A maga levantou a mão, apontando para Faris.

Não! — Faris! — berrei, minha voz subindo acima da cacofonia de gritos e grunhidos.

O medo me fez perder o foco. Fiquei momentaneamente congelada.

O demônio intermediário girou, suas mãos gotejando com magia demoníaca. Uma maga estava morta a seus pés. Infelizmente era tarde demais. Faris congelou ao ver a pedra.

Vadia.

Atirei-me em direção à maga. Seu sorriso se alargou com a minha aproximação, seus lábios se movendo em alguma maldição antiga. Ela ia matá-lo desta vez, podia ver em seus olhos.

Sou eu que vai lhe matar, ruiva.

Algo pequeno e preto passou por mim em um rápido assobio.

Uma flecha afundou na órbita do olho esquerdo da maga ruiva. Ela explodiu em uma chama vermelho-âmbar. Então, outro borrão escuro passou voando por mim, acertando a órbita do olho direito da mulher e se erguendo em chamas novamente.

Que diabos?

Abigor saltou de trás do sofá virado à minha esquerda e disparou no mesmo instante, soltando outra flecha que atravessou a boca aberta da maga. A entidade estivera escondida e esperando, como um franco-atirador. Adorei ela.

A ruiva soltou um gemido sobrenatural enquanto o fogo vermelho a devorava. A pedra preta caiu de sua mão estendida, então, seu corpo explodiu em uma onda de chamas vermelhas, sangue e pedaços de carne.

Agradável.

Abaixei-me e cobri meu rosto. Não queria ser atingida por pedaços de magia. Quando me levantei, a pedra negra estava pousada no meio da confusão sangrenta que um dia havia sido uma mulher. Atirei-me para frente, agarrei o objeto, tentando não pensar na substância quente e pegajosa que minhas mãos estavam tocando, e o coloquei no bolso.

Observei por cima do ombro, dando uma olhada rápida em direção à cozinha. Meus ombros caíram de alívio com o tufo de cabelo branco que vi atrás do balcão. Meu avô e Charlotte estavam bem.

Sem aviso, o ar se encheu com o som de um silvo, como se o mundo estivesse se partindo ao meio. Houve uma súbita rachadura na pressão do ar. Em seguida, a esfera protetora da corte caiu.

Tudo aconteceu de uma vez.

Primeiro, houve uma enxurrada de explosões de energia esverdeada. Então, começou a gritaria.

Faíscas voavam. Chamas ardiam. Era como assistir a uma queima de fogos de artifício na sala de estar. Os bruxos e bruxas da Corte permaneceram unidos, combinando suas forças, suas vozes elevando-se em cânticos e maldições.

Era apenas um mago velho contra cinco membros, mas isso não queria dizer nada.

Eu assisti, metade de mim impressionada e metade assustada, enquanto os braços de Vossler se agitavam ao redor dele, bloqueando cada feitiço, encanto e maldição com facilidade, como se ele tivesse praticado aquele exato momento durante toda a sua vida. O ancião era um filho da puta, mas, ainda assim, era incrível.

Em um lampejo de vestes pretas, vi meu pai escapar pelo buraco na parede. Covarde. Ele morreria por isso.

Vossler se aproximava cada vez mais, suas vestes desviando a magia das bruxas como se estivesse espantando mosquitos irritantes. O desgraçado ia matá-los.

Percebi que a velha Magda não perdeu o ritmo com suas maldições, enviando-as uma após a outra. Até mesmo Tran se manteve firme, seus olhos escuros selvagens e suas mãos nunca parando. A outra bruxa velha, cujo nome nunca descobri, girava e dançava. Feitiços brilhavam de suas mãos estendidas, aparecendo como fluxos de energia roxa, similares a rajadas de relâmpagos.

A bruxa mais jovem e roliça estava de joelhos com o nariz sangrando ao passo que Oscar permanecia parado em sua frente como seu escudo pessoal. Contudo, quanto tempo ele poderia durar?

Com um grito repentino, o bruxo foi arremessado e atingiu a parede oposta com um estrondo violento. Oscar caiu no chão com o pescoço dobrado em um ângulo nada natural.

Assisti, com meu estômago se revirando, quando uma das bruxas mais velhas foi atingida por uma explosão de energia esverdeada. Seus olhos rolaram na parte de trás de sua cabeça quando a mulher caiu em um emaranhado de membros e manto.

Desgraçado. Fiz um esforço para avançar, mas um braço forte me puxou de volta.

— Espere — disse Logan, gesticulando atrás de mim.

Faris e os outros quatro demônios sobreviventes estavam lado a lado. Seus olhos estavam duros, apenas a morte e a destruição permaneciam neles. Atrás deles, espalhados entre os escombros e os destroços, estavam os seis cadáveres dos demais magos. Desta vez, eles estavam mortos. Não havia dúvida.

Os demônios se alinharam ao meu lado e ao lado de Logan. A pressão de sua raiva era praticamente palpável, como um balão gigante prestes a estourar. Eu nunca havia me sentido tão viva e poderosa como naquele exato momento.

Juntos, eu e meu exército demoníaco nos movemos.

As entidades sobreviventes avançaram e manobram entre as bruxas habilmente em um momento gracioso e terrível, abaixando-se e bloqueando o ataque do mago, que, de outra forma, não teríamos sido capazes de derrotar. Esses cinco demônios intermediários eram poderosos.

Vossler uivou de raiva quando seu foco caiu e ele teve que mudar sua atenção para a ameaça de demônios que se aproximava.

O ancião não estava nada sorridente.

Eu me movi com os demônios enquanto empurrávamos o mago para trás, passando pelos bruxos e bruxas em direção ao buraco na parede.

Quando o golpe final foi dado em Vossler, ele foi rápido. Eu nem precisei fazer nada. Os demônios pularam sobre o sujeito como balas. Em um segundo, o mago estava disparando seu fogo verde. No seguinte, estava no chão, gritando de agonia.

E, bem, ele tinha uma das flechas de Abigor na coxa. Otário.

Apesar de tudo, esta noite não ia acabar tão mal.

Vossler cambaleou para trás, sua perna queimando com uma chama repentina. Uma fumaça que fedia a carne queimada preencheu o ar. Agradável.

Caminhei lentamente em direção ao velho mago.

— Então, você é Vossler. Está ótimo para um cadáver de trezentos anos. Deve ter dado a porcaria da sua alma para os demônios para conseguir ficar por aqui tanto tempo.

— Bruxa tola — ele rosnou. — Você vai pagar por isso. — Seus olhos verdes brilharam de raiva e sua boca se contorceu de dor.

— Acabou. — Caminhei lentamente em direção ao ancião. — Seus amigos estão todos mortos.

O velho mago fez uma careta.

— Não acabou.

— É... acabou sim. — Dei outro passo. — Veja. — Gesticulei ao meu redor para os demônios. — Vou deixar meus amigos enlouquecerem e fazeremo que quiserem com você. Depois do que fez, acho que é uma boa maneira de você morrer

— Excelente escolha, Sammy — disse Faris, piscando para o mago.

A expressão de Vossler se enrugou de dor enquanto lutava para se levantar. Seu rosto estava manchado de sangue e suor.

— Eu nunca vou morrer.

Certo.

— Velho louco desgraçado. — Eu ri, mas minha risada foi interrompida pelo olhar calculado e satisfeito em seus olhos.

Ele deveria estar com medo, contudo, o idiota parecia quase feliz. As chamas ao redor de sua perna tremeluziram e depois se

extinguiram.

Talvez eu fosse a idiota aqui.

Então, descobri o porquê.

O rosto e o corpo do mago mudaram e brilharam, ficando quase transparentes, como um holograma de um filme de ficção científica. Eu podia ver o outro lado da sala através dele, como se ele tivesse se transformado em um fantasma.

O ancião ia se teletransportar.

Meu coração deu um pulso. Ah. Infelizmente. Não.

Então, o que uma bruxa pode fazerem uma situação difícil como essa? Segurar o cara, é claro.

Foi o que fiz.

Eu me joguei a seus pés, envolvi meus braços ao redor de suas pernas enquanto seu corpo brilhava com ondas de energia... e, juntos, nós desaparecemos.

Tá, vai por mim, se alguém lhe disser que se teletransportar para outro lugar é indolor, dê um soco na cara dele. E, então, dê outro.

Um salto de teletransporte dói como o inferno. Não é tão fácil direto como fazem parecer nos filmes e na televisão. *Au contraire*, senhoras e senhores. Dói para cacete. *Star Trek* faz com que pareça uma coisa do futuro, como se em breve todos fossem ter seus próprios transportadores em suas salas de estar, porque é legal e divertido e estaremos todos cantando e dançando alegremente.

Não é assim.

O salto me atingiu com a força de uma marreta. Senti meu corpo quebrar e desmoronar em trilhões de pedaços, apenas para lutar no espaço, ainda doendo e, em seguida, finalmente se fundir novamente em uma sensação dolorosa como se cada pedaço estivesse se colando de volta. Eu nem tinha certeza de que todas as minhas partes estavam em seus lugares designados. E meu cérebro, bem, sentia como se ele estivesse achatado, como uma panqueca. Todos os meus pensamentos se apertaram em uma bola para se manterem juntos, no caso de eu enlouquecer.

Tudo ao meu redor era escuridão. Eu não conseguia ver nada. Tudo o que conhecia era a dor.

Quando a escuridão finalmente se dissipou, fiquei surpresa ao descobrir que tinha meus olhos e todos os meus membros no lugar.

Porque, convenhamos, uma parte de mim poderia ter ido parar... sei lá... no Submundo? Talvez até no Horizonte. Sim, que sensação horrenda. Eu soube então por que as bruxas ficavam longe desse tipo de magia. Você teria que ser um completo masoquista para querer passar por isso.

A próxima coisa que me lembrei foi de sentir uma superfície fria nas minhas costas. Eu estava deitada, olhando para um teto alto como o de uma catedral, envolto em sombras e que se recusava a parar de se mover. Engasguei e respirei quando senti meus pulmões se formarem. Em seguida, rolei e vomitei.

Limpei a boca e respirei fundo. Foi quando uma bota tocou no meu maxilar.

Caí com uma dor agonizante, sentindo gosto de sangue na boca. Estrelas dançaram em minha visão. Ah, droga.

— Sua bruxa miserável e intrometida! — gritou Vossler. Com outro berro de raiva frustrada, ele me chutou novamente no estômago.

O ar me escapou quando eu rolei, me sentindo como se o homem tivesse feito um buraco no meu estômago. Ai. Desabei, piscando para tentar fazer as estrelinhas que eu estava vendo sumirem. Ofegante, fiquei deitada a seus pés, com ele pairando sobre mim. Outra onda de náusea me atingiu e eu tive que realmente me concentrar para não vomitar novamente. Só tinha certeza de uma coisa naquele momento: eu odiava teletransporte.

Forcei minha cabeça a se erguer.

— Se importa de esperar um minutinho antes do nosso duelo? Esta é a primeira vez que me teletransporto.

Vossler bufou.

— Se acha que eu não vou matá-la, está completamente errada.

Olhei em volta. A sala era aberta, grande e decorada, com móveis combinando e grandes tapetes persas com muito vermelho e dourado. Velas ardiam em castiçais na parede, iluminando o quarto com uma luz tênue. Uma grande cama de dossel descansava contra uma das paredes. Olhei pela janela e vi uma coleção de prédios, mas não reconheci o lugar. Poderíamos estar em qualquer canto da cidade.

Meu sangue pulsava em minhas têmporas. Os instintos exigiam que eu fizesse alguma coisa, mas permaneci onde estava, no chão. Sabia que se me movesse, ele também iria. Eu precisava de tempo para o meu corpo se curar do teletransporte.

Dei-lhe um olhar inflexível.

— O único erro aqui é o que você cometeu. Você deixou muitos mestiços irritados. Eu não acho que eles vão receber seu grande retorno de braços abertos. Não depois do que fez.

Vossler sorriu.

— O que eu fiz se chama limpeza. A erradicação das raças inferiores. A obliteração dos fracos. — Ele balançou a cabeça em um movimento controlado. — A remoção das bruxas era necessária.

Droga.

— O genocídio de uma raça não é motivo de orgulho, seu maldito psicopata.

Sua revolução mestiça contra as bruxas fazia sentido, embora de um jeito meio psicótico.

Vossler olhou para mim.

— E teria funcionado, se não fosse por você ser tão intrometida.

— De nada.

O rosto do mago escureceu. Naquele momento, percebi que bruxas era um assunto delicado. Seu poder dançou visivelmente sobre sua pele pálida, elevando-se sobre ele como uma onda verde com pequenas faíscas de energia piscando em seus olhos. O sujeito era um filho da puta muito forte e eu ainda estava no chão.

— Vocês, bruxas, sempre foram seres mágicos inferiores — cuspiu Vossler. — Sempre tiveram inveja do nosso grande poder. Da magia que nos foi concedida pelos Arquidemônios, deuses do Submundo.

Ele andou pela sala, perdido em seus pensamentos.

— As bruxas pensaram que poderiam me destruir! — gritou, sua raiva chegando a uma crueldade selvagem. — Vocês já tentaram ocupar nosso lugar antes. Tentaram matar todos nós! — o homem uivou. Uma explosão de energia se derramou dele enquanto fixava seu olhar em mim. — Todavia, nós resistimos. Vocês não podem nos matar.

Tremendo, lutei para ficar de pé.

— Você inventou esse vírus mortal, sabendo que os outros mestiços automaticamente colocariam a culpa em nós.

Um sorriso curvou seus lábios.

— De fato.

Eu acessei meu anel de sigilo. Uma leve vibração de energia me respondeu. Minha magia estava quase esgotada.

— Porém, e as outras raças? Que mal fizeram para você?

Os olhos de Vossler se estreitaram.

— Os lobisomens estão espalhando suas sementes. Os vampiros estão se multiplicando. As bruxas estão diluindo sua magia de sangue com humanos. Isso precisa parar. Magos já foram os líderes da comunidade paranormal. Está na hora de nos erguermos novamente e assumirmos o comando do que é nosso.

Certo.

— Existem outros magos? E cadê eles? — Esperei, mas o silêncio dele foi minha confirmação. O ancião era o último. — Parece que você foi o único que restou. Talvez eu não o mate esta noite. Contudo, alguém, algum dia vai. Seu segredo foi revelado, velho. Aposto que, dentro de uma semana, alguma bruxa ou mestiço irá lhe encontrar e exterminá-lo. Os magos serão, mais uma vez, só um mito.

Vossler olhou para mim como se eu fosse um prêmio.

— Aumentar nossos números não será tão difícil. Minha semente é forte.

Que nojo.

— Como acha que nos multiplicamos da última vez? Eu me reproduzi com uma bruxa, é claro. Uma em cada cinco crianças nasce com o gene mago.

Como ele podia saber disso?

— O que aconteceu com as outras crianças bruxas? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

O mago sorriu ao ver o horror em meu rosto.

— Viraram comida de verme, que é o seu lugar.

— Seu filho da puta maldito.

Ele olhou para mim, os lábios se curvando em um sorriso azedo.

— Talvez eu comece a procriar com você. Afinal, parece ter uma composição forte.

Quase vomitei.

— Tente me tocar, velho, e será a última coisa que fará.

O ancião riu e a bizarrice enviou um calafrio pela minha espinha.

— Sim, você vai dar para o gasto. Talvez até goste.

Vossler fez um gesto na direção de sua cama. Senti um pulso de magia e vi um *flash* de energia verde se espalhando pelo móvel. Quando o poder desapareceu, quatro correntes apareceram presas em cada poste, equipadas com algemas de prata em cada extremidade.

— *I tek surit natshe* — proferiu o homem, em seguida, as correntes se ergueram e começaram a se mover como grandes cobras de metal.

Em pânico, dei um passo para trás, acessando meu anel. Eu precisava de ajuda. Precisava de Faris. Tinha que invocá-lo.

— *Paralyticus!* — gritei, agitando meus pulsos para o velho mago.

Vossler congelou quando minha magia o transformou em um picolé.

Arrancando um giz do meu bolso, caí de joelho. Minha adrenalina me fazia tremer. Eu entoei em minha mente, sussurrando as palavras repetidamente, contudo, a forte corrente de magia dentro do meu anel de sigilo havia se reduzido a um mero fio. Mesmo assim, seria o suficiente.

Com o giz, tracei o primeiro lado do meu triângulo.

Uma dor lancinante veio de todos os lugares. Vi um *flash* verde, então, fui catapultada pelo quarto por uma força invisível e colidi com a lateral da cama. Escorreguei para o chão e me dobrei. Minha visão se encolheu, começando a escurecer nas bordas. Meu corpo queimava. Com os ouvidos zumbindo, olhei para cima. Meu coração martelava como se estivesse prestes a fazer um buraco nas minhas costelas.

Perdi minha concentração e meu giz. Desgraçado. A raiva cresceu dentro de mim, fazendo pressão. O som de botas se arrastando no chão me fez levantar a cabeça. Eu me sentei. A dor havia diminuído, escondida por trás de uma parede de dormência. Ainda estava lá, mas não era mais agonizante.

O mago deu um passo à frente.

— Onde estão seus demônios agora, bruxa? Pode gritar o quanto quiser, eles não podem ouvi-la. Ninguém pode, porque ninguém sabe onde você está.

— Vá para o inferno— sibilei quando outra onda de náusea me atingiu.

Ele ia me matar. Esperei que minha vida passasse diante dos meus olhos, mas não aconteceu. Algo friodeslizou ao redor do meu pulso esquerdo. Houve um clique repentino. Pisquei ao ver algema de prata enrolada firmemente em meu braço.

— Que diabos?

Com um puxão, a corrente me arrancou do chão e me puxou para a cama. Um pânico irracional me atingiu com força. *Isso não está acontecendo.* Eu me arrastei sobre o colchão. A dor me deixava lenta, mesmo com a adrenalina pulsando em mim. Com a mão livre, agarrei a corrente e puxei o mais forte que pude. Infelizmente ela estava presa à cabeceira da cama por um anel de metal do tamanho da minha mão. Era impossível se libertar sem magia ou a força de um urso.

— Você é bastante adorável, mesmo sendo uma bruxa. — O mago deu a volta na cama.

— Vai se foder

Dei outro puxão na corrente. Fechei os olhos e me esforcei para me concentrar. Eu acessei meu anel novamente, mas apenas um baque fraco respondeu de volta. O anel estava vazio. Sua magia já era.

— Seu poder não irá lhe salvar.

Deusa, ajude-me.

Quando uma algema fria envolveu meu pescoço, um medo primitivo surgiu dentro de mim. Com força bruta, fui puxada para a cabeceira da cama e presa, a magia das correntes queimando minha pele como se elas fossem feitas de algum tipo de metal flamejante. Meus olhos lacrimejaram de dor. Tremendo, deslizei meus dedos pela algema em volta do meu pescoço e puxei o mais forte que pude. Continuei puxando e puxando, mas era inútil, como tentar arrombar uma porta de aço com meu dedo mindinho. Eu não tinha superpoderes. Não tinha nada.

Senti a pressão de peso se deslocando no colchão. Ao olhar para cima, deparei-me com o ancião me encarando. Ele cheirava a podridão e a incenso.

Vossler sorriu.

— Vai doer — afirmou. Seu hálito quente e azedo bateu no meu rosto. — É uma promessa.

Quando seus dedos roçaram no meu cinto, algo dentro de mim estalou. A raiva despertou, enviando uma onda de emoções por mim, como um tsunami. Era uma raiva negra, uma necessidade avassaladora de matar e destruir. A onda me inundou, correndo sobre mim como um relâmpago abrasador, doloroso e lindo ao mesmo tempo. Depois que a maré recuou, um silêncio profundo encheu minha mente. Foi então que senti.

Uma fina linha de magia se estendeu entre mim e a pedra no meu bolso.

Vossler ainda mexia no meu cinto.

Convoquei aquele poço profundo de magia; o que mantivera em segredo a maior parte da minha vida, o núcleo de poder dentro de mim.

Um botão saiu de sua casa.

Enfiei a mão livre no bolso, senti a pedra quente e sólida e fechei o punho em volta dela. O objeto zumbiu em resposta. Com uma explosão de vontade, puxei a magia da pedra, combinando-a com a minha.

Canalizando nosso poder, murmurei uma única palavra:

— *Morte.*

Então, liberei a energia, que saiu de mim como um raio de luz escura direto para Vossler. O mago voou para trás; para longe de mim como se tivesse sido atingido por um míssil.

Ouvi um estrondo e senti minhas algemas se afrouxarem. Eu me sentei.

O ancião estava no chão. Ele gritou em agonia repentina, seu corpo se contraindo impotente enquanto seus músculos convulsionavam como se estivesse sendo eletrocutado. A magia da pedra o estava matando.

O mago se agitou, seus membros se contorcendo, mas não durou muito. Vossler se debateu por um momento, depois, parou.

Minha pele se eriçou onde as algemas de prata tinham estado em contato. Houve um som crepitante, em seguida, senti um peso sendo levantado enquanto minhas algemas se desintegravam em cinzas. Eu me joguei para fora da cama e caminhei até o mago.

O fedor de carne queimada e podridão me sufocou. O que antes era um homem, agora não passava de caos. Seus olhos estavam abertos e brancos como leite.

Vossler nunca mais faria mal a ninguém.

Uma semana havia se passado desde que os magos haviam instigado uma guerra entre os mestiços, os nascidos-anjos e as bruxas... perdendo no final. Até o momento, nosso mundo paranormal estava a salvo de outro ataque mágico.

A animosidade ainda era espessa e visível entre as bruxas e as outras raças mestiças. Os lobisomens se recusavam a frequentar qualquer uma das lojas de nossa espécie, os vampiros evitavam nossos *pubs* e a *Witches Row* se tornara exatamente o que seu nome indicava: uma comunidade apenas de bruxos e bruxas.

O Conselho Cinzento, o órgão do governo criado após séculos de conflito entre os mestiços, que era composto por um membro de cada corte mestiça e um dos líderes dos nascidos-anjos, estaria bem ocupado por um tempo. Era sua função manter a paz entre as raças. Eu não gostaria de estar sentada naquele Conselho, nem que me pagassem.

As bruxas lentamente saíram de seus esconderijos para voltar para suas casas, que tinham sido deixadas em ruínas pela multidão enfurecida de lobisomens, vampiros, fadas e até mesmo alguns trolls e pixies. As feridas eram profundas, mas, com o tempo, se curariam. O que acontecera não seria resolvido em algumas semanas. Podia levar anos até que os mestiços confiassem totalmente uns nos outros novamente, apesar de todos os fatos e evidências apontarem para os magos (isto é, todos os corpos dos

magos), o que fizera com que o envolvimento das bruxas nos ataques às outras raças fosse descartado.

A Corte das Bruxas Sombrias me deixara ficar com os cinco mil que haviam me oferecido para resolver o caso do vírus mágico. E como bônus, me deram mais dois mil. Para me subornar, sem dúvida. Os membros haviam me oferecido uma posição permanente novamente, independentemente da minha demissão anterior. Contudo, eu disse que pensaria no assunto.

Papai querido tinha desaparecido mais uma vez. Os membros da Corte não ficaram satisfeitos por o homem abandoná-los em seu momento mais vulnerável, motivo pelo qual tinham feito algumas perguntas sobre ele por aí. Acontece que Arthur Barlow havia morrido há mais de oitenta anos. O bruxo que eles haviam colocado à frente de sua corte não era outro senão um impostor. Os membros ficaram tão envergonhados com toda a situação que se recusaram a dar mais detalhes sobre o assunto. Era como se nunca tivesse acontecido, o que foi bom para mim. Eles não sabiam que ele era meu pai e eu queria que continuasse assim.

Tentei procurá-lo, até coloquei Poe para trabalhar, mas o desgraçado tinha desaparecido. Ainda assim, eu sabia que ele apareceria novamente. E quando acontecesse, estaria pronta para enfrentá-lo. Quaisquer planos que o homem tivesse idealizado não haviam sido concluídos. Eu sabia que ele me queria morta. Era a única coisa que tínhamos em comum.

O Olho do Inferno estava escondido em um dos meus lugares secretos, atrás da ventilação da parede do banheiro do andar de cima. A Corte não tinha me visto colocá-lo em meu bolso, motivo pelo qual acreditavam que a pedra havia sido destruída pelos demônios intermediários. Era melhor assim. Afinal, o objeto podia ter consequências desastrosas nas mãos erradas. Eu o manteria escondido até descobrir como destruí-lo.

Abigor, Mathiel, Separiel e Zaleos tinham partido uma hora depois, quando consegui voltar da base de Vossler (que ficava em uma fábrica abandonada em *Bay Ridge*, no *Brooklyn*) para a Corte das Bruxas Sombrias. Eles não podiam retornar à sua terra natal até que eu os libertasse do feitiço de ligação, o que significava que tinham tido que esperar. Pois é, as entidades não ficaram muito

felizes com isso. Elas pareciam querer jogar futebol com a minha cabeça quando eu finalmente consegui voltar. Se não fossem as incríveis habilidades de persuasão de Faris, os demônios provavelmente teriam se voltado contra mim. Eu tinha custado a vida de dois de sua espécie, portanto, perguntava-me em quanto tempo os veria novamente.

Afundi-me no banco de couro, saboreando o ronco profundo do motor do Audi A7, o carro de Logan. Olhei pela janela para o campo de colinas, lagoas cintilantes e florestas. O carro diminuiu quando o nascido-anjo pegou uma saída à direita. Uma grande placa com o nome *New Haven* e uma seta branca passaram por nós como um borrão.

Uma brisa quente me atingia no rosto, fazendo meu cabelo voar dos meus ombros e fazer cócegas no meu pescoço. Tinha se transformado em uma tarde perfeita de setembro. As folhas das árvores ainda eram de um verde exuberante, mas logo mudariam de cor.

Afastei-me da janela e lancei um olhar desafiado para Logan. Meus olhos passaram sobre sua mandíbula forte, a barba visível, o nariz reto e as maçãs do rosto perfeitas. Era difícil não olhar para aqueles lábios. Aquela maldita boca me colocava em apuros. O cara era gostoso demais. Ele estava muito sensual com sua jaqueta de couro de motociclista, camiseta apertada e o tipo de *jeans* que fazia meus olhos ficarem colados ao seu traseiro firme. O caldeirão que me ajudasse.

Para piorar, o nascido-anjo era bom e gentil comigo.

Eu não conseguia parar de pensar no que Pam havia dito sobre a morte de sua namorada. Como ela era? Tudo o que eu sabia era que a mulher era nascida-anjo, uma filha da Luz, o que significava que era exatamente o oposto de mim, uma bruxa, uma filha das Trevas.

Ah, droga.

Logan me pegou olhando e me deu um sorriso torto. Calor correu para o meu rosto com o desejo que vi em seus olhos. Que atrevido.

— Já estamos chegando? — veio a voz de Faris do banco de trás, deixando-me sóbria.

— Não. — Olhei pela janela.

— Quanto tempo devo sofrer com essas vistas campestres encantadoras? — o demônio indagou. — Estou sentado neste carro há mais de duas horas. Nem consigo sentir minha bunda.

A mandíbula de Logan se contraiu enquanto ele olhava pelo espelho retrovisor para a entidade intermediária esparramada na parte de trás de seu carro. O nascido-anjo e Faris não eram melhores amigos. Uma viagem juntos para o norte até *Connecticut* era exatamente o que eles precisavam.

Quando Logan se oferecera para dirigir, eu aceitara imediatamente. Por alguma razão, era importante para mim que os dois se dessem bem. Tá, eu sei, podia ser que eles nunca chegassem a demonstrar seu amor um pelo outro, mas se pelo menos parassem de brigar a cada dois segundos, eu estaria no lucro.

Depois de mais dez minutos dirigindo por uma cidade pequena e pitoresca, Logan virou à direita e parou em uma longa entrada de cascalho ao lado de uma mansão de pedra centenária, uma estrutura de tijolos de três andares com telhado de mansarda e uma torre renascentista. Ele desligou o carro e o motor deu aqueles estalos que eles dão de vez em quando. Ficamos ali sentados com as janelas abaixadas por um segundo. Uma brisa fresca vinda de um lago sussurrou através do carro, trazendo alívio após o calor implacável do dia.

Faris abriu a porta com pressa e saiu. Com as mãos nos quadris, ele olhou em volta.

— Por favor, diga-me que não estamos aqui para ordenhar as vacas.

— Isso não é uma fazenda — afirmei-me saí. — Porém, se quer ordenhar vacas, posso dar um jeito de fazer acontecer

Logan fechou a porta, rindo.

— Eu pagaria para ver isso.

Faris o encarou.

— Sammy, querida — disse o demônio intermediário, voltando sua atenção para mim —, você sabe que eu a amo, mas o que diabos estamos fazendo aqui?

Eu sorri.

— Paciência, Faris. Tudo vai fazer sentido logo.

Virei-me ao ouvir o som de cascalho sendo triturado e vi uma jovem, com cabelos castanhos claros e grandes olhos azuis, aproximando-se. Ela tinha mais ou menos a minha idade, talvez fosse mais jovem. A mulher usava *jeans* e uma blusa preta sob um blazer preto. Ela deu outro passo e parou a cerca de seis metros de sua varanda, esperando. Suas mãos se contorceram nervosamente ao lado do corpo. Seus olhos estavam no demônio intermediário.

Faris soltou um suspiro longo e exagerado. Ele olhou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Sua amiga?

Sorri para a jovem.

— Não, Faris — eu me virei, fitando-o —, eu gostaria que você conhecesse sua tataraneta, Cassandra.

O demônio congelou. Seu queixo caiu quando ele fez a conexão. Linhas de sua luta interna apareceram em seu rosto, seus olhos fixos enquanto seus ombros caíam. Eu nunca o tinha visto parecer tão vulnerável. Tão frágil. Podia ver em seu rosto que ele reconhecia um pouco de sua falecida esposa nela.

A entidade intermediária olhou para mim. Sua mandíbula se contraiu com força, os músculos se destacando e criando sombras em seu rosto.

— Mas... como... quando? — gaguejou o demônio, seus olhos escuros cheios de lágrimas.

Droga. Prometi a mim mesma que não ia chorar. Pisquei rápido.

— Vai lá dizer oi. Ela está esperando — insisti com minha garganta parecendo mais estreita.

O demônio intermediário assentiu e começou a andar, mas suas pernas pareciam feitas de cimento. Ele conseguiu chegar até ela. Em seguida, estendeu a mão. Quando Cassandra o puxou em um abraço, eu quase comecei a chorar.

— Como você a encontrou? — Logan deu a volta no carro e ficou ao meu lado.

Fiquei grata pela distração. Limpei meus olhos, sentindo minha garganta apertada de emoção.

— Eu sabia o nome de sua falecida esposa, bem como o que havia acontecido com ela. Depois de alguns telefonemas e alguns

f avores, eu a encontrei. Sua família estava aqui o tempo todo e ele nunca soube.

— Isso foi muito legal da sua parte — disse o nascido-anjo depois de um momento.

Balancei minha cabeça.

— Não. Ele merece. — Respirei fundo. — Nem todos os demônios são maus. — Meus olhos queimaram com as emoções que vi no rosto de Faris. Eu me virei. — Venha. — Agarrei a mão de Logan e o puxei para uma caminhada. — Vamos dar um pouco de privacidade a eles.

Caminhamos por um pequeno trajeto de terra que levava a um grande lago de cinco acres cercado por taboas e juncos. Esta era a primeira vez que ficávamos sozinhos desde os ataques dos magos. Fiquei surpresa por parecer tão natural para mim segurar sua mão. Gostei de sentir seus calos contra a minha pele. Eu nunca queria soltá-lo.

— Você percebe que se continuarmos indo nessa direção — comentei enquanto minhas botas esmagavam o cascalho do pequeno caminho —, nossos povos não vão aceitar muito bem?

— Sou o chefe da Casa de Miguel. Eu posso fazer o que eu quiser.

— Boa resposta — respondi.

Eu sabia que começar um relacionamento com ele era uma loucura, que encontraríamos obstáculos, mas, ao mesmo tempo, parecia certo. Além disso, nesse momento, eu não estava nem aí para o que as outras pessoas pensavam. Elas não tinham importância. Isso tinha.

— Então, o que você quer? — Eu tinha que perguntar.

Logan parou e me virou para encará-lo. Ele moveu suas mãos para a parte inferior das minhas costas, apertando-me contra ele.

— Isso.

O nascido-anjo aninhou a cabeça na cavidade do meu ombro. Seus lábios roçaram um caminho no meu pescoço, causando pequenos arrepios de prazer enquanto beijava minha pele. Quase ofegante, eu me inclinei em sua direção.

— E isso — ele sussurrou e passou a língua pelo meu queixo.

Uma pontada de calor fez meus sentidos formigarem. Ondas de desejo pulsaram em mim, e meus joelhos se dobraram. Fechei os olhos, enfiando meus dedos em seu cabelo.

— Você é um nascido-anjo muito safado.

— Eu sei.

Ele passou seus dedos sobre meus lábios, abrindo minha boca. Logan deslizou sua língua dentro dela. Minha respiração se acelerou enquanto o homem me beijava profundamente. Ele tinha um leve sabor de café e menta.

Gemi quando seu beijo se tornou mais agressivo. Ele estremeceu ao passo que um gemido baixo e gutural também escapava de sua boca. Logan me puxou mais apertado contra seu peito.

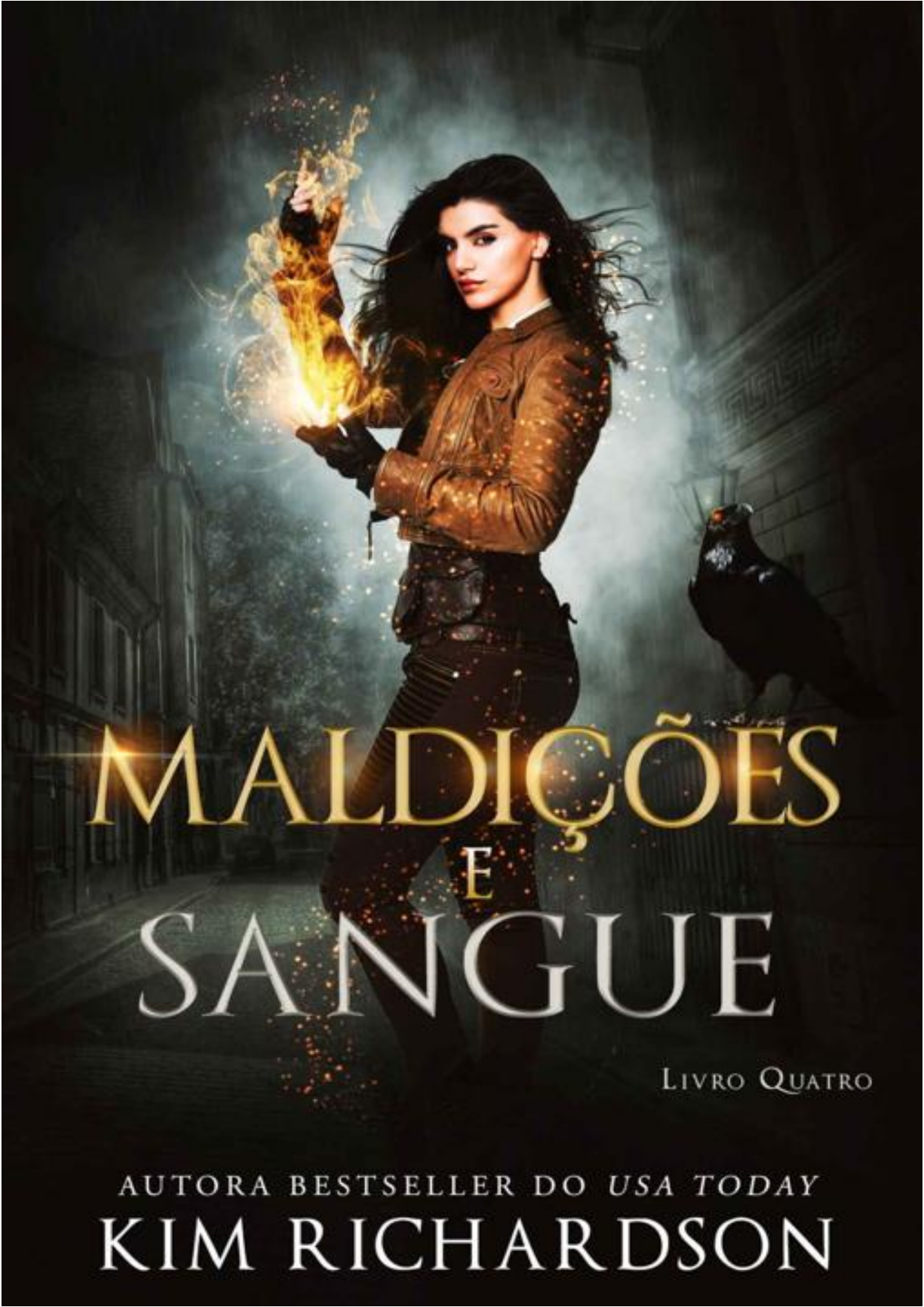
Eu me afastei.

— Você tem certeza...? — indaguei relutantemente, encontrando seu olhar. — Tem certeza disso? Não é burrice nossa?

Ao vê-lo de frente para mim, sem fôlego, com sua paixão contida, eu quis mais do que tudo que não fosse. Seus olhos estavam inebriantes com desejo e necessidade enquanto sua mão estava firme contra minha lombar, seu polegar me acariciando por cima do meu *jeans*. O olhar de desejo nele enviou adrenalina ao meu núcleo.

Eu o queria. Sim, eu estava louca.

— Você fala demais — disse ele, cobrindo minha boca com a sua.



MALDIÇÕES
E
SANGUE

LIVRO QUATRO

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada, Livro # 1](#)

[Elemental, Livro # 2](#)

[Horizonte, Livro # 3](#)

[Submundo, Livro # 4](#)

[Seirs, Livro # 5](#)

[Mortal, Livro # 6](#)

[Cefeiros, Livro # 7](#)

[Selos, Livro # 8](#)

REINOS DIVIDIDOS

[Donzela de Aço, Livro # 1](#)

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

SOBRE A AUTORA

Kim Richardson é uma autora *bestseller* do *USA Today* e vencedora de prêmios com seus livros de fantasia, fantasia urbana e literatura juvenil. Ela mora no leste do Canadá com seu marido, dois cachorros e um gato idoso. Os livros de Kim estão disponíveis em edições físicas e traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

www.kimrichardsonbooks.com